FATIMA MERNISSI



NASCI NUM HARÉM

As mil noites de Xerazade

UMA HISTÓRIA REAL

Ficha Técnica

Título original:
DREAMS OF TRESPASS
© 1994, Fatima Mernissi
Traduzido por Tomás Vaz da Silva
Fotografias: © 1994, Tuth V. Ward

Título original:
SCHEHERAZADE GOES WEST
© 2001, Fatima Mernissi
Traduzido por Maria Adelaide Cervaens Rodrigues
Capa: Margarida Rolo
Imagem da capa: Shutterstock

ISBN: 9789892323244

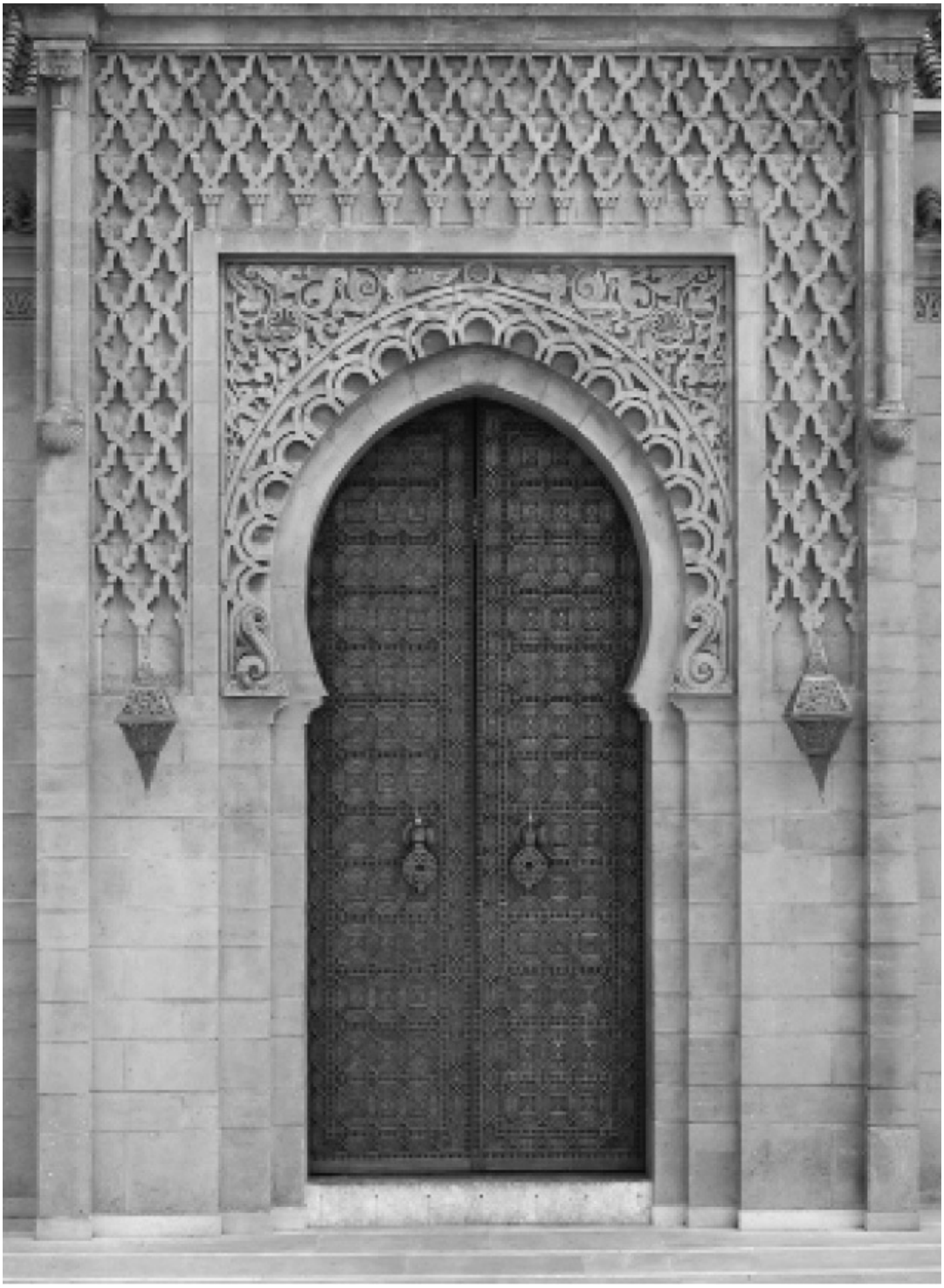
Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

SONHOS PROIBIDOS

MEMÓRIAS DE UM HARÉM DE FEZ



1

AS MINHAS FRONTEIRAS NO HARÉM

Nasci em 1940 num harém em Fez, uma cidade marroquina do século IX, cinco mil quilómetros a oeste de Meca e mil quilómetros a sul de Madrid, uma das perigosas capitais dos cristãos. O meu pai costumava dizer que os problemas com os cristãos começavam quando as fronteiras sagradas, ou *hudud,* não eram respeitadas. Nasci em pleno caos, uma vez que nem os cristãos nem as mulheres aceitavam as fronteiras. Mesmo no nosso patamar havia mulheres do harém que discutiam e brigavam com Ahmed, o porteiro, enquanto os exércitos estrangeiros do Norte continuavam a chegar à cidade. De facto, os estrangeiros haviam chegado já à nossa rua, que ficava exatamente entre a cidade antiga e a Ville Nouvelle, uma cidade nova que estavam a construir para si próprios. Por alguma razão, dizia o meu pai, Alá criou o mundo e separou os homens das mulheres, colocando um mar entre muçulmanos e cristãos. A harmonia existe quando cada grupo respeita os limites dos outros; a transgressão só leva ao arrependimento e à infelicidade. Mas as mulheres sonhavam com o proibido a toda a hora. A sua obsessão era o mundo do lado de lá dos portões. Durante todo o dia fantasiavam passear por ruas desconhecidas, enquanto os cristãos continuavam a atravessar o mar, trazendo consigo a morte e o caos.

Os problemas e os ventos frios vêm do Norte e nós voltamo-nos para oriente para rezar. Meca fica longe. Se uma pessoa souber concentrar-se, é possível que as suas orações cheguem lá. Fui ensinada a concentrar-me quando acharam que era o momento adequado. Os soldados de Madrid tinham acampado a norte de Fez e até o meu tio Ali e o meu pai, que eram muito poderosos na cidade e davam ordens a toda a gente em casa, tiveram de pedir licença a Madrid para assistir ao festival religioso de Moulay Abdesslam, a trezentos quilómetros, perto de Tânger. Mas os soldados que estavam do lado de fora do nosso portão eram franceses e pertenciam a outra tribo. Eram cristãos como os espanhóis mas falavam outra língua e viviam mais a norte. A sua capital era Paris. O meu primo Samir dizia que Paris devia ficar a uns dois mil quilómetros e que devia ser duas vezes mais longe do que Madrid, e duas vezes mais feroz. Os cristãos, tal como os muçulmanos, estavam em permanentes disputas entre si, e os espanhóis e os franceses quase se mataram uns aos outros quando atravessaram a nossa fronteira. Depois, quando chegaram à conclusão de que nenhum dos lados conseguia derrotar o outro, decidiram dividir Marrocos ao meio. Puseram soldados próximo de Arbaua e disseram que doravante era necessária uma autorização para ir para norte, porque se passava para o Marrocos espanhol. Para ir para sul era necessária outra autorização, porque se passava para o Marrocos francês. E quem não seguisse escrupulosamente estas determinações, ficava retido em Arbaua, um lugar arbitrário onde haviam construído um portão enorme que, segundo afirmavam, era uma fronteira. Mas o meu pai dizia que Marrocos tinha existido unido durante séculos, que já existia mesmo antes do aparecimento do Islão há catorze séculos. Até então ninguém ouvira falar de uma fronteira que dividisse o solo marroquino em dois. A fronteira era uma linha invisível que só existia na mente dos guerreiros.

O meu primo Samir, que por vezes acompanhava o tio Ali e o meu pai nas suas viagens, dizia que

para criar uma fronteira bastavam soldados que obrigassem os outros a acreditar nela. Na paisagem propriamente dita nada se altera. A fronteira está na mente dos poderosos. Eu não podia comprovar isto pessoalmente, porque o meu tio e o meu pai diziam que as raparigas não viajam. Viajar é perigoso e as mulheres não podem defender-se. A minha tia Habiba, que fora subitamente repudiada e expulsa de sua casa por um marido a quem amava ternamente, dizia que Alá enviara para Marrocos os exércitos do Norte com o intuito de castigar os homens por terem violado as *hudud* que protegiam as mulheres. Quando alguém magoa uma mulher, viola a fronteira sagrada de Alá. É ilícito magoar os fracos. A minha tia Habiba chorou durante anos.

Educação é conhecer as *hudud*, as fronteiras sagradas, dizia Lalla Tam, a diretora da escola corânica para onde me mandaram quando eu tinha três anos e que já era frequentada pelos meus dez primos. A minha professora tinha um chicote comprido e ameaçador e eu estava inteiramente de acordo com ela em tudo: a fronteira, os cristãos, a educação. Ser muçulmano era respeitar as *hudud*. E para uma criança, respeitar as *hudud* era obedecer. Eu queria desesperadamente agradar a Lalla Tam e por isso, quando ela não me podia ouvir, perguntei à minha prima Malika, dois anos mais velha do que eu, se me mostrava onde ficavam situadas as *hudud* exatamente. Respondeu-me que a única coisa que sabia com certeza era que tudo correria bem se eu obedecesse à professora. *Hudud* era tudo o que a professora proibia. As palavras da minha prima tranquilizaram-me e comecei a desfrutar da escola.

Mas desde então, procurar a fronteira tornou-se a ocupação da minha vida. A ansiedade consome-me quando não consigo situar a linha geométrica que organiza a minha impotência.

A minha infância foi feliz porque as fronteiras eram claras como água. A primeira fronteira era o patamar que separava o salão familiar do pátio principal. De manhã não me deixavam sair para o pátio até a minha mãe acordar, o que significava que tinha de me entreter sozinha sem fazer barulho desde as seis até às oito da manhã. Podia sentar-me no frio patamar de mármore branco, mas não podia juntar-me aos meus primos mais velhos que já estavam a jogar.

– Ainda não sabes defender-te – dizia a minha mãe. – Até a brincadeira é uma espécie de guerra.

Eu tinha medo da guerra, por isso colocava a minha pequena almofada no patamar e jogava ao *l-msaria b-lglass* (literalmente, «O Passeio Sentado»), um jogo que inventei na altura e que ainda hoje me é extremamente útil. Para jogar são necessárias apenas três coisas: a primeira é permanecer quieto no mesmo sítio, a segunda é termos um lugar onde nos sentarmos, e a terceira é alcançar um estado de ânimo humilde e aceitar que o nosso tempo não vale nada. O jogo consiste em contemplar o território familiar como se fosse algo de estranho para nós.

Sentava-me no patamar e contemplava a nossa casa como se nunca a houvesse visto antes. Primeiro havia o pátio, quadrado e severo, onde a simetria dominava tudo. Até a fonte de mármore branco, permanentemente a borbulhar no meio do pátio, parecia controlada e domesticada. A fonte tinha um fino friso de faiança azul e branco que reproduzia o desenho das incrustações que uniam os azulejos quadrados no chão. O pátio era rodeado por uma galeria de arcos, sustentada por quatro colunas a cada um dos cantos. As colunas eram de mármore na base e no capitel; no centro, os azulejos azuis e brancos reproduziam como um espelho os desenhos da fonte e do pavimento. Ao fundo do pátio havia quatro enormes salões dispostos em pares, em frente uns dos outros. Cada salão tinha uma entrada central gigantesca que dava para o pátio, ladeada por duas enormes janelas. De manhã cedo, e também no inverno, as entradas costumavam estar fechadas com as suas portas de cedro, talhadas com desenhos de flores. Mas no verão as portas costumavam estar abertas e as

entradas eram cobertas com cortinados de espesso brocado, veludo e renda, que permitiam que a brisa circulasse, mas impediam a entrada da luz e dos ruídos. As janelas do salão tinham postigos de madeira trabalhada no interior, tal como as portas, mas do exterior só se viam as grades prateadas de ferro forjado, encimadas por uns arcos de cristal de cores maravilhosas. Eu gostava daqueles arcos de vidro colorido, pela forma como o sol da manhã ia transformando os seus encarnados e azuis em tonalidades diferentes, e suavizando os amarelos. No verão as janelas ficavam abertas de par em par, tal como as pesadas portas de madeira, e os cortinados só eram corridos à noite e durante a sesta, para proteger o sono.

Quando se levantava o olhar para o céu via-se uma bela estrutura de dois andares cujos pisos superiores repetiam a colunata arqueada do pátio, protegida por um parapeito de ferro forjado. E por último havia o céu – suspenso no alto mas também de uma forma rigorosamente quadrada, como tudo o resto, e bem marcado num friso de madeira com um desenho geométrico em desmaiados tons ocres e dourados.

Contemplar o céu do pátio era uma experiência avassaladora. A princípio parecia domesticado por causa daquela estrutura quadrada feita pela mão do homem. Mas depois o movimento das primeiras estrelas da manhã desvanecia-se lentamente no profundo azul e branco e tornava-se tão intenso que nos entontecia. Na verdade, em alguns dias, especialmente durante o inverno, quando os raios do sol púrpura e rosa intenso expulsavam do céu as últimas estrelas que cintilavam teimosamente, ficavam facilmente hipnotizados. E assim, contemplando o céu quadrado, com a cabeça recostada, deixávamo-nos adormecer; mas precisamente nessa altura as pessoas começavam a invadir o pátio, vindas de todos os lados, das portas e das escadas… Ah, quase me esquecia das escadas. Ficavam nos quatro cantos do pátio e eram importantes porque até os adultos se entregavam a uma espécie de gigantesco jogo das escondidas subindo e descendo pelos seus reluzentes degraus verdes.

O salão do meu tio, da sua mulher e dos seus sete filhos ficava mesmo em frente do local onde eu estava sentada, e era uma reprodução exata do nosso próprio salão. A minha mãe não admitia diferenças publicamente visíveis entre o nosso salão e o do tio Ali, embora ele fosse o primogénito e a tradição estabelecesse o seu direito a aposentos mais amplos e luxuosos. O meu tio não só era mais velho e mais rico do que o meu pai, como também tinha uma família mais numerosa. Nós éramos apenas cinco: a minha irmã, o meu irmão, os meus pais e eu. A família do meu tio era formada por nove pessoas (ou dez, se contássemos com a irmã da sua mulher, que vinha frequentemente de Rabat para visitá-los e que por vezes ficava seis meses seguidos, desde que o marido arranjara uma segunda mulher). Mas a minha mãe, que odiava a vida comunitária do harém e sonhava com um eterno *tête-à-tête* com o meu pai, só aceitara o que ela chamava o acordo da *azma* (situações de crise) com a condição de que não fossem feitas quaisquer distinções entre as esposas. Ela desfrutava exatamente dos mesmos privilégios da mulher do meu tio, apesar das suas diferenças de classe. O meu tio respeitava escrupulosamente este acordo porque num harém bem dirigido quanto mais poder se tinha, mais generoso se tinha de ser. Na verdade, os seus filhos dispunham de mais espaço, mas unicamente nos andares de cima, longe do pátio, que era um lugar demasiado público. O poder não devia ser ostentado descaradamente.

A nossa avó paterna, Lalla Mani, ocupava o salão à minha esquerda. Só lá íamos duas vezes por dia, uma vez de manhã para lhe beijar a mão e outra vez à noite, para repetir o ritual. À semelhança de todos os outros salões, também o dela estava mobilado com divãs cobertos de brocado de seda e

almofadas ao longo das quatro paredes; além de um grande espelho central, que refletia o lado interior da porta e os seus cortinados cuidadosamente dispostos, e um tapete floreado, em tons claros, que cobria completamente o chão. Não podíamos pisar o tapete da minha avó com as babuchas calçadas, e muito menos com os pés molhados, o que era praticamente impossível de evitar durante o verão, porque o chão do pátio era regado duas vezes por dia com água da fonte para o refrescar. Quando era preciso limpá-lo, as jovens da família, como a minha prima Chama e as suas irmãs, aproveitavam a ocasião para jogar a *la piscine* (a piscina), que consistia em deitar baldes de água para o chão e salpicar «acidentalmente» as pessoas que se encontrassem nas proximidades. Isto, claro, encorajava os mais novos (especificamente o meu primo Samir e eu) a correr para a cozinha e a voltar armados com a mangueira de regar. Nessa altura, sim, encharcávamos toda a gente, e todos gritavam e tentavam deter-nos. Os nossos gritos incomodavam inevitavelmente Lalla Mani que, zangada, levantava as cortinas e nos avisava que nessa mesma noite faria queixa ao meu tio e ao meu pai.

– Vou dizer-lhes que já ninguém respeita a autoridade nesta casa – dizia-nos.

Lalla Mani detestava levar com água, tanto como detestava pés molhados. Na verdade, se íamos falar com ela depois de termos estado junto da fonte, dizia-nos para não nos mexermos um centímetro.

– Não falem comigo com os pés molhados – dizia. – Vão secar-se primeiro.

Na opinião de Lalla Mani, qualquer pessoa que violasse a regra dos pés limpos e secos ficava estigmatizada para sempre; e se nos atrevêssemos a cometer a ousadia de pisar ou manchar o seu tapete floreado, recordava-nos a desobediência durante muitos anos. Lalla Mani gostava de ser respeitada, isto é, que a deixassem contemplar o pátio em silêncio, tranquilamente sentada com o seu toucado de joias. Gostava de estar rodeada de um profundo silêncio. O silêncio era o privilégio luxuoso de que apenas desfrutavam os poucos afortunados que podiam permitir-se manter os filhos afastados.

Por último, à direita do pátio ficava o salão mais elegante e maior de todos: a sala de jantar dos homens, onde eles comiam, ouviam as notícias, fechavam negócios e jogavam às cartas. Teoricamente, os homens eram os únicos membros da casa que tinham acesso à enorme telefonia guardada no canto direito à entrada do salão; quando a telefonia não estava ligada, as portas do móvel permaneciam fechadas à chave (mas havia altifalantes instalados fora para que todos pudessem ouvi-la). O meu pai estava convencido de que ele e o meu tio tinham as únicas chaves do móvel. No entanto, por estranho que pareça, quando os homens não estavam em casa, as mulheres arranjavam maneira de ouvir a Rádio Cairo regularmente. Quando não havia homens à vista, Chama e a minha mãe costumavam dançar ao som das músicas que tocavam e cantavam *«Ahwa»* (estou apaixonada) com a princesa libanesa Asmahan. Lembro-me perfeitamente da primeira vez em que os adultos utilizaram a palavra *khain* (traidores) para se referirem a Samir e a mim quando o meu pai nos perguntou o que havíamos feito enquanto ele estava fora e lhe contámos que tínhamos ouvido a Rádio Cairo. A nossa resposta indicava a existência de uma chave ilegal. Indicava, mais especificamente, que as mulheres haviam roubado a chave para fazerem uma cópia.

– Se fizeram uma cópia da chave da telefonia, em breve farão uma para abrir os portões da rua – resmungou o meu pai. Seguiu-se uma acesa discussão e as mulheres foram interrogadas uma a uma no salão dos homens; mas ao fim de dois dias de investigação concluiu-se que a chave do móvel devia ter caído do céu. Ninguém sabia de onde surgira.

Apesar disso, depois da investigação as mulheres vingaram-se em nós, dizendo que éramos uns traidores e que por isso iriam excluir-nos dos seus jogos. Isto era uma perspectiva aterrorizadora e defendemo-nos alegando que apenas disséramos a verdade. A minha mãe replicou então que havia coisas que com efeito eram verdade, mas que uma pessoa não podia dizê-las: devia guardá-las em segredo. E acrescentou que o que uma pessoa diz e o que guarda em segredo não tem nada a ver com a verdade e com as mentiras. Pedimos-lhe que nos ensinasse a reconhecer a diferença, mas não nos deu nenhuma resposta satisfatória.

– Têm de julgar por vocês próprios as consequências das vossas palavras – disse. – Se o que vocês dizem pode prejudicar alguém, então é melhor ficarem calados.

Este conselho não nos ajudou grande coisa. O pobre Samir odiava que lhe chamassem traidor. Revoltou-se e exclamou que era livre para dizer o que queria. Eu, como de costume, admirei a sua audácia, mas mantive-me silenciosa. Se, para além de ter de distinguir a verdade das mentiras (o que já me estava a dar bastante trabalho), também tinha de distinguir esta nova categoria de «secreto», acabaria completamente confusa e não teria outro remédio senão aceitar que de vez em quando me insultassem e me chamassem traidora.

Um dos meus prazeres semanais era admirar Samir quando organizava os seus motins contra os adultos, e eu sentia que se permanecesse a seu lado nada de mal me aconteceria. Samir e eu tínhamos nascido no mesmo dia, numa longa tarde de Ramadão[1], com uma escassa hora de diferença. Ele nasceu primeiro, no segundo andar, e era o sétimo filho. Eu nasci uma hora depois no salão do andar de baixo; era a primogénita dos meus pais, e embora a minha mãe estivesse exausta, insistiu em que as minhas tias e familiares celebrassem por mim as mesmas cerimónias a que Samir tivera direito. Nunca admitiu a superioridade masculina, que considerava absurda e totalmente antimuçulmana – «Alá fez-nos a todos iguais», costumava dizer. A casa, como ela recordaria mais tarde, vibrou pela segunda vez com o tradicional *yu-yu-yu-yu*[2] e os cânticos festivos, e os vizinhos ficaram confusos porque pensaram que tinham nascido dois rapazes. O meu pai estava excitadíssimo: eu era bastante rechonchuda e tinha a cara redonda «como uma lua», e ele decidiu imediatamente que eu seria muito bela. Para o provocar, Lalla Mani disse-lhe que eu era um pouco pálida de mais e tinha os olhos demasiado rasgados e as bochechas demasiado altas, enquanto Samir tinha «uma bela cor de um moreno dourado e uns olhos pretos aveludados como nunca se vira». A minha mãe contou-me depois que ficara calada, mas que assim que conseguiu pôr-se de pé foi a correr verificar se era verdade que Samir tinha os olhos aveludados, e que efetivamente assim era. Ainda os tem, embora toda essa doçura aveludada desapareça quando está zangado com alguma coisa, e sempre me perguntei se a sua tendência para se pôr aos saltos quando se revoltava contra os adultos não se deveria muito simplesmente à sua forte constituição.

Eu, pelo contrário, era tão rechonchuda que nunca me passou pela cabeça saltar quando alguém me aborrecia; limitava-me a chorar e ia esconder-me entre as pregas do cafetã da minha mãe, que me dizia que eu não podia contar que Samir se revoltaria sempre para me proteger.

–Tens de aprender a gritar e a protestar, do mesmo modo como aprendeste a andar e a falar. Chorar quando és insultada é como pedir mais.

A minha mãe preocupava-se tanto com a ideia de que eu me transformasse numa mulher submissa que durante as férias de verão consultou a avó Yasmina, que era exímia em confrontos. A avó aconselhou-a a deixar de me comparar com Samir e a incitar-me a desenvolver uma atitude protetora para com as crianças mais novas.

– Há muitas formas de criar uma personalidade forte – disse. – Uma delas é desenvolver a capacidade de se responsabilizar pelos outros. Ser simplesmente agressiva quando o vizinho do lado comete um erro é uma forma de o conseguir, mas não é certamente a mais elegante. Incitar uma criança a responsabilizar-se pelos mais pequenos no pátio permitir-lhe-á criar defesas. Agarrar-se à proteção de Samir poderia ser uma solução, mas se ela aprender a proteger os outros poderá usar a mesma técnica para se proteger a si própria.

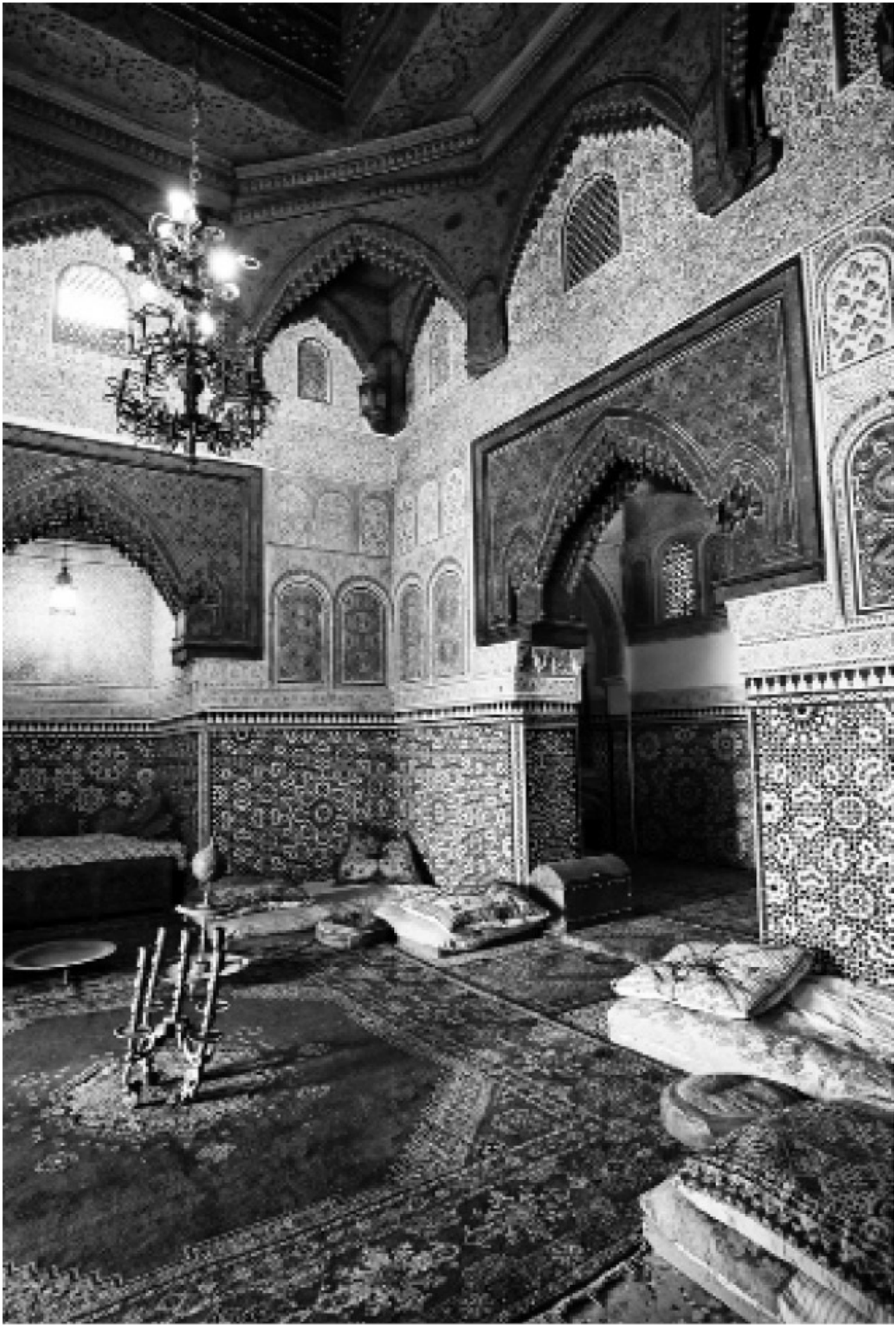
No entanto, foi o incidente da telefonia que me ensinou uma lição importante. Foi nessa altura que a minha mãe me explicou a necessidade de mastigar bem as palavras antes de as deixar sair cá para fora.

– Não abras a boca sem ter mastigado as palavras com os lábios bem fechados – disse. – Porque uma vez proferidas, podes ter muito a perder.

Mais tarde lembrei-me de que num dos contos de *As Mil e Uma Noites* uma palavra mal proferida poderia trazer a desgraça ao infeliz que, ao pronunciá-la, poderia desagradar ao califa ou ao rei. Por vezes até chamavam o *siaf,* o carrasco.

Contudo, as palavras podiam salvar a pessoa que as soubesse manejar engenhosamente. Foi o que aconteceu a Xerazade, a autora dos mil e um contos. O rei estava quase a cortar-lhe a cabeça mas ela conseguiu impedi-lo no último instante utilizando apenas palavras. Eu estava ansiosa por saber como o tinha feito.

1 Ramadão, o nono mês sagrado do calendário muçulmano, é cumprido com um jejum que vai do nascer do dia até ao pôr do sol.
2 *yu-yu-yu-yu* é uma canção alegre que as mulheres cantam para celebrar os acontecimentos felizes, desde o nascimento e o casamento até aos mais simples, tais como o terminar de um bordado ou a organização de uma festa para uma tia velha.



2

XERAZADE, O REI E AS PALAVRAS

Um dia à tarde a minha mãe arranjou o tempo necessário para me explicar porque os contos de *As Mil e Uma Noites* se chamavam assim. Não era nenhum acaso, pois em cada uma daquelas incontáveis noites Xerazade, a jovem esposa, teve de contar uma história emocionante e envolvente para conseguir que o seu marido, o rei, esquecesse o seu terrível plano de a executar ao amanhecer. Fiquei aterrorizada.

– Mãe, queres dizer que o rei chamaria o seu *siaf* se não gostasse do conto de Xerazade?

Continuei a procurar alternativas para a pobre rapariga. Eu queria que houvesse outras possibilidades. Porque não podia o rei deixar que Xerazade vivesse embora não gostasse do conto? Porque não podia Xerazade dizer simplesmente o que quisesse sem ter de se preocupar com o rei? Ou porque não podia dar a volta à situação no palácio e pedir que o rei lhe contasse a ela uma história empolgante todas as noites? Assim ele compreenderia como era horrível ter de agradar a alguém que nos podia cortar a cabeça. A minha mãe disse-me que primeiro eu tinha de conhecer os detalhes e que depois poderia procurar soluções.

Explicou-me que o casamento de Xerazade com o rei decorrera em circunstâncias terríveis. O rei Xariar surpreendera a sua mulher na cama com um escravo e, profundamente magoado e enraivecido, decapitara-os a ambos. No entanto, para seu grande espanto, descobriu que o duplo assassinato não apaziguara a sua cólera. A vingança tornou-se uma obsessão para ele. Precisava de matar mais mulheres. Por isso pediu ao vizir, o oficial mais importante da sua corte, que por acaso também era o pai de Xerazade, que lhe levasse uma donzela diferente todas as noites. Desposava-as, passava a noite com elas e ao amanhecer ordenava que as executassem. E assim fez durante três anos, matando mais de mil jovens inocentes, «até que o povo levantou o seu grito irado contra ele e o amaldiçoou, pedindo a Alá que acabasse com ele e o seu reinado; as mulheres clamaram e as mães choraram e os pais fugiram com as suas filhas até que na cidade não ficou uma única pessoa jovem para a cópula carnal»[3]. Cópula carnal, explicou a minha mãe quando o primo Samir se pôs a dar saltos, pedindo aos gritos uma explicação, era quando a noiva e o noivo se deitavam na mesma cama e dormiam até de manhã.

Chegou finalmente o dia em que só restavam duas donzelas na cidade: Xerazade, a filha mais velha do vizir, e a sua irmãzinha Doniazade. Quando o vizir chegou a casa nessa noite, pálido e preocupado, Xerazade perguntou-lhe o que se passava. O vizir contou-lhe o seu problema e ficou surpreendido com a reação da jovem: em vez de lhe suplicar que a ajudasse a escapar, ofereceu-se imediatamente para ir passar a noite com o rei. «Desejo que me ofereçais em casamento ao rei Xariar», disse. «Viverei ou serei o resgate das donzelas muçulmanas e a causa da sua libertação das mãos dele e das tuas.»

O pai de Xerazade, que a amava ternamente, opôs-se a este plano e tentou convencê-la a ajudá-lo a encontrar outra solução. Oferecê-la em casamento a Xariar era o mesmo que condená-la a uma morte certa. Mas, ao contrário de seu pai, ela estava persuadida de que tinha um poder excecional e

que conseguiria pôr fim às mortes. Curaria a alma atormentada do rei falando-lhe de coisas que haviam acontecido a outros. Levá-lo-ia a terras longínquas para que observasse costumes estranhos e tomasse uma maior consciência da sua própria estranheza interior. Ajudá-lo-ia a ver a sua própria prisão, o seu ódio obsessivo pelas mulheres. Xerazade tinha a certeza de que se conseguisse fazer com que o rei se visse a si próprio, desejaria mudar e amar mais. Finalmente o vizir acedeu contrariado e Xerazade casou-se nessa mesma noite com Xariar[4].

Ao entrar nos aposentos do rei, Xerazade começou a contar-lhe um conto maravilhoso e interrompeu-o tão habilmente na parte mais emocionante que ele não conseguiu suportar separar-se dela ao amanhecer, de forma que a deixou viver até à noite seguinte para que acabasse de o contar. Na segunda noite, Xerazade contou-lhe outra história maravilhosa, mas como ao romper a aurora ainda não tinha acabado, o rei teve de lhe poupar a vida outra vez. Na terceira noite aconteceu o mesmo, e na seguinte, e assim durante mil noites, que são quase três anos, até que o rei não conseguiu imaginar a sua vida sem ela. Nessa altura já tinham dois filhos, e ao cabo de mil e uma noites o rei renunciou ao seu horrível costume de decapitar as mulheres.

– Mas como se aprende a contar histórias que agradem aos reis? – perguntei quando a minha mãe acabou de contar a história de Xerazade.

A minha mãe murmurou, como se estivesse a falar para consigo, que esse era precisamente o trabalho que ocupava as mulheres durante toda a sua vida. A resposta não me ajudou grande coisa, claro, mas depois acrescentou que a única coisa que eu precisava de saber de momento era que as minhas possibilidades de ser feliz dependeriam da minha habilidade com as palavras. Sabendo isto, Samir e eu – «que graças ao incidente da telefonia tínhamos decidido deixar de aborrecer os adultos com palavras inoportunas» – começámos a treinar-nos. Passávamos horas a praticar em silêncio, mastigando as palavras e revirando-as sete vezes na língua enquanto olhávamos para os adultos para ver se reparavam em alguma coisa. Mas os adultos nunca reparavam em nada, e menos ainda no pátio, onde a vida era muito correta e estrita. Só nos andares de cima as coisas eram menos rígidas. Aí, as tias divorciadas e viúvas, os seus filhos e outros parentes ocupavam um labirinto de pequenos quartos. O número de familiares que viviam connosco num determinado momento variava segundo a quantidade de problemas que tivessem. Em certas alturas, uma parente afastada desavinda com o marido vinha bater à nossa porta e durante algumas semanas refugiava-se nos andares superiores. Outras vezes vinham com os seus filhos passar apenas alguns dias, só para mostrar aos maridos que tinham outro sítio onde ficar, que se podiam desembaraçar sozinhas e que não estavam completamente dependentes. (Esta estratégia resultava frequentemente e voltavam para casa numa posição mais forte para negociar.) Mas outras parentes ficavam para sempre depois de um divórcio ou de qualquer outro problema grave, e esta era uma das tradições que preocupavam o meu pai quando alguém atacava a instituição do harém. «Para onde irão as mulheres aflitas?», costumava ele dizer.

Os quartos de cima eram muito simples: pavimento de azulejos brancos, paredes caiadas e poucos móveis. Havia alguns divãs muito estreitos, cobertos com mantas rústicas de algodão estampado com flores, almofadas e esteiras de ráfia facilmente laváveis. Os pés molhados, as babuchas e até mesmo uma chávena de chá entornada sem querer não provocavam aqui reações tão exageradas como lá em baixo. A vida nos andares de cima era muito mais agradável, principalmente porque tudo era acompanhado de *hanan,* uma qualidade emocional marroquina que poucas vezes encontrei noutro lugar. É difícil defini-la com exactidão, mas consiste basicamente

numa corrente de ternura que flui com naturalidade, despreocupada e sempre disponível. As pessoas que oferecem *hanan,* como a minha tia Habiba, nunca ameaçam retirar o seu afeto a alguém que cometa um erro leve ou mesmo uma infração grave mas involuntária. Em baixo era difícil encontrar *hanan,* especialmente entre as mães, que estavam demasiado ocupadas a ensinar os filhos a respeitar as fronteiras para se preocuparem com a ternura.

Lá em cima era também o lugar onde se contavam histórias. No cimo de centenas de degraus reluzentes ficava o terceiro e último andar da casa e em frente o terraço, todo caiado, espaçoso e acolhedor. Era ali que vivia a tia Habiba, no seu quarto pequeno e bastante vazio. O seu marido ficara com todas as coisas do casamento, achando que desse modo poderia levantar um dedo para que ela voltasse de cabeça baixa a correr para junto dele.

– Mas nunca poderá tirar-me o mais importante – dizia por vezes a tia Habiba –, a minha alegria e todas as histórias maravilhosas que posso contar quando o público o merece.

Uma vez perguntei à minha prima Malika o que queria a nossa tia dizer com «um público que não merece», e ela confessou que também não sabia. Eu disse-lhe que talvez devêssemos perguntá-lo à tia Habiba pessoalmente, mas Malika disse que era melhor não o fazer porque a tia Habiba poderia começar a chorar. A tia Habiba chorava frequentemente sem razão, todos o diziam. Mas nós gostávamos muito dela e às quintas-feiras à noite quase não conseguíamos dormir por causa da excitação das histórias das sextas-feiras. Estas reuniões costumavam acabar numa grande confusão porque se prolongavam demasiado, e as nossas mães viam-se obrigadas a subir as escadas para nos ir buscar. E então protestávamos, e os meus primos mais mimados, como Samir, rebolavam-se pelo chão e gritavam que não tinham sono.

Mas quando conseguíamos ficar até ao final da história, isto é, até que a heroína vencia os seus inimigos e regressava por sobre «os sete rios, as sete montanhas e os sete mares», tínhamos de defrontar-nos com outro problema, o medo de descer as escadas. Em primeiro lugar, não havia luz. Ahmed, o porteiro, controlava todos os interruptores a partir da entrada. Apagava as luzes às nove da noite para indicar a todos os que se encontrassem no terraço que deviam entrar e que o trânsito ficava oficialmente interrompido. O segundo problema era uma população inteira de *djinnis,* uns demónios que rastejavam em silêncio lá fora à espera de nos saltarem em cima. E por último, mas não menos importante, havia o facto de o primo Samir imitar tão bem os *djinnis* que muitas vezes o tomei por um a sério. Em várias ocasiões tive de fingir que desmaiava para ele deixar de fingir que era um *djinni*.

Por vezes, quando uma história durava horas e as nossas mães ainda não tinham ido buscar-nos, a casa ficava subitamente mergulhada no silêncio e suplicávamos à tia Habiba que nos deixasse passar a noite com ela. Então ela estendia o seu precioso tapete nupcial, que guardava cuidadosamente dobrado atrás do baú de cedro, e cobria-o com um lençol limpo e perfumado com água de flor de laranjeira, reservada para a ocasião. Usávamos as almofadas como travesseiros e embora não fossem suficientes para todos, não nos importávamos. Partilhava connosco a sua grande e espessa manta de lã, apagava a luz e colocava uma grande vela no patamar, aos nossos pés.

– Se por acaso alguém precisar de ir urgentemente ao quarto de banho – dizia –, lembrem-se de que este tapete é a única recordação que me resta da minha vida anterior como mulher casada e feliz.

Assim, naquelas noites encantadas adormecíamos ao som da voz da nossa tia, uma voz que abria portas de vidro mágicas que davam para pradarias banhadas pelo luar. E quando acordávamos de

manhã, a cidade inteira estava aos nossos pés. O quarto da tia Habiba era pequeno, mas tinha uma grande janela com uma vista que se estendia até às montanhas do norte.

Ela sabia como falar no escuro. Valendo-se apenas de palavras, podia pôr-nos num grande navio que navegava desde Adem até às Maldivas, ou levar-nos até a uma ilha onde os pássaros falavam como seres humanos. Embalados pelas suas palavras, viajávamos para além de Cind e Hind (Índia), deixávamos para trás os territórios muçulmanos, vivíamos perigosamente e fazíamos amizade com cristãos e judeus, que partilhavam os seus estranhos alimentos connosco e nos observavam a rezar as nossas orações, tal como nós os observávamos a rezar as suas. Por vezes viajávamos até terras tão longínquas que não havia deuses, apenas adoradores do Sol e do fogo, mas a tia Habiba apresentava-os de tal maneira que até nos pareciam afáveis e simpáticos. As suas histórias faziam-me desejar ser adulta para me transformar numa contadora profissional de histórias. Queria aprender a arte de falar no escuro.

3 Citação retirada da excelente tradução *The Book of the Thousand and One Nights*, de Richard F. Burton, editado pelo Burton Club, sem data (introdução escrita em 1885), vol. I, p. 14. Mas por vezes a tradução de Burton pode ser um pouco confusa por causa da linguagem arcaica. Talvez as traduções mais recentes sejam mais simples para os leitores principiantes.

4 Fiquei surpreendida ao aperceber-me de que muitos ocidentais consideravam Xerazade uma animadora encantadora mas simplória, alguém que narra histórias inócuas e se veste de maneira fabulosa. No nosso mundo, Xerazade é vista como uma heroína corajosa e é uma das nossas raras figuras míticas femininas, uma estratega e grande pensadora que utiliza o seu conhecimento psicológico dos seres humanos para os fazer andar mais depressa e saltar mais alto. Como Aladino e Simbad, torna-nos mais ousados, mais seguros de nós mesmos e da nossa capacidade para transformar o mundo e os seus habitantes.



3

O HARÉM FRANCÊS

O portão de nossa casa era uma *hudud,* ou fronteira bem definida, porque era necessária uma autorização para entrar e sair. Havia que justificar cada movimento e até o próprio facto de nos aproximarmos do portão despoletava todo um processo complicado. Se se vinha do pátio, primeiro havia que atravessar um corredor interminável e depois dava-se de caras com Ahmed, o porteiro, que costumava estar sentado no seu divã-trono, sempre com a bandeja de chá ao lado para oferecer ao primeiro que aparecesse. Como o direito de passagem implicava invariavelmente um processo de negociação bastante complexo, convidava as pessoas que queriam sair a sentar-se junto dele no seu imponente divã, ou à sua frente, devidamente relaxadas num inverosímil «fauteuil d'França», uma espécie de cadeira dura, velha e almofadada, que ele mesmo tinha escolhido numa pouco habitual visita ao *jutya,* a feira de antiguidades local. Ahmed costumava ter ao colo o mais novo dos seus cinco filhos, porque tomava conta deles quando Luza, a sua mulher, ia trabalhar. Luza era uma cozinheira de primeira e aceitava trabalhos ocasionais fora da nossa casa quando lhe pagavam bem.

O portão da nossa casa era uma gigantesca arcada de pedra com imponentes portas de madeira trabalhada, separando o harém das mulheres de todos os estrangeiros de sexo masculino que passassem na rua (a honra e o prestígio do meu tio e do meu pai dependiam daquela separação, diziam-nos). As crianças podiam sair sempre que os pais lhes dessem autorização, mas as mulheres adultas não.

– Eu acordaria de madrugada – dizia a minha mãe de vez em quando – se pudesse sair para passear de manhã cedo quando as ruas estão desertas. A essa hora a luz deve ser azul, ou talvez cor-de-rosa, como durante o crepúsculo. De que cor será a manhã nas ruas silenciosas e desertas?

Ninguém respondia às perguntas da minha mãe. Num harém as perguntas não implicam necessariamente obter respostas. Faz-se perguntas apenas para se compreender o que está a acontecer. Deambular livremente pelas ruas era o sonho de todas as mulheres. A história mais popular da tia Habiba, que ela contava apenas em ocasiões especiais, falava da «mulher com asas», uma mulher que podia sair a voar do pátio sempre que queria. Cada vez que a tia Habiba nos contava esta história, as mulheres do pátio enfiavam os cafetãs no cinto e dançavam com os braços estendidos como se fossem levantar voo. A minha prima Chama, que nessa altura tinha dezassete anos, confundiu-me durante anos, porque me convenceu de que todas as mulheres tinham asas invisíveis, e que as minhas também cresceriam quando eu fosse maior.

O portão da nossa casa também nos protegia dos estrangeiros que estavam a poucos metros de distância, numa outra fronteira igualmente concorrida e perigosa: a que separava a nossa cidade antiga, a Medina, da nova cidade francesa, a Ville Nouvelle. Por vezes, quando Ahmed estava a falar com alguém ou a dormir uma sesta, os meus primos e eu escapulíamo-nos pelo portão para dar uma espreitadela aos soldados franceses: vestiam uniformes azuis, levavam espingardas ao ombro e tinham pequenos olhos cinzentos sempre alerta. Tentavam frequentemente falar connosco porque os

adultos nunca falavam com eles, mas tinham-nos ordenado que nunca lhes respondêssemos. Sabíamos que os franceses eram gananciosos e que tinham percorrido um longo caminho para conquistar a nossa terra, embora Alá já lhes tivesse dado uma bonita terra, com cidades buliçosas, florestas frondosas, belos campos verdes e vacas muito maiores do que as nossas e que davam quatro vezes mais leite. Mas por alguma razão os franceses precisavam de obter mais.

Como nós vivíamos na fronteira entre a cidade antiga e a nova, podíamos ver como a Ville Nouvelle francesa era diferente da nossa Medina. A Ville Nouvelle tinha ruas grandes e a direito, iluminadas à noite por luzes brilhantes (o meu pai dizia que desperdiçavam a energia de Alá, porque as pessoas não precisavam de tantas luzes brilhantes numa cidade segura). Também tinham carros velozes. As ruas da nossa Medina eram estreitas, escuras e sinuosas, com tantas voltas e reviravoltas que os carros não podiam entrar, e quando os estrangeiros se aventuravam nelas não conseguiam encontrar o caminho de volta. Esta era a verdadeira razão pela qual os franceses tiveram de construir uma nova cidade: tinham medo de viver na nossa.

Na Medina quase toda a gente andava a pé. O meu pai e o meu tio tinham mulas, mas os pobres como Ahmed apenas tinham burros, e as crianças e as mulheres tinham de andar a pé. Os franceses tinham medo de andar a pé. Andavam sempre de carro. Quando as coisas se tornavam complicadas, nem sequer os soldados se atreviam a sair dos seus carros. O medo deles surpreendia-nos porque nos apercebemos de que os adultos podiam ter tanto medo como nós. E aqueles adultos que tinham medo estavam no exterior, e eram supostamente livres. Os poderosos que haviam criado a fronteira eram também os que tinham medo. A Ville Nouvelle era como o seu harém: também eles não podiam andar livremente pela nossa Medina, tal como as mulheres. No fundo, uma pessoa podia ter muito poder e não obstante ser prisioneira de uma fronteira.

Embora a maioria das vezes os soldados franceses parecessem extremamente jovens, assustados e solitários nos seus postos, aterrorizavam a Medina inteira. Tinham poder e podiam fazer-nos mal.

A minha mãe contava-nos que num dia de janeiro de 1944 o rei Mohammed V, apoiado por nacionalistas de todo o Marrocos, tinha ido ver o administrador colonial francês mais importante, o Résident General, para lhe apresentar um pedido formal de independência. O Résident General ficara muito aborrecido. «Como é que vocês, marroquinos, se atrevem a pedir a independência?!», deve ter gritado; e, para nos castigar, enviou os seus soldados para a Medina. Os carros blindados abriram caminho pelas ruas sinuosas tão depressa quanto puderam. As pessoas voltaram-se para Meca para rezar. Milhares de pessoas recitaram a oração da ansiedade que consiste na repetição de uma única palavra durante horas quando uma pessoa enfrenta algum desastre: *«ya latif, ya latif, ya latif!»* (oh Misericordioso!). *Ya latif* é uma das centenas de nomes que damos a Alá, e a tia Habiba costumava dizer que era o mais belo de todos porque descreve Alá como uma fonte de terna compaixão, que sente a nossa dor e nos pode ajudar. Mas os soldados franceses vinham armados e ao verem-se encurralados nas estreitas ruas da Medina, rodeados pelos cânticos de *Ya latif* repetidos milhares de vezes, ficaram nervosos e perderam o controlo, começando a disparar contra a multidão de fiéis. Em poucos minutos os cadáveres amontoavam-se à porta da mesquita, enquanto os cânticos continuavam lá dentro. A minha mãe contou-nos que quando isto aconteceu Samir e eu tínhamos apenas quatro anos e que ninguém reparara que estávamos junto ao portão a observar enquanto os cadáveres ensanguentados, todos vestidos com a *djellaba* branca cerimonial, eram transportados para suas casas.

– Samir e tu tiveram pesadelos durante meses – disse a minha mãe – e cada vez que vias algo

encarnado corrias para te esconderes. Tivemos de te levar ao santuário de Mulay Driss muitas sextas-feiras seguidas para que os *sharifs* (homens sagrados) celebrassem ritos protetores para ti, e durante um ano tive de pôr um amuleto corânico debaixo da tua almofada, até voltares a dormir normalmente.

Depois daquele dia trágico, os franceses andavam sempre armados por toda a parte, enquanto o meu pai teve de pedir autorização a diferentes autoridades só para poder conservar a sua espingarda de caça, e mesmo assim tinha de a levar escondida, exceto na floresta.

Todos estes acontecimentos me desconcertaram e falei muitas vezes deles com Yasmina, a minha avó materna, que vivia numa bonita quinta, rodeada de vacas e ovelhas e infindáveis prados de flores, uma centena de quilómetros a oeste, entre Fez e o oceano. Íamos visitá-la uma vez por ano e eu falava com ela de fronteiras, de medos, de diferenças e do porquê de tudo isto. Yasmina sabia muito acerca do medo, de todos os tipos de medos.

– Sou uma perita em medo, Fatima – dizia-me, acariciando-me a testa enquanto eu brincava com as suas pérolas e contas cor-de-rosa. – Quando fores mais velha, explicar-te-ei as coisas. Vou ensinar-te a vencer os medos.

Muitas vezes não conseguia dormir nas primeiras noites que passava na quinta de Yasmina, porque lá as fronteiras não estavam suficientemente definidas. Não havia portões fechados em lado nenhum, apenas campos planos e imensos onde as flores cresciam e os animais passeavam tranquilamente. Mas Yasmina explicou-me que a quinta era parte da terra original de Alá, que não tinha fronteiras, apenas vastas extensões sem barreiras nem limites e que eu não devia ter medo. Mas como podia eu passear pelo descampado sem ser atacada?, perguntava incessantemente. E então Yasmina, para me ajudar a dormir, inventou um jogo que eu adorava: chamava-se *mshia-f-lekhla* (o passeio pelos campos). Abraçava-me com força quando me deitava e eu segurava nas mãos as contas dos seus colares, fechava os olhos e imaginava-me a passear por um infindável campo florido.

– Anda com cuidado – dizia-me Yasmina – para poderes ouvir a canção das flores. Estão a murmurar *«saiam, saiam»* (paz, paz).

Então eu repetia o canto das flores tão depressa quanto conseguia, o perigo desaparecia e eu adormecia. *«Salam, salam»,* murmuravam as flores, Yasmina e eu. E no instante seguinte era já de manhã e eu estava na enorme cama de ferro de Yasmina, com as mãos cheias de pérolas e contas cor-de-rosa. Lá de fora chegava a música da brisa que acariciava as folhas e dos pássaros que falavam uns com os outros; e não se via vivalma, à exceção do *Rei Faruk*, o pavão, e *Thor*, o pato branco rechonchudo.

Na verdade, Thor também era o nome da coesposa do meu avô que Yasmina mais detestava, embora eu só pudesse chamar-lhe assim em pensamentos. Quando pronunciava o seu nome em voz alta, tinha de dizer Lalla Thor. *Lalla é* o tratamento respeitoso que damos a todas as mulheres importantes, tal como *Sidi é* o tratamento de respeito que damos a todos os homens importantes. Na minha condição de criança, tinha de chamar Lalla e Sidi a todos os adultos importantes, e beijar-lhes a mão ao pôr do sol, quando se acendiam as luzes e dávamos as *msakum* (boas noites). Todas as noites Samir e eu tínhamos de beijar a mão a todos os presentes o mais rapidamente possível se queríamos continuar com os nossos jogos sem ouvir a desagradável observação de que a tradição estava a perder-se. Fazíamo-lo tão bem que conseguíamos realizar todo o ritual a uma velocidade incrível, mas por vezes corríamos tanto que chocávamos um com o outro e caíamos no colo das

pessoas importantes ou até mesmo no tapete. Nessas alturas todos desatavam a rir. A minha mãe ria até ter lágrimas nos olhos.

– Coitadinhos – dizia –, já estão fartos de beijar mãos, e ainda agora começaram.

Mas, na quinta, Lalla Thor nunca ria, tal como Lalla Mani também não o fazia em Fez. Estava sempre muito séria e era extremamente formal e correta. Como primeira mulher do avô Tazi, ocupava uma posição muito importante na família. Era muito rica e em casa não tinha obrigações, dois privilégios que Yasmina não aceitava.

– Pouco me importa que seja muito rica – dizia Yasmina –, mas deveria trabalhar como todas nós. Somos muçulmanas ou não? Se o somos, todas deveríamos trabalhar. Alá assim o disse. E o mesmo pregou o seu profeta.

Yasmina dizia-me que eu nunca deveria aceitar a desigualdade porque não era lógica. Por isso tinha dado ao seu pato rechonchudo o nome de Lalla Thor.



4

A PRIMEIRA COESPOSA DE YASMINA

Lalia Thor ficou fora de si quando soube que Yasmina tinha posto o seu nome a um pato. Chamou o avô Tazi ao seu salão, que na verdade era um palácio independente, com um jardim interior, uma grande fonte e um esplêndido vitral de vidro veneziano que ocupava toda a parede de dez metros de comprimento. O avô apareceu relutante, caminhando com grandes passadas, com um exemplar do Corão na mão, como que para mostrar que fora interrompido na sua leitura. Vestia as suas habituais calças brancas de algodão largas, *qamis* branca e *farajiya* de *chiffon* branco de algodão e as suas babuchas de couro amarelo[5]. Dentro de casa nunca vestia *djellaba,* exceto quando recebia visitas.

O meu avô tinha o aspeto físico típico dos nortenhos da região do Rif, de onde era originária toda a sua família. Era um homem alto e esbelto, com uma cara angulosa, tez clara, olhos claros bastante pequenos e um ar altivo e muito distante. As pessoas do Rif eram orgulhosas e pouco loquazes, e o meu avô detestava quando as suas mulheres discutiam ou provocavam conflitos de qualquer tipo. Uma vez deixou de falar a Yasmina durante um ano e saía sempre que ela entrava porque tinha provocado duas disputas num só mês. Depois disso Yasmina não pôde dar-se ao luxo de se envolver em mais do que uma briga em cada três anos. Desta vez era o pato, e toda a quinta estava alerta.

Antes de abordar o tema, Lalla Thor ofereceu chá ao avô. Depois ameaçou deixá-lo se ele não mudasse imediatamente o nome ao pato. Era a véspera de um festival religioso e Lalla Thor estava vestida a preceito: tinha posto o seu diadema e o seu cafetã lendário, bordado com pérolas e granadas autênticas, para recordar a todos o seu estatuto privilegiado. Mas aparentemente o avô achava aquele assunto bastante divertido, porque sorriu quando Lalla Thor lhe falou do pato. Sempre considerara Yasmina bastante excêntrica e na verdade levara bastante tempo a habituar-se a alguns dos seus costumes, como subir às árvores e ficar lá pendurada durante horas a fio. Por vezes Yasmina convencia mesmo as outras esposas a acompanharem-na e tomavam chá sentadas nos ramos. Mas o que a salvava sempre era o facto de fazer rir o meu avô, o que era um acontecimento, já que ele era uma pessoa bastante taciturna. Naquele dia, apanhado no luxuoso salão de Lalla Thor, o avô sugeriu-lhe astutamente que retaliasse chamando Yasmina à sua feia cadela:

– Isso obrigará a rebelde a mudar o nome ao pato.

Mas Lalla Thor não estava com disposição para brincadeiras.

– Estás totalmente enfeitiçado por Yasmina! – gritou-lhe. – Se a deixas levar a sua avante, amanhã comprará um burro e chamar-lhe-á Sidi Tazi. Essa mulher não respeita hierarquias. É uma fonte de conflitos, como todos os do Atlas, e vai instalar o caos nesta casa decente. Ou dá outro nome ao pato, ou eu saio desta casa! Não compreendo a influência que exerce sobre ti. Se fosse bonita, seria outra coisa; mas é tão alta e tão magra! Parece uma girafa horrível.

Era verdade que Yasmina não correspondia aos padrões de beleza da sua época, dos quais Lalla Thor era um modelo perfeito: tinha a pele muito branca, a cara redonda como uma lua cheia e abundantes carnes, sobretudo nas ancas, nas nádegas e no peito. Yasmina, pelo contrário, possuía a

tez morena e curtida dos montanheses, um rosto comprido de pómulos muito salientes e quase não tinha peito. Media quase um metro e oitenta, pouco menos do que o avô, e a razão por que conseguia trepar tão bem às árvores e fazer toda a espécie de acrobacias devia-se às suas pernas incrivelmente compridas, que pareciam paus debaixo do cafetã. Para escondê-las, tinha feito umas *sarwals* (calças de harém) enormes e com muitas pregas e para dar algum volume ao corpo usava o cafetã curto aberto de ambos os lados. A princípio Lalla Thor tentou que todos se rissem do inovador vestuário de Yasmina, mas as outras esposas apressaram-se a imitar a rebelde, porque os cafetãs encurtados e abertos de lado permitiam maior liberdade de movimentos.

Quando o avô foi ter com Yasmina para se queixar acerca do pato, ela não se mostrou muito compreensiva: que importância tinha que Lalla Thor se fosse embora?, disse; ele nunca se sentiria só.

– Ficarias ainda com oito concubinas para cuidarem de ti!

De modo que o avô tentou subornó-la oferecendo-lhe um grosso bracelete de prata de Tiznit, em troca do qual teria de fazer cuscuz com o pato. Yasmina aceitou o bracelete e disse que precisava de uns dias para refletir no assunto. Na sexta-feira seguinte fez uma contraproposta: não podia matar o pato porque se chamava Lalla Thor! Seria um mau augúrio. Mas podia prometer que não voltaria a chamar-lhe aquele nome em público, só em pensamento. Ordenaram-me que fizesse o mesmo, e a partir de então esforcei-me muito por manter o nome do pato em segredo.

Depois também havia a história do *Rei Faruk*, o pavão da quinta. Quem teria a ideia de pôr a um pavão o nome do famoso soberano do Egito? Que fazia o faraó na quinta? Ora, Yasmina e as outras coesposas não gostavam do rei egípcio, pois este ameaçara repudiar a sua encantadora mulher, a princesa Parida (de quem acabou por se divorciar em 1948). O que tinha levado o casal a tal impasse? Que delito imperdoável cometera a mulher? Tinha dado à luz três filhas, nenhuma das quais podia ascender ao trono.

Segundo a lei muçulmana, as mulheres não podem governar um país, embora a minha avó dissesse que isso nem sempre fora assim há alguns séculos. Com a ajuda do exército turco, Shajarat al-Durr sucedeu ao trono do Egito após a morte do seu marido, o sultão Al-Salih. Shajarat al-Durr era uma concubina, uma escrava de origem turca, e reinou quatro meses, governando nem melhor nem pior do que os homens antes e depois dela[6]. Claro que nem todas as mulheres muçulmanas são tão astutas nem tão cruéis como Shajarat al-Durr. Quando o seu segundo marido decidiu tomar uma segunda mulher, Shajarat al-Durr esperou que ele entrasse no *hammam* para tomar banho e, enquanto ele relaxava, «esqueceu-se» de abrir a porta. Claro que ele morreu por causa do vapor e do calor. Mas a princesa Parida não era uma criminosa perfeita, e não sabia manobrar nos círculos do poder nem defender os seus direitos no palácio. Era de origem modesta e também um pouco indefesa, razão pela qual as mulheres do meu avô, de origem semelhante, gostavam dela e sofriam pelas suas humilhações. Segundo Yasmina, para uma mulher não há nada mais humilhante do que ser repudiada.

– Zás! Atirada para a rua como um gato. Parece-te uma maneira decente de tratar uma mulher?

Além disso, acrescentou Yasmina, por mais importante e poderoso que o Rei Faruk fosse, não sabia como se fazia bebés.

– Se soubesse – disse –, saberia que a sua mulher não era responsável por não ter um filho rapaz. Para fazer um filho são precisas duas pessoas.

E eu sabia que nesse ponto Yasmina tinha razão. Para fazer bebés, os noivos enfeitavam-se,

punham flores no cabelo e deitavam-se juntos numa cama muito grande. A notícia seguinte que havia deles, muitas manhãs depois, era que havia um bebezinho a gatinhar entre os dois.

Na quinta seguiam-se os caprichos conjugais do Rei Faruk pela Rádio Cairo e Yasmina apressou-se a condená-lo firmemente.

– Que espécie de bom líder muçulmano rejeita uma mulher só por não ter um filho? O Corão diz que só Alá é responsável pelo sexo das crianças. Se o Egito muçulmano fosse governado de forma justa, o Rei Faruk seria deposto! Pobre e encantadora princesa Parida, sacrificada por simples ignorância e vaidade! Os egípcios deveriam repudiar o seu rei.

E foi assim que o pavão da quinta veio a chamar-se Rei Faruk. Mas embora para Yasmina fosse fácil condenar os reis, lidar com uma coesposa poderosa era uma coisa totalmente diferente, mesmo depois de ter levado a melhor ao dar a um pato o nome da sua rival.

Lalla Thor era poderosa e era a única das mulheres do avô Tazi que provinha de uma família aristocrática e urbana.

O seu apelido também era Tazi, já que ela e o avô eram primos, e trouxera como dote uma tiara de esmeraldas, safiras e pérolas cinzentas, que o avô guardava no seu cofre, no canto direito do salão dos homens. Mas tal facto não impressionava Yasmina, que era de origem rural e humilde, como as outras mulheres do avô.

– Ninguém é superior apenas porque tem uma tiara – dizia. – Além disso, por mais rica que seja, continua confinada a um harém, tal como eu.

Perguntei a Yasmina o que significava estar confinada a um harém e ela deu-me várias respostas diferentes, que obviamente só serviram para me confundir.

Por vezes dizia que estar confinada a um harém significava apenas que uma mulher perdera a liberdade de movimentos. Outras vezes dizia que um harém era sinónimo de infelicidade porque uma mulher tinha de partilhar o seu marido com muitas outras. Ela, por exemplo, via-se obrigada a compartilhar o avô com oito coesposas, o que significava que tinha de dormir sozinha durante oito noites antes de poder finalmente abraçá-lo e aconchegar-se junto dele[7].

– E abraçar e aconchegar-se junto do marido é maravilhoso – dizia. – Fico muito satisfeita por saber que as mulheres da tua geração já não terão de partilhar os maridos.

Os nacionalistas, que lutavam contra os franceses, haviam prometido criar um novo Marrocos, no qual haveria igualdade para todos. Todas as mulheres teriam o mesmo direito à educação que os homens e também teriam direito a desfrutar da monogamia, isto é, uma relação exclusiva e privilegiada com os seus maridos. Na verdade, muitos líderes nacionalistas e os seus seguidores de Fez já tinham uma única mulher e olhavam com desdém aqueles que tinham muitas. O meu pai e o meu tio, que abraçavam as ideias nacionalistas, tinham uma única mulher cada um.

Os nacionalistas também se opunham à escravidão. Segundo Yasmina, a escravidão era comum em Marrocos no princípio do século, mesmo depois de os franceses a terem declarado ilegal, e muitas das suas coesposas tinham sido compradas em mercados de escravos (Yasmina também considerava que todos os seres humanos eram iguais, independentemente do dinheiro que tivessem, da sua origem, do lugar que ocupassem na hierarquia, ou da sua língua ou religião. Se se tinha dois olhos, um nariz, duas pernas e duas mãos, então era-se igual a toda a gente. Eu lembrei-lhe que se considerássemos como mãos as patas da frente de um cão, então também seria nosso igual, ao que ela se apressou a responder: «Mas claro! Os animais são exatamente como nós; só lhes falta falar»).

Algumas das coesposas de Yasmina que haviam sido escravas tinham vindo de países estrangeiros como o Sudão, mas outras tinham sido roubadas aos seus pais no próprio solo marroquino, durante o caos que se seguira à chegada dos franceses em 1912. Yasmina costumava dizer que as mulheres pagavam sempre um preço alto quando o *Makhzen,* o Estado, não exprimia a vontade do povo, porque então instalava-se a insegurança e a violência. Foi exatamente isso que acontecera: o *Makhzen* e os seus funcionários, incapazes de enfrentar os exércitos franceses, tinham assinado um tratado que dava à França o direito de governar Marrocos como protetorado; mas o povo recusara-se à rendição. A resistência nascera nas montanhas e nos desertos e a guerra civil espalhara-se lentamente.

– Havia heróis – dizia Yasmina –, mas também havia todo o tipo de criminosos armados por toda a parte. Os primeiros lutavam contra os franceses, enquanto os segundos roubavam o povo. No sul, junto ao Sara, havia heróis como Al-Hiba e o seu irmão, que resistiram até 1934. Na minha região, o Atlas, o orgulhoso Moha ou Hamu Zayani manteve o exército cercado até 1920. No norte, o príncipe dos guerreiros, Abdelkrim, derrotou os franceses e os espanhóis – até que uns e outros se juntaram contra ele e o derrotaram em 1926. Mas durante toda esta agitação, nas montanhas os pais pobres viam as suas filhas pequenas serem-lhes roubadas para serem vendidas nas grandes cidades aos homens ricos. Tratava-se de uma prática habitual. O teu avô era um homem bom, mas comprou escravas. Naquela altura era normal fazê-lo. Agora ele mudou e apoia os ideais nacionalistas, como quase todos os notáveis das grandes cidades, e isto inclui o respeito pelo indivíduo, a monogamia, a abolição da escravatura e por aí fora. No entanto, por mais estranho que pareça, nós, mulheres do teu avô, sentimo-nos mais unidas do que nunca, embora as que foram escravas tenham tentado localizar as suas famílias originais e pôr-se em contacto com elas. Sentimo-nos como irmãs; a nossa verdadeira família é a que formamos em torno do teu avô. Poderia mesmo conceber mudar de opinião a respeito de Lalla Thor se ela deixasse de nos olhar de alto porque não temos tiaras.

Chamar ao pato Lalla Thor era a forma que Yasmina arranjara de participar na criação do Marrocos novo e belo, o Marrocos onde eu, sua netinha, iria viver.

Dizia frequentemente que Marrocos mudara rapidamente e que continuaria a fazê-lo.

Esta previsão fazia-me muito feliz. Eu cresceria num reino maravilhoso no qual as mulheres teriam direitos, incluindo a liberdade de abraçar os seus maridos todas as noites. Mas apesar de Yasmina lamentar ter de esperar oito noites para se deitar com o seu marido, acrescentava que não devia queixar-se demasiado, porque as mulheres de Haru al-Rashid, o califa abássida de Bagdade, tiveram de esperar novecentas e noventa e nove noites porque ele tinha *miljaryas* ou escravas.

– Esperar oito noites não é o mesmo que esperar novecentas e noventa e nove – dizia Yasmina. – Isso são quase três anos! Por isso as coisas estão a melhorar. Em breve será um homem, uma mulher[8]. Vem, vamos dar de comer aos pássaros. Teremos tempo de sobra para continuar a falar sobre haréns.

E então corríamos para o jardim para dar de comer aos pássaros.

5 Na década de 1940, a maioria dos homens e mulheres marroquinos das cidades vestiam-se da mesma maneira, utilizando três vestimentas sobrepostas: a primeira, a *qamis*, era muito suave, de algodão ou de outra fibra natural como a seda. A segunda, o cafetã, era de lã espessa e não se usava na primavera, quando o tempo aquecia. A terceira vestimenta, a exterior, era a *farajiya*, uma túnica fina, por vezes transparente, aberta dos lados, e que se punha sobre o cafetã. Quando os homens e as mulheres apareciam em público, acrescentavam às três vestimentas anteriores uma quarta, a *djellaba*, uma túnica larga e comprida.
No entanto, na década de 1950, com a independência, o vestuário marroquino sofreu uma transformação. Em primeiro lugar, tanto os homens como as mulheres começaram a usar ocasionalmente vestuário ocidental. Depois, o vestuário tradicional transformou-se e adaptou-se aos tempos modernos. Tinha começado a era do vestuário individualizado e inovador, e se observarem atualmente uma rua

urbana marroquina, repararão que não há duas pessoas vestidas do mesmo modo. Homens e mulheres vestem coisas uns dos outros, do resto da África e do Ocidente. Por exemplo, hoje em dia os homens também usam cores vivas, que outrora eram exclusivas das mulheres. As mulheres utilizam as *djellabas* masculinas e os homens túnicas femininas (*bubus*) bordadas, largas e compridas, originárias do Senegal e de outros países muçulmanos negros. As jovens marroquinas criaram mesmo inovadoras mini-*djellabas* «sexy» decalcando o estilo italiano.

6 Shajarat al-Durr tomou o poder no ano de 648 do calendário muçulmano (1250 d.C.).

7 Chegados a este ponto, talvez seja útil estabelecer uma distinção entre dois tipos de haréns: chamaremos haréns imperiais aos primeiros e haréns domésticos aos segundos. Os primeiros floresceram com as conquistas territoriais e a acumulação de riquezas das dinastias imperiais muçulmanas, começando com a dos Omíadas, dinastia árabe do século VII, sediada em Damasco, e terminando com os Otomanos, dinastia turca que ameaçou as capitais europeias desde o século XVI até que em 1909 as potências ocidentais depuseram o seu último sultão, Abdelhamid II e desmantelaram os seus haréns. Chamaremos haréns domésticos aos que continuaram a existir depois de 1909, quando os muçulmanos perderam o poder e os seus territórios foram ocupados e colonizados. Os haréns domésticos eram na verdade famílias alargadas, como a que se descreve neste livro, sem escravos nem eunucos e, em muitos casos, com casais monogâmicos, mas que mantinham a tradição da reclusão das mulheres.

Foi o harém imperial otomano que fascinou o Ocidente quase até à obsessão. Este harém turco inspirou centenas de pinturas orientalistas dos séculos XVIII, XIX e XX, como o famoso *Banho Turco* (1862) de Ingres, as *Mulheres Turcas no Banho* (1854) de Delacroix ou o *In the Bey's Garden* (1865) de John Frederick Levis. Os haréns imperiais, isto é, esplêndidos palácios repletos de mulheres luxuosamente vestidas e lascivamente reclinadas em poses indolentes, com escravos a seu lado e eunucos vigiando os portões, existiam quando o imperador, o seu vizir e os seus generais, cobradores de impostos, etc., tinham influência e dinheiro suficientes para comprar centenas e por vezes milhares de escravos nos territórios conquistados e manter essas casas tão dispendiosas. Porque tiveram os haréns do império otomano um impacto tão grande na imaginação ocidental? Uma das razões poderia ser a espetacular conquista de Constantinopla, a capital bizantina, pelos otomanos em 1453 e a subsequente ocupação de muitas cidades europeias, bem como o facto de que eles eram os vizinhos mais perigosos mais próximos do Ocidente.

Por outro lado, os haréns domésticos, isto é, os que continuaram a existir no mundo muçulmano depois da sua colonização pelo Ocidente, são bastantes aborrecidos devido ao seu caráter acentuadamente burguês e porque, como referido anteriormente, são mais uma espécie de família alargada, praticamente sem nenhum aspeto erótico digno de menção. Nestes haréns domésticos, o homem, os seus filhos e as respetivas mulheres viviam juntos e uniam os seus recursos, e pedia-se às mulheres que se abstivessem de sair. Não era imperioso que os homens tivessem várias mulheres, como o caso do harém que inspirou os contos deste livro. Não é a poligamia que o define como harém, mas sim o desejo de os homens manterem as suas mulheres reclusas e uma família alargada em vez de dividi-la em unidades nucleares.

8 Na verdade, a lei não mudou. Hoje, e após quase meio século, as mulheres muçulmanas ainda lutam pela abolição da poligamia. Mas os legisladores, todos eles homens, dizem que a *Shari'a* é uma lei religiosa que não pode ser alterada. No verão de 1992, uma associação de mulheres marroquinas (*L'Union d'Action Feminine*, presidida pela brilhante socióloga e jornalista Lahfa Jbabdi), que tinha recolhido um milhão de assinaturas contra a poligamia e o divórcio, transformou-se num alvo da imprensa fundamentalista, que publicou um decreto religioso (*fatwa*), pedindo a sua execução por heresia. Quanto ao estatuto das mulheres, pode dizer-se que o mundo muçulmano regrediu desde o tempo da minha avó. A defesa da poligamia e do divórcio por parte da imprensa fundamentalista é, na realidade, um ataque ao direito de as mulheres participarem no processo legislativo. Quase todos os governos muçulmanos, bem como as suas oposições fundamentalistas, mesmo aqueles que se autoproclamam modernos, mantêm a poligamia no código do direito familiar, não porque esteja particularmente difundida mas sim porque querem mostrar às mulheres que as suas necessidades não têm importância. A lei não existe para as servir a elas, nem para garantir o seu direito à felicidade e à segurança emocional. Segundo a crença dominante, não é imperioso que as mulheres e a lei tenham relação uma com a outra; as mulheres devem aceitar a lei dos homens porque não a podem mudar. A supressão do direito masculino à poligamia significaria que as mulheres têm uma palavra a dizer sobre a lei, que a sociedade não se rege apenas por e para os homens e seus caprichos. A importância que um governo muçulmano dá ao problema da poligamia é uma boa forma de medir até que ponto aceita as ideias democráticas. E se tomarmos isso como um índice da democracia, veremos que poucos países muçulmanos estão atualizados no que respeita aos direitos humanos. A Tunísia e a Turquia são os mais progressistas.



5

CHAMA E O CALIFA

«O que é exatamente um harém?» Não era propriamente o tipo de pergunta a que os adultos respondiam voluntariamente. Mas eles insistiam sempre para que as crianças usassem as palavras exatas. Diziam que cada palavra tinha um significado específico e que deveria ser utilizada apenas para esse fim concreto, e para nenhum outro. Mas se me tivesse sido oferecida uma alternativa, eu teria utilizado palavras diferentes para o harém de Yasmina e para o nosso, tão diferentes que eram. O harém de Yasmina era uma quinta aberta sem muros altos visíveis. O nosso de Fez era como uma fortaleza. Yasmina e as suas coesposas montavam a cavalo, nadavam no rio, pescavam e cozinhavam o peixe em fogueiras ao ar livre. A minha mãe não podia pôr um pé fora de casa sem ter de pedir múltiplas permissões; e mesmo assim, a única coisa que podia fazer era visitar o santuário de Mulay Driss (o santo patrono da cidade) ou o seu irmão que vivia na mesma rua, ou assistir a um festival religioso. E a infeliz tinha de ir sempre acompanhada por outras mulheres da casa e por um dos meus jovens primos. Por isso, parecia-me descabido utilizar a mesma palavra para a situação de Yasmina e para a da minha mãe.

Mas sempre que tentava averiguar mais sobre a palavra «harém», seguiam-se discussões amargas. Bastava pronunciar a palavra e começavam a chover os comentários mordazes. Samir e eu falávamos neste assunto e chegávamos à conclusão de que se as palavras em geral eram perigosas, «harém» em particular era explosiva. Quando alguém queria iniciar uma guerra no pátio, bastava-lhe fazer chá, convidar algumas pessoas, pronunciar a palavra «harém» e esperar cerca de meia hora. Então as senhoras elegantes, serenas e vestidas com lindos cafetãs de seda bordados e babuchas bordadas a pérolas, transformavam-se subitamente em fúrias vociferantes. Por isso, Samir e eu decidíramos que, na nossa condição de crianças, era nosso dever proteger os adultos. Utilizaríamos a palavra «harém» com parcimónia e recolheríamos as nossas informações de uma forma discreta e baseada na observação.

Um grupo de adultos dizia que o harém era uma coisa boa e o outro grupo dizia que era uma coisa má. A avó Lalla Mani e a mãe de Chama, Lalla Radia, pertenciam ao grupo pró-harém; a minha mãe, Chama e a tia Habiba pertenciam ao grupo que era contra o harém. A avó Lalla Mani costumava iniciar a discussão dizendo que se as mulheres não estivessem separadas dos homens, a sociedade pararia e ninguém faria o seu trabalho.

– Se as mulheres andassem livremente pelas ruas, os homens deixariam de trabalhar porque quereriam divertir-se – dizia ela. E acrescentava que, infelizmente, o divertimento não ajudava uma sociedade a produzir os alimentos e os bens necessários à sobrevivência. Por isso, se se queria evitar a fome, as mulheres deveriam manter-se no lar, que era o seu lugar.

Mais tarde, Samir e eu tivemos uma longa conversa sobre a palavra «divertimento» e decidimos que, quando os adultos a utilizavam, tinha a ver com sexo. Mas como queríamos ter a certeza absoluta disso, abordámos o assunto com a prima Malika, que nos confirmou que estávamos absolutamente certos. Então, tentando aparentar um ar tão entendido quanto possível perguntámos-lhe:

– Na tua opinião, o que é o sexo?

Não é que não soubéssemos a resposta, mas queríamos ter a certeza. Mas Malika, que achava que não sabíamos nada, deitou as tranças para trás solenemente, sentou-se num divã, pôs uma almofada no colo como fazem os adultos quando refletem e disse lentamente:

– Na noite de núpcias, quando vão todos dormir, o noivo e a noiva ficam a sós no seu quarto. O noivo pede à noiva que se sente na cama, dão as mãos e ele tenta fazer com que ela o olhe diretamente nos olhos. Mas a noiva resiste, mantém os olhos no chão. Isso é muito importante. A noiva é muito tímida e está assustada. O noivo recita um poema. A noiva ouve com o olhar fixo no chão e finalmente sorri. Então ele beija-a na testa. Ela continua com o olhar baixo. Ele oferece-lhe uma chávena de chá e ela bebe-o lentamente. Ele retira a chávena, senta-se ao seu lado e beija-a.

Malika, que manipulava descaradamente a nossa curiosidade, decidiu fazer uma pausa no relato do beijo, sabendo que Samir e eu morríamos por saber exatamente onde o noivo beijava a noiva. Beijar na testa, na face e na mão não era nada do outro mundo, mas na boca era outra história. Contudo, decidimos dar uma lição a Malika, e em vez de mostrar curiosidade, pusemo-nos a cochichar entre nós, ignorando-a completamente. A tia Habiba tinha-nos explicado recentemente que demonstrar um total desinteresse pelo orador era uma boa maneira de os fracos ganharem poder.

– Falar enquanto outros escutam – dissera –, é na verdade a própria expressão do poder. Mas mesmo o ouvinte aparentemente submisso e silencioso tem um papel altamente estratégico, o da audiência. E se o orador poderoso fica sem audiência?

De facto, Malika prosseguiu imediatamente a sua dissertação sobre o que se passa na noite de núpcias.

– O noivo beija a noiva na boca. Depois deitam-se juntos numa cama grande sem ninguém a olhar.

Não fizemos mais perguntas. Tudo o resto já sabíamos. O homem e a mulher despem-se, fecham os olhos e poucos meses depois nasce uma criança.

O harém impede que os homens e as mulheres se vejam, por isso cada qual cumpre com os seus deveres. Enquanto Lalla Mani elogiava a vida do harém, a tia Habiba chispava de raiva ao ouvi-la; notava-se pela forma como ajustava a touca, apesar de ela não estar a escorregar. Mas como estava divorciada não podia contrariar Lalla Mani abertamente, pelo que tinha de resmungar as suas objeções em voz baixa e deixar que a minha mãe e Chama protestassem. Só os que tinham poder podiam corrigir os outros abertamente e contrariar os seus pontos de vista. Uma mulher divorciada não tinha um verdadeiro lar e tinha de pagar a sua presença tentando passar despercebida. A tia Habiba nunca usava roupa de cores brilhantes, por exemplo, embora por vezes manifestasse o desejo de voltar a pôr a sua *farajiya* encarnada. Mas nunca o fez. Vestia-se quase sempre de cinzento claro ou bege, e a única maquilhagem que utilizava era um pouco de *kohl* em volta dos olhos.

– Os fracos têm de ser disciplinados para evitar a humilhação – dizia. – Nunca deixes que outros te lembrem qual é o teu lugar. Podes ser pobre, mas a elegância está ao alcance de qualquer um.

A minha mãe costumava iniciar o ataque às opiniões de Lalla Mani sentando-se sobre as pernas no divã, com as costas direitas e uma almofada no colo. Cruzava os braços e olhava Lalla Mani nos olhos.

– Os franceses não aprisionam as suas mulheres atrás de muros, querida sogra – dizia. – Deixam-nas apanhar ar à vontade no *suk* (mercado local) e todos se divertem; e não é por causa disso que as

pessoas deixam de trabalhar. Na verdade, trabalham tanto que podem dar-se ao luxo de equipar grandes exércitos e virem até aqui para disparar contra nós.

Então, sem dar tempo a Lalla Mani de recuperar forças para um contra-ataque, Chama expunha a sua teoria de como o primeiro harém começara a funcionar. Nessa altura as coisas tornavam-se verdadeiramente más porque tanto Lalla Mani como a mãe de Chama começavam a gritar que aquilo era um insulto aos nossos antepassados, uma ofensa às nossas tradições sagradas.

A teoria de Chama era na verdade bastante interessante, e Samir e eu adorávamo-la. Há muito tempo atrás, defendia ela, os homens lutavam continuamente entre si. Havia muito derramamento inútil de sangue, de forma que um dia decidiram nomear um sultão que organizasse as coisas, que exercesse a *sulta,* ou autoridade, e dissesse aos outros o que tinham de fazer. Todos tinham de lhe obedecer. «Mas como decidiremos qual de nós será o sultão?», interrogaram-se os homens quando se reuniram para considerar este problema. Refletiram profundamente até que um deles teve uma ideia: «O sultão deverá ter algo que os outros não têm», disse. Refletiram um pouco mais até que outro homem teve uma ideia: «Deveríamos organizar uma expedição para capturar mulheres», sugeriu, «e o homem que conseguir mais será nomeado sultão».

Os homens concordaram que era uma ideia excelente, mas como avaliariam os resultados? «Quando começarmos a correr pela floresta para caçar mulheres, dispersar-nos-emos. Precisamos de arranjar uma maneira de imobilizar as mulheres uma vez apanhadas, para podermos contá-las e decidir quem é o vencedor.» E assim surgiu a ideia de construir casas. Eram necessárias casas com portões e fechaduras para fechar as mulheres. Samir disse então que teria sido mais fácil atar as mulheres às árvores, uma vez que tinham as tranças tão compridas; mas Chama replicou que antigamente as mulheres eram muito fortes porque corriam pelos bosques tal como os homens, e se atassem duas ou três mulheres a uma árvore, elas podiam arrancá-la. Além disso, era preciso muito tempo e energia para atar as mulheres fortes, que podiam arranhar a cara do seu captor ou dar-lhe um pontapé num certo sítio inominável. Era muito mais fácil construir paredes e metê-las lá dentro. E foi isso o que os homens fizeram.

Organizou-se a expedição em todo o mundo e os bizantinos ganharam a primeira volta[9]. Os bizantinos, que eram os mais malévolos de todos os romanos, viviam próximo dos árabes no Mediterrâneo Oriental, onde nunca perdiam uma oportunidade de humilhar os seus vizinhos. O imperador dos bizantinos conquistou o mundo, capturou um grande número de mulheres e pô-las no seu harém para demonstrar que era o chefe. O Oriente e o Ocidente submeteram-se a ele pois temiam-no. Mas os séculos passaram e os árabes começaram a aprender a conquistar territórios e a caçar mulheres. Tornaram-se peritos no assunto e sonhavam conquistar os bizantinos. Finalmente, o califa Harun al-Rashid teve esse privilégio. Derrotou o imperador romano no ano 181 do calendário muçulmano (798 d.C.) e continuou a conquistar outras regiões do mundo. Quando já tinha reunido mil *jaryas* (escravas) no seu harém, construiu um grande palácio em Bagdade e instalou-as lá para que ninguém duvidasse de que ele era o sultão. Os árabes tornaram-se nos sultões do mundo e juntaram mais mulheres. O califa Al-Mutawwakil aprisionou quatro mil. Al-Muqtadir conseguiu enclausurar onze mil[10]. O mundo estava impressionado; os árabes davam as ordens e os romanos submetiam-se a elas.

Mas enquanto os árabes estavam ocupados a encerrar as mulheres, os romanos e os outros cristãos juntaram-se e decidiram alterar as regras do jogo do poder no Mediterrâneo. Declararam que já não era importante aprisionar mulheres e que a partir desse momento só seria sultão quem

conseguisse construir as armas e as máquinas mais poderosas, incluindo armas de fogo e grandes navios. Mas os romanos e os outros cristãos decidiram não explicar a alteração aos árabes; guardá-lo-iam em segredo para os surpreender. Assim, os árabes adormeceram, achando que conheciam as regras do jogo do poder.

Neste ponto Chama fazia uma pausa, punha-se de pé de um salto e começava a representar a história para Samir e para mim, ignorando por completo Lalla Mani e Lalla Radia, que protestavam aos gritos. Entretanto, a tia Habiba franzia os lábios para dissimular o riso. Então Chama levantava a *qamis* de laço branco para poder saltar para o divã vazio. Estendia-se como se fosse dormir, enterrava a cabeça num dos grandes almofadões, tapava a cara com o cabelo ruivo rebelde e declarava:

– Os árabes estão a dormir.

Depois fechava os olhos e começava a ressonar, para logo a seguir se levantar e olhar em volta como se acabasse de acordar de um sono profundíssimo, e fixava o olhar em Samir e em mim como se nunca nos tivesse visto antes.

– Finalmente, os árabes já acordaram! – dizia. – Os ossos de Harun al-Rashid tornaram-se pó e o pó misturou-se com a chuva. A chuva corre para o rio Tigre e depois para o mar, onde todas as coisas grandes se tornam minúsculas e desaparecem na fúria das ondas. Um rei francês governa agora o nosso mundo. O seu título é Président de la République Française e tem um palácio enorme em Paris chamado Eliseu e, surpresa, uma única mulher! Nem um harém à vista. E essa única mulher passa o tempo a percorrer as ruas com uma saia curta e um grande decote. Toda a gente lhe pode ver o rabo e o peito, mas ninguém duvida por um só instante de que o Presidente da República Francesa é o homem mais poderoso do país. O poder dos homens já não se mede pelo número de mulheres que podem aprisionar. Mas isto é novidade na Medina de Fez, porque os relógios continuam parados na época de Harun al-Rashid!

Então Chama saltava outra vez para o divã, fechava os olhos e voltava a esconder a cara na almofada de seda estampada com flores. Silêncio.

Samir e eu adorávamos a sua história porque ela era uma excelente atriz. Eu estava sempre a observá-la atentamente para aprender a exprimir os movimentos em palavras. Era necessário utilizar as palavras e gesticular ao mesmo tempo. Mas nem todos estavam tão entusiasmados com a história de Chama. A sua própria mãe, Lalla Radia, a princípio ficara horrorizada e depois indignada, principalmente quando ela mencionara o califa Harun al-Rashid. Lalla Radia era uma mulher culta que lia livros de História, um talento que aprendera com o pai, que era uma autoridade religiosa em Rabat. Não gostava que as pessoas fizessem pouco dos califas em geral e de Harun al-Rashid em particular.

– Oh Alá! – gritava. – Perdoa à minha filha, que mais uma vez ataca os califas e lança a confusão na cabeça das crianças. Dois pecados igualmente monstruosos. Pobres pequenos, que ideia tão distorcida terão dos seus antepassados se Chama prosseguir com isto.

Lalla Radia pedia-nos então a Samir e a mim que nos sentássemos ao seu lado para nos contar a versão correta da História e nos fazer amar o califa Harun.

– Ele foi o príncipe dos califas – dizia. – Conquistou Bizâncio e fez hastear a bandeira muçulmana nas capitais cristãs.

Insistia também que a sua filha estava completamente enganada em relação aos haréns. Os haréns eram uma coisa maravilhosa. Todos os homens respeitáveis cuidavam das suas mulheres, para que

elas não tivessem de sair para as ruas, sempre tão perigosas e inseguras. Ofereciam-lhes magníficos palácios com chão de mármore e fontes, bons alimentos, vestidos bonitos e joias. De que mais precisava uma mulher para ser feliz? Apenas as mulheres pobres como Luza, a mulher de Ahmed, o porteiro, precisava de sair para ir trabalhar e ganhar o seu pão. As mulheres privilegiadas eram poupadas a esse trauma.

Muitas vezes Samir e eu sentíamo-nos perplexos com todas estas opiniões contraditórias e tentávamos organizar um pouco a informação. Os adultos eram muito desorganizados. O harém tinha a ver com homens e mulheres, isso era certo. Também tinha a ver com casa, muros e a rua, isso também era certo. Tudo isto era bastante simples e facilmente compreensível: uma pessoa erguia quatro paredes rodeadas de ruas e tinha uma casa. Depois fechava as mulheres dentro da casa e deixava sair os homens e tinha um harém. Mas que sucedia, atrevi-me a perguntar a Samir, se puséssemos os homens na casa e deixássemos sair as mulheres? Samir disse que eu estava a complicar as coisas justamente quando começávamos a compreender alguma coisa. Por isso acedi a fechar de novo as mulheres e a fazer sair os homens para prosseguirmos com a nossa investigação. O problema era que os muros e tudo o resto serviam para explicar o nosso harém em Fez, mas não serviam de forma alguma para nos esclarecer sobre o harém da quinta.

9 Para uma divertida espreitadela aos haréns do império romano, veja-se *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, de Sarah B. Pomeroy, Schocken Books, 1975.

10 A dinastia abássida, segunda dinastia do império muçulmano, durou quinhentos anos, de 132 a 656 do calendário muçulmano (750-1258 d.C.), terminando quando os mongóis destruíram Bagdade e assassinaram o califa. Harun al-Rashid foi o quinto califa da dinastia abássida, governando entre 786 e 809. As suas conquistas tornaram-se lendárias e o seu reinado é considerado um modelo da idade de ouro muçulmana. O califa Al-Mutawwakil foi o décimo soberano da dinastia (847-861 d.C.) e o califa Al-Muqtadir o décimo nono (908-932 d.C.).



6

O CAVALO DE TAMU

O harém da quinta estava instalado numa gigantesca construção de um único andar em forma de T, rodeado por jardins e lagos. A ala direita da casa pertencia às mulheres; a esquerda aos homens; e um delicado biombo de bambu de dois metros de altura marcava a *hudud* (fronteira) entre ambas. As duas partes da casa eram na realidade dois edifícios similares construídos costas contra costas, com fachadas simétricas e galerias com arcadas que mantinham os salões e os quartos mais pequenos frescos mesmo quando estava calor lá fora. As galerias eram perfeitas para jogar às escondidas e as crianças da quinta eram muito mais atrevidas do que as de Fez. Subiam para as colunas descalças e saltavam do alto como acrobatas. Não tinham medo dos sapos, das lagartixas e dos pequenos animais voadores que pareciam saltar continuamente sobre quem atravessasse os corredores. O chão era pavimentado com azulejos brancos e pretos e as colunas estavam revestidas com uma estranha combinação de mosaico amarelo e dourado escuro que o meu avô adorava e que nunca vi em nenhum outro sítio. Os jardins estavam rodeados por altas grades de ferro forjado com portas arqueadas que pareciam sempre fechadas; mas bastava empurrá-las para se sair para o campo. O jardim dos homens tinha algumas grades e muitos arbustos de flores bem cuidados, mas o das mulheres era outra história. Estava repleto de árvores estranhas, de plantas bizarras e de animais de todas as espécies, porque cada coesposa reclamava uma parcela de terreno para a transformar no seu jardim pessoal, onde plantava hortaliças e criava galinhas, patos e pavões. Não se podia dar um passeio pelo jardim das mulheres sem invadir o território de alguém, e os animais começavam a seguir o intruso mesmo debaixo das arcadas, fazendo uma grande algazarra que contrastava com o silêncio sepulcral do jardim dos homens.

Para além do edifício principal da quinta havia alguns pavilhões anexos. À direita via-se apenas o de Yasmina, que insistira para que assim fosse: segundo explicara ao avô, tinha de estar o mais longe possível de Lalla Thor. Lalla Thor tinha o seu próprio palácio independente no edifício principal, com espelhos de parede a parede e madeira talhada policromada nos tetos, nos rebordos dos espelhos e nos candelabros. O pavilhão de Yasmina, por seu lado, era um quarto grande, muito simples e sem luxos, pois não se preocupava com essas coisas, desde que não tivesse de se aproximar do edifício principal e dispusesse de espaço suficiente para fazer experiências com árvores e com flores e criar todo o tipo de patos e pavões. O pavilhão de Yasmina também tinha um segundo andar, que fora construído para Tamu quando esta escapara da guerra deslocando-se das montanhas do Rif para norte. Yasmina tomara conta de Tamu quando ela estivera doente e as duas haviam-se tornado amigas íntimas.

Tamu chegou à quinta em 1926, depois da derrota de Abdelkrim pelos exércitos espanhóis e franceses. Apareceu numa madrugada, no horizonte da planície do Gharb, montada num cavalo espanhol selado e vestida com uma capa branca de homem e uma touca de mulher para que os soldados não disparassem contra ela. Todas as mulheres do meu avô gostavam de descrever a sua chegada à quinta, que era tão interessante como os contos de *As Mil e Uma Noites,* ou mais ainda,

porque Tamu estava ali para ouvir, sorrir e ser a estrela. Na manhã em que chegara tinha pesados braceletes berberes de prata com pontas salientes, o tipo de braceletes que se podia usar em autodefesa se fosse necessário. Também tinha um *khandjar,* ou punhal, pendurado na coxa direita e uma autêntica espingarda espanhola escondida na sela, debaixo da capa. Tinha um rosto triangular, com uma tatuagem verde no queixo afilado, olhos negros e penetrantes que olhavam sem pestanejar e uma comprida trança acobreada que lhe pendia sobre o ombro esquerdo. Deteve-se a poucos metros da quinta e perguntou pelo dono da casa.

Naquela manhã ninguém o sabia ainda, mas a vida na quinta nunca mais voltaria a ser a mesma. Porque Tamu era uma rifenha e uma heroína de guerra. Todo o Marrocos admirava o povo do Rif, os únicos que haviam continuado a lutar contra os estrangeiros muito tempo depois de o resto do país se ter rendido; e ali estava aquela mulher, vestida como um guerreiro, atravessando a fronteira Arbaua para entrar na zona francesa, completamente só e em busca de auxílio. E como era uma heroína de guerra, certas regras não se lhe aplicavam. Comportava-se mesmo como se ignorasse a tradição.

Provavelmente o meu avô apaixonou-se por Tamu logo que a viu, mas as circunstâncias do seu encontro foram tão complexas que só se apercebeu disso ao fim de alguns meses. Tamu tinha ido à quinta com uma missão: o seu povo caíra numa emboscada da guerrilha na zona espanhola e tinha de lhes levar ajuda. De forma que o meu avô lhe deu a ajuda de que necessitava, assinando um rápido contrato de casamento para justificar a sua presença na quinta caso a polícia francesa aparecesse à sua procura. Depois Tamu pediu-lhe que a ajudasse a levar alimentos e remédios ao seu povo. Havia muitos feridos, e com a derrota de Abdelkrim cada aldeia tinha de sobreviver por sua conta. O avô deu-lhe as provisões e Tamu partiu durante a noite com dois carros que desceram lentamente, sem luzes, pela berma da estrada. À frente, montados em burros, iam dois camponeses da quinta, que se faziam passar por vendedores e serviam de batedores aos carros com lanternas.

Uns dias depois, Tamu regressou à quinta num dos carros, levando quatro cadáveres cobertos com hortaliças. Eram os corpos do seu pai, do seu marido e dos seus dois filhos, um rapaz e uma rapariga. Enquanto os descarregavam, ela manteve-se à distância, em silêncio. As mulheres do avô trouxeram-lhe um tamborete para se sentar e ela ficou ali a olhar enquanto os homens cavavam as covas e depositavam os cadáveres cobrindo-os com terra. Tamu não chorou. Depois, os homens plantaram flores para ocultar as sepulturas. Quando terminaram, Tamu não conseguia aguentar-se de pé; o avô chamou Yasmina, que a agarrou pelo braço e a levou para o seu pavilhão para a deitar na cama. Tamu passou muitos meses sem falar e todos pensavam que havia perdido a capacidade para o fazer.

Mas gritava regularmente em sonhos, enfrentando agressores invisíveis nos seus pesadelos. Mal fechava os olhos era assaltada por imagens de guerra; então punha-se em pé de um salto ou ajoelhava-se, suplicando misericórdia em espanhol. Precisava que a ajudassem a superar a dor sem lhe fazerem perguntas inconvenientes nem revelar nada aos soldados espanhóis e franceses que, segundo parecia, procediam a investigações do outro lado do rio. Yasmina era a pessoa indicada para o fazer e cuidou de Tamu no seu pavilhão durante meses, até que esta recuperou. Depois, uma bela manhã, viram Tamu acariciar um gato e pôr uma flor no cabelo; nessa mesma noite Yasmina organizou uma festa para ela. As mulheres reuniram-se no pavilhão de Yasmina e cantaram para que Tamu se sentisse como em sua casa. Nessa noite sorriu algumas vezes e depois pediu um cavalo para montar no dia seguinte.

Tudo na quinta mudou com a simples presença de Tamu. O seu corpo minúsculo parecia refletir as mesmas convulsões violentas que dilaceravam o seu país e era acometida de desejos incontroláveis de montar cavalos velozes e realizar acrobacias. Era a sua forma de combater a dor e encontrar um efémero significado para a vida. Em vez de ter ciúmes dela, Yasmina e as outras mulheres do meu avô começaram a admirá-la porque, entre outras coisas, ela tinha muitos talentos que as outras mulheres normalmente não tinham. Quando Tamu se restabeleceu completamente e voltou a falar, descobriram que sabia disparar uma espingarda, falava espanhol fluentemente, dava grandes saltos no ar e cambalhotas sem ficar tonta e até injuriava em vários idiomas. Nascida numa região montanhosa constantemente atravessada por exércitos estrangeiros, tinha chegado a confundir a vida com a luta e o descanso com a corrida. A sua presença na quinta, com as tatuagens, o punhal, os braceletes defensivos e as permanentes cavalgadas, mostrou às outras mulheres que havia muitas formas de ser bela. Lutar, injuriar e ignorar a tradição podiam tornar uma mulher irresistível. Tamu tornou-se numa lenda desde o momento em que apareceu e fez com que toda a gente na quinta tomasse consciência da sua própria força interior e da sua capacidade para enfrentar qualquer destino.

Durante a doença de Tamu, o avô visitara o pavilhão de Yasmina diariamente para saber da sua saúde. Mas quando melhorou e pediu um cavalo, ficou nervoso, com medo de que ela o deixasse. Embora encantado com a beleza que ela aparentava – novamente desafiadora e plena de vida, com a sua trança acobreada, os seus penetrantes olhos negros e o queixo com a tatuagem verde –, não estava certo dos sentimentos que ela nutria em relação a ele. Na realidade, não era sua mulher, já que o casamento fora apenas um acordo legal e, ao fim e ao cabo, ela era uma guerreira que a qualquer momento podia afastar-se, cavalgando para norte e perdendo-se no horizonte. Por isso o avô convidou Yasmina para um passeio com ele pelo campo e explicou-lhe os seus temores. Yasmina também ficou muito nervosa, porque admirava muito Tamu e não suportava a ideia de a ver partir. Por isso sugeriu ao avô que perguntasse a Tamu se queria passar a noite com ele.

– Se a resposta for sim – alvitrou Yasmina –, é porque não tenciona ir-se embora. Se for não, é porque se vai.

O avô voltou ao pavilhão e falou com Tamu em privado enquanto Yasmina aguardava no exterior. Quando por fim saiu, Yasmina compreendeu pelo seu sorriso que Tamu havia aceitado a proposta de se tornar sua mulher. Meses depois, o avô construiu um pavilhão novo para Tamu por cima do de Yasmina e a partir de então a sua casa de dois andares separada do edifício principal transformou-se na sede oficial das corridas de cavalos de Tamu e da solidariedade feminina.

Uma das primeiras coisas que Yasmina e Tamu fizeram quando o segundo pavilhão ficou pronto, foi criar uma bananeira para que Yaya, a coesposa negra estrangeira, se sentisse em casa. Yaya, a mais tranquila das esposas do meu avô, era uma mulher alta e esbelta, que parecia terrivelmente frágil no seu cafetã amarelo. Tinha um rosto de traços finos, o olhar sonhador e mudava de turbante segundo os seus estados de espírito, embora a sua cor preferida fosse o amarelo («Como o sol. Ilumina-te»). Yaya era propensa a constipações, falava árabe com sotaque e não frequentava a companhia das outras coesposas, por isso ficava tranquilamente no seu quarto. Tinha um ar tão frágil que pouco tempo depois da sua chegada as outras coesposas decidiram dividir entre si o trabalho que lhe competia. Em troca, Yaya prometeu contar-lhes uma vez por semana uma história sobre a vida na sua aldeia natal no Sul, no Sudão, a terra dos negros, onde não cresciam laranjeiras nem limoeiros, mas abundavam os coqueiros e as bananeiras. Yaya não se lembrava do nome da sua

aldeia, mas isso não a impediu de se tornar na contadora oficial de histórias do harém, tal como a tia Habiba o era no de Fez. O avô ajudava-a a repor a sua reserva de contos lendo-lhe em voz alta passagens de livros de histórias sobre o Sudão, os reinos de Songhoy e Gana, os portões dourados de Tombuctu e todas as maravilhas das selvas do Sul que escondem o sol. Yaya dizia que os brancos eram vulgares (encontravam-se em toda a parte nos quatro cantos do universo), mas os negros eram uma raça especial porque só existiam no Sudão e nas terras vizinhas, a sul do deserto do Sara.

Na noite em que Yaya contava uma história, as mulheres reuniam-se todas no seu quarto e serviam chá enquanto ela falava da sua maravilhosa pátria. Ao fim de alguns anos as outras mulheres conheciam a vida de Yaya tão detalhadamente que podiam ajudá-la quando ela hesitava ou começava a duvidar da fidelidade da sua memória. E um dia, depois de ouvi-la descrever a sua aldeia, Tamu disse-lhe:

– Se a única coisa de que precisas para te sentires em casa é de uma bananeira, plantaremos uma para ti aqui mesmo.

A princípio ninguém acreditava que fosse possível plantar uma bananeira no Gharb, onde sopravam os ventos do norte vindos de Espanha e chegavam as nuvens espessas do Oceano Atlântico[11]. Mas o mais difícil foi encontrar a árvore. Tamu e Yasmina explicaram repetidamente a todos os comerciantes nómadas que passavam nos seus burros como eram as bananeiras, até que finalmente um lhes levou uma bananeira da região de Marraquexe. Yaya ficou tão excitada ao vê-la que cuidou dela como se fosse uma criança, e quando soprava um vento frio corria a cobri-la com um grande pano branco. Anos mais tarde, quando a bananeira deu os primeiros frutos, as coesposas organizaram uma festa e Yaya vestiu três cafetãs amarelos, enfeitou o turbante com flores e afastou-se a dançar até ao rio, embriagada de felicidade.

O que as mulheres podiam fazer na quinta não tinha realmente limites. Podiam cultivar plantas raras, montar a cavalo, entrar e sair livremente, ou pelo menos assim parecia. Em comparação, o nosso harém de Fez era como uma prisão. Yasmina dizia mesmo que a pior coisa que podia acontecer a uma mulher era separá-la da Natureza.

– A Natureza é a melhor amiga de uma mulher – dizia frequentemente. – Se tens problemas, banha-te no tanque, estende-te num campo, ou contempla as estrelas. É assim que uma mulher cura os seus medos.

11 Isto passava-se na década de 40. Atualmente, graças à tecnologia moderna, cultivam-se bananas e outros frutos equatoriais em toda a planície do Gharb.



7

O INTERIOR DO HARÉM

O nosso harém de Fez estava rodeado por muros altos e, à exceção do pequeno quadrado de céu que se via do pátio, a Natureza não existia. Claro que se se subisse como uma flecha até ao terraço, ver-se-ia que o céu era maior do que a casa, maior do que tudo; mas, contemplada do pátio, a Natureza parecia insignificante. Tinha sido substituída por motivos geométricos e florais nos azulejos, nas madeiras e no estuque. As únicas flores de beleza impressionante que havia na casa eram as dos brocados coloridos que cobriam os divãs e as dos cortinados de seda bordada que protegiam portas e janelas. E se alguém quisesse escapar àquela geometria, era impossível abrir uma persiana para olhar para fora. Todas as janelas davam para o pátio. Nenhuma dava para a rua.

Uma vez por ano, na primavera, íamos em passeio fazer uma *nzaha,* ou piquenique, à quinta do meu tio em Oued Fez, a dez quilómetros da cidade. Os adultos importantes iam em carros, enquanto as crianças, as tias divorciadas e os outros parentes se deslocavam em dois grandes carros alugados para a ocasião. A tia Habiba e Chama levavam sempre pandeiretas e faziam tal algazarra durante o caminho que o condutor perdia a cabeça.

– Se as senhoras não param com isso – costumava exclamar o homem –, saio da estrada e atiro com toda a gente para o vale.

Mas as suas ameaças eram inúteis porque as pandeiretas e as palmas afogavam a sua voz.

No dia do piquenique acordávamos todos ao amanhecer e andávamos às voltas pelo pátio como se fosse um festival religioso; havia grupos por toda a parte: uns organizavam a comida, outros preparavam as bebidas, e por todos os lados se via gente a enrolar panos e tapetes. Chama e a minha mãe encarregavam-se dos baloiços.

– Como é que se pode fazer um piquenique sem baloiços? – diziam quando o meu pai propunha que os esquecessem, porque demorava muito tempo a pendurá-los nas árvores. E costumava acrescentar, só para provocar a minha mãe:

– Para além do mais, os baloiços são ótimos para as crianças. Mas, tratando-se de adultos pesados, as pobres árvores sofreriam.

Enquanto o meu pai falava esperando que a minha mãe se zangasse, ela continuava a embrulhar os baloiços e as cordas sem sequer olhar para ele. E Chama cantava em voz alta: «Se os homens não podem atar os baloiços / as mulheres fá-lo-ão / lá-lá-lá», imitando a melodia aguda do nosso hino nacional, *Magrebuna Watanuna* (Marrocos, a nossa Pátria)[12]. Entretanto, Samir e eu procurávamos febrilmente as nossas alpercatas, porque as nossas mães estavam tão ocupadas que não podíamos contar com a sua ajuda; e Lalla Mani estava a contar o número de copos e de pratos «só para calcular os estragos e ver quantos seriam partidos até ao final do dia». Ela podia passar sem piqueniques, costumava dizer, sobretudo porque, no que dizia respeito à tradição, a sua origem era duvidosa.

– Nem sequer são mencionados nos *hadices* – dizia. – E até poderia ser contado como pecado no dia do Julgamento Final[13].

Costumávamos chegar à quinta a meio da manhã, equipados com dúzias de tapetes, assentos portáteis e *khanuns*[14]. Uma vez estendidos os tapetes, abriam-se os assentos, acendiam-se as fogueiras e preparavam-se os *shish kebabs*. Os bules cantavam em uníssono com os pássaros. Mais tarde, depois do almoço, algumas mulheres dispersavam-se pelo bosque e pelos campos em busca de flores, ervas aromáticas e outras plantas para utilizá-las em tratamentos de beleza. Outras faziam turnos nos baloiços. Só iniciávamos a viagem de regresso a casa após o pôr do sol, e então os portões voltavam a fechar-se atrás de nós. Depois, a minha mãe sentia-se muito infeliz durante dias.

– Quando se passa um dia inteiro entre as árvores – dizia –, torna-se insuportável acordar com quatro paredes como horizonte.

Só se podia entrar em nossa casa passando pelo portão principal, controlado por Ahmed, o porteiro. Mas para sair podia-se utilizar outro caminho: o terraço. Podia-se saltar do nosso para o dos vizinhos e depois sair para a rua pela porta deles. Lalla Mani guardava oficialmente a chave do nosso terraço e Ahmed apagava a luz das escadas quando o sol se punha. Mas como o terraço era utilizado ao longo do dia para diversas atividades domésticas, desde ir buscar azeitonas, que eram ali armazenadas em grandes barricas, até lavar e estender a roupa, frequentemente a chave ficava a cargo da tia Habiba, que ocupava o quarto contíguo.

O acesso ao terraço raramente era vigiado, pela simples razão de que era muito complicado aceder à rua através dele. Para o fazer, era imprescindível ser bom em três habilidades: escalar, saltar e aterrar com agilidade. Quase todas as mulheres sabiam escalar e saltar bastante bem, mas poucas conseguiam aterrar graciosamente. Por isso, de vez em quando aparecia uma com o tornozelo ligado, e toda a gente sabia o que se tinha passado. A primeira vez que desci do terraço fiquei com os joelhos a sangrar e a minha mãe explicou-me que o maior problema da vida de uma mulher era calcular uma boa aterragem.

– Quando embarcas numa aventura – disse –, não tens de pensar na descolagem, mas apenas em como vais aterrar. Por isso, quando tiveres vontade de voar, pensa como e onde acabarás.

Mas havia outra razão mais solene pela qual as mulheres como Chama e a minha mãe consideravam que escapar pelo terraço não era uma alternativa viável ao portão principal. O acesso ao terraço tinha um aspeto clandestino e furtivo que repugnava àqueles que defendiam o direito de as mulheres se movimentarem livremente. Confrontar-se com Ahmed no portão era um ato heroico, mas escapar pelo terraço não trazia consigo a chama inspiradora e subversiva da libertação.

Nenhuma destas intrigas se aplicava à quinta de Yasmina, pois aí o portão não fazia sentido porque não havia muros. E para estar num harém, pensava eu, era necessária uma barreira, uma fronteira. Quando visitámos Yasmina naquele verão, contei-lhe a versão de Chama sobre a criação dos haréns. Quando reparei que não estava a ouvir-me, decidi mostrar-lhe todos os meus conhecimentos históricos e falei-lhe dos romanos e dos seus haréns e de como os árabes se haviam transformado nos sultões do planeta graças às mil mulheres do califa Harun al-Rashid e de como os cristãos tinham enganado os árabes alterando as regras do jogo enquanto eles dormiam. Yasmina riu muito ao ouvir a história e disse que era demasiado ignorante para avaliar os factos históricos, mas que tudo lhe parecia muito divertido e lógico. Perguntei então se a versão de Chama era verdadeira ou falsa e Yasmina respondeu que todo aquele assunto de verdadeiro e falso deveria ser encarado com serenidade. Disse que algumas coisas podiam ser verdadeiras e falsas, e outras nem uma coisa nem outra.

– As palavras são como as cebolas – disse. – Quanto mais cascas se tira, mais significados se encontra. E quando começas a descobrir a multiplicidade de significados, essa história de verdadeiro e falso torna-se irrelevante. Todas as perguntas que tu e Samir têm feito sobre os haréns são muito pertinentes, mas haverá sempre algo mais por descobrir. Agora vou tirar outra casca para ti. Mas lembra-te de que é só uma entre todas as outras.

Disse-me que a palavra «harém» era uma ligeira variação da palavra *haram,* o proibido, o proscrito. Que era o contrário de *halal,* o permitido. Harém era o lugar onde um homem alojava a sua família, a sua mulher ou mulheres, e os seus filhos e parentes. Podia tratar-se de uma casa ou de uma tenda e designava tanto o espaço como as pessoas que viviam nele. Dizia-se «o harém de Sidi Fulano-de-Tal» referindo-se tanto aos membros da sua família como à casa propriamente dita. Uma coisa que me ajudou a compreender isto melhor foi quando Yasmina explicou que Meca, a cidade santa, também se chamava *haram.* Meca era um lugar onde o comportamento era estritamente codificado. Quando uma pessoa chegava à cidade, ficava submetida a uma série de leis e regulamentos: as pessoas que entravam em Meca tinham de ser puras, tinham de realizar rituais de purificação e não podiam mentir, enganar nem cometer más ações. A cidade pertencia a Alá e se se entrava no seu território tinha de se cumprir a sua lei sagrada ou *Shari'a.* E o mesmo se aplicava a um harém quando se tratava de uma casa pertencente a um homem: os outros homens não podiam entrar nela sem autorização do dono, e quando o faziam tinham de obedecer às suas regras. Um harém tinha a ver com o espaço privado e as regras que o regiam. E não eram precisos muros, disse-me Yasmina. Uma vez que uma pessoa sabia o que era proibido, tinha o harém no seu íntimo. Tinha-o na cabeça, «gravado na testa e debaixo da pele». A ideia de um harém invisível, uma lei tatuada na mente, parecia-me terrivelmente inquietante. Não me agradava nada e Yasmina teve de mo explicar melhor.

Disse que a quinta era um harém, mas não tinha muros.

– Só são precisos muros quando há ruas!

Mas se alguém decidia viver no campo, como o avô, então não necessitava de portões, porque estava no meio dos campos e não havia transeuntes. As mulheres podiam sair livremente porque não havia homens estranhos a rondá-las e a espiá-las. Podiam cavalgar ou passear horas a fio sem ver vivalma. E se por acaso encontravam um camponês no caminho e ele via que não tinham o véu posto, cobriria a cabeça com o capuz da *djellaba* para mostrar que não estava a olhar para elas. Por isso, neste caso, disse-me Yasmina, o harém estava na mente do camponês, gravado algures sob a sua testa. Ele sabia que as mulheres da quinta pertenciam ao avô Tazi e que não tinha o direito de olhar para elas.

Essa história de andar por aí com uma fronteira na cabeça perturbou-me e levei discretamente a mão à testa para me certificar de que estava lisa, só para ver se por acaso estava livre do harém. Mas nessa altura a explicação de Yasmina pareceu-me ainda mais alarmante porque a seguir me disse que todos os espaços onde entrava tinham regras próprias que eram invisíveis e que uma pessoa tinha de decifrar.

– E quando digo «espaço» – continuou –, refiro-me a qualquer espaço: um pátio, um terraço, um quarto ou mesmo a rua, se for preciso. Onde há seres humanos há uma *qa'ida,* ou regra invisível. Se a respeitares, nada de mal te acontecerá.

Lembrou-me que, em árabe, *qa'ida* tinha vários significados, todos eles com uma premissa básica comum. Uma lei matemática ou um sistema legal era uma *qa'ida,* tal como acontecia com os

alicerces de um edifício. *Qa'ida* era também um costume ou um código de comportamento. A *qa'ida* estava por toda a parte. Nessa altura acrescentou algo que me assustou verdadeiramente:

– Infelizmente, a *qa'ida* funciona quase sempre contra as mulheres.

– Porquê? Isso não é justo, pois não? – perguntei, aproximando-me mais para não perder nenhuma palavra.

O mundo, disse Yasmina, não se preocupava em ser justo com as mulheres. As regras eram feitas de forma a despojarem-nas de uma forma ou de outra. Por exemplo, disse, tanto os homens como as mulheres trabalhavam da alvorada até à noite. Mas os homens ganhavam dinheiro e as mulheres não. Essa era uma das regras invisíveis. E quando uma mulher trabalhava arduamente e não ganhava dinheiro, estava enfiada num harém embora não visse os muros.

– Talvez as regras sejam cruéis porque não são feitas pelas mulheres – foi a conclusão de Yasmina.

– E porque não são feitas pelas mulheres? – perguntei.

– Sê-lo-ão no momento em que as mulheres forem espertas e começarem a fazer-se essa mesma pergunta – respondeu ela – em vez de cozinharem e esfregarem docilmente. Descobrirão então a forma de alterar as regras e voltar o planeta do avesso.

– E quanto tempo demorará até isso acontecer? – perguntei.

– Muito tempo – respondeu Yasmina.

A seguir perguntei-lhe se podia explicar-me como decifrar a regra invisível ou *qa'ida* quando entrava num espaço novo. Havia sinais ou algo tangível que eu pudesse procurar? Não, respondeu ela, infelizmente não havia indícios, exceto a violência posterior ao facto. Porque seria castigada no momento em que desobedecesse a uma regra invisível. Contudo, observou que muitas das coisas que as pessoas mais gostavam de fazer na vida, como passear, descobrir o mundo, cantar, dançar e exprimir uma opinião, figuravam muitas vezes na categoria do estritamente proibido. Na verdade, a *qa'ida,* a regra invisível, muitas vezes era pior do que os muros e os portões. Com os muros e os portões pelo menos uma pessoa sabia em que águas navegava.

Perante tais palavras, quase desejei que todas as regras se transformassem subitamente em fronteiras e muros visíveis diante dos meus próprios olhos. Mas depois tive outra ideia inquietante. Se a quinta de Yasmina era um harém, apesar do facto de não ter muros visíveis, o que significava então *hurriya* ou liberdade? Transmiti a minha ideia a Yasmina e ela pareceu um pouco preocupada; disse que gostaria que eu brincasse com as outras crianças e deixasse de me preocupar com muros, regras, restrições e o significado de *hurriya.*

– Se pensares demasiado em muros e regras, perderás a oportunidade de ser feliz, minha querida pequena – disse. – O objetivo principal da vida de uma mulher é a felicidade. Por isso, não desperdices o teu tempo à procura de muros para dares com a cabeça contra eles.

Para me fazer rir, Yasmina deu um salto, correu para a parede e fingiu dar cabeçadas contra ela, gritando:

– Ai, ai! A parede está a magoar-me! A parede é minha inimiga!

Desatei a rir à gargalhada, aliviada por saber que, apesar de tudo, a felicidade era possível. Yasmina olhou-me fixamente, levou um dedo à têmpora e perguntou-me:

– Percebes o que quero dizer?

Claro que percebia o que Yasmina queria dizer, e a felicidade pareceu-me absolutamente possível, apesar dos haréns, fossem eles visíveis ou invisíveis. Abracei-a e enquanto ela me

apertava e me deixava brincar com as suas pérolas cor-de-rosa, murmurei-lhe ao ouvido:

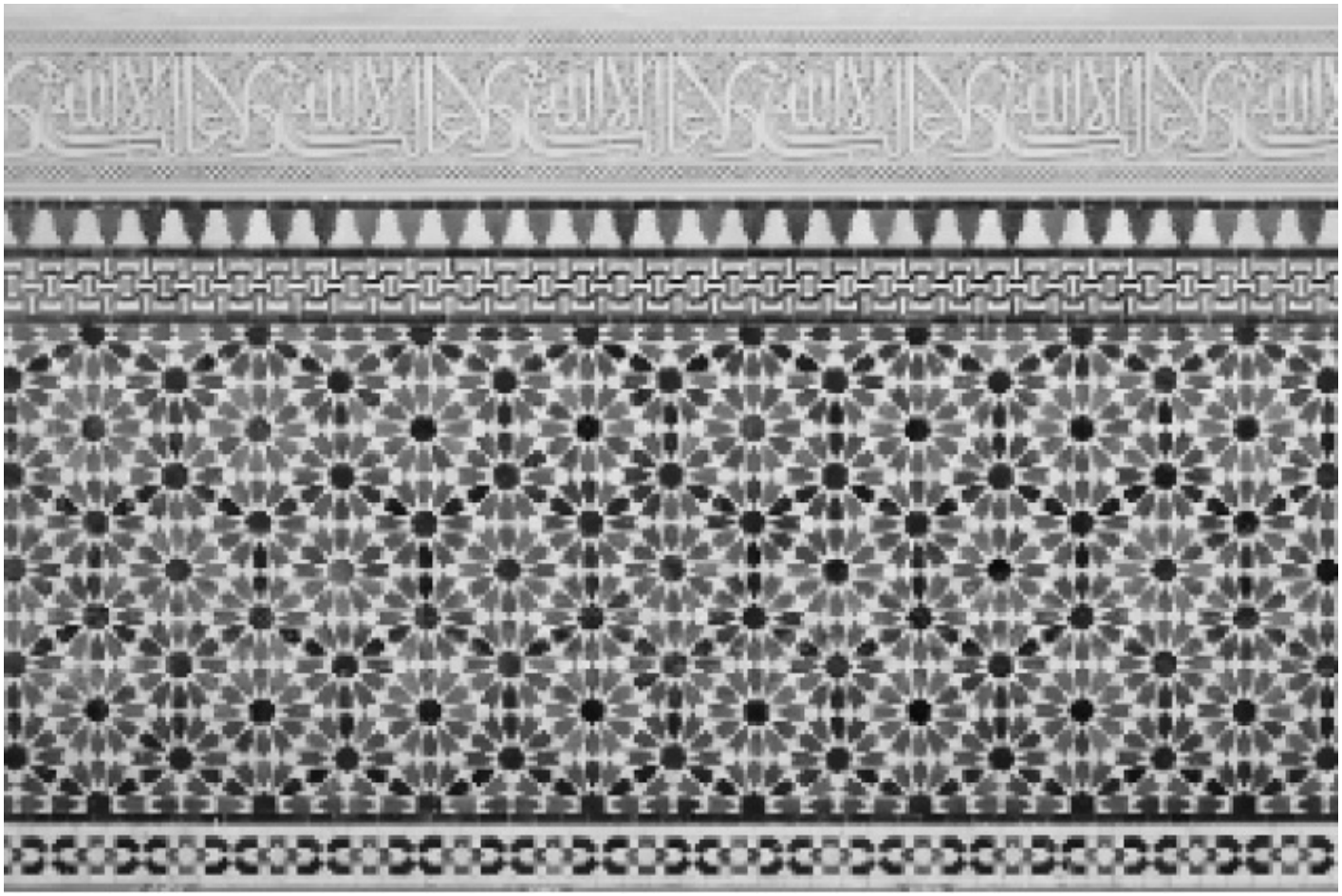
– Adoro-te, Yasmina. A sério. Achas que vou ser uma mulher feliz?

– Claro que sim! – exclamou ela. – Serás uma senhora educada e moderna. Realizarás o sonho dos nacionalistas. Aprenderás línguas estrangeiras, terás passaporte e falarás como uma autoridade religiosa. No mínimo, terás uma vida mais confortável do que a da tua mãe. Lembra-te de que mesmo eu, inculta e de pés e mãos atadas pela tradição, consegui tirar alguma felicidade desta maldita vida. Por isso não quero que estejas sempre a pensar em fronteiras e em barreiras. Quero que penses antes no divertimento, na alegria e na felicidade. Esse é um bom projeto para uma jovem ambiciosa.

12 Magrebe é o nome árabe de Marrocos, a terra do sol poente, de *Gharb* (Ocidente).

13 O *hadiz* é uma compilação dos atos e afirmações do profeta Maomé. Recolhidos e escritos depois da sua morte, são uma das primeiras fontes do Islão, sendo a primeira o *Corão*, o livro revelado diretamente por Alá ao seu profeta.

14 *Khanuns* são uma espécie de recipientes de carvão portáteis, o equivalente marroquino do churrasco. Podem ser metálicos ou em cerâmica.



8

LAVA-LOIÇAS AQUÁTICO

Para chegar à quinta de Yasmina só tínhamos de viajar algumas horas, embora parecesse que partíamos para uma das longínquas ilhas da tia Habiba no mar da China. As mulheres da quinta faziam coisas de que nós, na cidade, nem sequer tínhamos ouvido falar, como pescar, trepar às árvores e banhar-se num riacho que desaguava no rio Sebu antes de chegar ao Oceano Atlântico. Desde que Tamu chegara ao norte, as mulheres tinham inclusive começado a participar em corridas de cavalos. Já montavam a cavalo antes da chegada de Tamu, mas só o faziam discretamente, quando os homens não estavam, e na realidade nunca tinham ido muito longe. Tamu transformara a equitação num ritual solene, com regras fixas, treinos e aparatosas cerimónias de entrega de prémios e condecorações.

A vencedora da corrida recebia um prémio providenciado pela última a chegar à meta: uma enorme *pastilla,* o mais delicioso dos variados manjares de Alá. A *pastilla é* doce e salgada, feita com carne de pombo e frutos secos, açúcar e canela. Oh! A *pastilla* estala quando é mastigada e tem de ser comida com gestos delicados e sem pressas, senão ficamos com a cara cheia de canela e açúcar. Preparar uma *pastilla* demora vários dias porque é feita com camadas de massa quase transparentes, recheada de amêndoas torradas moídas e muitas outras surpresas. Yasmina costumava dizer que se as mulheres fossem espertas, não serviriam aquela maravilha como parte das suas obrigações domésticas, mas vendê-la-iam e ganhariam algum dinheiro.

À exceção de Lalla Thor, que era uma mulher urbana com a pele muito branca e mortiça, a maioria das mulheres do meu avô possuía as inconfundíveis feições rurais do Marrocos montanhoso. Também ao contrário de Lalla Thor, que nunca fazia tarefas domésticas e andava sempre com três capas de cafetã descontraidamente caídas até ao tornozelo, as outras mulheres do avô recolhiam-nas e enfiavam-nas nos cintos e arregaçavam as mangas debaixo dos braços com cintas elásticas coloridas para que parecessem o *takhmal*[15] tradicional. Este tipo de vestuário permitia-lhes movimentarem-se com rapidez durante todo o dia, desempenhando as tarefas domésticas e dando de comer a pessoas e animais.

Uma das preocupações constantes das coesposas era tornar o trabalho doméstico mais divertido. Um dia, Mabruka, que adorava nadar, propôs lavarem os pratos no rio. Lalla Thor ficou escandalizada e disse que semelhante ideia era totalmente contrária à civilização muçulmana.

– Estas camponesas acabarão por destruir completamente a reputação desta casa – resmungou. – Tal como o venerável historiador Ibn Khaldun previu há seiscentos anos no seu *Muqaddimah,* quando disse que o Islão era essencialmente uma cultura urbana e os camponeses a sua ameaça[16]. Ter tantas mulheres da montanha só podia levar ao desastre.

Yasmina replicou que Lalla Thor seria muito mais útil aos muçulmanos se deixasse de ler livros antigos e se começasse a trabalhar como todas as outras. Mas Lalla Thor sentia tais ciúmes da ideia de as outras coesposas se divertirem um pouco que a contou ao avô, que chamou Mabruka e Yasmina à sua presença para lhe explicarem a sua ideia. Elas argumentaram logo que embora

fossem ambas camponesas ignorantes, não eram parvas e não podiam aceitar as palavras de Ibn Khaldun como sagradas. Bem vistas as coisas, disseram, ele fora apenas um historiador. Estavam dispostas a renunciar de boa vontade à sua ideia se Lalla Thor lhes mostrasse uma *fatwa,* um decreto das autoridades religiosas da mesquita Qarauíne, que proibisse as mulheres de lavar os pratos no rio; mas até lá fariam como entendessem. Afinal de contas, o rio era criação de Alá, uma manifestação do seu poder; e se nadar fosse um pecado, pagariam por isso quando chegasse o seu dia do Juízo Final.

Impressionado pela lógica dos argumentos, o avô deu por encerrada a reunião dizendo que se sentia satisfeito por no Islão a responsabilidade ser um assunto pessoal.

Na quinta, como em todos os haréns, as tarefas domésticas realizavam-se seguindo um estrito esquema rotativo. As mulheres organizavam-se em equipas reduzidas, de acordo com a amizade e os interesses, e dividiam as tarefas. A equipa que durante uma semana se encarregava de cozinhar, na seguinte lavava o chão; na terceira preparava o chá e o café e tomava conta das bebidas; na quarta lavava os pratos e na quinta relaxava e descansava. Raramente as mulheres formavam um único grupo para realizar uma tarefa. A exceção era a lavagem dos pratos, uma tarefa habitualmente aborrecida; com o plano de Mabruka, pelo menos nos verões em que eu lá passei, transformou-se numa fantástica exibição aquática, com participantes, espectadores e até claques.

As mulheres formavam duas filas na margem do rio. As da primeira fila metiam-se quase completamente vestidas com água até aos joelhos. As mulheres da segunda fila, que tinham de ser boas nadadoras, metiam-se na água até à cintura e muitas vezes só levavam vestida a *qamis,* enrolada e bem presa ao cinto. Também costumavam levar a cabeça descoberta, porque não podiam lutar contra a corrente se tivessem de se preocupar com a possibilidade de perder os lenços e turbantes de preciosa seda bordada. A primeira fila fazia a lavagem inicial, esfregando panelas, frigideiras e *tagines* (tachos de barro), com *tadekka,* uma pasta feita com areia e argila que recolhiam na margem do rio. Depois entregavam as frigideiras e panelas às mulheres da segunda fila para que fizessem outra lavagem. Entretanto, o resto da louça passava de mão em mão no sentido contrário à corrente, para tirar bem a *tadekka.*

Finalmente aparecia em cena Mabruka, a estrela nadadora. Raptada numa aldeia próxima à cidade costeira de Agadir durante a guerra civil que se seguira à tomada do poder pelos franceses, Mabruka passara a infância a mergulhar de altos penhascos para o oceano. Não só nadava como um peixe e aguentava muito tempo debaixo de água, como também salvara muitas das coesposas das fortes correntes que as arrastariam até Kenitra, a cidade onde o rio Sebu desagua no mar. A sua tarefa na lavagem da louça consistia em recuperar as panelas e frigideiras que escapavam às outras mulheres, lutando contra a corrente para as trazer de novo para terra. Quando aparecia à superfície com uma frigideira ou um prato na cabeça, as mulheres irrompiam em gritos e aplausos, e nessa mesma noite a «infratora» que deixara escapar o prato tinha de lhe conceder um desejo, que variava segundo os seus talentos. Quando a culpada era Yasmina, Mabruka pedia-lhe *sfinge,* os incomparáveis bolos da minha avó.

Quando as panelas estavam limpas, entregavam-nas a Yasmina, que por sua vez as passava a Krisha, o homem-chave de toda a operação. Krisha significa literalmente «a barriga» e era a alcunha que todas as senhoras tinham posto a Mohammed al-Garbaui, o seu condutor preferido e que mimavam muito. Krisha nascera na planície do Gharb, entre Tânger e Fez. Vivia com a sua mulher Zina a uns cem metros da quinta e nunca saíra da sua aldeia, mas tinha a certeza de que não

perdia grande coisa.

– Não existe no mundo lugar mais belo do que o Gharb, à exceção de Meca – costumava dizer.

Krisha era muito alto e usava sempre um impressionante turbante branco e um espesso albornoz castanho que punha aos ombros com elegância. Parecia uma pessoa autoritária, mas na verdade não o era. Não estava interessado em exercer poder nem em defender a ordem. Aborrecia-o impor regras. Era apenas uma pessoa simpática que acreditava que todas as criaturas de Alá tinham inteligência suficiente para se comportar e agir de uma forma responsável, começando pela sua mulher, que pouco fazia em casa e não sofria quaisquer consequências por isso.

– Se ela não gosta do trabalho doméstico – dizia ele – , não faz mal. Não vou divorciar-me por isso. Cá nos arranjaremos.

Krisha não era o que se pode chamar um homem ocupado. Quando não conduzia a sua carroça, estava a comer ou a dormir, embora costumasse participar nas atividades das mulheres, sobretudo quando era necessário transportar pessoas e objetos.

Sem a ajuda de Krisha, lavar a loiça no rio teria sido impossível, uma vez que em muitos casos se tratava de pesadas panelas de cobre, frigideiras de ferro e tachos de barro que pesavam mais de seis quilos cada um (para cozinhar para uma família extensa como a da quinta eram precisas panelas e frigideiras muito grandes). Teria sido impossível transportar estes utensílios até à margem do rio sem a ajuda de Krisha e da sua carroça puxada por cavalos. Krisha, o barriga, não conseguia resistir a uma boa refeição, e se lhe preparassem o seu cuscuz preferido, com passas, pombos recheados e abundantes cebolas doces, era capaz de mover montanhas.

Uma das obrigações oficiais de Krisha consistia em levar as mulheres ao *hammam* ou banhos públicos de duas em duas semanas. Os banhos ficavam situados numa aldeia vizinha, Sidi Slimane, a dez quilómetros da quinta, e era muito divertido ir com Krisha. As mulheres não paravam de dar saltos na carroça e de dois em dois minutos pediam-lhe que parasse «para fazerem chichi». Ele respondia sempre a mesma coisa, que fazia toda a gente rir:

– Senhoras, é aconselhável e até recomendável que façam chichi nas vossas *sarwal* (calças). O mais importante é que, façam ou não chichi, continuem nesta maldita carroça até eu chegar são e salvo a Sidi Slimane.

Quando chegavam a Sidi Slimane, Krisha descia lentamente do assento do condutor e, de pé na calçada, contava as mulheres com os dedos à medida que iam entrando.

– Não desapareçam no vapor, senhoras, por favor – costumava dizer-lhes. – Preciso que todas respondam «presente» quando voltarmos esta noite.

Oh, era um delírio na quinta de Yasmina!

15 A palavra *takhmal* vem do verbo árabe coloquial *khammal*, «fazer a limpeza». O *takhmal* é uma fita elástica ou uma longa fita bordada que as mulheres utilizavam para segurar as mangas compridas arregaçadas. Agarravam na fita com um metro de comprimento, atavam-na em forma de laço e enroscavam-na de maneira a formar um oito. Metiam o braço no laço, por forma a que o nó ficasse nas suas costas, e enfiavam a manga arregaçada até à axila. Para ocultar o aspeto prático do *takhmal*, muitas mulheres bordavam o laço ou a fita elástica com contas e pérolas. As mulheres ricas utilizavam colares de pérolas ou correntes de ouro em vez de laços e fitas.

16 Um dos mais brilhantes historiadores sociais do Islão, Ibn Khaldun, viveu na Espanha muçulmana durante o século XIV. Na sua obra-prima, *Muqaddimah* (Introdução), tentou submeter a História a uma análise meticulosa para descobrir os seus princípios orientadores. Ao fazê-lo, identificava as populações urbanas como os pólos positivos da cultura muçulmana e as populações periféricas, camponeses e nómadas, como os pólos negativos e destruidores. Esta noção dos centros urbanos como berço das ideias, da cultura e da riqueza, e das populações rurais como improdutivas, rebeldes e indisciplinadas, está fortemente enraizada em todas as ideias árabes de desenvolvimento até aos dias de hoje. O epíteto *arubi*, ou seja, «pessoa de origem rural», é ainda hoje considerado um insulto em Marrocos.



© Attila Jandi/Shutterstock.com

9

NOITES DE ALEGRIA AO LUAR

Na quinta de Yasmina nunca se sabia a que horas se comeria. Por vezes só se lembrava no último minuto que tinha de me dar de comer e tentava convencer-me de que umas azeitonas e um pedaço do excelente pão que cozera ao nascer do dia seriam suficientes. Mas no nosso harém de Fez era uma história completamente diferente. Comíamos a horas fixas, e nada entre as refeições.

Para as refeições em Fez, devíamos sentar-nos nos lugares marcados numa das quatro mesas comuns. A primeira mesa era para os homens, a segunda para as mulheres importantes e a terceira para as crianças e as mulheres menos importantes, o que nos fazia felizes, porque significava que a tia Habiba comia connosco. A última mesa era reservada aos criados e a todos os que chegavam tarde, independentemente da sua idade, posição hierárquica ou sexo. Geralmente essa mesa estava sempre cheia, e para todos os que cometiam o erro de se atrasarem era a última oportunidade de poder comer algo.

O que a minha mãe mais odiava na vida comunitária era comer a horas fixas. Estava sempre a aborrecer o meu pai com a possibilidade de se emancipar e ir viver para outro lugar com a nossa família mais chegada. Os nacionalistas defendiam a abolição da reclusão e do véu, mas nem sequer mencionavam o direito de um casal se tornar independente da sua família. Na verdade, a maioria dos líderes viviam com os seus pais. O movimento nacionalista masculino apoiava a libertação das mulheres mas não aceitava a ideia de que os velhos vivessem sós, nem que os casais se emancipassem e vivessem em casas separadas. Nenhuma destas ideias parecia correta ou elegante.

A ideia de almoçar a uma hora fixa desagradava particularmente à minha mãe. Costumava ser a última a acordar e gostava de tomar um pequeno-almoço tardio e abundante que, numa extravagante atitude de desafio, ela mesma preparava para si própria sob o olhar crítico da avó Lalla Mani. Fazia ovos mexidos e *baghrir,* crepes finos cobertos de mel puro e manteiga fresca e, claro, chá em abundância. Tomava o pequeno-almoço normalmente às onze em ponto, mesmo quando Lalla Mani se dispunha a iniciar a cerimónia de purificação para a oração do meio-dia. Duas horas mais tarde e já na mesa comum, por vezes a minha mãe era completamente incapaz de comer fosse o que fosse. Outras vezes dispensava o almoço pura e simplesmente, sobretudo quando queria aborrecer o meu pai, porque abdicar de uma refeição era considerado um comportamento bastante grosseiro e além disso assumidamente individualista. A minha mãe sonhava viver sozinha com o meu pai e os filhos.

– Quem ouviu falar de dez pássaros apertados no mesmo ninho? – dizia. – Não é natural viver num grupo grande, a menos que o objetivo seja tornar as pessoas infelizes.

Embora o meu pai dissesse que na realidade não sabia como os pássaros viviam, compreendia a minha mãe e sentia-se dividido entre o seu dever para com a família tradicional e o desejo de a tornar feliz. Sentia-se culpado por romper a solidariedade familiar, pois compreendia perfeitamente que as famílias numerosas em geral e a vida do harém em particular se estavam a transformar rapidamente em relíquias do passado. Chegava mesmo a profetizar que dentro de poucas décadas seríamos como os cristãos, que raramente visitavam os seus velhos pais. Na verdade, muitos dos

meus tios já tinham saído da grande casa familiar e quase nunca arranjavam tempo para visitar Lalla Mani às sextas-feiras, depois da oração.

«Os seus filhos já nem sabem beijar as mãos», costumava dizer a cantilena. Para piorar as coisas ainda mais, todos os meus tios só se tinham ido embora quando a oposição das suas mulheres à vida em comum se tornara insuportável. Era isto que dava esperanças à minha mãe.

O primeiro a deixar a grande família foi o tio Karim, o pai da prima Malika. A sua mulher adorava música e gostava de cantar acompanhada pelo tio Karim, que tocava alaúde maravilhosamente. Mas ele quase nunca acedia ao desejo da mulher em passar todo um serão a cantar no salão deles, porque o irmão mais velho, o tio Ali, considerava impróprio que os homens cantassem ou tocassem um instrumento musical. Finalmente, um dia a mulher do tio Karim agarrou nos filhos e voltou para casa dos pais, dizendo que não fazia tenções de voltar a viver numa casa comum. Então o tio Karim, um homem alegre que muitas vezes se sentira constrangido com a disciplina da vida no harém, viu a oportunidade de se ir embora a aproveitou-a, com a desculpa de que preferia ceder aos desejos da mulher do que estragar o casamento. Pouco tempo depois os meus outros tios saíram também, um atrás do outro, até que só ficaram em casa o meu pai e o tio Ali. Por isso, a partida do meu pai teria significado a morte da nossa grande família.

– Enquanto a minha mãe viver – costumava dizer –, não atraiçoarei a tradição.

No entanto, o meu pai amava tanto a sua mulher que se sentia infeliz por não ceder aos seus desejos e nunca deixou de lhe propor concessões recíprocas. Uma delas foi providenciar um armário cheio de comida para que ela pudesse comer discretamente, separada do resto da família. Porque um dos inconvenientes da casa comum era que ninguém podia abrir o frigorífico sem mais nem menos quando tinha fome, nem tirar o que quisesse. Em primeiro lugar, porque na altura não havia frigoríficos. Mas principalmente porque no harém se vivia ao ritmo do grupo, não se podia comer quando nos apetecia. Lalla Radia, a mulher do meu tio, tinha a chave da despensa e embora depois do jantar perguntasse sempre o que nos apetecia comer no dia seguinte, tínhamos sempre de comer o que o grupo decidisse após prolongada discussão. Se o grupo escolhesse cuscuz com ervilhas e passas, então era isso que comíamos. E se por acaso alguém odiasse ervilhas e passas, não tinha alternativa senão calar-se e contentar-se com uma refeição frugal à base de azeitonas e muita discrição.

– Que perda de tempo estas discussões intermináveis sobre as refeições! – dizia a minha mãe. – Os árabes fariam muito melhor se deixassem cada qual decidir o que quer comer. Obrigar toda a gente a partilhar três refeições diárias só complica as coisas. E para que sagrado fim? Nenhum, claro.

Depois começava a lamentar-se de que toda a sua vida era um absurdo e que nada fazia sentido, enquanto o meu pai se limitava a dizer que não podia ir-se embora sem mais nem menos, pois se o fizesse a tradição desapareceria.

– Vivemos tempos difíceis, o país está ocupado pelos exércitos estrangeiros e a nossa cultura está ameaçada. A única coisa que nos resta são estas tradições.

Este raciocínio do meu pai punha a minha mãe fora de si.

– Achas que ficando juntos nesta casa enorme e absurda conseguiremos a força necessária para expulsar os exércitos estrangeiros? E o que é mais importante, em todo o caso: a tradição ou a felicidade das pessoas?

Isto punha um ponto final brusco na conversa. O meu pai tentava acariciar-lhe a mão, mas a minha

mãe retirava-a.

– Esta tradição asfixia-me – murmurava ela com lágrimas nos olhos.

Por isso o meu pai continuava a oferecer-lhe soluções de compromisso. Não só lhe proporcionou a sua própria provisão de alimentos como também lhe levava coisas de que ela gostava, como tâmaras, nozes, amêndoas, mel, farinha e azeites requintados. Ela podia preparar todas as sobremesas *e* bolachas que quisesse, mas não devia cozinhar um prato de carne ou uma refeição principal, pois isso significaria o princípio do fim da ordem comunitária. Os seus pequenos-almoços individuais aparatosamente preparados eram já uma grande bofetada no resto da família. Frequentemente a minha mãe conseguia arranjar maneira de preparar um almoço ou um jantar completos, mas devia ser discreta e conferir-lhe um certo tom exótico. A sua tática mais comum era disfarçá-lo de lanche-jantar servido no terraço.

Estes ocasionais jantares ao luar durante as noites de verão eram outra oferta de paz do meu pai para acalmar um pouco a ânsia de privacidade de minha mãe. Mudávamo-nos para o terraço como nómadas, com colchões, mesas, bandejas e o berço do meu irmãozinho, que colocávamos no meio de tudo. A minha mãe ficava absolutamente louca de alegria. Ninguém do pátio se atrevia a aparecer porque compreendiam perfeitamente que a minha mãe tentava fugir das outras pessoas. O que ela mais apreciava era que o meu pai saísse da sua autocontrolada pose convencional. Depois começava a comportar-se como uma pateta ou uma criança pequena e desafiava o meu pai para a perseguir pelo terraço.

– Já não consegues correr, estás demasiado velho! – dizia-lhe. – Só serves para te sentar a tomar conta do berço do teu filho.

O meu pai, que até esse momento tinha estado a sorrir, olhava-a como se ela tivesse acabado de dizer algo que não o afetava minimamente. Mas depois o seu sorriso desaparecia e começava a correr atrás dela pelo terraço, saltando por cima dos divãs e dos tabuleiros de chá. Às vezes inventavam jogos que incluíam a minha irmã, eu própria e Samir (que era o único do resto da família a quem permitiam assistir às nossas reuniões ao luar).

Mas o mais frequente era esquecerem-se do resto do mundo e no dia seguinte passávamos o tempo a espirrar porque nessa noite se tinham esquecido de nos tapar.

Depois destas noites maravilhosas, a minha mãe costumava passar uma semana estranhamente tranquila e sorridente. Em seguida dizia-me que, fizesse o que fizesse da minha vida, tinha de a vingar.

– Quero que a vida das minhas filhas seja excitante, muito excitante e cem por cento feliz, nada mais, nada menos – dizia.

Eu levantava a cabeça, olhava para ela muito séria e perguntava-lhe o que significava ser feliz a cem por cento, porque queria que soubesse que me propunha fazer todo o possível por consegui-lo.

Uma pessoa era feliz, explicava-me ela, quando se sentia bem, alegre, criativa, satisfeita, amando, sendo amada e livre. Uma pessoa infeliz tinha a sensação de que existiam barreiras que esmagavam os desejos e os talentos que tinha no seu íntimo. Uma mulher feliz era aquela que podia exercer todo o tipo de direitos, desde o direito de se movimentar até ao direito a criar, competir e desafiar e, ao mesmo tempo, sentir-se amada por fazê-lo. Parte da felicidade consistia em ser amada por um homem que apreciasse a força da sua mulher e se orgulhasse dos seus talentos. A felicidade também tinha a ver com o direito à privacidade, o direito a renunciar à companhia dos outros e mergulhar numa solidão contemplativa. Ou com o facto de uma pessoa se sentar sozinha

durante um dia inteiro, sem fazer nada e sem ter de se desculpar ou de se sentir culpada por isso. A felicidade era estar com os seres amados e apesar disso sentir que existíamos enquanto ser individual, que não vivíamos só para fazer os outros felizes. A felicidade era o equilíbrio entre o que se dava e o que se recebia. Perguntei-lhe então se era muito feliz, só para ter uma ideia, e ela disse-me que variava com os dias. Nalguns dias era feliz apenas a cinco por cento; noutros, como as noites que passava com o meu pai no terraço, era feliz a cem por cento.

Quando era pequena, aspirar a cem por cento de felicidade parecia-me um pouco excessivo, sobretudo porque via o quanto a minha mãe trabalhava para esculpir os seus momentos de felicidade. Quanto tempo e energia empenhava naquelas maravilhosas noites ao luar, sentada ao lado do meu pai e falando-lhe ternamente ao ouvido com a cabeça encostada no seu ombro! A mim parecia-me um grande feito, porque ela levava dias a convencê-lo, e depois tinha de tratar de toda a logística, de cozinhar e de se encarregar do transporte das coisas. Era impressionante trabalhar com aquela determinação só para conseguir algumas horas de felicidade, e pelo menos eu sabia que isso era possível. Mas como, perguntava-me, ia eu criar um nível de excitação tão alto e mantê-lo durante uma vida inteira? Bem, se a minha mãe achava que era possível, eu devia pelo menos tentá-lo.

– Os tempos vão melhorar para as mulheres, minha filha – dizia-me ela. – Tu e a tua irmã vão ter uma boa educação, vão andar livremente pelas ruas e descobrir o mundo. Quero que vocês se tornem independentes, independentes e felizes. Quero que brilhem como luas. Quero que a vossa vida seja uma torrente de prazeres serenos. Felicidade a cem por cento. Nada mais, nada menos.

Mas quando lhe pedia mais pormenores sobre como criar essa felicidade, a minha mãe impacientava-se.

– Tens de trabalhar nisso – dizia. – Os músculos para se ser feliz desenvolvem-se do mesmo modo que os que servem para andar ou para respirar.

Por isso todas as manhãs eu sentava-me no patamar do nosso salão a contemplar o pátio deserto e a sonhar com o meu maravilhoso futuro, com uma torrente de prazeres serenos. Lutar pelas noites românticas no terraço ao luar, desafiar o marido amado a esquecer as suas obrigações sociais, descontrair, brincar e contemplar as estrelas enquanto ele segurava na minha mão podia ser uma maneira de desenvolver os músculos para a felicidade. Esculpir noites suaves nas quais o som do riso se misturava com as brisas primaveris, podia ser outra.

Mas aquelas noites mágicas eram raras, ou pelo menos assim pareciam. A vida seguia sempre o seu curso rígido e disciplinado. Na casa Mernissi, os saltos e as brincadeiras não eram permitidos; tudo isso estava confinado a momentos e espaços clandestinos, tais como os fins de tarde no pátio quando os homens estavam fora, ou as noites nos terraços desertos.



10

O SALÃO DOS HOMENS

Na nossa casa, o problema com o entretenimento, o divertimento e a brincadeira era que os distraídos facilmente os perdiam. Nunca eram planeados com antecedência, a menos que a prima Chama ou a tia Habiba se encarregassem de o fazer, e mesmo nessas alturas estavam sujeitos a grandes limitações de espaço. As sessões de histórias da tia Habiba e as peças de teatro da prima Chama tinham de desenrolar-se no andar de cima. No pátio nunca era possível haver grandes divertimentos, era um lugar demasiado público. No momento exato em que nos começávamos a divertir, chegavam os homens com os seus planos, que normalmente implicavam grandes discussões, como analisar assuntos de negócios, ouvir rádio e discutir as notícias ou jogar cartas; e nessas alturas tínhamos de ir para outro sítio qualquer. Um bom espetáculo exige concentração e de silêncio, por forma a que o mestre de cerimónias, os contadores de histórias e os atores possam criar a sua magia. No pátio era impossível criar magia, com tantas pessoas a subirem e a descerem pelas escadas ou a falar de um patamar para o outro. E é claro que ninguém podia criar magia quando os homens estavam a falar de política, ou seja, a ouvir a rádio pelos altifalantes ou a ler a imprensa local e internacional.

As discussões políticas dos homens tinham sempre um grande conteúdo emocional. Se ouvíssemos atentamente o que diziam, tinha-se a impressão de que se aproximava o fim do mundo (a minha mãe dizia que se acreditássemos na telefonia e nos comentários dos homens, o planeta já teria desaparecido há muito tempo). Falavam dos alemães, uma nova raça de cristãos que estavam a derrotar os franceses e os ingleses, e falavam da bomba que os americanos tinham lançado no Japão, que era uma das nações asiáticas próximas da China, mil quilómetros a leste de Meca. A bomba não só havia matado milhares e milhares de pessoas e derretido os seus corpos, como também arrancara florestas inteiras da superfície da terra. As notícias sobre aquela bomba mergulharam o meu pai, o tio Ali e os meus primos num profundo desespero, porque se os cristãos haviam lançado aquela bomba sobre os asiáticos que viviam tão longe, seria apenas uma questão de tempo até atacarem os árabes.

– Mais cedo ou mais tarde – dizia o meu pai –, também tentarão queimar os árabes.

Samir e eu adorávamos as discussões políticas porque os homens aceitavam a nossa presença num salão cheio de gente. O meu tio e o meu pai, ambos comodamente vestidos com uma *djellaba* branca, sentavam-se rodeados pela *chabab,* a juventude, isto é, as dúzias de adolescentes e jovens rapazes solteiros que viviam na casa. O meu pai costumava meter-se com eles por causa do seu incómodo e apertado vestuário ocidental, e dizia que eles deveriam sentar-se em cadeiras. Mas claro que toda a gente detestava as cadeiras; os divãs eram mais cómodos.

Eu costumava saltar para o colo do meu pai e Samir para o do seu. O meu tio sentava-se com as pernas cruzadas no centro do divã mais alto, com a sua *djellaba* e o seu turbante de um branco imaculado, e Samir no seu colo com uns calções príncipe de Gales. Eu enroscava-me no colo do meu pai, muito bem arranjada com um dos meus curtíssimos vestidos franceses, com laços de cetim

na cintura. A minha mãe insistia sempre em vestir-me à última moda ocidental: vaporosos vestidos curtos de renda com laços às cores e sapatos pretos brilhantes. O único problema é que ela ficava numa fúria quando eu sujava o vestido ou desmanchava os laços, e eu costumava suplicar-lhe que me deixasse pôr as cómodas *sarwal* (calças do harém) ou qualquer vestuário tradicional, que requeriam menos cuidados. Mas a minha mãe queria tanto que eu me libertasse da tradição que só me deixava usar o cafetã em dias de festa religiosa, quando o meu pai insistia muito.

– A roupa revela muito dos propósitos de uma mulher – dizia. – Se tencionas ser moderna, exprime-o através do que vestes, de contrário encerrar-te-ão atrás dos portões. Os cafetãs podem ser de uma beleza sem igual, mas o vestuário ocidental representa o trabalho assalariado.

Por isso cheguei a associar os cafetãs com as festas luxuosas, os festivais religiosos e os esplendores do nosso passado ancestral, e o vestuário ocidental com cálculos pragmáticos e tarefas profissionais quotidianas e rigorosas.

No salão dos homens, o meu pai sentava-se sempre em frente ao meu tio Ali, no divã junto à telefonia, para poder controlar os botões. Todos os homens costumavam vestir uma *djellaba* dupla: a exterior era de uma lã branca pura como a neve, uma especialidade de Ouazzane, uma cidade religiosa do Norte com grande tradição em tecelagem; a interior era de pano mais espesso. O meu pai também costumava vestir o que constituía a sua única e modesta excentricidade, um turbante amarelo claro de algodão bordado de Cham, na Síria.

– Mas o que adianta vestirmos o vestuário tradicional – disse um dia o meu pai a brincar, dirigindo-se aos meus primos que estavam sentados à volta dele –, se todos vocês se vestem como Rudolfo Valentino?

Todos sem exceção usavam vestuário ocidental e cabelo curto descoberto, cortado acima das orelhas, parecendo-se bastante com os soldados franceses que viviam no final da rua.

– Um dia talvez consigamos expulsar os franceses, só para acordarmos e descobrirmos que nos tornámos iguais a eles – acrescentou o meu tio.

Entre os primos jovens que frequentavam o salão, contavam-se os irmãos de Samir, Zin, Jawad e Chakib, e os filhos das tias e parentes viúvas e divorciadas que viviam connosco. A maioria deles frequentava as escolas nacionalistas, embora alguns mais inteligentes frequentassem o muito seleto Collège Musulman, que ficava a poucos metros da nossa casa. O Collège era um liceu francês que preparava os filhos das famílias mais importantes para ocupar postos-chave, e a excelência académica dos estudantes media-se pelo seu domínio da língua e da História, tanto árabe como francesa. Para vencer o Ocidente, a juventude árabe precisava de dominar pelo menos duas culturas.

Zin era considerado o mais dotado dos meus primos. Sentava-se no salão ao lado do meu tio, com os jornais franceses ostensivamente abertos no colo. Era muito bonito, tinha um belo cabelo castanho, olhos em forma de amêndoa, pómulos altos e um pequeno bigode. Parecia-se nitidamente com Rudolfo Valentino, que costumávamos ver com frequência no ecrã do cinema Bujelud, onde nos eram oferecidos dois filmes por sessão: um egípcio, em árabe, e outro estrangeiro, em francês. A primeira vez que Samir e eu vimos Rudolfo Valentino, aceitámo-lo imediatamente como membro do nosso harém por se parecer tanto com o nosso primo Zin. Nessa altura Zin adotara já a expressão solene, o vestuário sombrio, o penteado com risco ao meio e a minúscula flor encarnada no bolso do peito que caracterizavam o Xeque.

O nome Zin significava muito apropriadamente «beleza» e eu admirava a sua figura e elegância.

Como todos os outros, respeitava-o pela sua eloquência em francês, língua que dominava melhor que do ninguém na família. Podia passar horas a ouvi-lo pronunciar aqueles estranhos sons franceses. Todos os outros também o olhavam espantados quando o meu tio lhe indicava com um gesto que lesse os jornais franceses. Ele lia rapidamente os títulos e depois passava para os artigos que o meu tio e o meu pai escolhiam mais ou menos intuitivamente, uma vez que o seu francês era bastante pobre. Zin lia os artigos em voz alta e depois resumia-os em árabe.

A sua maneira de falar francês, e mais concretamente a forma como arrastava os *r,* davam-me arrepios. Os meus *r* eram desastrosamente insípidos mesmo em árabe, e enquanto eu recitava o Corão, a minha professora Lalla Tam costumava interromper-me para me lembrar que os meus antepassados tinham utilizado *r* muito enérgicos.

– Tens de respeitar os teus antepassados, Fatima Mernissi – dizia-me. – Porquê massacrar o inocente alfabeto?

Eu detinha-me, ouvia-a educadamente e jurava que respeitaria os meus antepassados. Depois reunia todas as forças que tinha no peito e esforçava-me corajosa e desesperadamente por pronunciar um *r* forte, acabando simplesmente por me engasgar. E ali estava o talentoso Zin, tão dotado e eloquente que podia falar francês e pronunciar bem centenas de *r* sem esforço aparente. Muitas vezes observava-o e pensava que se me concentrasse o suficiente adquiriria parte da sua graça e talvez a sua misteriosa habilidade com aquela consoante.

Zin trabalhava arduamente para se transformar no ideal do nacionalista moderno, isto é, em alguém que possuísse um vasto conhecimento da História, das lendas e das poesias árabes, e que dominasse o francês, a língua do nosso inimigo, por forma a poder decifrar a imprensa cristã e descobrir os seus planos. Conseguiu-o na perfeição. Embora a moderna supremacia cristã na ciência e nas matemáticas fosse evidente, os líderes nacionalistas encorajavam os jovens a ler os tratados clássicos de Avicena e Al-Khwarizmi[17], «só para terem uma ideia de como as suas mentes funcionavam. É sempre útil saber que os vossos antepassados eram rápidos e precisos». O meu pai e o meu tio respeitavam Zin como membro da nova geração de marroquinos que salvariam o país. Ele guiava a procissão para a mesquita Qarauíne às sextas-feiras, quando todos os homens de Fez, novos e velhos, compareciam à oração pública com a *djellaba* branca e as elegantes babuchas amarelas tradicionais.

Aparentemente, o motivo da reunião de sexta-feira na mesquita era religioso; mas toda a gente, inclusive os franceses, sabiam que muitas decisões políticas importantes da *Majlis al-Baladi,* ou Câmara Municipal, eram tomadas precisamente ali. Não só todos os membros do Conselho, como o tio Ali, assistiam àquela cerimónia, como também delegados de todos os grupos de interesse municipal, dos mais prestigiosos aos mais humildes. A mesquita, que estava aberta a todos, compensava a natureza exclusiva do Conselho, que segundo o meu tio Ali tinha sido criado pelos franceses como assembleia de dignitários.

– Embora os franceses tenham derrubado os seus nobres e reis – dizia o meu tio –, ainda preferem falar com os homens importantes, e compete-nos a nós, os locais, ser responsáveis e comunicar com o povo. Qualquer pessoa que detenha um cargo político devia frequentar regularmente a oração das sextas-feiras. Só assim manterá o contacto com o seu eleitorado.

Todas as sextas-feiras, os grupos mais bem representados na mesquita eram os cinco que, durante séculos, haviam sido os garantes da posição económica e intelectual que Fez ocupava em Marrocos. Em primeiro lugar estavam os *ulemas,* homens sábios que dedicavam as suas vidas à

ciência e cuja ascendência, em muitos casos, podia ir até à Andaluzia ou à Espanha muçulmana. Eram eles que mantinham viva a tradição de venerar os livros, desde o aspeto material que incluía o fabrico do papel, a caligrafia e a encadernação, até ao fomento de hábitos de leitura, escrita e coleção de edições raras. Depois vinham os *sharifs,* ou descendentes do profeta, que gozavam de enorme prestígio e desempenhavam papéis simbólicos relevantes nas cerimónias de casamento, de nascimento e de morte. Sabia-se que os *sharifs* provinham de meios modestos. Fazer dinheiro e amealhar fortunas não eram as suas principais preocupações, ao contrário dos *tujjar,* ou mercadores, que constituíam o terceiro grupo, aventureiros de grande mobilidade e astúcia que nos intervalos entre as orações costumavam descrever as suas arriscadas viagens à Europa e à Ásia, onde compravam artigos de luxo e maquinaria, ou para o Sul, mais além do deserto do Sara.

Depois vinham as famílias *fellah,* ou terratenentes, grupo a que pertenciam o meu tio e o meu pai. A palavra *fellah* significava duas coisas contraditórias: por um lado os camponeses pobres e sem terras e, por outro, os proprietários de terras, ricos e sofisticados latifundiários. O meu pai e o meu tio orgulhavam-se de serem *fellah,* mas pertenciam à segunda categoria. Ambos estavam ligados à sua terra e, embora tivessem escolhido viver na cidade, não havia nada que lhes desse mais prazer do que passar longos dias nas suas quintas. Os *fellah* cultivavam a terra mais ou menos em grande escala, e estavam frequentemente ocupados a familiarizarem-se com as modernas técnicas agrícolas introduzidas pelos franceses coloniais. Muitas famílias latifundiárias eram, como a nossa, originárias da região que ficava a norte da cidade, junto às montanhas do Rif, e orgulhavam-se da sua origem rural, sobretudo quando se defrontavam com a preconceituosa arrogância dos andaluzes, o grupo culto.

– De facto, os *ulemas* são importantes – dizia o meu pai sempre que surgia o tema da hierarquia da cidade –, mas morreriam de fome se nós não produzíssemos alimentos para eles. Um livro tem muita utilidade: podemos contemplar as suas imagens, lê-lo, refletir sobre as suas ideias, etc. Mas não se pode comê-lo. É esse o problema dos intelectuais. Por isso não devemos impressionar-nos demasiado com os intelectuais. É melhor ser *fellah* como nós, que amamos a terra e a admiramos e depois nos educamos. Se puderes lavrar a terra e ler livros, nunca fracassarás.

O meu pai preocupava-se muito com os jovens da família (os *chabab),* pois temia que pudessem retirar demasiado prazer dos livros e perdessem o interesse pela terra, e por isso insistia que durante as férias de verão eles ficassem junto dele na quinta do meu tio, a poucos quilómetros de Fez.

O quinto grupo mais importante da cidade, e o mais numeroso, era o dos artesãos, que produziam praticamente tudo o que era necessário em Marrocos antes dos franceses invadirem o mercado com os seus produtos industriais. Os bairros de Fez eram conhecidos pelos nomes dos artigos que os artesãos aí produziam. Haddadin, literalmente «ferreiros», era o bairro onde se faziam os objetos em ferro e bronze; Debbaghin (couro curtido) era o bairro dos curtidores; os ceramistas trabalhavam no Fakharin (bairro da cerâmica); e quando se queria comprar artigos em madeira ia-se ao Najjarine (bairro da madeira). Os artesãos mais prósperos eram aqueles que trabalhavam o ouro e a prata e os que transformavam os fios de seda em luxuosa *sfifa,* a passamanaria utilizada para completar os cafetãs que as mulheres bordavam previamente[18]. Os moradores do mesmo bairro costumavam sentar-se juntos na mesquita e regressavam a casa em grupo, conversando e trocando ideias sobre as últimas notícias.

Todas as sextas-feiras, o primo Zin e os outros jovens iam a pé até à mesquita, enquanto os

homens mais velhos os seguiam a uns metros de distância, a pé ou nas suas mulas. Samir e eu adorávamos que o meu tio e o meu pai levassem as mulas porque assim também podíamos participar na festa. Cada um de nós sentava-se na mula do respetivo pai, à frente da sela. O meu pai não ia muito convencido a primeira vez que me levou à mesquita com ele, mas gritei tão alto que o meu tio disse que não fazia mal nenhum levar uma menina pequena. O *Hadit* dizia que o profeta, que Alá o Abençoe e Lhe Dê Paz, dirigia as orações na mesquita com uma menina a brincar diante dele.

Às sextas-feiras, em vez de irem com a cabeça descoberta, os jovens levavam o chapéu de feltro triangular que se tornara popular entre os nacionalistas egípcios, e essa era a sua única concessão à tradição. Em tempos de agitação, quando a polícia francesa ficava histérica, estes chapéus podiam criar problemas, porque a moda de usá-los havia arrasado a nossa Medina quando Aliai al-Fassi, um herói nascido em Fez que se opôs à presença francesa no norte de África e fora aprisionado e exilado várias vezes, apareceu com um na mesquita de Qarauíne. Mais tarde, numa reunião oficial com o Résident General francês em Rabat, o nosso rei Mohammed V utilizou o chapéu de feltro inclinado para trás com elegância, deixando a sua testa serena a descoberto, e os analistas estrangeiros de assuntos árabes concluíram que não deveriam esperar nada de bom dele no que dizia respeito aos seus interesses. Ninguém podia confiar num rei que trocava o turbante tradicional por um subversivo chapéu de feltro.

Fosse como fosse, a tradição e a modernidade coexistiam harmoniosamente, tanto no vestuário dos homens jovens como em nossa casa durante as sessões de notícias dos homens. Primeiro ouviam todas as notícias da rádio em francês e em árabe; depois o meu pai desligava o rádio e o grupo ouvia os jovens ler e comentar a imprensa. Servia-se chá e esperava-se que Samir e eu ouvíssemos sem interromper demasiado. No entanto, muitas vezes eu apoiava a cabeça no ombro do meu pai e murmurava:

– Quem são os alemães? De onde vêm e porque combatem com os franceses? Onde se escondem se os espanhóis estão no norte e os franceses no sul?

O meu pai prometia-me sempre que mais tarde, quando estivéssemos sozinhos no nosso salão, me explicaria tudo. E a verdade é que me explicou muitas vezes, mas a minha confusão nunca se dissipou, nem a de Samir, apesar dos nossos esforços por ordenar todas as peças do *puzzle*.

17 Avicena (980-1037 d.C.), conhecido em árabe como Ibn Sina, e Al-Khwarizmi (cerca de 800-847 d.C.) foram dois dos muitos ilustres eruditos que floresceram sob o mecenato do sétimo califa abássida, Al-Ma'mun (813-833 d.C.). Avicena reuniu nos seus extensos escritos todos os conhecimentos médicos da sua época. Al-Khwarizmi foi pioneiro na utilização da numeração e das técnicas de cálculo hindus na matemática árabe. Estes e outros eruditos árabes conservaram e transmitiram ao Ocidente um grande leque de conhecimentos baseados no grego, persa, sânscrito e sírio clássicos.

[A tradução das suas obras introduziu no Ocidente a chamada «numeração árabe», baseada no número dez e no zero. Esse sistema passou a ser conhecido pelo seu nome, entrando no latim como *algorismus* e, posteriormente, como *algorismo*, *algarismo*. No final do século XVII houve contaminação dessa palavra com o grego *aritmós* «número», nascendo assim o vocábulo algoritmos, que passou ao francês como *algoritme* e posteriormente para as outras línguas modernas. A própria palavra *álgebra* provém do árabe *al-jabrâ* «ciência da reunião e equação», que era título de um dos tratados de Al-Khwarizmi, entrando no latim como *álgebra* e depois para todas as outras línguas. *(N. do E.)*]

18 Os homens e as mulheres complementavam os respetivos trabalhos no processo de produção. Por exemplo, os cafetãs de seda eram em primeiro lugar desenhados por uma mulher, que decidia o tecido e o feitio e os bordava, passando-os depois a um artesão, que os cosia e acrescentava os remates de passamanaria. O mesmo se passava em relação às babuchas de couro: os homens cortavam o couro à medida e passavam as peças às mulheres, que as bordavam e depois as devolviam aos homens para serem cosidas.



11

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL VISTA DO PÁTIO

Os alemães eram cristãos, disso não havia dúvida. À semelhança de todos os outros cristãos, viviam no Norte, naquilo a que chamávamos Blad Teldj, a Terra das Neves. Alá não tinha favorecido os cristãos; o seu clima era rígido e frio, o que os tornava coléricos ou até malvados, quando o sol não brilhava durante meses. Para se aquecerem, tinham de beber vinho e outras bebidas alcoólicas, e depois tornavam-se agressivos e começavam a provocar distúrbios. Por vezes até bebiam chá, como toda a gente, mas até o seu chá era amargo e bebiam-no a ferver, ao passo que o nosso era sempre aromatizado com menta, absinto ou verbena. O meu primo Zin, que visitara Inglaterra, dizia que lá o chá era tão amargo que o misturavam com leite. Por isso, uma vez Samir e eu deitámos um pouco de leite no nosso chá de menta, só para experimentar: bah! era horrível! Não admirava que os cristãos estivessem sempre infelizes e à procura de lutas.

Fosse como fosse, parecia que os alemães tinham estado a preparar um enorme exército secreto: ninguém sabia de nada e um dia, de repente, invadiram a França. Colonizaram Paris, a capital francesa, e começaram a dar ordens às pessoas, o mesmo que os franceses faziam connosco em Fez. Mas nós tivemos sorte, porque pelo menos os franceses não gostavam da Medina, a cidade dos nossos antepassados, e tinham construído para eles a Ville Nouvelle. Perguntei a Samir o que se teria passado se os franceses tivessem gostado da Medina, e ele respondeu que nesse caso ter-nos-iam expulsado e teriam ocupado as nossas casas.

Os misteriosos alemães, no entanto, não perseguiam apenas os franceses; também obrigavam os judeus a vestir qualquer coisa amarela sempre que saíam à rua, tal como os homens muçulmanos pediam às mulheres que usassem um véu, para assim poderem localizá-las imediatamente. No nosso pátio ninguém sabia exatamente por que razão os alemães perseguiam os judeus. Durante as tardes tranquilas, Samir e eu não parávamos de fazer perguntas, correndo de um grupo de bordadeiras para outro, mas apenas conseguíamos conjeturas.

– Talvez se passe o mesmo que aqui com as mulheres – dizia a minha mãe. – Ninguém sabe exatamente por que razão os homens as obrigam a usar véu. Provavelmente tem a ver com a diferença. O medo da diferença faz com que as pessoas se comportem de formas muito estranhas. Talvez os alemães se sintam mais seguros quando estão sozinhos, tal como os homens da Medina ficam nervosos quando as mulheres aparecem. Se os judeus insistem na sua diferença, isso poderia inquietar os alemães. É um mundo louco.

Em Fez, os judeus tinham o seu próprio bairro, que se chamava Mellah. Demorava exatamente meia hora a chegar lá de nossa casa. Os judeus tinham o mesmo aspeto que as outras pessoas: vestiam túnicas compridas semelhantes às nossas *djellabas* e em vez de turbantes usavam chapéus, era apenas essa a diferença. Viviam as suas vidas e limitavam-se ao seu Mellah, onde faziam bonitas joias e cozinhavam os vegetais de uma forma deliciosa. A minha mãe tinha tentado cozinhar *courgettes,* pequenos pepinos e beringelas minúsculas, à maneira dos judeus, mas nunca conseguira.

– Eles devem usar algumas palavras mágicas – concluiu.

Tal como nós, os judeus tinham as suas próprias orações, amavam o seu Deus e ensinavam aos filhos o livro sagrado. Tinham construído uma sinagoga para Ele, que era como a nossa mesquita, e partilhávamos os mesmos profetas, com exceção do nosso amado Maomé, que Alá o Abençoe e Lhe Dê Paz (nunca consegui enumerar os profetas, porque era difícil e tinha medo de cometer um erro. A minha professora Lalla Tam dizia que cometer erros em assuntos religiosos podia enviar uma pessoa para o inferno. Chamava-se *tashif,* blasfémia, e como eu já tinha decidido que ia para o paraíso, procurava evitar os erros). Uma coisa era certa, os judeus viveram sempre com os árabes, desde o início dos tempos, e o profeta Maomé gostava deles, pelo menos ao princípio, quando começara a pregar o Islão. Mas depois fizeram algo de mau, e ele decidiu que se ambas as religiões tinham de coexistir na mesma cidade, deveriam viver em bairros separados. Os judeus estavam bem organizados e tinham um grande sentido comunitário, muito mais forte do que o nosso. No Mellah, estavam sempre a tratar dos pobres e todas as crianças frequentavam as extremamente disciplinadas escolas da Alliance Israélite.

O que eu não conseguia compreender era o que faziam os judeus no país dos alemães. Como tinham chegado lá, à Terra das Neves? Eu achava que, tal como os árabes, os judeus preferiam os climas quentes e se afastavam da neve. Nos tempos do profeta, há catorze séculos, viviam na cidade de Medina, em pleno deserto árabe, não era? E antes disso haviam vivido no Egito, não muito longe de Meca, e na Síria. Fosse como fosse, estiveram sempre próximo dos árabes[19]. Durante a conquista árabe de Espanha, quando a dinastia omíada árabe de Damasco transformou a Andaluzia num jardim sombreado e construiu palácios em Córdova e Sevilha, os judeus seguiram o mesmo caminho. Lalla Tam explicou-nos tudo isto, mas falava-nos tanto no assunto que um dia fiquei confusa, e até pensei que era mencionado no Corão, o nosso livro sagrado.

Porque, compreendem, Lalla Tam não se dava ao trabalho de nos explicar o significado dos versos do Corão. Em vez disso, às quintas-feiras obrigava-nos a copiá-los nas nossas *luha,* lousas, e aprendê-los de cor aos sábados, domingos, segundas e terças. Cada um de nós sentava-se na sua almofada, com a *luha* no colo, e lia em voz alta, cantando até decorar as palavras. Depois, às quartas-feiras, Lalla Tam perguntava-nos o que tínhamos aprendido. Tínhamos de pôs as *luha* no colo, viradas para baixo, e recitar de cor. Se não nos enganávamos, Lalla Tam sorria. Mas quando chegava a minha vez, raramente sorria.

– Fatima Mernissi – costumava dizer-me enquanto agitava o chicote sobre a minha cabeça –, não irás muito longe na vida se as palavras continuam a entrar-te por um ouvido e a sair-te pelo outro.

Depois do dia de récita, as quintas e as sextas-feiras pareciam umas férias, embora tivéssemos de limpar a *luha* e escrever outros versículos. Mas durante todo esse tempo Lalla Tam nunca explicava os versículos. Dizia que era inútil fazê-lo.

– Aprendam de cor o que escreveram na *luha* – dizia-nos. – Ninguém vos vai perguntar a vossa opinião.

No entanto, explicava-nos uma e outra vez como tínhamos conquistado Espanha, e quando eu fiquei confusa e pensei que aquela história fazia parte do livro sagrado, ela gritou que era uma blasfémia e mandou chamar o meu pai, que demorou muito tempo a esclarecer as coisas. Disse-me que se uma jovem queria deslumbrar o mundo muçulmano era essencial aprender algumas datas importantes, e tudo o resto viria por si mesmo. Disse-me também que a revelação do Corão acabava com a morte do profeta, no ano II da Hégira (a fuga de Maomé de Meca), que corresponde ao ano 632 do calendário gregoriano. Pedi ao meu pai que me simplificasse as coisas limitando-se

por ora ao calendário muçulmano, porque o gregoriano era muito complicado; mas ele disse-me que uma senhora esperta nascida na costa do Mediterrâneo tinha de saber navegar valendo-se de dois ou três calendários pelo menos.

– Mudar de calendário será algo automático se começares a fazê-lo desde cedo – disse-me ele.

No entanto, aceitou pôr de lado o calendário judeu porque era muito mais antigo do que todos os outros, e eu ficava tonta só de imaginar até onde podia retroceder no tempo.

Fosse como fosse, e voltando ao tema, os árabes conquistaram a Espanha quase um século depois da morte do profeta, no ano 91 da Hégira. Portanto, a conquista não é mencionada em parte nenhuma do livro sagrado.

– Então porque continua Lalla Tam a falar dela? – perguntei.

O meu pai respondeu que provavelmente era porque a família de Lalla Tam provinha de Espanha. O seu apelido era Sabata, que deriva de Zapata, e o pai dela ainda conservava a chave da sua casa de Sevilha.

– Tem simplesmente saudades de casa – disse o meu pai. – A rainha Isabel massacrou quase toda a sua família.

Depois explicou-me que os judeus e os árabes tinham vivido na Andaluzia desde o século II ao século VII da Hégira (dos séculos VII ao XV do calendário gregoriano). Ambos os povos tinham chegado a Espanha quando a dinastia omíada tinha conquistado os cristãos e erigido um império com capital em Córdova. Ou Granada? Ou Sevilha? Lalla Tam nunca mencionava uma dessas cidades sem mencionar também as outras, talvez para que as pessoas tivessem de escolher entre as três capitais, embora normalmente só fosse permitida uma. Mas claro que nada era normal em relação a Espanha, que os Omíadas rebatizaram com o nome de Al-Andaluz.

Os califas omíadas foram um grupo animado que se divertiu à grande construindo um palácio fabuloso, o Alhambra, e uma torre, a Giralda. Depois, para demonstrar ao resto do mundo quão extenso era o seu império, construíram uma torre idêntica à de Marraquexe e chamaram-lhe Kutubiya. No que lhes dizia respeito, não existiam fronteiras entre a Europa e a África.

– Todos gostam de misturar os dois continentes – disse o meu pai. – Aliás, porque estão os franceses neste momento acampados mesmo diante da nossa porta?

Assim, os árabes e os judeus vadiaram pela Andaluzia cerca de setecentos anos, divertindo-se enquanto recitavam poesias e contemplavam as estrelas nos seus lindos jardins de laranjais e jasmins, que regavam através de um complexo e inovador sistema de irrigação. Aqui em Fez tínhamo-nos esquecido de quase tudo acerca deles, até que um dia, ao despertar, a cidade os viu chegar a Marrocos às centenas gritando de medo, com as chaves das suas casas na mão. Uma rainha cristã muito cruel, chamada Isabel, *a Católica*, surgira da neve e perseguia-os. Derrotara-os esmagadoramente e dissera-lhes: «Ou rezam como nós, ou atiramos-vos ao mar.» Mas a verdade é que os seus soldados os atiraram todos para o Mediterrâneo sem esperar sequer pela resposta. Muçulmanos e judeus nadaram juntos até Tânger e Ceuta, exceto os poucos felizardos que encontraram barcos, e depois correram para se esconderem em Fez. Tudo isto tinha acontecido há quinhentos anos e por essa razão havia uma grande comunidade andaluza em pleno coração da nossa Medina, próxima da mesquita Qarauíne, e o grande Mellah, o bairro judeu, a umas centenas de metros.

Claro que isto também não explica como é que os judeus acabaram na terra dos alemães, pois não? Samir e eu discutimos o assunto e chegámos à conclusão de que quando Isabel, *a Católica*

começou a vociferar, talvez alguns dos judeus se tenham enganado no caminho e se tenham dirigido para norte e não para sul, para chegar ao coração da Terra das Neves. E como os alemães eram cristãos como Isabel, *a Católica*, também haviam expulsado os judeus porque não rezavam como eles. Mas a tia Habiba disse-nos que esta explicação não parecia correta, porque os alemães também estavam a lutar contra os franceses, que eram cristãos e adoravam o mesmo deus. E assim a nossa teoria foi por água abaixo. A religião não podia explicar a guerra da cristandade.

Eu estava quase a sugerir a Samir que deixássemos o misterioso problema judeu até ao ano seguinte, em que seríamos muito mais velhos e sábios, quando a prima Malika apareceu com uma explicação sensata mas apavorante. A guerra tinha a ver com a cor do cabelo! As tribos de cabelo loiro estavam a combater as tribos de cabelo escuro. Que disparate! Nesse caso, os alemães eram os loiros, altos e pálidos, enquanto os franceses eram os morenos, mais baixos e mais escuros. Os pobres dos judeus, que simplesmente se tinham enganado no caminho quando Isabel os expulsara de Espanha, estavam encurralados entre os dois. Era um acaso que estivessem na zona de guerra e era um acaso que tivessem o cabelo castanho: não faziam parte de nenhuma das fações!

E assim os poderosos alemães perseguiam todos os que tivessem cabelo e olhos escuros. Samir e eu estávamos aterrorizados. Comprovámos com o primo Zin o que Malika nos havia explicado, e ele disse que era absolutamente verdade. Hi-Hitler – era assim que se chamava o rei dos alemães – odiava cabelo e olhos escuros e mandava os aviões lançar bombas sobre todos os lugares onde viviam populações de cabelo escuro. Atirar-se para a água não adiantava nada porque ele mandava submarinos para apanhar os fugitivos. Samir levantou o olhar para o seu irmão mais velho, levou as mãos ao cabelo liso e preto como o carvão e disse:

– E tu achas que quando os alemães tiverem eliminado os franceses e os judeus continuarão para sul e chegarão a Fez?

Zin deu uma resposta vaga; disse que os jornais não mencionavam nada sobre os planos alemães a longo prazo.

Naquela noite, Samir implorou à sua mãe que lhe prometesse pôr-lhe hena no cabelo da próxima vez que fôssemos ao *hammam* (banhos públicos) para que ficasse castanho, e eu andava com a cabeça envolta num lenço da minha mãe até que ela se apercebeu e me obrigou a tirá-lo.

– Nunca cubras a cabeça! – gritou-me. – Percebeste? Nunca! Eu estou a lutar contra o véu e tu pões um?! Que disparate vem a ser este?

Expliquei-lhe então a história dos judeus e dos alemães, das bombas e dos submarinos, mas ela não ficou impressionada.

– Mesmo que Hi-Hitler, o Todo-Poderoso Rei dos alemães te persiga – disse –, terás de enfrentá-lo com a cabeça descoberta. Tapar a cabeça e esconderes-te não serve de nada. Esconder-se não resolve os problemas de uma mulher e só a identifica como uma vítima fácil. A tua avó e eu já sofremos o suficiente com esta história de cobrir a cabeça. Sabemos que não funciona. Quero que as minhas filhas andem com a cabeça bem levantada e caminhem pelo planeta de Alá olhando as estrelas.

E com estas palavras arrancou-me o lenço e deixou-me completamente indefesa diante de um exército invisível que perseguia as pessoas de cabelo escuro.

19 Esta ideia da convivência entre judeus e muçulmanos pode parecer estranha hoje em dia, mas os acontecimentos deste livro tiveram lugar antes da criação do Estado de Israel em maio de 1948. Naquela altura, estava muito difundida a ideia de fortes laços históricos e culturais entre os judeus e os muçulmanos, sobretudo em Marrocos, onde ambas as comunidades conservavam ainda fresca na memória a Inquisição espanhola, que levou à sua expulsão de Espanha em 1492. Bernard Lewis escreveu um interessante capítulo sobre esta

ideia anterior a 1948, onde explica que muitos europeus acreditavam então que os judeus e os muçulmanos conspiravam conjuntamente contra os interesses cristãos no século XIX e princípios do século XX (Bernard Levis, «Les juifs pro-islamiques», in *Le Retour de 1'Islam*, tradução francesa, Ed. Gallimard, Paris, 1985, p. 315). A mudança radical de panorâmica relativamente às alianças das três religiões do litoral mediterrânico aconteceu num período incrivelmente pequeno. De facto, mesmo em finais da década de 1940, quando a comunidade judaico-marroquina era muito numerosa e um dos pilares da tradição dentro da cultura berbere pré-islâmica. Desde então, muitos judeus deixaram Marrocos, emigrando para Israel e para outros países, como a França e, posteriormente, o Canadá. Atualmente, o Mellah de Fez é totalmente habitado por muçulmanos, e no país só restam algumas centenas de judeus. Por isso, muitos intelectuais marroquinos judeus têm tentado documentar com a máxima rapidez as características culturais da comunidade judaico-marroquina, uma das mais antigas do mundo, que desapareceu em menos de uma década.



12

ASMAHAN, A PRINCESA CANTORA

Por vezes, ao anoitecer, assim que os homens saíam de casa, as mulheres corriam para a telefonia, abriam-na com a sua chave ilegal e iniciavam uma busca frenética por música e canções de amor. Chama era a perita, porque entendia as letras estrangeiras gravadas em carateres dourados sobre o impressionante painel da telefonia. Ou pelo menos assim nos parecia. Os homens manipulavam os botões com gestos leves e precisos, decifrando todos aqueles letreiros misteriosos. Mas embora Chama tivesse aprendido o alfabeto francês sem a ajuda de ninguém, não conseguia decifrar o significado de *SW* (ondas curtas), *MW* (ondas médias), e *LW* (ondas longas). Suplicou aos seus irmãos Zin e Jawad que lhe explicassem o significado das letras e quando estes se negaram ameaçou engolir o dicionário de francês inteiro. Eles disseram-lhe que, mesmo que o fizesse, continuaria a ter o mesmo problema, porque aquelas letras representavam palavras inglesas. Nessa altura desistiu da abordagem científica e desenvolveu uma extraordinária técnica manual, manipulando muitos botões ao mesmo tempo em busca de uma melodia e silenciando implacavelmente todas as emissoras de notícias, sermões nacionalistas e canções militares. Uma vez encontrada, tinha de procurar ainda mais até o som da estática desaparecer – e sintonizar aquela enorme telefonia podia levar uma eternidade.

Mas quando Chama finalmente conseguia sintonizar uma voz masculina terna e quente que enchia o ar, como a de Abdelwahab, o Egípcio, cantarolando *«Ahibi 'Itchi L-hurriya»* (Amo a vida livre, sem correntes), o pátio inteiro começava a gemer e a ronronar com deleite. Era ainda melhor quando os dedos mágicos de Chama sintonizavam a encantadora voz da princesa Asmahan do Líbano, que sussurrava nas ondas aéreas *«Ahwa! Ana, anã, ana, ahwa!»* (Estou apaixonada! Eu, eu, eu, estou apaixonada!). Nessa altura as mulheres entravam no mais puro êxtase. Tiravam as babuchas e dançavam em procissão à volta da fonte, segurando os cafetãs com uma mão e abraçando um companheiro masculino imaginário com a outra.

Mas infelizmente era difícil sintonizar as melodias de Asmahan. Ouvíamos com muito mais frequência os hinos nacionalistas cantados pela diva egípcia Um Kelthum, que podia passar horas a chilrear acerca do grandioso passado árabe e a necessidade de recuperar a nossa glória enfrentando os invasores colonialistas.

Que diferença tão grande entre Um Kelthum, uma rapariga pobre com uma voz de ouro que fora descoberta numa obscura aldeia egípcia e que abrira caminho até ao estrelato graças a disciplina e trabalho duro, e a aristocrata Asmahan, que nunca tivera de mexer uma palha para atrair a fama! Um Kelthum transmitia a imagem de uma mulher árabe invulgarmente enérgica e segura de si própria, que tinha um objetivo na vida e sabia o que fazia, enquanto Asmahan nos enchia os corações de insegurança e espanto. Um Kelthum, sólida e bem dotada (nos filmes do cinema Bujelud aparecia sempre com túnicas compridas e largas que ocultavam o seu peito maternal), pensava em todas as coisas nobres e justas (a difícil situação dos árabes e a sua dor perante o presente humilhante) e dava voz aos nossos anseios nacionalistas de independência. Apesar disso, as mulheres não

gostavam dela como gostavam de Asmahan.

Asmahan era exatamente o oposto de Um Kelthum. Era uma mulher gorducha, de peito pequeno, e parecia ao mesmo tempo absolutamente confusa e extraordinariamente elegante: vestia blusas ocidentais decotadas e saias curtas. Asmahan ignorava a cultura, o passado e o presente árabes e entregara-se à busca fatalmente trágica da felicidade. Não poderia ter-se interessado menos pelo que acontecia no planeta. A única coisa que queria era enfeitar-se, pôr flores no cabelo, estar encantadora, cantar e dançar nos braços de um homem apaixonado que fosse tão romântico como ela, um homem terno e carinhoso que tivesse a coragem de se separar do grupo e de dançar em público com a mulher que amava. As mulheres árabes, obrigadas a dançar sós em pátios fechados, admiravam Asmahan por concretizar os seus sonhos de dançar agarrada a um homem numa dança de estilo ocidental e deixar-se conduzir por ele num abraço apertado. O divertimento sem objetivos, partilhado com um homem entregue ao mesmo fim, era a imagem que Asmahan transmitia.

Asmahan usava sempre um colar de pérolas em volta do seu comprido pescoço e eu suplicava a Chama que me deixasse usar o seu durante uns minutos, apenas para criar uma ligação misteriosa entre mim e o meu ídolo. Uma vez atrevi-me a perguntar a Chama se havia alguma possibilidade de me casar com um príncipe árabe, como Asmahan fizera, e ela respondeu-me que o mundo árabe caminhava para a democracia e que os poucos príncipes disponíveis seriam maus bailarinos e estariam «muito ocupados com a política. Se queres dançar como Asmahan, arranja um professor de dança».

Todos conhecíamos a vida de Asmahan em pormenor, porque Chama a interpretava constantemente nas peças de teatro que organizava no terraço. Encenava a vida de heroínas de todas as espécies, mas a princesa romântica era de longe a mais popular. A sua vida era tão fascinante quanto um conto de fadas, embora, como seria de esperar, tivesse um final trágico, porque uma mulher árabe não podia aspirar ao prazer sensual, à diversão frívola e à felicidade sem pagar por isso. Asmahan nascera nas Montanhas Druze do Líbano e casara muito jovem com o seu primo, um príncipe rico chamado Hassan; divorciou-se aos dezassete anos e morreu aos trinta e dois, em 1944, num misterioso acidente de automóvel no qual estiveram envolvidos espiões internacionais. Entretanto, foi cantora e atriz e viveu no Cairo, onde se tornou imediatamente na grande sensação de todo o mundo árabe. Cativava as multidões com um sonho inédito: a felicidade pessoal e uma vida sensual e plena, alheia a todas as exigências e códigos do clã.

Asmahan praticou e cantou aquilo em que acreditava: que uma mulher podia ter amor e uma carreira. Aliás, insistiu em viver uma vida conjugal plena ao mesmo tempo que explorava e exibia os seus dotes de atriz e cantora. O seu primeiro marido, o príncipe Hassan, não o aceitou e divorciou-se dela. Asmahan tentou de novo por duas vezes e em ambos os casos os seus maridos, magnatas da indústria egípcia do espetáculo, começaram por aceder aos seus desejos. Mas os dois casamentos cedo acabaram em divórcios escandalosos; o seu último marido perseguiu-a com um revólver, tendo sido seguido por toda a polícia do Cairo, que tentava prendê-lo. O envolvimento final dela com agentes secretos ingleses e franceses, numa tentativa de impedir a presença alemã no Médio Oriente, transformaram-na num alvo fácil dos ataques moralistas e numa vítima indefesa da explosiva política da região.

Quando regressou ao Líbano, Asmahan pareceu encontrar finalmente um lugar próprio, embora apenas por alguns anos. Estava bonita, independente e feliz. Na sua residência privada de Beirute e no Palácio do Rei David em Jerusalém organizou reuniões importantes entre o general De Gaulle de

França e os presidentes da Síria e do Líbano. Nos seus ecléticos serões reuniam-se nacionalistas árabes e generais europeus das Forças Aliadas e misturavam-se aspirantes a revolucionários com banqueiros.

Asmahan viveu a vida intensamente, provando tudo depressa. «Sei que a minha vida vai ser curta», costumava dizer. Ganhou muito dinheiro, mas aparentemente não chegava para pagar as despesas com joias, vestidos e caprichosas viagens. Muitas vezes surpreendia o seu séquito decidindo impulsivamente fazer uma viagem imprevista, um dos seus passatempos preferidos. E foi precisamente durante uma dessas viagens espontâneas que a morte a surpreendeu a uns cem quilómetros do Cairo: encontraram-na a flutuar num lago dentro do carro em que viajava com uma amiga. Os fãs de Asmahan choraram-na, enquanto os seus inimigos falavam de uma conspiração com espiões envolvidos. Alguns disseram que fora assassinada pelos serviços secretos britânicos porque começara a atuar com demasiada independência. Outros deram o assunto por encerrado, considerando-a uma vítima da espionagem alemã. Outros ainda, autoproclamando-se justos e virtuosos, congratularam-se com a sua morte prematura e consideraram que era castigo merecido para a sua vida escandalosa.

Mas a lenda de Asmahan recrudesceu depois da sua morte, porque havia demonstrado às mulheres árabes que uma vida deliberadamente permissiva, por curta e escandalosa que fosse, era preferível a uma vida comprida e respeitável consagrada a uma tradição letárgica. Asmahan cativou tanto homens como mulheres com a ideia de que uma vida arriscada, na qual nem o êxito nem o fracasso importavam, era muito mais aprazível do que uma vida a dormir atrás de portas protetoras. Era impossível trautear uma das suas canções sem que nos viessem à mente fragmentos da sua vida inacreditavelmente excitante, apesar de curta e trágica.

Quando Chama encenou a primeira parte da vida de Asmahan, estendeu um tapete verde no chão do terraço para que pudéssemos imaginar as florestas das escarpadas montanhas do Líbano onde nascera. Depois colocou um divã no palco para servir de cama da princesa e aplicou *kohl* para evocar os seus sonhadores olhos verdes. O cabelo era mais problemático: a heroína tinha-o negro como o carvão e Chama tinha de cobrir os incómodos caracóis ruivos com um turbante negro. Mas não podia fazer grande coisa relativamente às sardas, e Asmahan tinha uma tez claríssima. Por outro lado, Chama concentrou-se em recriar o famoso sinal que a atriz tinha no lado esquerdo do queixo. Teria sido impossível interpretar a sua personagem sem o sinal. Depois Chama recostava-se no divã, vestida com uma *qamis* de cetim alargada com arame por baixo para que parecesse um vestido romântico ocidental e ficava durante algum tempo a olhar para o céu com uma expressão triste e melancólica. Então, por detrás das cortinas, começava a ouvir-se uma canção triste sobre o absurdo de perder tempo ali deitada quando o divertimento estava por todo o lado. As lindas vozes pertenciam às irmãs de Chama e a outras primas.

Junto ao leito de Asmahan havia um cavalo de madeira, porque ela aprendera a montar desde muito cedo. Que outra coisa podia fazer uma mulher extremamente bela no seio de uma família nobre de uma longínqua região árabe, onde todos recordavam as antigas cruzadas, temiam a ocupação estrangeira e vigiavam o mais ínfimo movimento das mulheres? Asmahan montava a cavalo, como Tamu na região do Rif devastada pela guerra; para ela, a libertação significava correr. Ser livre era estar em movimento. Correr velozmente, mesmo sem meta, fazia-a feliz; mover-se pelo puro prazer de o fazer. Por isso Chama saía da cama e montava o cavalo imóvel, enquanto atrás das cortinas as vozes continuavam a cantar como era deprimente ver-se apanhada

numa situação sem saída. Por vezes Samir e eu empurrávamos o cavalo para trás e para a frente para dar a impressão de movimento, enquanto o público (a minha mãe, as minhas primas adolescentes, a tia Habiba e todas as outras tias viúvas e divorciadas e demais familiares) cantava com o coro.

Em seguida, Samir e eu puxávamos as cortinas para passar à cena do casamento. Chama não gostava de ver o público mergulhado no desespero durante muito tempo.

– O objetivo do espetáculo deve ser a libertação dos sentimentos desagradáveis – dizia.

Nessa altura aparecia o primo Zin vestido com uma capa branca, representando o papel do noivo, o príncipe Hassan. Eu desfalecia ao ver a beleza de Zin e negligenciava as minhas funções de assistente de palco. Então o público começava a protestar porque era responsabilidade dos assistentes providenciar refrescos sempre que ocorria um acontecimento importante como um casamento ou um nascimento. Samir e eu encarregávamo-nos das bolachas. Numa ocasião o público pediu chá a acompanhar as bolachas e ameaçou retirar-se se não lho trouxéssemos. Mas partiram-se tantos copos que a avó Lalla Mani interveio, proibindo-nos de voltar a servir chá.

– Em primeiro lugar – disse –, o teatro é uma atividade pecaminosa. Não é mencionado no Corão e nunca se ouviu falar dele quer em Meca quer em Medina. Agora, se as mulheres negligentes insistem em se entregar ao teatro, que o façam. No dia do Juízo Final, Alá pedirá contas a todos pelos seus pecados. Mas partir os copos de chá do meu filho só porque Asmahan, essa galdéria escandalosa, se vai casar, é uma imprudência absoluta!

A partir de então, os casamentos teatrais tiveram de ser celebrados com grande ascetismo e só no último minuto distribuíamos as bolachas, muitas vezes preparadas pela tia Habiba. Para ter espectadores, havia que tratá-los bem.

Mas voltemos à peça. Ainda não haviam acabado as bolachas e já o príncipe Hassan expulsava Asmahan, e Chama aparecia então no palco com as bochechas palidamente maquilhadas, arrastando um grande baú a caminho do Cairo. O coro cantava a separação, o doloroso abandono e o exílio, enquanto a tia Habiba murmurava para a minha mãe:

– Asmahan tinha apenas dezassete anos quando se divorciou. Que pena! Claro que era a sua única oportunidade de sair daquelas sufocantes montanhas do Líbano. Quando se pensa nisso, o divórcio é sempre uma espécie de progresso. Obriga uma pessoa a arriscar-se, algo que de outra forma nunca faria.

O que dava a tudo um interesse especial era que o príncipe expulsara a sua mulher porque ela queria que ele a levasse aos cabarés para dançar! Não só usava vestidos ocidentais decotados, saltos altos e cabelo curto, como também queria frequentar os salões de dança, onde as pessoas se sentavam em duras cadeiras ocidentais em volta de mesas altas, falando de coisas triviais ou dançando até ao amanhecer. Durante essa cena, Chama, pálida e receosa, avançava uns passos na direção do público e, com os olhos semicerrados, dizia:

– Asmahan queria ir a restaurantes elegantes, dançar como os franceses e apertar o príncipe nos braços. Queria dançar com ele toda a noite, em vez de ficar nos bastidores a vê-lo deliberar nos intermináveis conselhos tribais exclusivamente masculinos. Odiava o clã e a sua lei absurda e cruel. A única coisa que queria era entregar-se sem pensar a momentos de felicidade e sensualidade. Não era nenhuma criminosa e as suas intenções não eram más.

Nesta altura a tia Habiba costumava interromper o espetáculo.

– Nunca sonhei com semelhantes coisas – cantava, imitando as melodias de Asmahan. – E

também eu me divorciei! Por isso, senhoras, lembrem-se por favor: não se reprimam. A mulher árabe que não procura a lua é uma idiota.

– Silêncio! – gritavam todos; e Chama prosseguia a representação da busca sensual de Asmahan por aventura numa sociedade em que o véu abafava os caprichos femininos mais elementares. Vendo Chama atuar, jurei a mim própria que, quando fosse mais velha e tão alta como ela, me dedicaria ao teatro. Deslumbraria as multidões árabes que me contemplariam ordenadamente sentadas em filas e explicar-lhes-ia o que significava ser uma mulher embriagada de sonhos numa terra que esmaga tanto os sonhos como os sonhadores. Fá-los-ia chorar as oportunidades desperdiçadas, os cativeiros absurdos, as ilusões destroçadas. E então, quando estivessem no mesmo comprimento de onda que eu, cantaria as maravilhas da exploração pessoal e a emoção provocada pelos saltos arriscados para o desconhecido.

Oh, sim, falar-lhes-ia dos impossíveis, de um mundo árabe novo em que homens e mulheres pudessem abraçar-se e dançar sem medo e sem barreiras que os separassem.

Oh, sim, encantaria o meu público e, com palavras mágicas e gestos estudados, tal como Asmahan e Chama antes de mim, recriaria um planeta sereno em que as casas não tivessem portas e as janelas se abrissem de par em par para ruas seguras.

Ajudá-las-ia a caminhar num mundo em que a diferença não precisasse de véus e onde os corpos das mulheres se movessem com naturalidade e os seus desejos não criassem angústias.

Criaria com o público longos poemas sobre a ausência do medo. O novo jogo a explorar seria a confiança e eu confessaria humildemente que também não sabia nada acerca dele.

Ganharia dinheiro suficiente no meu teatro para servir chá e bolachas, por forma a que o público passasse longas horas distraído, digerindo a nova ideia de um planeta em que as pessoas caminhassem sem medo.

Apenas caminhar, sem sentir a arrepiante necessidade de véus nem limites.

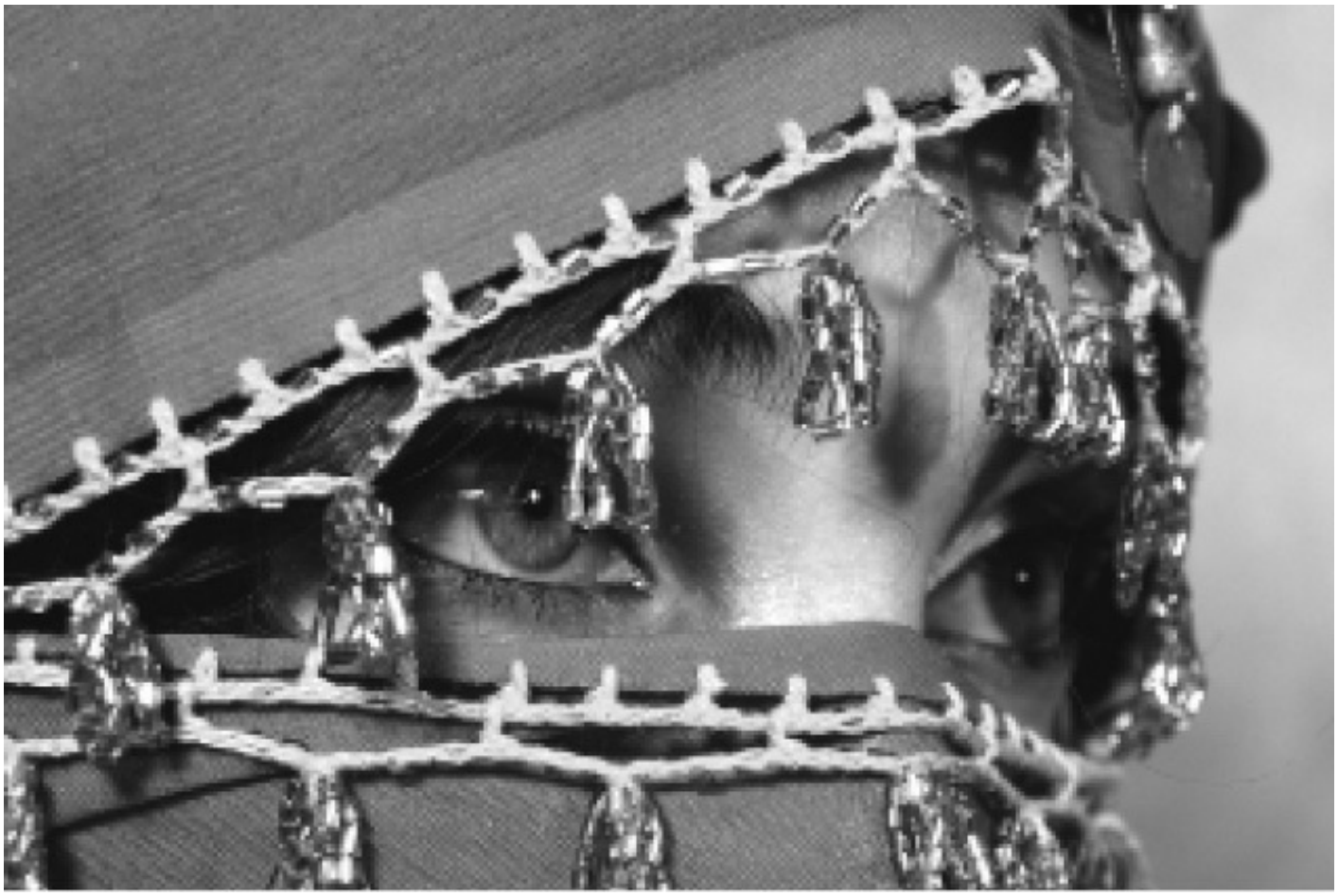
Caminhar apenas, com um pé diante do outro e com os olhos fixos num horizonte novo, quase inimaginável e sem ameaças.

Convenceria todos de que a felicidade pode florescer onde quer que seja, até nos becos escuros das Medinas agredidas.

Asmahan, eu reivindicá-la-ia. Ela podia existir, e não apenas como vítima trágica. Poderia haver Asmahans que não tivessem de morrer aos trinta e dois anos, em obscuras conspirações estrangeiras e desastres de carro sem sentido.

Derramei muitas lágrimas pela trágica vida de Asmahan nas sessões de teatro vespertinas daquele terraço distante, ajudando Chama nas suas efémeras aventuras libanesas, sem perder de vista as estrelas cadentes que passavam por cima da minha cabeça. O teatro permitia realizar os sonhos e abandonar o corpo à fantasia, era algo de essencial. Perguntava-me porque não o declaravam instituição sagrada.





14

FEMINISTAS EGÍPCIAS VISITAM O TERRAÇO

Muitas das peças de teatro encenadas por Chama no terraço exigiam atores masculinos e todos os rapazes da casa participavam nelas quando não existia a competição do cinema da vizinhança. Naturalmente, o belo e eloquente Zin era muito solicitado. E ele gostava bastante de roubar os turbantes e as capas do meu tio e do meu pai e de fazer espadas de madeira para representar de forma convincente o papel dos príncipes abássidas. Interpretava também muitos outros papéis, desde poetas pré-islâmicos a heróis nacionalistas modernos e reclusos em prisões francesas e inglesas. As peças de teatro que mais emocionavam o público eram aquelas em que havia grandes cenas com multidões e muitos desfiles e cânticos, porque nessas alturas participávamos todos. Estas cenas punham Chama fora de si porque por vezes o público desaparecia por completo.

– Tem de haver alguém ali sentado a ver a peça! – argumentava ela. – Não pode haver teatro sem público.

O problema de Chama é que estava sujeita a variações de humor imprevisíveis e num segundo podia passar de uma excitação efusiva a um profundo silêncio sem deixar transparecer qualquer sinal exterior que fizesse antever a mudança. Também desanimava com grande facilidade quando o público se comportava mal, e nessas alturas detinha-se pura e simplesmente a meio de uma frase, olhando com tristeza para os causadores da interrupção e dirigindo-se para as escadas. Quando isto sucedia não havia grande coisa a fazer, e por vezes passava dias deprimida sem sair do quarto. Mas quando Chama estava de bom humor incendiava toda a casa!

Porque a verdade é que o teatro de Chama nos proporcionava a todos maravilhosas oportunidades de descobrir e mostrar os nossos talentos, superar a timidez e desenvolver a nossa autoconfiança. As minhas primas adolescentes, por exemplo, que normalmente eram muito tímidas, tinham oportunidade de brilhar quando cantavam em coro. Não gostavam de o fazer quando as cortinas se levantavam: nessas alturas saudavam o público mexendo nervosamente nas tranças. Mas quando as cortinas caíam e ficavam escondidas atrás delas, ouviam-se as suas vozes límpidas e encantadoras. Quanto a mim, tornei-me absolutamente indispensável quando Chama descobriu que eu sabia dar saltos acrobáticos (aprendera a fazê-lo com a minha avó Yasmina). A partir dessa altura, quando as coisas se descontrolavam, entretinha o público com as minhas acrobacias. Assim que notava que algo corria mal entre a diretora ou os atores e o público, aparecia em palco com as pernas abertas no ar e as mãos no chão. Aprendi a reconhecer instintivamente quando Chama estava quase a mergulhar num estado de tristeza. As minhas acrobacias também permitiam que os atores dispusessem do tempo necessário para mudar de roupa entre cenas. Sem a minha ajuda, Chama teria de voltar aos seus complicados preparativos de antigamente.

Eu estava muito orgulhosa por desempenhar um papel, embora fosse um papel mudo e marginal e no qual apenas os meus pés intervinham. Mas a tia Habiba dizia que não importava o papel que uma pessoa interpretava desde que fosse útil. O essencial era desempenhar um papel e contribuir para um objetivo comum. Além disso, dizia ela, em breve teria de interpretar um papel mais importante

na vida real; só necessitava de desenvolver um talento. Eu disse-lhe que a acrobacia era provavelmente esse talento, mas ela não ficou convencida.

– A vida real é mais difícil do que o teatro – dizia. – Além disso, a nossa tradição exige que as mulheres andem com os pés. Levantá-los no ar é uma questão bastante delicada.

Foi nessa altura que eu comecei a preocupar-me com o meu futuro.

Mas a tia Habiba disse-me que não me preocupasse, que toda a gente tinha coisas maravilhosas escondidas no seu interior. A única diferença era que algumas pessoas conseguiam partilhar essas coisas maravilhosas e outras não. Os que não exploravam nem partilhavam os preciosos talentos que tinham no seu interior, sentiam-se infelizes toda a vida, tristes e desajeitados com os outros e também irritados. Era preciso desenvolver um talento, dizia a tia Habiba, para poder dar algo, partilhar e brilhar. E isso conseguia-se trabalhando arduamente para nos tornarmos bons no que quer que fosse. Podia ser a cantar, dançar, cozinhar, bordar, ouvir, olhar, sorrir, esperar, aceitar, sonhar, revoltar-se, saltar.

– Qualquer coisa que saibas fazer bem pode mudar a tua vida – dizia a tia Habiba.

Por isso decidi desenvolver o talento de tornar felizes os que me rodeavam. Assim ninguém poderia fazer-me mal, não é verdade? O único problema era que ainda não sabia qual era o meu talento. Mas tinha a certeza de que possuía algum. Alá é generoso e concede a todas as suas criaturas algo de belo para que o guardem no seu interior, como uma flor misteriosa, sem que tenhamos consciência disso. Certamente também mo havia dado a mim, e eu só tinha de o descobrir quando chegasse a altura certa. Entretanto, aprenderia tudo o que pudesse com as heroínas da literatura e da história.

As heroínas retratadas mais vezes no teatro de Chama eram, por ordem de frequência: Asmahan, a atriz e cantora; as feministas libanesas e egípcias; Xerazade e as princesas de *As Mil e Uma Noites*; e, por último, as personalidades religiosas importantes. Chama tinha três feministas ou *ra-idates* (pioneiras dos direitos da mulher) preferidas: Aisha Taymur, Zainabe Fawwaz e Huda Sha'raoui[22]. Entre as personalidades religiosas, as mais populares eram Khadija e Aisha, mulheres do profeta Maomé, e a mística Rabea al-Adauiya. Normalmente representávamos as suas vidas durante o Ramadão, quando a avó Lalla Mani se vestia de verde, a cor do profeta, que Alá o Abençoe e Lhe Dê Paz, e se entregava à meditação mística. Então, pregava o arrependimento do pecado e augurava o inferno em geral para todos os que esquecessem os mandamentos de Alá, e em particular para as mulheres que queriam livrar-se do véu e dançar, cantar e divertir-se.

As mulheres marroquinas, desejosas de libertação e mudança, tiveram de importar as suas feministas do Oriente, pois em Marrocos não havia nenhuma suficientemente famosa para se tornar numa figura pública e alimentar os seus sonhos.

– Não admira que Marrocos esteja tão atrasado – comentava Chama de vez em quando. – Oprimidos entre o silêncio do deserto do Sara no Sul, a fúria das ondas do Atlântico no Oeste, e a agressão dos invasores cristãos do Norte, Marrocos recolhe-se em atitudes defensivas enquanto todas as outras nações muçulmanas tomaram o caminho da modernidade. As mulheres progrediram em toda a parte menos aqui. Somos um museu. Devíamos obrigar os turistas a pagar entrada nas portas de Tânger!

O problema de algumas das feministas preferidas de Chama, sobretudo as primeiras, era que não tinham feito grande coisa para além de escrever, porque estavam enclausuradas em haréns. Isto significava que não havia muita ação para encenar, e que tínhamos de nos limitar a permanecer

sentados ouvindo Chama recitar os protestos e as queixas das personagens num monólogo. A vida de Aisha Taymur era a pior. Nascida no Cairo em 1840, a única coisa que fizera até à sua morte em 1906 fora escrever apaixonada e incessantemente poemas contra o véu. Contudo, o que mais me impressionava era o facto de ter escrito em muitas línguas, em árabe, turco e até persa. Uma mulher fechada num harém que falava línguas estrangeiras! Falar uma língua estrangeira é como abrir uma janela num muro espesso. Falar uma língua estrangeira num harém é como se nos crescessem asas que nos permitissem voar para outra cultura, embora a fronteira e o guardião continuem ali. Quando Chama queria que soubéssemos que Aisha Taymur recitava os seus poemas em turco ou em persa, línguas que ninguém na Medina de Fez jamais ouvira falar nem podia compreender, deitava a cabeça para trás, fixava o olhar no teto ou no céu e murmurava uma lengalenga gutural e incompreensível utilizando a métrica da poesia árabe. Isto impacientava a minha mãe, que costumava dizer-lhe:

– Já fomos esclarecidos, querida, estamos impressionados com o domínio do turco de Aisha. Volta ao árabe já ou ficarás sem público.

Nessa altura Chama detinha-se abruptamente, ficava com um ar muito ofendido e pedia à minha mãe que se desculpasse imediatamente.

– Estou a tecer magia delicada – dizia –, e se continua a gritar destruirá o meu sonho.

Então a minha mãe levantava-se, inclinava a cabeça e o torso, levantava-o de novo e jurava que não voltaria a proferir uma palavra imprópria, permanecendo imóvel durante o resto da peça, com um sorriso claramente elogioso na cara.

A outra pioneira feminista que Chama admirava muito e com quem tínhamos de conviver era Zaynab Fawwaz, uma erudita libanesa autodidata nascida na década de 1850, que passou da condição de obscura serva aldeã à de famosa figura literária dos círculos intelectuais de Beirute e do Cairo, através de uma combinação de casamentos estrategicamente planeados e de uma disciplina de aperfeiçoamento pessoal. Mas como Zaynab nunca tinha saído do harém, era muito difícil transformar a sua truncada vida numa peça de teatro. Do harém, a única coisa que Zaynab Fawwaz podia realmente fazer era inundar a imprensa árabe com artigos e poemas em que desabafava o seu ódio contra o véu e condenava a reclusão feminina, que segundo ela eram os principais obstáculos à grandeza muçulmana e a razão da nossa medíocre atuação frente aos exércitos coloniais ocidentais. Felizmente, no terraço não tínhamos de suportar por muito tempo as informações de Zaynab à imprensa, que eram fastidiosamente repetitivas. Em 1893 também publicara um «Quem é Quem» de mulheres famosas, no qual recolhia mais de quatrocentas e cinquenta biografias, tão ecléticas como deslumbrantes, de modelos femininos, de Cleópatra à Rainha Vitória de Inglaterra, que proporcionaram a Chama abundante material de escolha[23].

Mas no que dizia respeito ao público do terraço, a campeã das pioneiras nos direitos das mulheres era Huda Sha'raui, uma beleza aristocrática egípcia nascida em 1879, que fascinou os governantes do seu país com discursos inflamados e manifestações populares de rua. A sua vida proporcionava a todos, inclusive às crianças, muitas oportunidades de subirmos ao palco e cantarmos hinos militares nacionalistas. Eram necessários atores para interpretar os manifestantes egípcios, atores para interpretar os polícias ingleses e, claro, atores que interpretassem os transeuntes.

Obrigada a casar-se com a precoce idade de treze anos, Huda fascinava Chama porque apenas com a sua força de vontade tinha sido capaz de transformar toda uma sociedade em poucas décadas.

Huda conseguiu fazer ao mesmo tempo duas coisas aparentemente contraditórias: lutar contra a ocupação inglesa e pôr fim à sua própria reclusão e isolamento tradicionais. Tinha abandonado o véu em 1819 quando dirigiu a primeira manifestação de rua de mulheres contra os ingleses, e influenciou os legisladores no sentido de aprovarem numerosas leis importantes, incluindo uma de 1924 que estabelecia a idade legal de dezasseis anos para as raparigas se casarem. Também ficou profundamente desgostosa com facto de o Estado egípcio independente surgido em 1922 ter aprovado no ano seguinte uma Constituição que limitava os votos aos homens, e criou uma União Feminista Egípcia que lutou com êxito pelo direito das mulheres ao voto[24].

No terraço, adorávamos a manifestação das mulheres que decorrera em 1919. Era um momento-chave do enredo de Chama, permitindo-nos a quase todos invadir o palco, empurrar as periclitantes cortinas que Chama colocara com bastante dificuldade (suportadas por varões de estender roupa enfiados em barricas de azeitonas) e saltar de um lado para o outro insultando e gritando contra os imaginários soldados ingleses, a quem arrancávamos os lenços que tinham ao pescoço, símbolo dos desprezados véus. Nós, crianças, divertíamo-nos especialmente, encantadas por vermos os adultos, incluindo as nossas próprias mães, brincarem como crianças. Muitas vezes as coisas chegavam a tal ponto que Chama se via forçada a subir a uma escada utilizada para montar o cenário e gritar aos atores que abandonassem o palco, porque os ingleses tinham saído do Egito em 1922 e já se estava em 1947. Huda encontrava-se prestes a morrer e impunha-se um silêncio solene, porque tinha morrido pacificamente no seu quarto. Quando não saíamos do palco, como acontecia frequentemente, Chama passava dos gritos a ameaças.

– Se os atores não ganham juízo e respeitam a duração da peça – proclamava do alto da escada –, a direção do teatro encerrará as suas portas durante todo o verão, devido a atos de vandalismo perpetrados por elementos descontrolados.

Passar da manifestação festiva de 1919 para a cena do leito de morte de Huda era bastante complicado. Não só tínhamos de abandonar o palco para voltarmos a ser espectadores, como devíamos demonstrar, com um profundo silêncio, que estávamos de luto. Nem todos conseguíamos fazer isso. Uma vez expulsaram a tia Habiba do terraço por não conseguir conter o riso quando Chama tropeçou, ao surgir precipitadamente por detrás das cortinas coberta por um manto negro que apressadamente pusera por cima dos ombros. Todos morríamos de riso, mas por sorte Chama estava tão concentrada em recuperar o equilíbrio que não nos via a cara. Só a tia Habiba cometeu o erro de se rir às gargalhadas e então Chama exigiu ao público que ajudasse a expulsá-la. Todos cumprimos o pedido de Chama, porque de contrário ela teria declarado uma greve teatral da qual ninguém teria beneficiado.

No fundo, contudo, o problema das vidas das feministas era que não tinham suficientes cantos e danças. Embora Chama gostasse de encená-las, os espectadores teriam preferido ver a vida de Asmahan ou de uma das heroínas aventureiras de *As Mil e Uma Noites,* pois naquelas histórias havia mais amor, luxúria e aventuras. As vidas das feministas pareciam tratar todas de lutas e casamentos falhados, nunca de momentos felizes, noites maravilhosas ou o que quer que fosse que lhes desse força para seguirem adiante.

– Todas essas senhoras hiperativas que divulgaram novas ideias fascinaram os homens árabes – dizia a tia Habiba. – Os homens estavam sempre a apaixonar-se por elas, mas não ouvimos uma única palavra sobre esses abraços apaixonados: ou as feministas não os consideravam politicamente relevantes, ou autocensuravam-se com medo de serem recriminadas como imorais.

Por vezes a tia Habiba perguntava-se também se não seria Chama quem censurava as histórias, temendo encenar as partes românticas que poderiam entusiasmar o público e fazê-lo esquecer a luta. Fosse qual fosse a razão, decidi então que se alguma vez dirigisse uma batalha pela libertação das mulheres não esqueceria a sensualidade. Como dizia a tia Habiba: «Para quê revoltarmo-nos e mudar o mundo se não conseguimos obter o que falta nas nossas vidas? E o que falta mais claramente nas nossa vidas é amor e luxúria. Porquê organizar uma revolução se o novo mundo vai ser um deserto emocional?»

As mulheres de As *Mil e Uma Noites* de Xerazade não escreviam sobre a libertação – levavam-na avante e viviam-na de uma maneira perigosa e sensual, conseguindo sempre resolver os seus problemas. Não tentavam convencer a sociedade a libertá-las – libertavam-se elas próprias. Consideremos a história da princesa Budur, por exemplo: uma princesa mimada e superprotegida, filha do poderoso rei Ghayur e mulher do igualmente poderoso príncipe Qamar al-Zaman. Partira em viagem com o seu marido e ele, é claro, encarregara-se de tudo; ela limitara-se a segui-lo, como fazem as mulheres quando viajam com os seus maridos e parentes masculinos. Percorreram um longo caminho por terras distantes e um belo dia a princesa Budur deu consigo completamente só na sua tenda, em pleno deserto. O príncipe Qamar desaparecera. Receosa de que os homens da caravana tentassem violá-la, roubar-lhe as joias ou mesmo vendê-la como escrava, decidiu vestir a roupa do marido e convencer as outras pessoas de que era um homem. Já não era a princesa Budur, mas sim o príncipe Qamar al-Zaman. E a sua artimanha resultou! Não só escapou à violação e à desonra como também conseguiu um reino.

O público do terraço aplaudia a princesa Budur por se ter atrevido a imaginar o impossível, o irreal. Como mulher, era impotente e extremamente frágil, rodeada de rudes salteadores de estradas. Na verdade, a situação era verdadeiramente desesperada: estava perdida em pleno deserto, muito longe de casa, no meio de uma caravana de escravos e eunucos indignos de confiança, para não falar dos mercadores suspeitos. Mas quando uma pessoa se encontra numa situação desesperada, a única coisa que pode fazer é virar o mundo do avesso, transformá-lo segundo os seus desejos e voltar a criá-lo. E foi exatamente isso que a princesa Budur fez.

22 As primeiras feministas são bastante famosas no mundo árabe, onde existe uma grande tradição de documentar a vida, feitos e façanhas das mulheres, em publicações do estilo «Quem é Quem». O fascínio dos historiadores árabes pelas mulheres excecionais produziu um género literário característico denominado *nissaiyyat*, do termo *nissa*, mulheres. Salah al-Din al-Munajid, um admirador das mulheres famosas, enumera cerca de uma centena de tratados sobre mulheres na sua «Ma ullifa ‘ani an-nissa» (o que se escreveu sobre as mulheres), na revista *Majallat majma al-lugha l-’Arabiyya*, vol. 16, 1941, p. 216. Infelizmente, as feministas árabes, personagens-chave na história moderna dos direitos humanos no mundo muçulmano, são mal conhecidas no Ocidente. Um excelente apanhado biográfico de feministas muçulmanas importantes do século XIX e princípios do século XX, que seria muito útil aos leitores ocidentais se fosse traduzida, é o primeiro volume de *Mulheres Pioneiras*, de Emily Nasrallah, que atualmente existe apenas em árabe (Muassassat Nawfal, Beirute, 1986).

23 Zaynab Fawwaz al-Amili, *Al-Durr al-Manthour fi Tabaqat Rabatt al-Khodur* (Bulaq, Egito: Al-Matba’a al-Kubra, 1985). A autora explica na introdução que o seu livro é uma «obra dedicada à causa dos seres femininos da minha espécie» (*ja ‘altuhu khidmatun li-banati naw’i*).

24 Huda Sha’raui é célebre no mundo árabe; uma ideia da sua vida extraordinária é-nos dada na tradução feita por Margot Badran de uma seleção das suas memórias intitulada *Harem Years; The Memoirs of an Egyptian Feminist*, Virago Press, Londres, 1986. Como descrição ilustrada das campanhas feministas de Huda Sha’raui, veja-se *Image of Women: the Portrayal of Women in Photography of the Middle East*, 1860-1950, de Sarah Graham Brown, Columbia University Press, Nova Iorque, 1988. O último capítulo, «Campaigning Women», contém fotografias da manifestação de mulheres de 1919.



15

O DESTINO DA PRINCESA BUDUR

Se procurarem a princesa Budur em *As Mil e Uma Noites,* custar-vos-á bastante encontrá-la. Em primeiro lugar, o seu nome não consta do índice. No título da história aparece o nome do seu marido: «A História de Qamar al-Zaman». Em segundo lugar, a história é contada durante a noite novecentas e sessenta e duas, e por isso teriam de ler quase até ao final do livro para a encontrar. Segundo a tia Habiba, isso poderia dever-se ao facto de Xerazade, a autora dos contos, ter medo que lhe cortassem a cabeça se contasse mais cedo a história da princesa Budur[25]. A moral da sua história, ao fim e ao cabo, era que uma mulher pode enganar a sociedade fazendo-se passar por homem. A única coisa que tem de fazer é vestir a roupa do marido; a diferença entre os sexos é absurda, é apenas uma questão de vestuário. E claro que isto constituía uma lição bastante insolente para que Xerazade a contasse ao irado rei Xariar, sobretudo ao princípio. Primeiro devia apaziguá-lo e entretê-lo com histórias menos ameaçadoras.

Uma das qualidades mais simpáticas da princesa Budur residia no facto de não ser forte. Tal como a maioria das mulheres no terraço, não era uma pessoa habituada a resolver os seus próprios problemas, dependendo totalmente dos homens e desconhecendo por completo o mundo exterior, pelo que nunca tinha adquirido segurança em si mesma, nem tinha a menor experiência em analisar situações problemáticas e arranjar soluções. Não obstante, e apesar da sua aparente impotência, tomou decisões acertadas e muito ousadas.

– Não há nada de errado em sermos indefesas, senhoras! – costumava dizer a tia Habiba quando se encarregava do palco. – A vida da princesa Budur é a prova disso. O facto de vocês não terem tido oportunidade de pôr à prova os vossos talentos não significa que não tenham nenhum.

A tia Habiba encarregava-se do palco quando o público se cansava das feministas de Chama e pedia peças mais alegres, que incluíssem cantos e danças. A tia Habiba não era uma diretora de cena tão obsessiva quanto Chama, que investia uma incrível quantidade de energia na encenação e no vestuário. A tia Habiba, pelo contrário, reduzia tudo ao mínimo.

– A vida já é bastante complicada tal como é – costumava dizer. – Por isso, pelo amor de Deus, não compliquem as coisas quando a única coisa que queremos é divertir-nos.

Durante as representações, a tia Habiba sentava-se numa cadeira confortável coberta com um pano luxuosamente bordado para que parecesse um trono. Também punha o seu elegante cafetã bordado a ouro, que guardava cuidadosamente dobrado no baú de cedro que salvara do seu divórcio. Era de veludo preto, com pérolas que o seu pai trouxera de uma peregrinação a Meca; a tia Habiba tinha demorado três anos a bordá-lo.

– Hoje em dia as pessoas compram as roupas já feitas e andam por aí com coisas que não criaram – dizia. – Mas quando uma pessoa passou noites e noites a bordar um lenço ou um cafetã, transforma-se numa maravilhosa obra de arte[26].

O cafetã da tia Habiba era certamente impressionante, e como só o punha em ocasiões especiais, sempre que aparecia com ele em cena tinha-se a sensação de estar noutro sítio.

O drama da princesa Budur começava bastante bem, com o seu pai, o rei Ghayur, proporcionando-lhe e ao seu adorado marido, o príncipe Qamar al-Zaman, tudo o que necessitavam para a viagem. O rei

> *tirou dos seus estábulos cavalos marcados com o seu próprio ferro, dromedários puro-sangue que podiam viajar dez dias sem água, e preparou uma liteira para a sua filha, carregando além disso mulas e camelos com víveres;*
> *deu-lhes também escravos e eunucos e toda a espécie de equipamento de viagem. No dia da partida o rei Ghayur despediu-se de Qamar al-Zaman e obsequiou-o com dez esplêndidos trajes de pano de ouro bordado com pedras preciosas e também dez cavalos de montar, dez camelas e um tesouro em moedas, recomendando-lhe que amasse e cuidasse da sua filha Budur. «O príncipe e a princesa partiram então», e viajaram sem se deterem durante todo o primeiro dia e o segundo, e o terceiro e o quarto; e seguiram viagem durante um mês inteiro até que chegaram a uma planície espaçosa de pastos abundantes e aí armaram as tendas; e comeram, beberam e descansaram; e a princesa Budur deitou-se a dormir.*[27]

E quando a princesa acordou na manhã seguinte, estava completamente só na tenda. O seu marido tinha desaparecido misteriosamente.

Neste ponto, nós, as crianças, que estávamos sentadas atrás da tenda da princesa Budur, fazíamos toda a espécie de ruídos para indicar que a caravana despertava. Samir era soberbo a imitar os relinchos dos cavalos e a dar saltos, e só parava, contrariado, quando Chama, que fazia o papel da princesa Budur, começava a refletir em voz alta sobre a sua solidão e a impotência da mulher que de repente fica sem marido.

> *Se eu saísse agora para ir falar com os servos e lhes fizesse saber que o meu marido desapareceu, certamente sentiriam desejos lascivos por mim; não me resta outra alternativa senão utilizar um estratagema. Por isso levantou-se e vestiu algumas roupas do marido, botas de montar e um turbante igual ao dele, cobrindo a boca com uma ponta do mesmo. Depois, pôs uma escrava na sua liteira e saiu da tenda (e assim viajou com o seu séquito dia e noite) até que descortinaram uma cidade que dava para o mar, onde armaram as tendas fora das muralhas e pararam para descansar. A princesa perguntou o nome da cidade e disseram-lhe:*
> *«Chama-se Cidade do Ébano, o seu rei chama-se Armanus e tem uma filha chamada Hayat al-Nufus».*[28]

A chegada à Cidade do Ébano não pôs fim aos apuros da princesa Budur. Na verdade, a sua situação piorou porque o rei Armanus gostou tanto daquele falso Qamar al-Zaman que quis casá-lo com a sua própria filha Hayat al-Nufus. Que horrível perspetiva para a princesa Budur! Hayat al-Nufus descobriria a sua artimanha e poderia mesmo decapitá-la. Na Cidade do Ébano todos os dias

decapitavam pessoas por muito menos.

Na cena seguinte, a princesa Budur passeava-se indecisa de um lado para o outro na sua tenda. Se aceitasse a proposta do rei poderiam condená-la à morte por mentir. Mas se recusasse a proposta do monarca, também a condenariam à morte. Ninguém podia recusar a oferta de um rei se queria viver uma vida longa e saudável, principalmente quando essa recusa significava desprezar a sua filha.

Enquanto Chama andava de um lado para o outro representando o dilema da princesa Budur, o público dividia-se em duas fações. A primeira propunha que se dissesse a verdade ao rei, pois talvez ele se apaixonasse por ela e lhe perdoasse. A segunda fação sugeria que seria mais seguro aceitar a proposta de casamento e depois explicar tudo à princesa Hayat quando estivessem no leito nupcial, porque esse facto despertaria a solidariedade feminina. A solidariedade feminina era, na verdade, um tema muito delicado no pátio, porque as mulheres raramente se uniam contra os homens. Algumas mulheres, como a avó Lalla Mani e Lalla Radia, que eram a favor dos haréns, apoiavam invariavelmente as decisões dos homens, enquanto as outras mulheres, como a minha mãe, não o faziam. Na verdade, a minha mãe acusava as que se aliavam com os homens de serem em grande parte responsáveis pelo sofrimento das mulheres.

– São mais perigosas do que os homens – explicava –, porque fisicamente parecem iguais a nós, mas na realidade são lobos disfarçados de cordeiros. Se a solidariedade feminina existisse, não estaríamos presas neste terraço. Viajaríamos por todo o Marrocos e navegaríamos mesmo até à Cidade do Ébano se quiséssemos.

A tia Habiba sentava-se na primeira fila mesmo quando não dirigia o espetáculo nem interpretava nenhum papel, e Chana encarregava-a de vigiar atentamente o estado de espírito do público e censurar o tema da solidariedade feminina quando este surgia, para não descambar numa discussão séria e empolgada.

Fosse como fosse, a princesa Budur escolheu a solidariedade feminina, que acabou por ser uma boa opção e demonstrando, para além do mais, que as mulheres eram capazes de sentimentos grandes e nobres entre si. A princesa Budur aceitou a proposta do rei Armanus para se casar com a sua filha, o que lhe deu o direito imediato de governar a Cidade do Ébano, o que era um bom modo de começar. Enquanto celebrávamos o casamento no terraço, Samir e eu distribuíamos biscoitos. Certa vez Chama tentou defender que como o casamento entre duas mulheres não era legal, não era necessário distribuir biscoitos. Mas o público reagiu de imediato: «A regra de distribuir biscoitos deve ser respeitada. Tu nunca disseste que o casamento tinha de ser legal.»

Depois do casamento, os recém-casados retiraram-se para o quarto da princesa Hayat. Mas naquela primeira noite a princesa Budur deu um rápido beijo de boas noites à sua mulher e pôs-se a rezar até que a pobre Hayat adormeceu. Durante essa cena todos nos ríamos da representação que Chama fazia do devoto noivo.

– Para de rezar e faz lá o que tens a fazer – costumava gritar a minha mãe.

Então Samir e eu precipitávamo-nos a baixar as cortinas, para indicar que havia passado uma noite. Depois voltávamos a levantá-las e o pobre marido continuava a rezar enquanto Hayat al-Nufus ainda esperava ser beijada. Repetíamos a operação uma e outra vez e o marido continuava a rezar, a mulher continuava à espera e o público ria-se às gargalhadas.

Finalmente, após muitas noites de oração, a princesa Hayat cansou-se e queixou-se a seu pai, o poderoso rei Armanus, que o príncipe Qamar não estava minimamente interessado em lhe dar um

filho, porque passava as noites inteiras a rezar. Como era de esperar, isto não agradou ao rei, que ameaçou banir o noivo da Cidade do Ébano se não começasse a comportar-se como competia a um homem. De maneira que, naquela mesma noite, a princesa Budur confessou tudo à princesa Hayat, explicando-lhe a história do princípio ao fim e pedindo-lhe que a ajudasse.

– Por Alá, suplico-te que guardes o meu segredo, pois ocultei a minha situação para que Alá me reúna com o meu amado Qamar al-Zaman[29].

E evidentemente o milagre aconteceu. A princesa Hayat compreendeu a princesa Budur e prometeu ajudá-la. E ambas representaram então uma falsa cerimónia de virgindade, conforme a tradição.

> *Hayat al-Nufus levantou-se, agarrou numa pomba e cortou-lhe o pescoço, colocou-a sobre o avental e untou-se com o seu sangue. Depois tirou as calças e começou a gritar, após o que o povo se congregou para lançar os habituais gritos de júbilo e felicidade.*[30]

Depois disso, as duas mulheres fizeram-se passar por marido e mulher; por um lado, a princesa Budur governava o reino e, por outro, organizava buscas para encontrar o seu amado Qamar al-Zaman.

As mulheres do terraço aplaudiram a decisão da princesa Hayat de ajudar a aflita Budur, que se atrevera a fazer o impossível; e quando a peça acabou, falaram acaloradamente até altas horas da noite sobre o destino e a felicidade, sobre como escapar ao primeiro e alcançar a segunda. A solidariedade feminina, segundo muitas delas, era a chave para conseguir ambas as coisas.

25 No texto árabe que possuo (*Al-Maktaba al-Cha'biya*, vol. 4, Beirute), «A História de Qamar al-Zaman» começa na noite novecentas e sessenta e duas, mas na tradução inglesa de Burton corresponde à noite cento e setenta.

26 Embora os haréns tenham desaparecido na década de 1950 e as mulheres das classes média e alta tenham começado a estudar e a desempenhar trabalhos remunerados, o desejo de as mulheres controlarem a moda continua a ser hoje tão forte como sempre. Milhares de mulheres marroquinas profissionais da década de 1990 (um terço dos médicos, advogados e professores universitários de Marrocos são mulheres) não renunciaram à tradição de confecionar as suas roupas e joias, contribuindo assim para o ressurgimento do artesanato regional. Encurtaram-se *djellabas* e cafetãs, com novos desenhos segundo o gosto e a fantasia, em todos os tipos de tecidos e cores. Não é raro encontrar médicas, juízas e advogadas em escuros becos da Medina, sentadas nos tamboretes dos artesãos discutindo a cor, desenho e bordado do seu moderno vestuário.

27 «A história de Qamar al-Zaman», da tradução inglesa de Burton, vol. 3, p. 278.

28 Ibid., p. 283.

29 Tradução de Burton, p. 289.

30 Ibid.



16

O TERRAÇO PROIBIDO

Eu pensava, e ainda penso, que a felicidade é inconcebível sem um terraço; e quando digo terraço, refiro-me a algo de muito diferente dos telhados europeus que o primo Zin me descreveu depois da sua visita a Blad Teldj, a Terra das Neves. Segundo ele, lá as casas não tinham terraços lisos impecavelmente caiados e sumptuosamente pavimentados como os nossos, com sofás, plantas e arbustos coloridos. Pelo contrário, os seus telhados eram triangulares e acabavam em bico, porque tinham de proteger as casas da neve, e certamente ninguém podia deitar-se neles porque podia escorregar e cair. Claro que nem todos os terraços de Fez se destinavam a ser acessíveis; normalmente os mais altos eram de acesso proibido porque se alguém caísse podia morrer. Apesar disso, eu sonhava constantemente com visitar o nosso terraço proibido, que era o mais alto da rua e ao qual nenhuma criança subira ainda, tanto quanto eu me lembrava.

Na primeira vez que subi àquele terraço proibido esqueci por completo os meus sonhos de visitá-lo. Decidi no próprio instante reconsiderar a ideia de que os crescidos eram sempre uns insensatos, sempre prontos a impedir que as crianças fossem felizes. Assustei-me tanto que perdi a capacidade de respirar e comecei a tremer, pensando que apesar de tudo teria sido melhor ter obedecido aos adultos e não ter abandonado o terraço de baixo, rodeado por muros de dois metros de altura. Os minaretes e até a enorme mesquita Qarauíne encolhiam-se debaixo de mim como minúsculos brinquedos de uma cidade de anões. Entretanto, as nuvens que passavam sobre a minha cabeça pareciam ameaçadoramente próximas, com reflexos de um cor-de-rosa intenso, quase encarnado na parte superior, algo que eu nunca havia visto lá de baixo. Ouvi um barulho estranho e tão assustador que a princípio pensei que seria um monstruoso pássaro invisível. Mas quando perguntei à prima Malika o que se passava, disse-me que eu estava apenas assustada e que aquele barulho era apenas o do meu sangue a correr pelas veias, pois com ela passara-se o mesmo na primeira vez que subira ao terraço proibido. Mas também me disse que me ajudaria a descer se eu chorasse ou dissesse que tinha medo, mas nunca mais me acompanharia àquele lugar, e nunca mais na minha vida eu compreenderia claramente o significado da palavra «harém»; pois era esse o tema que ela e Samir tencionavam discutir no terraço. Tinham-se confiado a si próprios a missão de analisar essa palavra duvidosa e como recompensa haviam-se permitido o luxo de visitar o terraço proibido. Era essencial uma discrição total; não queriam que ninguém soubesse o que iam fazer.

Por isso murmurei que não tinha medo. Apenas precisava de um conselho sobre como acalmar o barulho dentro da minha cabeça. Malika disse-me que devia deitar-me de costas e olhar para o céu, evitando olhar para objetos móveis como nuvens ou pássaros, e deter o meu olhar num ponto fixo. Então, se me concentrasse durante um bocado nesse ponto, o mundo voltaria ao normal. Antes de me deitar dei-lhe instruções para que, caso fosse vontade de Alá que eu morresse no terraço, informasse a minha mãe de que eu devia grandes somas de dinheiro a Sidi Sussi, o rei do grão-de-bico assado e das amêndoas e amendoins torrados, que tinha um quiosque à porta da nossa escola corânica. A minha professora Lalla Tam havia-me explicado que se uma pessoa chega a outro

mundo com dívidas é diretamente enviada para o inferno. Um bom muçulmano paga sempre as suas dívidas e salda as suas contas, vivo ou morto.

Este terraço ficava acima daquele em que representávamos as nossas peças de teatro e era proibido porque não tinha paredes e se alguém fazia o menor movimento em falso podia cair e morrer. Era cinco metros mais alto do que o terraço em baixo; na realidade, tratava-se do próprio telhado do quarto da tia Habiba. Não havia escadas de acesso porque supostamente não devia ser visitado; a única maneira oficial de o fazer era com um escadote que estava na posse de Ahmed, o porteiro. Mas todos na casa sabiam que as mulheres que padeciam de *hem,* uma espécie de depressão ligeira, subiam até lá para encontrar o sossego e a beleza de que necessitavam para se curarem.

Hem era um padecimento estranho, diferente do *mushkil,* ou problema. A mulher que tinha *mushkil* sabia qual era a causa da sua dor. Mas se padecia de *hem,* não sabia o que se passava com ela. Fosse qual fosse a causa do seu sofrimento, não tinha nome. A tia Habiba disse-nos uma vez que era uma sorte saber o que nos doía, porque assim podia-se fazer algo a esse respeito. A única coisa a fazer quando uma mulher padecia de *hem,* era sentar-se ali em silêncio, com os olhos muito abertos e o queixo apoiado na palma da mão, como se o pescoço já não aguentasse o peso da cabeça.

Porque só o silêncio e a beleza curavam as mulheres que padeciam de *hem;* aliás, frequentemente levavam-nas aos santuários no cimo das montanhas, como Mulay Abdesslam no Rif, Mulay Buazza no Atlas ou um dos muitos retiros próximos do oceano, entre Tânger e Agadir. No nosso harém tínhamos sorte, porque apenas a prima Chama padecia por vezes de *hem* e nem sequer podia dizer-se que estivesse completamente afetada pela doença. Normalmente era contagiada quando ouvia um programa especial na Rádio Cairo sobre Huda Sha'raui e a evolução dos direitos das mulheres no Egito e na Turquia. Nessas alturas dava-lhe um ataque de *hem.*

– Estão a sacrificar a minha geração! – gritava Chama. – A revolução está a libertar as mulheres na Turquia e no Egito e nós ficamos de parte, no ar. Nem fazemos parte da tradição nem beneficiamos plenamente da modernidade. Estamos suspensas no meio, como borboletas desprezadas.

Quando Chama gritava desta forma, rodeávamo-la de *hanan,* a ternura franca e ilimitada, até que ela recuperava. O silêncio, a beleza natural e a ternura são os únicos remédios para este tipo de doença.

A outra mulher da casa que por vezes subia em segredo ao terraço proibido era a tia Habiba. Tinha começado a fazê-lo pouco depois de vir viver connosco após o seu divórcio. E foi exatamente com ela que aprendemos a subir ao terraço sem utilizar um escadote. Nós, as crianças, sabíamos o segredo da tia Habiba porque ela precisava que vigiássemos o pátio e as escadas quando subia ao terraço proibido. Agarrava em dois varais de estender roupa que guardavam no terraço inferior (utilizados para pôr a secar roupa pesada, como mantas de lã e tapetes, e que só eram lavados em agosto, quando o sol estava mais quente) e utilizava-os como escadote. Não era uma operação fácil. Primeiro tinha de segurar os varais enfiando-os em barricas de azeitonas vazias, com almofadas no fundo para abafar o ruído. Depois cruzava as extremidades superiores dos dois varais para fazer um degrau onde pudesse apoiar o pé e por debaixo deste degrau formava outros com caixotes de madeira que havia no terraço. Os caixotes de madeira alcançavam uma altura de três ou mesmo quatro metros, e depois havia o último degrau formado pelos varais, que

lhe permitia aceder ao terraço proibido. Nunca nos teria passado pela cabeça fazer isto se não tivéssemos visto a tia Habiba em ação.

As barricas de azeitonas eram tão importantes para a operação como os varais. As azeitonas pretas eram trazidas do campo em outubro e eram armazenadas em enormes cestos de bambu com montes de sal e pedras por cima para espremer o sumo amargo (as azeitonas frescas são demasiado amargas para serem comidas). Uma vez espremido todo o sumo, as azeitonas eram retiradas dos cestos de bambu e colocadas em grandes barricas que ficavam no terraço ao sol. De vez em quando a tia Habiba tirava as azeitonas e estendia-as num pano a um canto do terraço; quando estavam completamente enrugadas e secas, juntava-lhes molhos de orégãos frescos e outras ervas aromáticas e voltava a colocá-las nas barricas. No final de fevereiro já se podiam comer e o grupo de mulheres encarregado de preparar o pequeno-almoço nesse dia trazia então um balde cheio. Azeitonas pretas com chá de menta bem forte, o *khli* '[31], e pão fresco era o pequeno-almoço mais corrente e delicioso.

Eu adorava os pequenos-almoços, não só por causa das azeitonas salgadas mas também por causa das *ch-hiwat,* as guloseimas trazidas pelos excêntricos que queriam comer outras coisas para além das que eram oficialmente servidas nas mesas comunitárias. Como não se podia comer nada diante dos outros sem se partilhar, as *ch-hiwat* transformavam os pequenos-almoços em verdadeiros banquetes. Os excêntricos tinham de oferecer os seus manjares preferidos em quantidades suficientes para todos. Alguns traziam ovos de pata e de perua; outros adoravam mel de eucalipto das florestas da região de Kenitra. Alguns adoravam *donuts* e levavam montes deles, que partilhavam democraticamente. Os excêntricos mais apreciados, contudo, eram aqueles que levavam frutos estranhos fora de época, ou queijo salgado do Rif, servido em folhas de palmeira.

Mas voltemos às azeitonas. Embora nós, as crianças, as adorássemos, gostávamos mais ainda de saber que as barricas se esvaziavam pouco a pouco. Utilizávamo-las para toda a espécie de planos. Subir ao terraço proibido era apenas um deles. Brincar às escondidas era outro.

Quando Samir e Malika subiam ao terraço mais alto, a sua intenção era prosseguir a investigação sobre os haréns. A nossa primeira visita, no entanto, não nos levou muito longe. Quando finalmente recuperámos o ritmo normal da respiração, a beleza e o silêncio apoderaram-se de nós. Ficávamos sentados muito quietos, sem vontade de nos mexermos, porque estávamos sentados tão juntos que o menor movimento incomodava os outros. Até protestaram quando eu compus as tranças, prendendo-as no alto da cabeça. Depois Malika fez uma pergunta, uma pergunta bastante simples:

– O harém é uma casa onde vive um homem com muitas mulheres?

Cada um dos três propôs uma resposta diferente. Segundo Malika, a resposta era sim, pois era esse o caso da sua família. O seu pai, o tio Karim, tinha duas mulheres: a sua mãe, Biba, e a coesposa Knata. Samir disse que a resposta era não, porque podia haver um harém sem várias coesposas, como no caso do seu pai, o tio Ali, ou o do meu pai (um ódio desmesurado à poligamia era praticamente a única coisa que minha mãe e Lalla Radia, a mãe de Samir, tinham em comum).

A minha resposta à pergunta de Malika foi mais complicada. Eu disse que dependia. Se pensasse na minha avó Yasmina, a resposta era sim. Se pensasse na minha mãe, a resposta era não. Mas as respostas complicadas incomodavam os outros porque aumentavam a confusão; por isso, tanto Samir como Malika ignoraram a minha contribuição e continuaram os dois a discutir enquanto eu me abstraía e observava as nuvens, que pareciam cada vez mais próximas. Finalmente, Samir e Malika decidiram que tinham começado com uma questão demasiado complicada. Tínhamos de

voltar ao princípio e colocar a mais simples de todas as perguntas: «Todos os homens casados terão haréns?» A partir daqui já podíamos avançar.

Estávamos os três de acordo em que Ahmed o porteiro era casado. Vivia junto ao portão da rua em dois quartos minúsculos com a sua mulher Luza e os seus cinco filhos. Mas a sua casa não era um harém. Por isso não era o casamento que originava os haréns. Significaria isto então, perguntei eu, que se um homem não fosse rico não poderia ter um harém? Senti-me extremamente inteligente ao fazer esta pergunta, que se revelou bastante pertinente, porque deixou Malika e Samir em silêncio durante um bom bocado. Depois, Malika, que costumava abusar do facto de ser mais velha, fez uma pergunta lasciva e indecente que não esperávamos:

– Talvez um homem precise de ter uma coisa grande por debaixo da *djellaba* para criar um harém e a de Ahmed seja pequena?

Samir atalhou imediatamente aquela linha de investigação. Disse que todos tínhamos um anjo sentado sobre os ombros que apontava num grande livro todas as palavras que dizíamos. No Dia do Julgamento Final o livro era escrutinado e os nossos atos avaliados, e no final só eram admitidos no paraíso os felizardos que não tinham de que se envergonhar. Os outros eram lançados ao inferno.

– Não quero passar vergonhas – concluiu Samir.

Quando lhe perguntámos onde tinha obtido aquela informação, respondeu que o soubera por intermédio da nossa professora Lalla Tam. Decidimos então que doravante nos limitaríamos a investigar dentro dos limites do *halal,* do permitido, e eu tentei tirar da cabeça a ideia da possível ligação misteriosa entre o tamanho do sexo de um homem e o seu direito a ter um harém.

Da segunda vez que subimos ao terraço proibido estávamos muito mais descansados, não só porque a altura nos pareceu menos assustadora, mas também porque sabíamos que nos íamos limitar ao *halal*. Dessa vez a nossa pergunta foi: «Pode haver mais do que um amo num harém?» Era uma pergunta difícil e ficámos os três em silêncio durante um bom bocado, absortos nos nossos próprios pensamentos. Depois Samir disse que assim acontecia em alguns casos e noutros não. Comparou o nosso harém com o do tio Karim, o pai de Malika. No harém de Malika só havia um amo. No nosso havia dois. Tanto o tio Ali como o meu pai eram amos, embora o tio Ali mandasse um pouco mais do que o meu pai, porque era o filho mais velho, o primogénito. Não obstante, tanto o tio Ali como o meu pai tomavam decisões e davam ou negavam autorização para uma pessoa fazer o que queria. E, como dizia Yasmina, ter dois amos era melhor do que ter apenas um, porque se não se conseguia a autorização de um, podia-se sempre recorrer ao outro. Em casa de Malika as coisas tornavam-se bastante desagradáveis quando o tio Karim não dava autorização (ou permitia ou não, e não havia hipótese de confusões). Quando Malika pediu autorização para nos acompanhar a casa depois da escola corânica e ficar até ao pôr do sol, teve de implorar ao seu pai durante semanas. Mas ele não fez caso. Disse que uma rapariga tinha de ir diretamente para casa depois da escola. Finalmente, Malika conseguiu a ajuda de Lalla Mani, Lalla Radia e da tia Habiba; e as mulheres fizeram o seu pai mudar de ideias argumentando que a casa do tio era idêntica à do pai e que, além disso, em sua casa não tinha ninguém da mesma idade com quem brincar. Todos os seus irmãos e irmãs eram mais velhos do que ela.

Quanto mais amos uma pessoa tinha, maiores eram a liberdade e o divertimento, como acontecia na quinta de Yasmina. O avô Tazi era a autoridade suprema, claro, mas os seus dois filhos mais velhos, Hadj Salem e Hadj Jalil, também tomavam decisões. Quando o avô não estava em casa, ambos agiam como califas e frequentemente faziam todo o possível por exasperar Yasmina e as

outras coesposas do avô. Mas Yasmina também os aborrecia muitas vezes, afirmando, por exemplo, que antes de partir ao amanhecer o avô lhe dera autorização para ir pescar, afirmação que os dois filhos não podiam refutar porque nunca acordavam antes das oito da manhã. Yasmina levava sempre a sua avante porque acordava cedo, e disse-me que se eu queria ser feliz na vida, tinha de acordar antes dos pássaros. Se o fizesse, disse-me, a minha vida desenrolar-se-ia diante de mim como um jardim. A música das pequenas criaturas despertaria a felicidade dentro de mim enquanto considerava em silêncio como passaria o meu dia e qual seria o meu próximo passo em frente. Disse-me que para ser feliz uma mulher deve pensar arduamente e em silêncio durante várias horas como dar cada pequeno passo em frente.

– O primeiro passo é determinar quem tem a *sulta* (autoridade) sobre ti – disse-me Yasmina. – Essa informação é essencial. Mas depois precisas de baralhar as cartas, misturar os papéis. Essa é a parte interessante. A vida é um jogo. Considera-a dessa forma e poderás rir-te de tudo isto.

Sulta, autoridade, jogos. Eram três palavras importantes que continuavam a surgir e passou-me pela cabeça que talvez o próprio harém não passasse de um jogo. Um jogo entre homens e mulheres que se temiam mutuamente e que, por isso, tentavam sempre demonstrar como eram fortes, tal como as crianças. Mas naquela tarde não pude partilhar esta ideia com Malika e Samir, porque parecia disparatada. Significava que os adultos não eram diferentes das crianças.

Naquele dia abandonámos o terraço tão embrenhados na nossa investigação que nem sequer reparámos nas nuvens cor-de-rosa que deslizavam em silêncio para ocidente, nem em nenhuma outra coisa. Não tínhamos chegado a conclusão alguma – na verdade, estávamos mais confusos do que nunca e precipitámo-nos para a tia Habiba em busca de auxílio. Encontrámo-la absorta no seu bordado, com a cabeça inclinada sobre o seu *mrema,* uma estrutura em madeira horizontal utilizada para desenhos complicados. O *mrema* era parecido com o tear grande dos homens, mas muito mais pequeno e leve. As mulheres seguravam no tecido para que se aguentasse bem firme enquanto davam os pontos. Este *mrema* era um objeto muito pessoal, porque cada mulher colocava o seu numa posição que não a obrigasse a baixar muito a cabeça. O bordado era basicamente uma tarefa solitária, embora por vezes as mulheres se juntassem quando queriam falar ou quando faziam algo que implicava muito trabalho.

Naquele dia a tia Habiba estava completamente só a coser um pássaro verde de asas douradas. Os pássaros grandes com asas abertas chamativas não eram os desenhos clássicos, e se Lalla Mani visse aquele, diria que era uma inovação horrível, uma inovação que indicava que o seu autor não estava no seu perfeito juízo. Nos bordados tradicionais havia aves, claro, mas eram sempre pássaros muito pequenos e geralmente imobilizados, apertados entre plantas gigantescas e flores de grandes pétalas. Devido à atitude de Lalla Mani, no pátio a tia Habiba bordava sempre desenhos clássicos, e deixava o bordado das grandes aves aladas para quando estava sozinha, no seu quarto, que tinha acesso direto ao terraço. Eu gostava muito da tia Habiba. Era muito silenciosa, aparentemente muito serena ante as exigências de um mundo exterior severo e, apesar disso, conseguia agarrar-se às suas asas. Ela tranquilizava-me sobre o futuro: uma mulher podia ser completamente impotente, e apesar disso dar sentido à sua vida sonhando voar.

Malika, Samir e eu esperámos que tia Habiba levantasse a cabeça e então explicámos-lhe o nosso problema e confusão cada vez que tentávamos esclarecer o problema do harém. Depois de nos ouvir atentamente disse-nos que estávamos metidos numa *tanaqod,* ou contradição. Estar apanhado numa *tanaqod* significava fazer uma pergunta e obter demasiadas respostas, o que só aumentava a

nossa confusão.

– E o problema da confusão – disse a tia Habiba – é que uma pessoa deixa de se sentir esperta.

Contudo, acrescentava ela, para nos tornarmos adultos havia que aprender a lidar com a *tanaqod.* O primeiro passo para os principiantes era ter paciência. Havia que aprender a aceitar que, durante algum tempo, as perguntas resultariam sempre numa confusão crescente. No entanto, isto não constituía razão para que um ser humano deixasse de utilizar o mais precioso dom que Alá nos concedera: a *'aql,* a razão.

– E lembrem-se – acrescentou a tia Habiba –, até agora ninguém conseguiu compreender as coisas sem fazer perguntas.

A tia Habiba também nos disse algo sobre o tempo e o espaço, sobre como os haréns mudam de uma parte do mundo para outra, e de um século para o seguinte. O harém do califa Harun al-Rashid na Bagdade do século IX não tinha nada a ver com o nosso. As suas *jaryas,* ou escravas, eram mulheres cultas que para o entreterem devoravam livros de História e de Religião. Os homens daquele tempo não gostavam da companhia de mulheres incultas e ignorantes, e não era possível prender a atenção do califa sem o deslumbrar com conhecimentos sobre Ciência, História e Geografia, para não falar na Jurisprudência. Estes temas eram a obsessão do califa, que passava grande parte do seu tempo livre a discuti-los nos interregnos da *jihad* ou guerra santa. Contudo, os califas abássidas tinham vivido há muito tempo, acrescentou a tia Habiba. Atualmente, os nossos haréns estavam repletos de mulheres analfabetas, o que só vinha provar até que ponto nos desviámos da tradição. E no que dizia respeito a poder e força, os dirigentes árabes já não eram conquistadores mas sim conquistados, pois haviam sido esmagados pelos exércitos coloniais. No tempo em que as *jaryas* eram mulheres cultas, os homens árabes estavam no topo do mundo. Atualmente, tanto os homens como as mulheres estavam no fundo, e o desejo de educação era um sinal de que começávamos a emergir da nossa humilhação colonial. Enquanto a tia Habiba falava, olhei para Samir para ver se ele compreendia tudo o que nos estavam a dizer. Mas também ele parecia perplexo. A tia Habiba reparou na nossa inquietação e disse-nos para não nos preocuparmos, que ainda não precisávamos de compreender o tempo e o espaço. Por enquanto, o importante era que estávamos a avançar, embora não o soubéssemos. E a única coisa que podíamos fazer era prosseguir com a nossa missão.

Uma semana depois, durante a nossa sessão no terraço proibido, Malika abordou o assunto dos escravos. Era necessário ter escravos para que existisse um harém? Samir disse que era uma patetice fazer uma pergunta daquelas porque nós não tínhamos escravos. Mas Malika apresentou de imediato o exemplo de Mina, que vivia connosco e que era escrava. Samir retorquiu que a presença de Mina entre nós era acidental pois não tinha marido, filhos nem parentes, e estava connosco porque não pertencia a ninguém nem tinha para onde ir.

Era uma *maqtu'a,* desenraizada como uma árvore morta. Fora raptada da sua terra natal no Sudão, algures a sul do Sara, e fora vendida como escrava em Marraquexe. Depois passara por vários mercados de escravos até acabar como cozinheira em nossa casa. Pouco depois, pedira ao tio Ali que a dispensasse do trabalho doméstico porque queria retirar-se para o terraço e rezar. No pátio havia demasiado barulho e conversa. E assim, à exceção dos meses de inverno, devido aos ventos gelados da terra dos cristãos, Mina vivia no terraço inferior, voltada na direção de Meca.

31 *Khli'* é uma espécie de *bacon* de vaca que se cura nos meses soalheiros de julho e agosto, e depois se cozinha com azeite e gordura e se condimenta com coentro seco e cominhos. Se for preparado como deve ser, o *khli'* dura todo o ano, como as azeitonas.



17

MINA, A DESENRAIZADA

Mina vivia no terraço inferior, voltada para Meca, e sentava-se numa eterna pele de carneiro, com uma almofada de couro da Mauritânia cor de açafrão a apoiar-lhe as costas quando se encostava ao muro ocidental. O açafrão era a sua cor. Tanto a touca como o cafetã dela eram amarelo dourado e davam ao seu sereno rosto negro um brilho insólito. Estava condenada a vestir-se de amarelo porque estava possuída por um *djinni* estrangeiro que a proibia de vestir outras cores. Os *djinnis* eram espíritos terrivelmente obstinados que se apoderavam das pessoas e as obrigavam a obedecer aos seus caprichos, como vestir roupas de determinadas cores ou dançar ao ritmo de uma música concreta, mesmo em países onde era considerado impróprio as mulheres dançarem. Segundo a tradição, os adultos respeitáveis vestiam roupas de cores discretas, raramente dançavam e nunca em público. Lalla Mani dizia que só quem era mau, demente ou possuído dançava em público. Esta afirmação surpreendera sempre a minha mãe, que costumava retorquir que em quase todas as zonas rurais de Marrocos se dançava alegremente durante as festas religiosas, com longas filas de homens, mulheres e crianças saltando e brincando de mãos dadas até ao amanhecer. E, apesar de tudo, aquelas mesmas pessoas conseguiam produzir alimentos suficientes para nós.

– Eu pensava que os loucos não trabalhavam bem – dizia a minha mãe com indolência. Lalla Mani retorquia que quando alguém está possuído por um *djinni* perde a noção de *hudud,* de fronteira entre o bem e o mal, entre o *haram* e o *halal*.

– As mulheres possuídas por *djinnis* – dizia – dão grandes saltos quando ouvem tocar os seus ritmos, e agitam o corpo desavergonhadamente, com as mãos e as pernas sobre a cabeça.

Mina recordava fragmentos da sua língua materna desde a infância, mas tratava-se principalmente de canções que não tinham nenhum sentido para ela nem para ninguém. Por vezes também achava que a música de tambor *djinni* tocada na *hadra,* a cerimónia da dança da possessão, lhe recordava os ritmos da sua infância. Outras vezes não estava tão certa disso. No entanto, podia descrever árvores, frutos e animais que ninguém em Fez alguma vez vira, mas que por vezes apareciam nas histórias da tia Habiba, sobretudo quando atravessávamos o deserto numa caravana a caminho de Tombuctu; nessas alturas Mina pedia à tia Habiba que entrasse em maiores detalhes. A tia Habiba, que era analfabeta e tinha conseguido informar-se ouvindo atentamente o seu marido lendo em voz alta livros de História ou literatura, pedia então a Chama que viesse em seu auxílio. Chama subia as escadas precipitadamente com *Al-Idrissi,* ou algum outro livro de referência escrito por geógrafos árabes. Procurava Tombuctu no índice e lia páginas seguidas em voz alta para que Mina pudesse ter uma reminiscência da sua infância. Mina ouvia em silêncio do princípio ao fim, embora por vezes pedisse que lhe lessem uma mesma passagem várias vezes, sobretudo quando se tratava da descrição de um mercado ou de um bairro.

– Podia encontrar alguém conhecido – costumava brincar, tapando a boca com uma mão para esconder o seu sorriso tímido. – Podia dar de caras com a minha irmã ou o meu irmão. Ou podia ser

reconhecida por uma amiga de infância.

Depois desculpava-se por ter interrompido a história. Mina era *maqtu'a*, velha e pobre, mas irradiava cordialidade e *hanan,* esse grande dom divino que brota como uma nascente derramando ternura, quer o recetor seja bom e procure manter-se na *hudud* de Alá ou não. Apenas os santos e outras criaturas privilegiadas davam *hanan* e Mina fazia-o. Nunca manifestava cólera, exceto quando batiam numa criança.

Mina dançava uma vez por ano, durante o festival Mulud, o aniversário do nascimento do profeta, que Alá o Abençoe e Lhe Dê Paz. Nessa altura celebravam-se muitas cerimónias por toda a cidade, desde as mais oficiais dos maravilhosos coros masculinos religiosos que cantavam no magnífico santuário de Mulay Driss, até às ambíguas *hadra* ou danças de possessão celebradas nos bairros. Mina participava na cerimónia organizada em casa de Sidi Belal, o exorcista de *djinnis* de maior reputação e mais eficaz de toda a região de Fez. Também era oriundo do Sudão e iniciara a sua vida em Marrocos como escravo desenraizado. Mas era tão bom a apaziguar os *djinnis* que os seus amos empreenderam um negócio com ele. Nem todos podiam frequentar as cerimónias na casa de Sidi Belal. Era preciso convite.

Os *djinnis* possuíam tanto os escravos como as pessoas livres, e tanto os homens como as mulheres. Mas por alguma razão pareciam preferir os pobres e desvalidos, que eram os seus mais fiéis devotos.

– Para os ricos, a *hadra é* mais um divertimento – explicava Mina –, enquanto para as mulheres como eu é uma oportunidade única de me evadir, de existir de uma forma diferente, de viajar.

Para um homem de negócios como Sidi Belal, claro, a rara frequência de mulheres de famílias importantes era absolutamente vital, e estas iam a sua casa com presentes caros. Todos apreciavam a sua presença e generosidade como expressão da solidariedade feminina e a sua ajuda era muito necessária. Os nacionalistas opunham-se às danças de possessão porque as consideravam contrárias ao Islão e à *Shari'a*, a lei religiosa; e uma vez que todos os chefes de famílias importantes partilhavam as ideias nacionalistas, as mulheres assistiam à cerimónia de Sidi Belal no mais absoluto segredo. Mina também assistia em segredo porque o meu pai e o meu tio estavam totalmente de acordo com os nacionalistas. Mas tanto as mulheres como as crianças da casa o sabiam e quase todos a acompanhávamos. Quando alguém ia a uma festa de possessão precisava da companhia de um amigo, porque depois de horas a saltar e a cantar muitas vezes desmaiava-se de fadiga. Mina era tão popular que todos no pátio se afirmavam seus amigos. Mas, na realidade, e para além da amizade, todos nos sentíamos irresistivelmente atraídos por esta cerimónia claramente subversiva em que as mulheres dançavam com os olhos fechados, agitando o cabelo comprido para um lado e para o outro como se tivessem abandonado por completo a modéstia e as repressões físicas. Até nós arranjávamos maneira de lá irmos, recorrendo à ameaça de contar tudo ao meu pai e ao meu tio se fôssemos excluídos. Chantagear as mulheres adultas dava-nos um grande poder e garantia-nos o direito de participar em todas as cerimónias proibidas.

A casa de Sidi Belal era tão grande como a nossa, embora desprovida do esplêndido chão de mármore e do luxuoso trabalho em madeira. A *hadra* começava com centenas de mulheres, todas primorosamente vestidas e maquilhadas e tranquilamente alinhadas nos sofás a todo o comprimento das quatro paredes do pátio. Sentavam-se de braço dado e agrupavam-se em torno da sua *meriaha*, a mulher que não podia resistir ao *rih*, o ritmo que a impelia para a dança. O próprio Sidi Belal costumava colocar-se no centro do pátio, com uma túnica verde larga, um turbante e babuchas cor

de açafrão, rodeado por uma orquestra de homens tocando tambores, címbalos e guendris, uns instrumentos semelhantes ao alaúde.

As mulheres das famílias mais ricas ocupavam os quatro quartos que davam para o pátio, pois levavam os presentes mais caros e não queriam ser vistas a dançar; as mulheres mais pobres sentavam-se lá fora. Nos quatro cantos do pátio, bem como no centro de cada salão, dispunham-se preciosas bandejas de prata com multicolores copos de cristal da Boémia e samovares de bronze com água a ferver. Depois pediam-nos que não nos movêssemos. Como regra essencial, válida para todas as cerimónias, religiosas ou profanas, cada um devia procurar um sítio e ficar quieto, razão pela qual nós, as crianças, éramos mal toleradas. Como Mina costumava ter sempre umas dez crianças agarradas a ela, a tia Habiba estabelecera uma regra simples mas inflexível: cada um tinha de escolher com quem se sentava, mas seríamos postos na rua se nos levantássemos, começássemos a correr, tentássemos falar com outras crianças ou nos recusássemos a sentarmo-nos de novo depois do terceiro aviso. Eu era tão passiva e tranquila que esta regra não me punha qualquer problema, mas o pobre Samir nunca chegou ao final de uma cerimónia. Não conseguia estar quieto cinco minutos seguidos. Uma vez insultou Sidi Belal aos gritos, e foi acompanhado pela tia Habiba até à porta. No ano seguinte ela teve de lhe fazer um pequeno turbante para lhe tapar os caracóis, para que o mestre de cerimónias não o reconhecesse.

A orquestra de Sidi Belal tocava lentamente a princípio, tão lentamente que as mulheres continuavam a falar como se nada se passasse. Mas depois, de repente, os tambores marcavam um ritmo estranho e todas as *meriahat* se levantavam de um salto, tirando as toucas e as babuchas, inclinando-se e abanando as longas cabeleiras. Pareciam alongar-se enquanto moviam o pescoço de um lado para o outro, como se tentassem escapar do que as pressionava. Por vezes a violência dos movimentos das bailarinas assustava Sidi Belal, que por sinais indicava à orquestra que abrandasse o ritmo, com medo que se magoassem. Mas muitas vezes já era demasiado tarde e as mulheres ignoravam a música e continuavam a dançar de acordo com o seu próprio ritmo impetuoso, como que para mostrar que o mestre de cerimónias já não controlava nada. Era como se as mulheres se tivessem libertado das pressões externas de uma vez por todas. Muitas esboçavam leves sorrisos ou semicerravam os olhos, e por vezes davam a impressão de estarem a despertar de um sonho encantado. No final da cerimónia, as mulheres caíam no chão completamente exaustas e semi-inconscientes. Depois as suas amigas abraçavam-nas, felicitavam-nas, deitavam-lhes água de rosas na cara e sussurravam-lhes segredos ao ouvido. As bailarinas recompunham-se lentamente e voltavam aos seus lugares como se nada se tivesse passado.

Mina dançava lentamente, agitando a cabeça muito devagar da direita para a esquerda, com o corpo ereto. Só respondia ao ritmo mais suave, e mesmo então dançava fora do compasso, como se seguisse o ritmo de uma música interior. Eu admirava-a por isso e por uma razão que ainda hoje não compreendo. Talvez fosse porque sempre gostei do movimento lento e porque imaginava a vida como uma dança silenciosa e pausada, ou talvez porque ela conseguia combinar dois papéis aparentemente contraditórios: dançar com um grupo e manter o seu próprio ritmo peculiar. Eu queria dançar como ela, com a comunidade, mas também com a minha própria música secreta, que jorrava de uma profunda e misteriosa fonte interior e era mais forte do que os tambores. Mais forte e no entanto mais suave e libertadora. Uma vez perguntei a Mina por que dançava tão suavemente enquanto a maioria das outras mulheres faziam movimentos bruscos e convulsivos, e ela respondeu que muitas mulheres confundiam libertação com agitação.

– Algumas mulheres estão zangadas com a vida que têm – disse – e a sua dança transforma-se numa expressão disso mesmo.

As mulheres iradas são reféns da sua cólera. Não podem escapar-lhe e libertar-se, o que na verdade é uma triste sina. A pior prisão é a que as pessoas criam para si próprias.

Segundo a lenda, todos os músicos da orquestra da cerimónia da dança de possessão tinham de ser negros. Estes músicos, rezava a lenda, provinham de um império fabuloso chamado Gnawa (Gana), que se estendia para além do deserto do Sara e para além dos rios, para sul, até ao coração do Sudão. Tinham chegado ao norte sem nenhuma bagagem para além dos seus maravilhosos e irresistíveis ritmos e canções e haviam escolhido a cidade de Marraquexe, a porta aberta para o deserto.

Toda a gente dizia que Marraquexe, também conhecida como Al-Hamra ou Cidade das Muralhas Encarnadas, não tinha nada em comum com Fez, demasiado próximo da fronteira cristã e do Mediterrâneo e varrido por demasiados ventos invernais, crus e gelados. Marraquexe, pelo contrário, estava em perfeita sintonia com as correntes africanas, e era assunto de contos prodigiosos. Poucas pessoas do nosso pátio tinham estado em Marraquexe, mas toda a gente conhecia alguns mistérios daquela cidade.

As muralhas de Marraquexe eram de um encarnado incandescente, como a própria terra que se pisava. Era uma cidade tórrida e, no entanto, havia quase sempre neve a brilhar no alto das montanhas do Atlas. Atlas era um deus grego da antiguidade que vivia no Mar Mediterrâneo, um titã que lutava contra outros gigantes e que um dia perdeu uma importante batalha, sendo obrigado a esconder-se nas costas africanas; quando se deitou a dormir, pousou a cabeça na Tunísia e estendeu os pés até Marraquexe. A «cama» era tão agradável que não voltou a acordar, transformando-se em montanha. A neve visitava-o todos os anos durante meses e ele parecia encantado ao sentir os pés presos no deserto, e do seu cativeiro real piscava o olho aos viajantes.

Marraquexe era a cidade onde confluíam as lendas negra e branca, onde as línguas se fundiam e as religiões vacilavam, pondo à prova a sua estabilidade contra o imperturbável silêncio das areias ondulantes. Marraquexe era o lugar inquietante onde os peregrinos piedosos descobriam que o corpo também era um deus e que tudo o resto, incluindo a razão, a alma e todos os seus sacerdotes autoritários e zelosos carrascos, podiam desvanecer-se e desaparecer quando os tambores rasgavam o ar. Os viajantes diziam que em Marraquexe as pessoas dançavam quando não podiam comunicar devido às suas diferentes línguas. Eu gostava da ideia de uma cidade que se entregava à dança quando as palavras não serviam para estabelecer vínculos. Era precisamente isso que se passava no pátio de Sidi Belal, pensava eu, quando as mulheres, renovadas com a força daquelas civilizações antigas, libertavam os seus desejos irreprimíveis através da dança. Os *djinnis* vinham de estranhas terras longínquas, entravam nos corpos aprisionados e falavam-lhes em línguas estrangeiras.

Por vezes alguém localizava um percussionista branco na orquestra de Sidi Belal, supostamente formada apenas por músicos negros do Gana, e então as respeitáveis senhoras que tinham pago pela cerimónia protestavam.

– Como pode alguém que é mais branco do que uma aspirina interpretar música ganesa e cantar autênticas canções ganesas! – gritavam furiosas contra a deficiente organização.

Sidi Belal tentava explicar-lhes que por vezes, embora alguém fosse branco, podia assimilar e aprender a música ganesa e as suas canções. Mas as mulheres eram inflexíveis: os músicos da

orquestra tinham de ser todos negros e estrangeiros. Os negros da orquestra também deviam falar árabe com pronúncia, de contrário podia dar-se o caso de serem apenas negros locais que sabiam tocar tambor. Graças a séculos de viagens e comércio pelo deserto, na Medina de Fez viviam centenas de negros que podiam fazer-se passar por distintos visitantes estrangeiros do prestigiado império do Gana. Mas nunca o fariam, porque ainda que pudessem enganar as mulheres, certamente não poderiam enganar os *djinnis* estrangeiros. E isto teria deitado a perder todo o objetivo da cerimónia, que consistia em comunicar com os *djinnis* nas suas misteriosas línguas. Não era a dança um salto para mundos diferentes? Além disso, as mulheres preferiam uma genuína orquestra ganesa porque lhes repugnava que um tipo qualquer da nossa Medina pudesse olhá-las avidamente enquanto se concentravam na dança. Preferiam atuar diante de estranhos que ignoravam as leis e os códigos da cidade. De forma que era uma sorte para todos os interessados que os músicos de Sidi Belal normalmente permanecessem em silêncio quando não tocavam, porque assim a questão da pronúncia não se levantava muitas vezes.

Apesar de toda a agitação que rodeava a cerimónia anual na casa de Sidi Belal, em geral a vida de Mina passava despercebida. Partilhava um quarto minúsculo nos andares superiores com três outras escravas de idade – Dada Sa‘ada, Dada Rahma e Aishata – que já viviam na casa muito antes de a mãe de Samir e da minha mãe terem ido morar para lá. Tal como Mina, não tinham nenhuma relação clara com a família, mas tinham entrado na casa quando os franceses haviam imposto a proibição da escravatura.

– A escravidão cessou por fim – dizia Mina – quando os franceses tornaram possível que os escravos apresentassem pedidos nos tribunais para recuperar a sua liberdade e quando impuseram penas de prisão e multas aos mercadores de escravos. A violência só cessa quando o tribunal intervém[32].

Mas uma vez livres, muitas escravas como Mina eram demasiado fracas para lutar, demasiado tímidas para seduzir, estavam demasiado assustadas para protestar e eram demasiado pobres para regressar à sua terra natal. Ou então estavam muito pouco seguras do que encontrariam quando lá chegassem. A única coisa que realmente queriam era um quarto tranquilo para se estenderem e deixar que os anos passassem, um lugar onde pudessem esquecer a absurda sucessão dos dias e das noites e sonhar com um mundo melhor em que a violência e as mulheres seguissem caminhos diferentes. Mas enquanto Dada Sa’ada, Dada Rahma, Aishata e quase todas as parentes que viviam nos andares superiores permaneciam nos seus quartos, Mina adorava o terraço. Como nunca divulgava os segredos (e, na verdade, quase nunca falava, a não ser com as crianças), a sua presença também não incomodava ninguém: nem os rapazes que se escapuliam até lá para dar uma espreitadela às raparigas da casa do lado; nem as mulheres que subiam para acender velas mágicas ou, pior ainda, para fumar os pecaminosos cigarros americanos, difíceis de encontrar e que roubavam do bolso de Zin ou Jawad; nem a nós, crianças, que nos escondíamos nas proibidas barricas de azeitonas.

Aquelas barricas eram o meu vício pessoal secreto, e o fascínio mórbido que sentia por elas inquietou muita gente e desencadeou um conselho familiar de alto nível. Mas quando a avó Lalla Mani, na qualidade de presidente, me perguntou porque sentia aquela horrível necessidade de deslizar para dentro daquelas enormes barricas escuras e vazias, não confessei. Nunca disse que tinha a ver com o rapto de Mina, de outro modo tê-la-iam culpado a ela. Mina era inacreditavelmente popular entre as crianças, de tal forma que as mães lhe pediam ajuda quando

tinham problemas em comunicar com os filhos. Eu gostava muito dela e não queria causar-lhe problemas, sobretudo porque quando tinha apenas a minha idade já havia sofrido muito. Tinham-na raptado quando era pequena, quando se afastara da casa de seus pais um pouco mais do que o habitual. Fora agarrada por uma mão enorme e, quando voltara a si, ia com outras três crianças e dois sequestradores ferozes que brandiam grandes facas.

Mina lembrava-se perfeitamente de como tudo acontecera: os sequestradores escondiam as crianças durante o dia e só prosseguiam quando o sol se punha. Atravessaram a sua amada floresta viajando muito, para norte, até que já não se via vegetação, apenas dunas de areia branca.

– Se nunca viste o deserto do Sara – dizia Mina – não podes imaginá-lo. E lá que compreendes como é grande o poder de Alá; é claro que ele não precisa de nós! Uma vida humana é insignificante no deserto, onde apenas sobrevivem as dunas e as estrelas. A dor de uma menina é uma ninharia. Mas quando atravessava a areia descobri que havia outra rapariga pequena dentro de mim. Uma rapariga forte e decidida a sobreviver. Nessa altura tornei-me numa Mina diferente. Compreendi que todo o mundo estava contra mim e que o único bem que podia esperar tinha de vir de dentro de mim mesma.

Os seus raptores negros, que falavam a língua materna de Mina, foram em breve substituídos por outros de tez clara que falavam uma língua estrangeira que ela não compreendia[33].

– Até então eu pensava que todo o planeta falava o nosso dialeto – dizia Mina.

O grupo viajava em silêncio durante a noite e encontrava-se em lugares específicos, previamente combinados, com amigos dos raptores que lhes davam alimentos e os escondiam até ao pôr do sol do dia seguinte.

Recomeçavam sempre a marcha quando a areia mergulhava na escuridão, e quase nunca se cruzaram com vivalma no caminho. Tinham de evitar a todo o custo os postos avançados franceses espalhados pelo deserto ocupado, porque o comércio de escravos já tinha sido declarado ilegal.

Um dia atravessaram um rio e, por alguma estranha razão, Mina pensou ver no horizonte a sua velha e amada floresta. Perguntou a outra rapariga da sua aldeia se também a via e a rapariga assentiu com a cabeça. Ambas acreditaram que, graças a uma mudança mágica dos acontecimentos, os raptores se tinham perdido e voltavam a casa. Ou que a sua aldeia avançava para elas. Ora, naquela noite as duas raparigas fugiram; mas voltaram a ser capturadas algumas horas mais tarde.

– Na vida há que ter muito cuidado – costumava dizer Mina – e não confundir os desejos com a realidade; mas nós fizemo-lo, e pagamos caro por isso.

Quando Mina chegava a este ponto da história, a voz tremia-lhe e todos à sua volta choravam de tristeza, sobretudo quando ela entrava em detalhes.

– Soltaram o balde da corda do poço – dizia – e disseram que se queria continuar viva tinha de agarrar na ponta da corda e concentrar-me em silêncio enquanto me enfiavam no poço escuro. O horror era que eu nem sequer podia permitir-me tremer de medo, porque se o fizesse a corda escapar-me-ia dos dedos. E isso seria o fim.

Nessa altura Mina interrompia-se e soluçava suavemente. Depois enxugava as lágrimas e continuava a falar enquanto os que a ouviam choravam discretamente.

– Choro porque ainda me indigna não me terem dado a oportunidade de ter medo – costumava ela dizer. – Sabia que em breve chegaria à parte mais escura e profunda do poço onde estava a água, mas tinha de reprimir aquela sensação aterrorizadora. Tinha de o fazer! De contrário soltaria a corda; por isso concentrei-me na corda e nos meus dedos que a seguravam com força. Havia outra

rapariga pequena ao meu lado, outra Mina que morria de medo enquanto o seu corpo quase tocava na água fria e escura, cheia de cobras e criaturas viscosas, mas eu devia alhear-me dela e concentrar-me na corda. Quando me tiraram do poço permaneci cega durante vários dias, não porque não pudesse ver mas porque já não me interessava ver o mundo.

Em *As Mil e Uma Noites* são frequentes os contos com raptos perpetrados pelos mercadores de escravos, que assaltavam as caravanas reais durante a peregrinação a Meca, sequestrando princesas para venderem como escravas[34]. Mas nenhum daqueles contos me impressionou tanto como a descrição do cativeiro de Mina no poço. Tive pesadelos quando ouvi estes contos pela primeira vez, mas nunca disse à minha mãe que era isso que me assustava quando me abraçava e me levava para a sua cama. Ela e o meu pai abraçavam-me com força e beijavam-me, tentando compreender o que se passava comigo e porque não conseguia dormir. Mas não lhes falei do poço, temendo que me proibissem de voltar a ouvir a história de Mina. E eu precisava de ouvir aquela história mais vezes ainda, para também eu poder atravessar o deserto e chegar a salvo ao terraço. Era fundamental falar com Mina, porque precisava de saber todos os detalhes. Precisava de saber mais, precisava de saber como sair do poço.

Em nossa casa nem todos estavam de acordo no que dizia respeito ao que as crianças deviam ouvir. Muitos membros da família, como Lalla Mani, achavam que era uma irresponsabilidade as crianças ouvirem falar de violência. Outros diziam que quanto mais depressa soubéssemos, melhor, pois defendiam que era essencial ensinar as crianças a protegerem-se, a escapar e a evitar que o medo as paralisasse. Mina pertencia ao segundo grupo.

– Descer àquele poço – costumava dizer – fez-me compreender que quando uma pessoa tem problemas precisa de se concentrar com todas as suas forças e pensar que há uma saída. Então, o fundo do poço escuro transforma-se num trampolim do qual se pode saltar tão alto até tocar com a cabeça nas nuvens. Compreendem o que quero dizer?

Sim, Mina – pensei eu –, compreendo o que queres dizer, compreendo-o perfeitamente. Só tenho de aprender a saltar suficientemente alto para atingir as nuvens.

Aprenderei a dar os saltos providenciais escorregando para dentro das barricas de azeitonas, treinando-me e preparando-me para os grandes medos futuros.

Aprenderei a brilhar como tu, encostada ao muro ocidental, virada para Meca, e com hanan*, essa ternura incessante.*

«Estou certa de que Meca sabe tudo sobre o poço e os raptores, não achas, Mina? – disse-lhe um dia. – Alá deve ter castigado todos os que te fizeram mal. Certamente que Alá o fez, e eu nunca devo ter medo, não é verdade?»

Mina era muito otimista e disse-me que não havia nenhuma razão para que eu tivesse medo.

– A vida parece boa para as mulheres agora que os nacionalistas reclamam o direito ao ensino e o fim da sua reclusão – disse. – Pois, como sabes, atualmente o problema das mulheres é serem impotentes. E a sua impotência deve-se à ignorância e à falta de educação. Tu vais ser uma mulher poderosa, não vais? Ficaria muito triste se não fosses. Concentra-te nesse pequeno círculo de céu que se vê do poço. Há sempre um pedacinho de céu para onde se pode levantar o olhar. Por isso

não olhes para baixo, olha para cima, para cima, e aí vamos nós! Levantamos voo!

Depois de insistir com Mina vezes sem fim para que me contasse a história da sua fuga do poço, e de deslizar com certa regularidade para dentro da escura barrica de azeitonas, libertei-me do medo e o meu pesadelo desapareceu. Descobri que era uma criatura mágica. Só precisava de fixar a minha visão bem alto no céu e tudo correria bem. Mesmo quando são minúsculas, as raparigas pequenas podem surpreender os monstros. Na verdade, o que me fascinava na história de Mina era como tinha surpreendido os seus raptores, que esperavam que ela gritasse mas ela não o fez. Aquilo pareceu-me muito inteligente, e disse a Mina que também eu poderia surpreender o monstro se tivesse de o fazer.

– Sim, mas primeiro tens de conhecê-lo muito bem – disse-me. Ela tinha observado os seus raptores durante muito tempo porque a viagem demorara semanas.

Mina dizia que quando se está encurralado há sempre a possibilidade de agradar ao monstro baixando a vista e chorando, ou surpreendê-lo olhando para cima: – Se queres agradar-lhe, baixas o olhar, e pensas nas cobras e outras criaturas frias de movimentos lentos que rastejam umas sobre as outras lá em baixo, à espera de te apanharem. Se, pelo contrário, queres assombrar o monstro, fixa os teus olhos no alto, naquele pedacinho de céu, e evita emitir o menor som. Então, o torturador que te vigia lá de cima verá os teus olhos e assustar-se-á. Achará que és um *djinni*, ou duas pequenas estrelas cintilando na escuridão.

Nunca esqueci a ideia de Mina, a minúscula Mina, aquela criaturinha assustada, perdida no deserto com estranhos, transformando-se em duas estrelas cintilantes. É uma visão que me impressionou na altura e me impressiona ainda hoje, e quando consigo o silêncio necessário para imaginá-la, a esperança e a força apoderam-se de mim. Mas na altura precisava de me preparar para sair do poço, e durante algum tempo meter-me nas barricas escuras e vazias transformou-se no meu jogo preferido. No entanto, só podia entregar-me a ele quando havia algum adulto por perto, porque Samir achava que era demasiado perigoso para as crianças.

Eu ficava muito feliz sempre que Mina me ajudava a sair do poço onde costumava meter-me obsessivamente, deslizando para dentro de uma enorme barrica vazia. Utilizávamos as barricas para jogar às escondidas e escondíamo-nos atrás delas ou, quando queríamos sentir medo a sério, metíamo-nos dentro de uma. Mas às vezes escorregávamos e corríamos o risco de ficar presos, e então era necessária a ajuda de um adulto. Mina vivia praticamente no terraço, encostada ao muro ocidental, e observava-nos em silêncio a jogar o nosso mórbido jogo, à espera da catástrofe seguinte. Então, quando um de nós começava a gritar pedindo ajuda, levantava-se, aproximava-se e olhava para o fundo da barrica.

– Não podes esperar que o medo te alcance em vez de correr ao seu encontro? – dizia. – Agora fica quieta e não entres em pânico. Vou já tirar-te daí.

Por isso só tinha de me descontrair tentando respirar normalmente e fixar o olhar no minúsculo círculo de céu azul lá em cima. Em seguida ouvia o som de passos no chão do terraço e a voz de Mina murmurando instruções de salvamento a Dada Sa'adad, Dada Rahma e Aishata. Depois dava-se um ténue tremor de terra e a barrica inclinava-se até ficar horizontal para eu rastejar para fora.

Sempre que Mina me ajudava a sair da barrica, saltava para o seu pescoço e abraçava-a entusiasmada.

– Não me abraces com tanta força que ainda me estragas a touca – dizia ela. – E que teria acontecido se eu estivesse no banho ou absorvida nas minhas orações, hein?

Então, apoiava a cabeça no seu pescoço e prometia-lhe que nunca mais voltaria a ficar presa dentro de uma barrica de azeitonas. Quando via que ela estava mais calma e me deixava brincar com as pontas do seu turbante, atrevia-me a pedir-lhe um favor.

– Mina, deixas-me sentar ao teu colo para me contares como escapaste do poço?

– Mas já te contei isso umas cem vezes! Que se passa contigo? Já sabes o essencial: por muito pequena que uma rapariga seja, tem dentro de si energia suficiente para desafiar os torturadores, para ser corajosa e paciente e não perder tempo a tremer e a gritar. Já te expliquei que o sequestrador esperava que eu chorasse e gritasse. Mas quando não ouviu nenhum som e viu duas estrelas cintilantes fixando-se nele, tirou-me cá para fora de imediato. Não esperava um silêncio provocador e um olhar sereno. Esperava que eu desatasse aos gritos. Mas tu já sabias isso tudo!

Depois jurava-lhe que era a última vez que teria de me repetir a história e que acabaria com as barricas para sempre.

Até à vez seguinte.

32 Mina referia-se provavelmente à *Circulaire de 1'Administration Française* de 1922, que não se limitava a declarar ilegal a venda pública de escravos (que já o era desde há décadas em Marrocos), como também dava às vítimas - os escravos - a oportunidade de se libertarem processando judicialmente os seus sequestradores e compradores. Pouco depois da entrada em vigor da *Circulaire*, a escravatura desapareceu em Marrocos. Mesmo depois da proibição internacional da escravatura, este feito contrasta com o facto de os funcionários árabes a terem continuado a tolerar durante muitas décadas. Enquanto as mulheres não tiverem a lei do seu lado, e não puderem processar facilmente os seus agressores, não se dará a mudança.

Tal como os países muçulmanos negam os direitos das mulheres por serem considerados uma forma de agressão ocidental contra os valores muçulmanos, durante o século XIX e princípios do século XX muitos dirigentes árabes opuseram-se à proibição da escravatura promovida pelas potências coloniais e criticaram-na como violação do Islão. Muitos funcionários muçulmanos e porta-vozes da classe dirigente que ainda compravam ou vendiam escravos rejeitaram a proibição como mais um exemplo da arrogância colonial.

Contudo, na verdade, um dos feitos do primitivo Islão foi a sua firme posição antiesclavagista. Na Medina do século VII, o profeta Maomé encorajou os seus crentes a libertar os seus escravos como ele libertara os dele, dando mesmo à sua famosa escrava Bilal e ao filho de Bilal, Ousama, cargos importantes. Mas essa herança histórica não influenciou a posição de alguns dirigentes árabes conservadores, que resistiram à abolição da escravatura mascarando-a como um ataque à *umma*, a comunidade muçulmana, que é exatamente o que fazem hoje com os direitos das mulheres. Eles sabem perfeitamente que não podem promover a democracia sem libertar as mulheres. De facto, a sua oposição aos direitos das mulheres é uma rejeição dos princípios democráticos e dos direitos humanos.

33 Os mercadores locais de escravos entregavam as suas vítimas aos mercadores árabes de escravos, que seguiam as rotas comerciais tradicionais para o norte. Vejam-se os mapas em *The Golden Trade ofthe Moors*, de E. W. Bouvill, Oxford University Press, 1970, especialmente o cap. 25 «The Last Caravans», pp. 236 e 239.

34 Um dos raptos mais famosos é o da princesa Nuzhatu al-Zaman, em «Conto do Rei Ornar Bin al-Nu'man e seus Filhos» (tradução de Burton, vol. 2). O rapto começa na página 141 e é muito semelhante ao de Mina.



18

CIGARROS AMERICANOS

Brincar com as barricas de azeitonas não era a única atividade ilegal que decorria no terraço. Os adultos cometiam delitos mais graves, como mascar pastilhas elásticas, pintar as unhas com verniz encarnado e fumar cigarros, embora estas duas últimas atividades fossem muito pouco frequentes, em primeiro lugar porque havia dificuldade em obter estes produtos estrangeiros. Os delitos mais comuns eram acender velas mágicas para conseguir *kbul* (atrativo sexual), frisar o cabelo com ferros para se ficar parecido com a atriz francesa Claudette Colbert, ou planear escapadelas ao mundo exterior para assistir às assembleias nacionalistas celebradas em casa de alguém ou na mesquita Qarauíne. Como as crianças podiam pôr em apuros os delinquentes adultos, que teriam de se haver com o meu pai, o meu tio ou Lalla Mani se lhes contássemos o que tínhamos visto, tratavam-nos com uma indulgência excecional e gozávamos de uma posição invulgarmente agradável no terraço. Nenhum adulto podia dar-nos ordens sem que ameaçássemos com retaliações de informar as autoridades. E, na realidade, as autoridades confiavam plenamente em nós quando suspeitavam de alguma irregularidade, porque acreditavam que «as crianças dizem sempre a verdade». Por isso, todos os transgressores nos davam tratamento de primeira, enchendo-nos de bolachas, amêndoas torradas e uma espécie de *donuts* chamados *sfinge*, e serviam o chá primeiramente a nós.

Mina observava em silêncio, redobrando as suas orações pela salvação da alma de todos. O que mais a contrariava era que os rapazes da casa subissem ao terraço para irem ver as meninas Bennis. Considerava esse ato absolutamente pecaminoso, uma perigosa violação da *hudud*, a fronteira sagrada. Era verdade que os jovens de cada casa permaneciam nos respetivos terraços, mas costumavam cantar canções de amor suficientemente alto para serem ouvidos pelos vizinhos. Chama também dançava, e o mesmo faziam as meninas Bennis, criando assim momentos fugazes em que o amor e a felicidade adolescentes pairavam no ar e transformavam o crepúsculo numa romântica luz difusa e avermelhada. Não obstante, segundo Mina o mais grave era que os rapazes e as raparigas não se limitavam a observar-se mutuamente do terraço, mas trocavam olhares de amor.

Um olhar de amor era olhar para um homem com os olhos semicerrados, como se estivesse quase a adormecer. Chama fazia-o maravilhosamente, e já começara a receber inúmeras propostas de casamento de promissores filhos de distintas famílias nacionalistas, que a tinham visto de relance enquanto cantava *Magrebuna Watanuna* (Marrocos, Nossa Pátria) em manifestações de rua ou durante as celebrações na mesquita Qarauíne, quando os franceses libertaram os presos políticos. Malika disse-me que me ensinaria a lançar olhares de amor se prometesse dar-lhe uma parte considerável das minhas bolachas, amêndoas e *sfinge*. Na escola corânica os rapazes também prestavam muita atenção a Malika, e eu estava ansiosa por conhecer o seu segredo. Por fim, pressionei-a até que me disse vagamente que utilizava uma combinação de olhar de amor e recitação mental de uma fórmula *qbul* que retirara de um livro de magia medieval, e que segundo parecia cativava para sempre o coração dos homens cujo amor se desejava[35]. Eu estava

extremamente interessada em toda esta história, e tentei fazer com que Samir também se interessasse, levando «emprestado» um dos livros de Chama; mas ele queixou-se de que eu me estava a preocupar demasiado com todo aquele novo assunto de beleza e amor e negligenciava os nossos outros projetos e jogos. Compreendi então que Malika era a minha única oportunidade de obter a informação vital de que necessitava sobre beleza e atração sexual, que cada dia me interessava mais. Contudo, não lhe queria dar a impressão de estar desesperada, e por isso disse-lhe que precisava de pensar no assunto antes de me decidir sobre as bolachas.

Os adultos do terraço tratavam-nos sempre como se não soubéssemos nada do amor nem dos bebés e ignorássemos a importância de uma pessoa se enfeitar para conseguir o amor do sexo oposto. Malika disse-nos algumas vezes que o amor não era um assunto simples, e eu ouvi atentamente enquanto ela resumia os seus enredos, sem deixar de me perguntar por um único instante se ela não estaria a pressionar-me por causa da história das bolachas. Ela afirmava que o mais difícil não era conseguir que uma pessoa se apaixonasse por nós, mas manter esse amor vivo. Porque o amor tem asas – vai e vem. Decidi simplificar as coisas concentrando-me na sedução inicial; mais tarde poderia tratar do problema de tornar o amor duradouro para sempre.

Uma mulher tinha de fazer duas coisas para conseguir o amor de um homem. Uma delas era magia: tinha de acender uma vela durante uma noite de lua cheia e salmodiar um feitiço que todas as raparigas aprendiam numa altura ou noutra. A segunda era um processo complicado que resultava sempre: tinha de se embelezar, cuidar do cabelo, da pele, das mãos, das pernas e… Oh, tenho a certeza de que me esqueci de algo. Seja como for, a tia Habiba disse-me que não havia pressa pois tinha muito tempo para pensar nas técnicas de beleza.

Já sabia o que fazer para ter o cabelo bonito, porque a minha mãe decidira que o meu era horrível. Era encaracolado e rebelde, e estas duas características eram mais acentuadas do que era considerado apropriado para uma jovem. Por isso, uma vez por semana a minha mãe deitava em meia chávena de azeite a ferver duas ou três folhas frescas de tabaco de contrabando a um preço bastante elevado, procedente das montanhas do Rif onde era cultivado em extensas plantações (quando não se conseguia obter folhas frescas, o tabaco seco para inalar também servia). Deixava o azeite a ferver repousar um bocado com as folhas de tabaco e depois separava-me pacientemente o cabelo em madeixas finas e untava-o com a mistura. Em seguida entrançava-o e prendia-o no alto da cabeça para eu não manchar a roupa; e tinha de evitar abraçar ou beijar fosse quem fosse até serem horas de ir para o *hammam*, o banho público, onde a minha mãe diluía hena em água quente para me esfregar bem o cabelo todo antes de o lavar. Costumava dizer que não se podia esperar grande coisa de uma mulher que não cuidava do seu cabelo, e eu queria que as pessoas esperassem muito de mim.

Adorava lavar o cabelo, porque ir ao *hammam* era como entrar numa ilha quente envolta em brumas; pedia a preciosa taça turca de prata da minha mãe, sentava-me no seu tamborete sírio de madeira e madrepérola e lavava o cabelo como ela. Usava a taça para tirar a água do balde de água quente proveniente da enorme fonte e derramava-a sobre a minha cabeça. Só parava quando a minha mãe ouvia as outras a gritar que estava tudo salpicado de hena, inclusive os olhos das que estavam próximas de mim. Mas eu conseguia sempre sair do *hammam* sem prestar a menor atenção às minhas detratoras e afastava-me sentindo-me tão bela como a princesa Budur.

Num dia em que estava a salpicar tudo, decidi que ir ao *hammam* do nosso bairro, com o seu chão de mármore branco e o seu teto de vidro, era um prazer tal que, onde quer que fosse em adulta,

sem dúvida arranjaria maneira de levar um comigo, juntamente com o meu amado terraço. A minha mãe afirmava que o *hammam* e o terraço eram os dois aspetos mais agradáveis da vida do harém, e as duas únicas coisas dignas de serem conservadas. Ela queria que eu estudasse muito para obter um diploma, ser uma pessoa importante e construir a minha própria casa com um *hammam* no primeiro andar e um terraço no segundo. Perguntei-lhe onde viveria e onde dormiria e ela respondeu-me:

– No terraço, querida! Podes arranjar um teto removível de vidro e utilizá-lo quando fores dormir ou quando estiver frio. Com todas as coisas novas que os cristãos inventam, quando fores maior já será possível comprar casas de vidro com tetos removíveis.

Enclausurada no harém, as possibilidades de tornar a vida agradável pareciam infinitas: as paredes desapareceriam e seriam substituídas por casas com tetos de vidro. Aprisionadas atrás dos muros, as mulheres deambulavam, sonhando com horizontes sem fronteiras.

Mas voltemos às pastilhas elásticas e aos cigarros. Não ligávamos grande coisa aos cigarros, mas adorávamos as pastilhas elásticas, pois eram diabolicamente saborosas. No entanto, raramente conseguíamos obtê-las porque os adultos as guardavam para si. A nossa única possibilidade era participar numa operação ilícita, como quando Chama quis que nos apoderássemos de uma carta da sua amiga Wassila Bennis. Samir e eu sabíamos que as cartas eram, na realidade, escritas por Chadli, o irmão de Wassila. Chadli estava apaixonado por Chama (embora nós não o devêssemos saber), mas o meu pai e o meu tio não gostavam que houvesse demasiadas idas e vindas entre as duas casas, porque os Bennis tinham muitos filhos e a senhora Bennis era tunesina de ascendência turca e, portanto, extremamente perigosa, dado que seguia as ideias revolucionárias de Kemal Ataturk[36]: conduzia sem véu o velho *Oldsmobile* preto do seu marido, como uma mulher francesa, e pintava o cabelo de louro platinado num corte à Greta Garbo. Todos estavam de acordo em que ela não fazia realmente parte da Medina. Apesar disso, sempre que a senhora Bennis ia à cidade antiga, e fazia-o frequentemente, vestia-se segundo a tradição, com *djellaba* e véu. Na verdade, podia dizer-se que a senhora Bennis tinha duas vidas – uma na Ville Nouvelle, na cidade europeia, onde se passeava sem véu, e a outra na Medina tradicional. Era precisamente esta ideia de uma vida dupla que excitava toda a gente e que transformara a senhora Bennis numa celebridade.

Viver numa combinação dos dois mundos era muito mais atraente do que viver apenas num. A ideia de poder oscilar entre duas culturas, duas personalidades, dois códigos e duas línguas encantava toda a gente! A minha mãe queria que eu fosse como a princesa Aisha (a filha adolescente do nosso rei Mohammed V, que fazia discursos públicos em árabe e em francês), que usava cafetãs compridos e vestidos franceses curtos. Na verdade, achávamos a ideia de trocar de códigos e de línguas tão maravilhosa como a abertura de portas mágicas. As mulheres também adoravam, mas os homens achavam perigoso; o meu pai, em particular, não gostava da senhora Bennis porque, na sua opinião, ela fazia com que a transgressão parecesse natural pois passava demasiado facilmente de uma cultura para a outra, sem ligar nenhuma à *hudud*, a fronteira sagrada.

– E que tem isso de mal? – perguntava Chama.

O meu pai respondia que a fronteira protegia a identidade cultural e que se as mulheres árabes começassem a imitar as europeias vestindo-se de forma provocadora, fumando cigarros e andando por aí com a cabeça descoberta, só restaria uma cultura e a nossa morreria.

– Se assim é – respondia Chama –, então porque continuam os meus primos a andar por aí vestidos como Rudolfos Valentinos de imitação e a usar o cabelo curto como os soldados franceses

sem que ninguém lhes grite que a nossa cultura está quase a desaparecer?

O meu pai não respondia nada a esta pergunta. Era um homem pragmático e estava convencido de que a maior ameaça não provinha dos soldados ocidentais, mas dos seus hábeis vendedores e dos respetivos artigos de aparência inofensiva. Por isso organizou uma cruzada contra as pastilhas elásticas e os cigarros *Kool*. Para ele, fumar um cigarro *Kool*, comprido, branco e fino, equivalia a apagar séculos de cultura árabe.

– Os cristãos querem transformar os nossos respeitáveis lares muçulmanos em mercados – dizia. – Querem que compremos esses produtos venenosos que eles fazem e que não têm nenhum propósito real, para que nos transformemos numa nação de ruminantes. As pessoas passam os dias a meter porcarias na boca em vez de rezarem a Alá. Quando temos a boca permanentemente ocupada regredimos à infância.

Inquietava-me a insistência do meu pai sobre o perigo dos cigarros, que considerava piores do que as balas francesas e espanholas. Ora, eu nunca lhe contava sobre as atividades do terraço, mas não me agradava trair a sua confiança, pois ele gostava muito de mim e esperava que eu nunca mentisse. Na verdade, quase não circulavam cigarros nenhuns porque era muito difícil obtê-los. Nem as mulheres nem os jovens tinham muito dinheiro, pelo que as suas compras eram raras. A compra e a venda de bens no harém era controlada pelos homens. Os outros simplesmente consumiam o que havia. Não tínhamos o privilégio de escolher, de decidir, de comprar. Por isso, comprar qualquer coisa, ainda que fosse apenas cigarros, significava que circulava dinheiro ilegal. Esta era outra das razões por que o meu pai tentava localizar o responsável pelo contrabando.

Como o dinheiro era tão escasso, era muito raro haver um maço inteiro de cigarros no terraço. O normal era que os adultos tivessem um ou dois cigarros, que fumavam entre cinco ou seis pessoas. Na verdade isso não fazia mal porque o importante não era a quantidade mas o ritual. Primeiro metia-se o cigarro numa boquilha, e quanto mais comprida melhor; depois segurava-se a boquilha com dois dedos estendidos, fechava-se os olhos e dava-se umas passas, ainda com os olhos fechados; em seguida abria-se os olhos e olhava-se para o cigarro entre os dedos como se fosse uma aparição mágica. Depois passava-se à pessoa sentada ao lado, que o passava à seguinte, até que todo o círculo desse uma passa. Oh! Quase esquecia o silêncio: a operação tinha de ser realizada sem um único som, como se o prazer tivesse imobilizado a língua de toda a gente. Por vezes, Samir, Malika e eu imitávamos os adultos, utilizando um palito em vez de um cigarro, mas embora copiássemos até ao mais pequeno gesto, não podíamos imitar o silêncio. No que nos dizia respeito, essa era a única parte difícil do ritual.

As pastilhas elásticas e os cigarros tinham-nos chegado através dos americanos, que haviam aterrado pela primeira vez no aeroporto de Casablanca em novembro de 1942. Anos depois de se terem ido embora, os americanos continuavam a surgir nas nossas conversas porque tudo o que lhes dizia respeito era um mistério do princípio ao fim. Tinham surgido do nada quando ninguém os esperava, e durante a sua breve estadia haviam surpreendido toda a gente. Quem eram aqueles estranhos soldados? Porque tinham vindo? Nem Samir nem eu, nem mesmo Malika, conseguimos desvendar estes mistérios. A única certeza que tínhamos era que os americanos eram cristãos, mas muito diferentes dos cristãos normais que continuavam a chegar do Norte para nos derrotar. Quer se acreditasse ou não, os americanos não viviam no Norte, mas numa ilha longínqua chamada América, que ficava para ocidente; por isso tinham chegado de barco. As opiniões dividiam-se relativamente à forma como haviam chegado à ilha onde viviam. Samir dizia que um dia andavam

às voltas junto à costa espanhola e haviam sido apanhados por uma corrente que os arrastara até lá. Malika dizia que tinham ido até à ilha em busca de ouro, tendo-se perdido e decidido ficar. Fosse como fosse, os americanos não podiam deslocar-se a pé como toda a gente para onde lhes apetecesse; tinham de voar ou ir de barco quando se aborreciam ou queriam visitar os seus parentes cristãos, os espanhóis e os franceses. Claro que não deviam ser parentes muito próximos, porque os franceses e os espanhóis eram bastante baixos e tinham bigodes pretos, enquanto os americanos eram muito altos e tinham uns olhos azuis diabólicos. Como descreveu Hussein Slaui, o cantor folclórico de Casablanca, quando chegaram assustaram grande parte da população da cidade com os seus uniformes de combate e ombros com o dobro da largura da dos franceses, e porque haviam começado a perseguir as mulheres de imediato. Hussein Slaui intitulou esta canção «Al-'Ain az-zarga jana b-kul khir» (Os Homens de Olhos Azuis Trouxeram Todo o Tipo de Bênçãos), e a tia Habiba explicou-nos que o título era sarcástico, porque na verdade os homens de Casablanca tinham ficado bastante preocupados. Os americanos não só haviam perseguido as mulheres sempre que as localizavam no porto, como além disso lhes davam todo o tipo de presentes perniciosos como pastilhas elásticas, sacos de mão, lenços, cigarros e *bâtons* encarnados.

Todos diziam que os americanos haviam vindo a Marrocos para derrotar alguém, mas Samir e eu não sabíamos quem. Alguns diziam que tinham vindo para derrotar os alemães, aqueles guerreiros que perseguiam os franceses porque não gostavam da cor do seu cabelo. Segundo parecia, os franceses haviam pedido aos americanos que interviessem na guerra e os ajudassem a derrotar os alemães. Mas o problema desta explicação era que em Marrocos não havia alemães! Samir, que viajava frequentemente com o meu tio e com o meu pai, jurava que nunca vira alemão algum em todo o reino.

De qualquer modo, todos estavam muito felizes pelo facto de os americanos não terem vindo fazer-nos guerra. Alguns até diziam que os americanos eram muito simpáticos e que passavam quase todo o tempo a praticar desporto, a nadar, a mascar pastilhas elásticas e a gritar *OK* para toda a gente. *OK* era a sua saudação e correspondia ao nosso *Salam alikum*, Que a Paz Esteja Contigo. Na verdade, as letras *O* e *K* representavam palavras mais compridas[37], mas os americanos tinham o hábito de encurtar as frases para poderem continuar a mascar pastilhas elásticas. Era como se nós nos cumprimentássemos com um breve *SA* em vez de dizer *Salam alikum*.

A outra coisa curiosa relativamente aos americanos era que havia negros entre eles. Havia americanos de olhos azuis e havia americanos negros, e isto surpreendeu toda a gente. A América ficava muito longe do Sudão, o coração de África, e os negros só se encontravam no coração de África. Mina tinha a certeza disso e todos os outros concordavam com ela. Alá havia dado a todos os negros uma grande terra com florestas densas, rios caudalosos e belos lagos, para lá do deserto. Por isso, de onde vinham os americanos negros? Os americanos teriam escravos, como os árabes no passado? Quer se acredite ou não, quando fiz essa pergunta ao meu pai ele respondeu que sim, que os americanos tiveram escravos, e que aqueles americanos negros eram sem dúvida parentes de Mina. Haviam capturado os seus antepassados há muito tempo e tinham-nos levado de barco para a América para trabalharem em grandes plantações. Agora as coisas estavam diferentes, disse o meu pai, pois os americanos utilizavam máquinas para fazer o trabalho e a escravatura fora definitivamente proibida.

Contudo, e contrariamente ao que se passava com os árabes, não compreendíamos por que razão os americanos brancos e os negros não se haviam misturado tornando-se mulatos, que era o que

normalmente sucedia quando uma população de brancos e negros convivia.

– Porque serão os americanos brancos ainda tão brancos e os negros tão negros? – perguntou Mina. – Não se casam entre si?

Quando finalmente o primo Zin conseguiu reunir a informação necessária para responder à sua pergunta, verificou-se que efetivamente os americanos não se casavam entre si, de modo a manterem as raças separadas. As suas cidades estavam divididas em duas Medinas, uma para os negros e outra para os brancos, como as que nós tínhamos em Fez para os muçulmanos e para os judeus. Todos nos rimos com aquilo porque em Marrocos qualquer pessoa que quisesse separar pessoas por causa da cor da pele depararia com grandes dificuldades. As pessoas tinham-se misturado de tal forma que havia gente com a pele cor de mel, amêndoa, *café au lait* e muitos, muitos tons de chocolate. Na verdade, era frequente que numa mesma família houvesse irmãos e irmãs simultaneamente com olhos azuis e com pele escura. A ideia de separar as cidades segundo a raça deixou Mina pasmada.

– Sabemos que Alá separou os homens das mulheres para controlar a população – disse ela –, e sabemos que Alá separou as religiões para que cada grupo dirigisse as suas próprias orações e invoque o seu próprio profeta. Mas qual é a finalidade de separar os negros dos brancos?

Ninguém o sabia. Era mais um mistério a acrescentar aos já existentes.

Finalmente, o mais perturbador de todos os mistérios continuava a ser o porquê da chegada dos americanos a Casablanca. Um dia cansei-me tanto de tentar encontrar uma explicação que disse a Samir que talvez tivessem vindo apenas num passeio, convencidos de que Casablanca era provavelmente uma ilha desabitada. Samir aborreceu-se com esta explicação e disse-me que se eu ia começar a dizer parvoíces, dava a conversa por encerrada. Supliquei-lhe que não o fizesse e para o apaziguar disse-lhe que estava certa de que devia haver «uma razão política grave», como dizia o meu pai, para que os americanos tivessem chegado a Casablanca. Nessa altura sugeri que considerássemos cuidadosamente todos os elementos da situação.

Enquanto lhe dizia isto, passou-me pela cabeça que ultimamente tinha muitos problemas com Samir; tornara-se muito sério de repente, tudo tinha de ser político e quando não estava de acordo com ele afirmava que eu não o respeitava. Por isso tinha de me pôr de acordo com ele e censurar as minhas próprias ideias, ou então tomar a decisão de quebrar a nossa sólida amizade. Claro que nunca considerei seriamente esta última possibilidade, porque temia enfrentar sozinha os adultos. Quando queria obter algo e organizar uma revolta, bastava-me sugerir a ideia a Samir e ele armava logo um pé de vento. E a única coisa que eu precisava de fazer depois era permanecer junto dele, ajudá-lo quando precisava de estímulo e aplaudi-lo quando triunfava. Ora, e em relação ao mistério americano, eu achava que o divertiria com a ideia dos guerreiros que tinham embarcado na sua ilha longínqua apenas para darem um passeio. Mas não foi assim.

– Continuas a confundir as coisas – afirmou muito sério e preocupado com o meu futuro. – Guerra é guerra e um passeio é um passeio. Evitas sempre enfrentar a realidade porque estás assustada. Além do mais, o que fazes é perigoso, porque poderias ir dormir acreditando que os guerreiros estão em Casablanca para contemplar as flores e cantar com os pássaros, quando na verdade estão quase a chegar a Fez para te cortarem o pescoço. Até Malika, que é muito mais velha do que eu, diz esses disparates. Acho que é um problema das mulheres.

Estas palavras enigmáticas deixaram-me muda, porque o que ele tinha dito parecia simultaneamente bizarro e razoável.

Na realidade, o maior problema que tínhamos com os americanos era o dos inimigos. Se não havia alemães à vista, que faziam os americanos em Casablanca? Após muitas discussões, Samir propôs uma explicação que fazia todo o sentido: disse que talvez a guerra fosse como um jogo de crianças e que talvez os americanos tivessem chegado a Casablanca para enganar os alemães, tal como nós nos escondíamos nas barricas de azeitonas para nos enganarmos uns aos outros. Marrocos era a barrica de azeitonas dos americanos, escondendo-se aqui para depois se escapulirem para norte para atacarem os alemães. Achei que Samir era muito inteligente por compreender aquilo, e desejei poder viajar como ele. As viagens que tinha feito com o meu pai e com o meu tio haviam-no tornado esperto.

Eu sabia que a mente de uma pessoa que andasse de um lado para o outro trabalhava mais depressa porque estava constantemente a ver coisas novas às quais devia reagir. E tornava-se sem dúvida mais inteligente do que aqueles que não saíam de dentro de um pátio. A minha mãe estava absolutamente convencida disso, e dizia que a razão por que os homens mantinham as mulheres em haréns era em grande parte para as impedir de se tornarem demasiado inteligentes.

– Percorrer o planeta ativa o cérebro – dizia a minha mãe –, e por detrás das portas e das fechaduras está a ideia de adormecer as nossas mentes.

Acrescentou que por detrás da cruzada contra as pastilhas elásticas e os cigarros americanos havia na verdade uma cruzada contra os direitos das mulheres. Quando lhe pedi que se explicasse melhor, disse-me que fumar cigarros ou mascar pastilhas elásticas eram atividades fúteis, mas que os homens se opunham a elas porque davam às mulheres a oportunidade de tomar decisões próprias, decisões que não se encontravam regulamentadas pela tradição nem pela autoridade.

– Ora – disse –, uma mulher que masca pastilhas elásticas está na verdade a fazer um gesto revolucionário. Não pelo facto de mascar a pastilha elástica em si, mas porque a pastilha elástica não está prescrita na lei.

35 Aquilo a que chamo aqui «livro de magia» faz parte de um importante género literário árabe, que trata de *chifa*, remédios, que floresceu desde a época medieval até ao século XIX. Surgiu à margem do pensamento médico árabe e combinava capítulos médicos científicos (frequentemente no princípio do livro) com receitas e fórmulas mágicas muito divertidas, desde máscaras de beleza e tratamentos para realçar o atrativo sexual, até métodos para o controlo da natalidade, poções afrodisíacas e curas para a impotência. Estes livros ainda são muito populares e podem ser encontrados nas bancas dos tradicionais vendedores de rua; são absolutamente fascinantes para as crianças, pelas suas cartas simbólicas de talismãs e a bela caligrafia das suas fórmulas mágicas.
Para mais informações, ver capítulo 19, p. 204, nota 1.

36 A Turquia passou por uma grande agitação política e cultural com o estabelecimento da República da Turquia em 1923 pelo seu primeiro presidente, o herói nacionalista Kemal Ataturk. O seu governo aboliu numerosas instituições tradicionais como os haréns e a poligamia, o uso do fez masculino e, em menor medida, o uso do véu feminino (que se tornou opcional). Seguiram-se fortes reformas económicas e sociais; em 1934 foi reconhecido o direito das mulheres ao voto. Kemal Ataturk permaneceu no poder até à sua morte, em 1938.

37 Ainda há dúvidas sobre a origem desta expressão, embora a mais aceitável seja que essas letras correspondem à abreviatura de *oll korrect*, resultante da má pronúncia e escrita (ou porventura de alguma forma dialetal) de *all correct*, em inícios do século XIX, e que se popularizou imenso porque coincidiu com as iniciais de *Old Kinderhook*, alcunha usada pelo presidente dos EUA, Martin Van Buren (nascido em Kinderhook, no estado de Nova Iorque), como «slogan» nas eleições presidenciais de 1840. Outras hipóteses derivam o vocábulo do velho termo *okeh* («Está bem») dos índios Choktaw. *(N. do E.)*



19

BIGODES E SEIOS

Oficialmente, os homens não eram admitidos no terraço; era território feminino. Isto devia-se em grande parte ao facto de a comunicação entre as casas ser possível através dos terraços – era apenas uma questão de escalar e saltar. E que seria da segurança dos haréns se se permitisse aos homens andarem a saltar de um terraço para o outro? O contacto entre os sexos acontecia então com enorme facilidade.

Não havia grandes dúvidas de que existia contacto visual entre os meus primos e as filhas dos nossos vizinhos, sobretudo na primavera e no verão, quando os crepúsculos nos terraços eram espetaculares. Quando estava bom tempo, os jovens solteiros de ambos os sexos deixavam-se ficar nos terraços a contemplar os incomparáveis crepúsculos de Fez, com fabulosas nuvens encarnadas e púrpura que estendiam as suas asas mágicas pelo céu. Os pardais dançavam no alto como se tivessem enlouquecido. Chama estava sempre lá em cima, com as suas duas irmãs mais velhas, Salima e Zubida, e os três irmãos mais velhos, Zin, Jawad e Chakib. Os seus irmãos nunca deviam pôr os pés no nosso terraço, porque olhariam diretamente para a casa da família Bennis, e a família Bennis tinha muitas filhas casadoiras, e também filhos. Mas nem os jovens Mernissi nem os Bennis obedeciam às regras, e nos entardeceres estivais juntavam-se em grupos nos românticos terraços caiados, tão próximos das nuvens. Cada família ficava no seu próprio terreno, mas trocava-se olhares e sorrisos, e por toda a parte pairava a luxúria pecaminosa. Os jovens mais talentosos cantavam as canções de Asmahan, Abdel Wahab ou Fraride, enquanto os outros sustinham a respiração.

Um dia na escola, numa aula de Biologia dedicada ao prodigioso *insan* (o ser humano, a criação mais perfeita de Alá), Lalla Tam explicou-nos como os rapazes e as raparigas se tornavam em homens e mulheres capazes de ter filhos. Quando chegávamos aos doze ou treze anos, disse-nos, ou talvez mesmo antes, as vozes dos rapazes tornavam-se mais graves, crescia-lhes o bigode e de repente tornavam-se homens (quando Samir ouviu isto, pintou um bigode no lábio superior com o *kohl* da minha mãe, que eu surripiei do seu bem equipado toucador). Quanto às raparigas, o peito crescia-nos e tínhamos *haq ach-har* (literalmente, o dever mensal), que era uma espécie de diarreia sangrenta. Não doía, era totalmente natural e, quando acontecia, não devíamos assustar-nos. Durante a *haq ach-har* tínhamos de pôr um *gueduar* (penso higiénico) entre as pernas para que tudo se passasse discretamente. Naquele dia, quando cheguei a casa da escola, pedi à minha mãe mais detalhes sobre o *gueduar*, e a princípio ela mostrou-se sobressaltada. Depois começou a perguntar-me quem me tinha dado aquela informação tão cedo. Ficou espantada por saber que tinha sido a minha professora.

– Temos de conhecer o corpo humano e os maravilhosos desígnios de Alá – expliquei-lhe para a tranquilizar, pois parecia perdida. – Um bom muçulmano deve saber tudo sobre a Ciência e a Biologia, os planetas e as estrelas.

Então a minha mãe inquietou-se deveras, porque compreendeu que eu já não era uma criança, não

porque tivesse mudado fisicamente, mas porque sabia coisas que, segundo ela, as crianças não deveriam saber. Pela primeira vez eu tinha algum tipo de poder sobre a minha mãe, e fora o conhecimento que me dera esse poder.

Aquela discussão foi um ponto de viragem na relação com a minha mãe, que compreendeu claramente que eu estava a tornar-me independente. Talvez se tenha apercebido também de que o tempo voava, de que a sua primeira filha crescia depressa e que a sua própria beleza não era eterna. Se eu estava quase a transformar-me numa jovem, isso significava que ela estava a envelhecer.

– Que mais vos explicou Lalla Tam? – perguntou-me, olhando-me como se eu tivesse vindo de outro planeta. – Contou-vos acerca dos bebés?

Pobre mãe, simplesmente não podia acreditar que eu, a sua queridinha, estivesse tão cheia de conhecimento cósmico. Eu disse-lhe que sabia que podia ter um bebé aos doze ou treze anos, porque com essa idade teria a *haq ach-har* e os peitos «necessários para alimentar o pequeno comilão mal-humorado». Isto desconcertou-a um pouco.

– Bem – disse ela finalmente –, eu teria esperado mais um ou dois anos para te falar nestes assuntos, mas uma vez que faz parte da tua educação…

Expliquei-lhe então que não devia preocupar-se demasiado, porque eu já sabia tudo sobre este assunto há anos por causa das sessões de teatro, das histórias e das conversas femininas. Acontecia, simplesmente, que o conhecimento já era oficial, apenas isso. Para a animar, disse uma piada sobre a voz de Samir, que em breve soaria igual à do alfaqui Nasiri, o imã da nossa mesquita local.

Mas não lhe contei que estava decidida a tornar-me numa *ghazala*, uma mulher fatal e irresistível, tão elegante quanto a gazela, e que me dedicava a duvidosas *shur*, práticas de magia relacionadas com manipulações astrológicas, graças ao feliz hábito de Chama de deixar os seus livros de magia em qualquer lado. Chama tinha muitos livros daqueles no seu quarto e, como na realidade nunca os escondia, tornei-me uma verdadeira perita em decorar fórmulas mágicas e copiar listas de feitiços, completando-as com complicadas séries de letras e números, durante os breves e tensos intervalos em que ela saía do seu quarto.

Para praticar magia no terraço também tinha de aprender Astronomia. Passava horas a perscrutar o céu durante os crepúsculos e a perguntar a todos os que se encontravam junto de mim o nome das estrelas à medida que iam aparecendo. Por vezes respondiam-me voluntária e amavelmente; outras vezes mandavam-me calar bruscamente: «Cala-te! Não vês que estou a meditar? Como te atreves a falar quando a beleza cósmica é tão impressionante?»

Quanto a mim, praticar rituais *shur* como acender pequenas velas brancas durante a lua nova, acender grandes velas enfeitadas de forma extravagante durante a lua cheia, ou murmurar conjuros secretos quando Zahra (Vénus) ou Al-Mushtari (Júpiter) estavam no alto, eram, de longe, os delitos mais interessantes cometidos no terraço. Além disso, todos participávamos nessas operações, porque as mulheres precisavam das crianças para segurarem as velas, recitar os conjuros e realizar toda a espécie de atividades especiais. A Via Láctea cintilava tão próximo que dava a impressão de brilhar só para nós.

A querida Chama esquecia-se completamente da minha tenra idade quando se concentrava na leitura em voz alta de «Talsam al-quamar» (Talismã da Lua Cheia), que era um capítulo do panfleto *Kitab al-Awfaq*, do imã Al-Ghazali[38]. Este capítulo explicava a forma correta de entoar os conjuros escolhidos em dias especiais e horas precisas, quando havia determinadas configurações celestes.

No entanto, nem toda a literatura sobre Astrologia e Astronomia era considerada de natureza duvidosa. Historiadores respeitáveis como Al-Mas'udi escreveram sobre a influência da lua cheia no universo, incluindo os seres humanos e as plantas, e as suas obras eram normalmente lidas em voz alta[39].

Meu Deus, pensei, se a lua pode fazer tudo isto, sem dúvida poderá fazer com que o meu cabelo cresça mais comprido e mais liso, e apressar o crescimento dos meus peitos; mas infelizmente isso estava muito longe de acontecer. Eu tinha reparado que Malika começara a mover os ombros maravilhosamente: andava como a princesa Farida do Egito antes do divórcio; e podia permitir-se fazê-lo porque tinha motivos para isso. Não se podia dizer que já tivesse seios, mas debaixo da blusa já lhe estavam a desabrochar duas pequenas tangerinas. Quanto a mim, limitava-me a esperar ansiosamente que o mesmo se passasse comigo, e pronto.

O que realmente me entusiasmava na magia do terraço era que um ser insignificante como eu pudesse urdir conjuros naqueles maravilhosos corpos astrais que flutuavam no firmamento e captar parte do seu resplendor. Tornei-me perita nos nomes árabes da Lua. A lua nova chamava-se *hilal*, crescente, e a lua cheia chamava-se *qamar* ou *badr*. Tanto *qamar* como *badr* significavam também homem ou mulher de grande beleza, pois nessa fase a Lua alcançava a sua máxima perfeição e beleza. Entre *hilal* e *qamar* havia outros nomes: a décima terceira noite chamava-se *bayd*, branca, por causa do céu translúcido, enquanto *sawad* era a noite escura em que a Lua se escondia atrás do Sol. Quando Chama me disse que a minha estrela era Zhara (Vénus), comecei a caminhar lentamente como se fosse feita de matéria celeste vaporosa. Sentia que podia estender as asas prateadas quando me apetecesse.

O que me fascinava na magia astral, além disso, era o seu imenso campo prático. Podia-se aumentar o poder de um conjuro para influenciar pessoas importantes como uma avó ou um rei, ou simplesmente o merceeiro da esquina, que poderia enganar-se a nosso favor quando tínhamos de pagar um artigo caro, desde que planeássemos bem os conjuros. Mas, no que me dizia respeito, na realidade só me interessavam duas coisas nos conjuros mágicos: a primeira era conseguir que os meus professores me dessem boas notas e a segunda era aumentar a minha sensualidade.

O meu desejo era enfeitiçar Samir, embora parecesse estar a acontecer exatamente o contrário pois a nossa relação tornava-se cada vez mais difícil. Por um lado, tal como o meu pai e o meu tio, ele desprezava profundamente a magia e considerava-a totalmente absurda, o que me obrigava a agir clandestinamente durante uma boa parte da noite e a desaparecer completamente quando estava lua cheia. Também me vi obrigada a utilizar os conjuros para atrair imaginários príncipes árabes da minha idade e que eu ainda não conhecia. Mas era bastante cautelosa. Não queria lançar os meus conjuros demasiado longe de Fez, Rabat ou Casablanca, e até Marraquexe me parecia um pouco longe de mais, embora Chama afirmasse que uma jovem marroquina podia casar-se em lugares tão distantes como Lahore, Kuala Lumpur ou até mesmo na China.

– Alá fez o território do Islão imenso e de uma diversidade maravilhosa – dizia ela.

Descobri muito mais tarde que os conjuros mágicos só eram eficazes quando se conhecia o nosso príncipe e se podia imaginá-lo durante o ritual. Isto significava uma grande desvantagem para mim, porque tendo excluído Samir – tal como ele me exigiu – não conseguia imaginar mais ninguém. Quase todos os rapazes com que brincava na escola eram muito mais baixos e mais novos do que eu, e eu queria que o meu príncipe fosse pelo menos um centímetro mais alto e algumas horas mais velho do que eu. Apesar de tudo, tinha conhecimentos de magia, e isso dava-me confiança.

Se uma mulher queria que um homem se apaixonasse loucamente por ela, tinha de se concentrar e pensar nele numa sexta-feira à noite no momento exato em que Zhara (Vénus) aparecesse no céu. Além disso, tinha de se recitar o seguinte conjuro durante todo o tempo:

Laf, Laf, Laf,
Daf, Daf
Yabech, Dibech,
Ghalbech, Ghalbech
Da'uj, Da'uj
Araq çadruh,
Hah, Hah[40]

Ora, para que o conjuro produzisse o mínimo efeito havia que recitar as palavras mágicas com voz regular e melodiosa, sem erros de pronúncia, o que era praticamente impossível, já que as palavras nos eram totalmente desconhecidas: não eram árabe. Como poderiam sê-lo, se os conjuros consistiam em fragmentos das línguas dos *djinnis* sobrenaturais, que eruditos esclarecidos haviam extraído, decifrado e escrito para o bem da humanidade? Os meus conjuros não tinham grande efeito devido à minha pronúncia defeituosa, dizia para comigo enquanto salmodiava hesitante, e ainda não surgira nenhum príncipe a pedir a minha mão. Além do mais, era muito perigoso pronunciar mal as palavras mágicas, porque os *djinnis* poderiam voltar-se contra nós e marcar-nos a cara ou torcer-nos as pernas para sempre se se irritassem. Se Samir, o meu protetor, tivesse estado comigo, teria dado pelos meus erros de pronúncia e ter-me-ia salvo da ira dos *djinnis*. Mas ele permanecia totalmente indiferente à minha nova e repentina obsessão de me tornar uma mulher fatal.

No que dizia respeito à magia, Mina estava inteiramente de acordo com Samir; e embora fosse muito tolerante opunha-se às cerimónias do terraço, pois afirmava que o profeta era contra elas. Todos os outros insistiam em que o profeta só se opunha à magia negra que se praticava para fazer mal a outras pessoas, mas que não fazia mal queimar talismãs, almíscar e açafrão, ou recitar conjuros mágicos durante a lua cheia para se aumentar a sensualidade, para que o cabelo crescesse, para sermos mais altos ou aumentar os seios. Alá era sensível (*latif*) e pleno de ternura e misericórdia (*rahim*) pelas suas criaturas frágeis e imperfeitas. E era suficientemente generoso para compreender tais necessidades. Mina afirmava que o profeta não estabelecia estas distinções e que todas as mulheres que fizessem qualquer tipo de magia depariariam com desagradáveis surpresas no Dia do Juízo Final. As informações dos anjos conduzi-las-iam diretamente para o inferno.

Mas, na realidade, a *shur*, a magia, era menos perigosa para o harém do que a decisão dos nacionalistas de fomentar a educação das mulheres. Toda a cidade entrou em alvoroço quando as autoridades religiosas da mesquita Qarauíne, incluindo o alfaqui Mohammed al-Fassi e o alfaqui Mulay Belarbi Alaui, apoiaram o direito de as mulheres frequentarem a escola e, com o apoio do rei Mohammed V, incitaram os nacionalistas a abrir instituições de ensino para raparigas[41]. Quando a minha mãe soube, apressou-se a pedir ao meu pai que me transferissem da escola corânica de Lalla Tam para uma «a sério», e ele respondeu convocando uma reunião oficial do conselho

familiar. As reuniões do conselho familiar eram um assunto sério e em geral só convocadas quando um membro da família precisava de tomar uma decisão importante ou tinha algum problema de extrema gravidade. No caso da transferência de escola, a decisão era demasiado importante para que o meu pai a tomasse sozinho sem o apoio da família. Era uma mudança enorme passar de uma instituição familiar tradicional, que até então fora a única opção possível para as raparigas, para uma escola primária nacionalista, que seguia o modelo do sistema de ensino francês, no qual as raparigas aprendiam Matemática, Línguas e Geografia, normalmente com professores do sexo masculino, e faziam ginástica em calções.

De modo que o conselho se reuniu. O meu tio, a avó Lalla Mani e todos os meus primos varões, que estavam bem informados sobre as recentes transformações no ensino através da imprensa local e estrangeira, vieram ajudar o meu pai a tomar uma decisão. Mas o conselho familiar não estaria equilibrado se ninguém apoiasse a minha mãe, que propusera a ideia em primeiro lugar. Normalmente, este representante seria o seu pai, mas uma vez que vivia longe na sua quinta, foi substituído pelo tio Tazi, o irmão da minha mãe, que vivia na casa ao lado. Sempre que os conselhos familiares estavam de alguma forma relacionados com a minha mãe, convidavam o tio Tazi a fim de assegurar a equidade e impedir um ataque conjunto aos seus interesses por parte do grupo Mernissi. Assim, convidaram o tio Tazi e celebraram a reunião; a minha mãe ficou louca de alegria quando soube que a minha transferência fora aprovada. E eu não era a única afetada: os meus dez primos também iriam para a nova escola. Despedimo-nos todos com alegria de Lalla Tam e corremos para a nova escola de Mulay Brahim Kettani, que ficava a poucos metros de nossa casa.

A mudança foi incrível e eu estava radiante. Na escola corânica passávamos o dia sentados numa almofada com as pernas cruzadas e só fazíamos uma pausa para o almoço, que levávamos de casa. A disciplina era terrível: Lalla Tam batia-nos com o chicote quando não gostava da forma como olhávamos, falávamos ou recitávamos os versículos. As horas arrastavam-se eternamente enquanto aprendíamos lentamente e repetíamos as lições de cor. Mas na escola nacionalista Mulay Brahim tudo era moderno: sentávamo-nos em cadeiras e partilhávamos a mesa com dois ou três meninos ou meninas; havia interrupções permanentes e nunca nos aborrecíamos. Não só saltávamos de uns assuntos para os outros – do Árabe para o Francês, da Matemática para a Geografia –, como também passávamos muito tempo a saltar de uma aula para a seguinte. Também podíamos escapulir-nos entre as aulas, fazer acrobacias, pedir a Malika um pouco de torrão de grão-de-bico, e até pedir licença para ir à casa de banho, que ficava na outra extremidade do edifício. Isto permitia-nos dispor de uns dez minutos de licença oficial, e se nos atrasássemos bastava-nos bater suavemente duas vezes à porta e entrar. O facto de bater à porta antes de entrar mergulhava-me numa felicidade esfuziante, porque em nossa casa as portas estavam abertas ou fechadas e bater não servia de nada. Não só porque eram enormes e grossas e era impossível movê-las, mas também porque nenhuma criança tinha autorização para abrir uma porta fechada ou fechar uma aberta. Para além de toda esta excitação, na nova escola fazíamos dois longos intervalos só para brincar no pátio, um ao meio-dia e o outro a meio da tarde, após o que nos levavam para a mesquita da escola depois de termos feito as abluções rituais na fonte mais próxima.

Mas isto não era tudo. Para além de tudo o mais, íamos a casa almoçar, e foi nessa altura que as crianças Mernissi começaram a fazer estragos no curto troço de rua entre a escola e a nossa casa. Saltávamos em volta dos pequenos burros que se atravessavam no nosso caminho carregados de hortaliças frescas, e por vezes os rapazes até conseguiam subir para os animais que não estavam

carregados. Eu estava entusiasmadíssima por me permitirem sair para a rua a meio do dia; muitas vezes conseguia abraçar os pequenos burros de olhos ternos e húmidos e falava com eles durante alguns minutos, até que o dono me via e me mandava embora. Outra das nossas atividades preferidas era conluiarmo-nos contra Mimun, o vendedor de grão-de-bico assado, mas arranjávamos sempre problemas porque a quantidade que nos dava nunca correspondia ao dinheiro que recebia em troca. Então, acompanhava-nos até ao portão, jurando por Mulay Driss, o santo patrono de Fez, que não voltaria a fazer negócios connosco e que alguns de nós acabaríamos no inferno, porque gostávamos de comer coisas que não tínhamos pago. Finalmente, depois de semanas assim, Ahmed, o porteiro, sugeriu uma solução honrosa: todos lhe deixaríamos o dinheiro do grão com antecedência e ele pagaria a Mimun no final de cada semana. Quando algum de nós esgotasse o crédito, ele encarregar-se-ia de informar os implicados, bem como Mimun.

A escola moderna era tão divertida que até comecei a ter boas notas e em breve me tornei inteligente, apesar de ainda ser desesperadamente lenta em tudo, desde comer a falar. Também encontrei outra maneira de ser uma estrela: aprendi de cor muitas das canções nacionalistas que cantávamos na escola e o meu pai estava tão orgulhoso que me pedia que as cantasse para Lalla Mani pelo menos uma vez por semana. A princípio cantava sem problemas, de pé no chão; depois, quando vi o efeito que o meu canto produzia, pedi autorização para subir para um tamborete. Em seguida quis ainda mais, e pedi ao meu pai que convencesse a minha mãe a deixar-me usar o vestido da princesa Aisha quando cantava. O vestido, cuja parte superior era em cetim e tule a toda a volta, era uma cópia do que a princesa Aisha usava por vezes quando acompanhava o seu pai, o rei Mohammed V. A princesa percorria o país pronunciando discursos sobre a libertação das mulheres e isso deu à minha mãe a ideia de me fazerem um vestido igual. Normalmente só me era permitido usá-lo em ocasiões especiais, porque era branco e manchava-se facilmente. A minha mãe ficava muito aborrecida quando eu sujava os vestidos.

– Mas as manchas são inevitáveis se esta pobre criança quer ter uma vida normal – alegava o meu pai a meu favor. – Além disso, a nossa filha está a crescer depressa e até ao final do ano este vestido ficará totalmente inutilizado.

Por último, para completar a minha atuação teatral sugeri ao meu pai que me desse uma bandeira marroquina feita à minha medida para cantar junto a ela, mas ele recusou a ideia de imediato.

– Há uma linha muito ténue entre o bom teatro e o circo – disse. – E a arte só floresce quando essa separação é cuidadosamente mantida.

Mas se as coisas me corriam bem graças aos meus novos mestres, à minha mãe as coisas corriam-lhe mal. As notícias sobre as feministas egípcias que se manifestavam nas ruas e se transformavam em ministras, sobre as mulheres turcas que eram promovidas para toda espécie de cargos oficiais, além de que a nossa própria princesa Aisha instava as mulheres, em árabe e em francês, a adotar os costumes modernos, tornaram a vida no pátio mais insuportável para ela do que nunca. Proclamava que a sua vida era absurda – o mundo estava em mudança, os muros e os portões não continuariam ali por muito tempo, e no entanto ela continuava prisioneira e não conseguia ver nenhuma lógica em tudo aquilo. Tinha pedido autorização para assistir às aulas de alfabetização – providenciadas por algumas escolas do nosso bairro – mas o seu pedido fora recusado pelo conselho familiar.

– As escolas são para as meninas pequenas, não para as mães – argumentara Lalla Mani. – Não está na nossa tradição.

– E então – replicara a minha mãe –, quais são os benefícios para quem vive num harém? Que bem posso eu fazer pelo nosso país, prisioneira neste pátio? Porque nos privam da educação? Quem criou o harém e para quê? Alguém pode explicar-me isto?

A maioria das vezes as suas questões ficavam sem resposta, como borboletas desorientadas. Lalla Mani baixava os olhos e evitava o contacto visual, enquanto Chama e a tia Habiba tentavam mudar de assunto. A minha mãe permanecia em silêncio durante um bocado e depois animava-se falando do futuro dos seus filhos.

– Pelo menos as minhas filhas terão uma vida melhor – dizia. – Estudarão e viajarão. Descobrirão o mundo, compreendê-lo-ão e acabarão por participar na sua transformação. O mundo, tal como é agora, está absolutamente decadente. Pelo menos para mim. Talvez vocês, senhoras, tenham encontrado o segredo para serem felizes neste pátio. – Nessa altura virava-se para mim e dizia: – Tu vais transformar este mundo, não é verdade? Vais criar um planeta sem muros e sem fronteiras, um mundo em que os guardiões dos portões tenham férias todos os dias do ano.

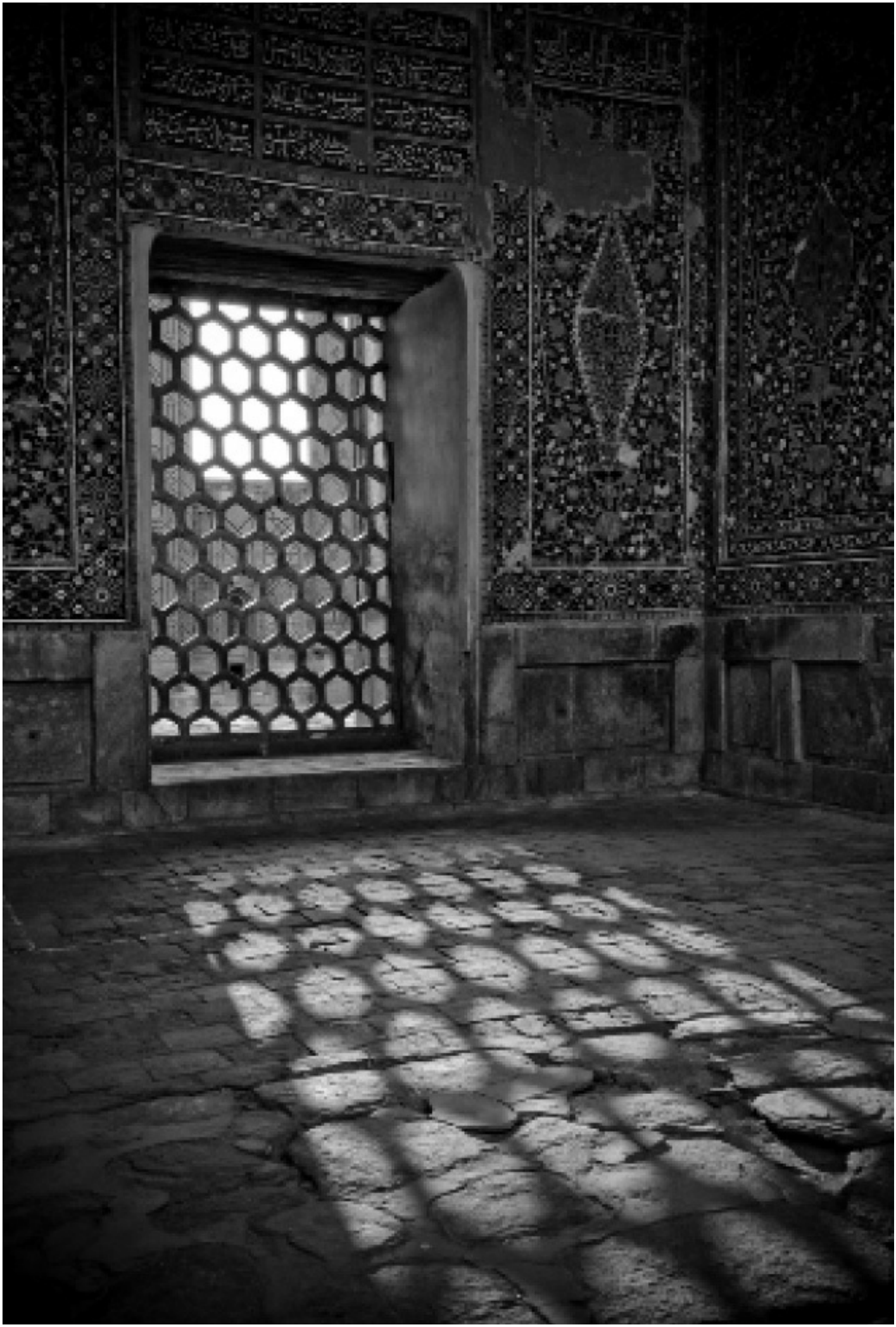
Seguiam-se longos silêncios após os seus discursos, mas a beleza das suas imagens permanecia e flutuava no pátio como perfume, como sonhos. Invisíveis, mas de uma enorme intensidade.

38 É inconcebível que o imã Al-Ghazali, um dos gigantes da cultura islâmica medieval, tenha escrito semelhante livro, que, como indico no capítulo 18 (p. 189), é uma coleção de receitas simples e bastante cómicas que combinam a magia elementar com a astrologia simplista. Embora sem dúvida suficiente para impressionar crianças de oito anos e adolescentes, a obra não enganaria um erudito. Mas a verdade é que atribuir tratados cientificamente duvidosos aos nossos filósofos, matemáticos, juízes e imãs mais brilhantes foi uma prática estranha mas bastante comum na literatura árabe. Abdelfetah Kilito, na sua pertinente obra «*L 'Auteur et sés Doubles: Essai sur Ia Culture Árabe Classique*» (Editions du Seuil, Paris, 1985), avança duas razões para esta estranha prática dos verdadeiros autores: em primeiro lugar, iludir a censura, a crítica mal-intencionada e a ira dos califas; em segundo lugar, continuar a fomentar a venda dos livros, que durante séculos se venderam ativamente à porta das mesquitas de bairro.

39 Mas'udi, *Muruj al-Dhahab* (Dar al-Ma'arifa, Beirute, 1982) vol. 2, p. 212 (veja-se a p. 505 do vol. 2 da tradução francesa, *Les Prairies d'Or*, de Barbier de Meynard e Pavete de Courtelle [Editions CNRS, 1965]).

40 De *Kitab al-Awfaq*, supostamente escrito pelo imã Al-Ghazali (Al-Maktaba al-Cha'biya, Beirute), p.18.

41 Um alfaqui é uma autoridade religiosa muçulmana, um perito erudito em *fiqh*, estudos religiosos. O seu conhecimento da Teologia concede-lhe autoridade e costuma assessorar ministros e chefes de Estado. Contudo, por extensão, o termo também se aplica a todo o tipo de professores, independentemente da matéria que ensinem e do nível de ensino.



20

O SONHO SILENCIOSO DE ASAS E VOOS

Uma tarde, como habitualmente, o pátio estava tranquilo e silencioso, com cada coisa no seu lugar. Talvez estivesse até um pouco mais tranquilo e silencioso do que habitualmente. Eu ouvia claramente a música cristalina da fonte, como se alguém sustivesse a respiração à espera que algo acontecesse. Ou talvez alguém estivesse concentrado em criar uma miragem. Eu sabia, pelos livros de magia de Chama e pelas conversas que tivera com ela, que se podia transmitir imagens a outra pessoa se se conseguisse adquirir *tarkiz*, poder de concentração, semelhante à concentração necessária quando nos preparamos para uma oração, mas de modo mais intenso. Lalla Tam insistia que a oração era sobretudo concentração.

Orar é criar o vazio, esquecer o mundo por uns instantes e pensar em Deus. Não se pode pensar em Deus e nos nossos problemas quotidianos ao mesmo tempo, tal como não se pode caminhar em duas direções ao mesmo tempo. Se o fizermos, não chegaremos a lado nenhum, ou pelo menos nunca aonde queremos chegar.

A tia Habiba dizia que a concentração era um exercício importante, também necessário para os objetivos práticos.

– Como podes andar, já para não falar em bordar ou cozinhar, se não te concentras mentalmente? Queres ser como Stela Bennis?

Definitivamente, eu não queria ser como Stela Bennis, uma das filhas dos nossos vizinhos que nunca se lembrava do nome de ninguém. Passava a vida a perguntar a toda a gente «Como te chamas?» e era incapaz de registar a resposta no seu pequeno cérebro. Quando uma pessoa mudava de sítio, ou voltava a cabeça, era de novo confrontada com a inevitável pergunta: «Como te chamas?» Chamava-se Stela, que significava «pequeno balde» porque toda a informação que recebia se entornava como água. Mas apesar da prática de concentração constituir uma parte importante da minha aprendizagem, só a levei a sério quando Chama me disse que só através da concentração poderia transmitir imagens às pessoas que me rodeavam. Essa ideia mágica recordou-me as vezes que tinha ouvido Chama conspirar com a tia Habiba e com a minha mãe para induzir todas no pátio a conseguir asas.

A tia Habiba dizia que qualquer pessoa podia conseguir que lhe crescessem asas, era uma simples questão de concentração. As asas não tinham de ser necessariamente visíveis como as dos pássaros; as invisíveis eram igualmente boas, e quanto mais cedo uma pessoa começasse a concentrar-se no voo, melhor. Mas quando lhe roguei que fosse mais explícita, impacientou-se e avisou-me que algumas coisas mágicas não podiam ser ensinadas.

– Uma pessoa tem apenas de se manter alerta e captar a seda crepitante do sonho alado – disse-me. Mas também me indicou que havia dois pré-requisitos para conseguir asas:

– O primeiro é sentires-te cercada e o segundo acreditares que podes romper o cerco.

Após um breve silêncio embaraçoso, a tia Habiba acrescentou outra informação, enquanto mexia nervosamente na sua touca, o que era um indício de que estava prestes a atirar-me à cara alguma

verdade desagradável.

– E no que te diz respeito, minha querida, há um terceiro requisito, que é deixares de bombardear as pessoas com perguntas. Observar também é uma boa forma de aprender. Escutar com os lábios selados, os olhos bem abertos e os ouvidos atentos pode trazer mais magia à tua vida do que todo o tempo que passas no terraço a espiar Vénus e a lua cheia!

Esta conversa provocou-me simultaneamente angústia e orgulho. Angústia porque, segundo parecia, a minha iniciação clandestina em magia, conjuros e livros de feitiços já não era segredo. Orgulho porque, fossem quais fossem os meus segredos, pertenciam mais ao domínio dos adultos do que ao das crianças. A magia era um segredo mais importante do que roubar fruta antes da sobremesa ou fugir sem pagar o que se devia a Mimun, o vendedor de grão-de-bico. Eu também estava orgulhosa por compreender que, tal como os gelados, também a magia tinha muitos sabores. Tecer laços entre mim e as estrelas era uma coisa; concentrar-me em fortes sonhos invisíveis e estender as asas interiores era outra, mais difícil de conseguir. Ninguém parecia no entanto disposto a ajudar-me a planear este segundo método, e se algum livro de Chama o descrevia, nunca tive tempo suficiente para chegar a lê-lo.

Naquela tarde memorável tive a estranha sensação de que alguém estava a manipular o crescimento das asas ou a transmitir visões de voos naquele pátio aparentemente tranquilo. Mas quem era a feiticeira? Cerrei os lábios, apurei o ouvido e olhei atentamente em volta. As mulheres, concentradas no seu trabalho, estavam divididas em dois grupos. Todas estavam em silêncio e concentradas. Mas quando reinava aquele silêncio absoluto no pátio, isso significava, invariavelmente, que se estava a travar uma guerra surda. E se reparássemos bem nos projetos de bordado, descobria-se o motivo daquela guerra: a eterna divisão entre o *taqlidi*, o tradicional, e o *'asri*, o moderno. Chama e minha mãe, que representavam o grupo moderno, estavam a bordar um objeto estranho que parecia a asa de um grande pássaro, estendida em pleno voo. Não era a sua primeira ave, mas o seu impacto produzia sem dúvida um efeito tão forte como sempre, porque o outro grupo, encabeçado pela minha avó Lalla Mani e Lalla Radia, condenara o trabalho como fizera com todos os outros, com o argumento de que era absolutamente impróprio das suas criadoras. Elas, por seu lado, estavam a fazer um bordado de desenho tradicional. A tia Habiba estava do lado delas e partilhava da sua discrição e silêncio, mas só porque não podia dar-se ao luxo de se declarar abertamente uma revolucionária. Cosia em silêncio, concentrada nos seus modestos assuntos.

O grupo moderno, por outro lado, não era de forma alguma modesto. Na verdade, Chama e a minha mãe estavam bastante vistosas, pois ostentavam os últimos modelos de um dos famosos chapéus de Asmahan, uma touca de veludo preto com minúsculas pérolas na orla, e a palavra «Viena» bordada na aba triangular que lhe caía sobre a testa. De vez em quando Chama e a minha mãe trauteavam a letra da infame canção *Layali al-unsi fi Vienna* (Noites de Prazer em Viena), que tinha inspirado a touca. Lalla Mani franzia o sobrolho sempre que elas cantarolavam, porque a canção era sobre o divertimento decadente numa cidade ocidental e considerava-a uma afronta aos princípios éticos do Islão. Uma vez Samir quis saber o que Viena tinha de especial e Zin disse-lhe que era uma cidade onde as pessoas passavam a noite a dançar uma coisa chamada valsa, em que o par se abraçava com firmeza e dançava girando sem parar até desmaiar de amor e de prazer, tal como numa dança de possessão. A única diferença era que as mulheres não dançavam sozinhas mas com homens e todos aqueles abraços e danças tinham lugar em clubes noturnos bem decorados e até

nas ruas, durante os festivais, com as luzes da cidade a brilhar na escuridão como se celebrassem o abraço dos amantes.

– Quando as donas de casa muçulmanas decentes começam a sonhar dançar em cidades europeias obscenas, é o fim – resmungou Lalla Mani.

Lalla Radia, a mãe de Chama, a princípio opusera-se a que a sua filha pusesse o chapéu de Viena, e acusara a minha mãe de exercer uma influência perniciosa sobre ela. As relações entre Lalla Radia e a minha mãe chegaram a ser tão tensas que durante um tempo quase não se falaram. Mas depois Chama mergulhara numa letargia tal e tivera uma *hem* (depressão) tão grave que Lalla Radia não só mudara de posição sobre o assunto como chegara ao cúmulo de pôr pessoalmente o chapéu de Viena na cabeça de sua filha. No entanto, Chama demorara algum tempo a perder aquele olhar fixo e vazio.

Naquela tarde especialmente mágica, Lalla Mani insistira repetidamente na necessidade de acatar a *taqlid*, a tradição. Tudo aquilo que violasse o legado dos nossos antepassados, dissera ela, não podia ser considerado esteticamente valioso, e isto aplicava-se a tudo, desde os alimentos e penteados até às leis e estilos arquitetónicos. A inovação era sinónimo de fealdade e obscenidade.

-Podem ter a certeza de que os vossos antepassados já descobriram a melhor forma de fazer as coisas – disse, olhando diretamente para a minha mãe. – Vocês pensam que são mais inteligentes do que todas as gerações que vos precederam e lutaram para conseguir o melhor? Fazer algo novo era *bid'a*, uma violação criminosa da nossa tradição sagrada.

A minha mãe deixou de bordar por um momento para responder a Lalla Mani.

– Todos os dias me sacrifico e acato a tradição para que a vida decorra de forma pacífica nesta abençoada casa – disse. – Mas há algumas coisas muito pessoais, como o bordado, que me permitem respirar e não pretendo renunciar também a elas. Nunca gostei do bordado tradicional, e não compreendo porque não podem as pessoas coser o que lhes apetecer. Não faço mal a ninguém criando uma ave estranha, em vez de bordar o mesmo velho desenho de Fez repetido até à exaustão.

Chama e minha mãe estavam a bordar as asas de um pavão azul numa *qamis* de seda encarnada ao gosto e à medida de Chama. Assim que a acabaram, bordaram outra para a minha mãe. Era frequente que as mulheres que partilhavam as mesmas ideias se vestissem do mesmo modo para mostrar a sua solidariedade.

O pavão de Chama inspirava-se em «O Conto das Aves e dos Animais» de Xerazade. Chama adorava a história porque combinava duas coisas que ela adorava: aves e ilhas desertas. A história começava quando as aves, dirigidas por um pavão, fugiam de uma ilha perigosa para uma ilha segura:

> *Soube, oh venturoso monarca – disse Xerazade ao seu marido na noite quarenta e seis –, que nos tempos antigos e nos séculos muito longínquos, um pavão morava com a sua mulher à beira-mar. O lugar estava infestado de leões e toda a espécie de animais selvagens, e também tinha árvores e riachos em abundância. Por isso, o pavão e a companheira costumavam passar a noite numa árvore, com medo das feras, e de dia desciam em busca de alimento. E assim continuaram até que o medo os dominou por completo e decidiram procurar outro lugar para viver; e, na sua busca, deram com uma ilha cheia de riachos e árvores. Pousaram lá e comeram os seus frutos e beberam as suas águas.*[42]

O que entusiasmava Chama nesta história era o facto de o casal procurar uma ilha melhor porque não gostava da primeira. O que agradava a Chama era a ideia de que alguém voasse em busca de algo que o fizesse feliz quando não gostava do que tinha. Assim, fazia a tia Habiba repetir incessantemente o princípio da história, como se nunca lhe chegasse, até que as outras começavam a levar a mal as suas interrupções.

– Tu sabes ler e podes ler o livro sozinha – diziam –, por isso lê-o cem vezes se quiseres, mas deixa a tia Habiba continuar. Não voltes a interromper!

Todas queriam saber o que acontecia às aves, pois identificavam-se com aquelas criaturas frágeis mas aventureiras que faziam viagens perigosas para ilhas estranhas. Mas Chama alegava que ler não era a mesma coisa que ouvir a tia Habiba manejar as palavras tão maravilhosamente.

– Quero que vocês compreendam o significado da história, senhoras – dizia Chama, lançando um olhar de desafio a Lalla Mani. – Não é uma história acerca de aves. É acerca de nós. Estar vivo é mover-se, procurar sítios melhores, percorrer o planeta em busca de ilhas mais acolhedoras. Eu casar-me-ei com um homem com quem possa procurar ilhas!

A tia Habiba pedia-lhe então que não utilizasse o conto da pobre Xerazade para fazer propaganda pessoal, porque a única coisa que conseguia era dividir de novo o grupo.

– Por favor, deixa-nos voltar às aves, pelo amor de Deus – dizia-lhe e continuava logo com a história.

Claro que embora a tia Habiba se referisse às mulheres como um grupo, no fundo não existia a mínima coesão. A divisão entre as mulheres era inultrapassável, e o conflito sobre o desenho do bordado significava opiniões gerais antagónicas mais profundas.

O bordado *taqlidi* ou tradicional era um trabalho ostentoso que requeria muito tempo, enquanto os desenhos *'asri* eram pura diversão, concebidos para o gozo pessoal. O bordado tradicional era fastidioso pois era necessário dar pontos muito apertados e juntos com fio fino e demorava-se horas a bordar uns milímetros de tecido. Os artigos nupciais tradicionais, como almofadas e colchas, demoravam meses e às vezes anos a serem bordados ao estilo *taqlidi*. Os pontos tinham de ser idênticos dos dois lados do tecido e a ligação entre dois fios tinha de ser feita de tal forma que os remates e os nós não pudessem ser vistos do avesso. Lalla Radia tinha tantas filhas casadoiras que necessitava de muitos bordados *taqlidi* para os seus enxovais. Pelo contrário, os pássaros que Chama e a minha mãe faziam bordavam-se em muito menos tempo pois os pontos eram mais soltos e utilizavam fio duplo, e não fazia mal que do avesso se vissem nós salientes. Mas o efeito era quase tão bonito como o do bordado tradicional, ou talvez mais ainda, graças aos desenhos originais e às estranhas combinações de cores. Ao contrário do bordado *taqlidi* da roupa doméstica, os desenhos modernos não se destinavam a ser expostos, mas limitavam-se a artigos pessoais menos visíveis, como *qamis*, *sarwal*, lenços e outros artigos de vestuário.

Tive de admitir que a rebelião em forma de bordado moderno parecia terrivelmente satisfatória, porque em dois ou três dias podia-se trabalhar metros de tecido. E talvez fosse possível adiantar-se mais se se utilizasse fio triplo ou se se desse pontos mais largos.

– E como é que podes aprender a disciplinar-te se os teus pontos são tão descuidados e separados? – contrapôs Lalla Mani quando comentei isto com ela. Achei a sua observação bastante perturbadora. Todos diziam que quem não se disciplinasse nunca seria ninguém. E eu não queria ser

um zero. Por isso, a partir daquele momento, e depois daquele comentário, dediquei grande parte do meu tempo a passar de um grupo para o outro, saboreando um pouco de liberdade e descontração no grupo moderno, seguido de um controlo estrito no tradicional.

Na realidade, a tia Habiba não gostava do bordado tradicional, repetitivo e enfeitado, e a minha mãe e Chama sabiam-no. Mas também sabiam que ela não podia exprimir as suas opiniões, porque não tinha autoridade e porque não se atrevia a alterar o equilíbrio entre os dois grupos. O equilíbrio era essencial no pátio, todos sabiam isso. De vez em quando, no entanto, a minha mãe e Chama trocavam sorrisos e olhares fugazes com a tia Habiba para a animarem e lhe mostrarem que a compreendiam.

– Por favor, tia Habiba, voltemos às aves – suplicavam-lhe.

Contar uma história quando o público o pedia, libertava automaticamente a tia Habiba das suas tarefas de costura, e reparei que antes de ela continuar a sua narração fixava o olhar num pequeno pedaço de céu, como se desse graças a Deus pelos talentos que lhe concedera. Ou talvez implorasse ajuda para avivar a frágil chama interior.

A nova ilha que os pavões encontraram era um paraíso cheio de plantas frondosas e fontes transbordantes. Além disso, estava felizmente fora do alcance do homem, aquela criatura perigosa que destruía a Natureza:

> *O filho de Adão enganava os peixes e tirava-os dos oceanos; matava as aves com uma bola de argila e apanhava o elefante com astúcia. Ninguém está a salvo da sua maldade e nem ave nem animal se livram dele.*[43]

A ilha era segura porque ficava situada muito longe, no meio do oceano, onde não chegavam os barcos dos humanos nem as suas rotas comerciais. A vida dos pavões decorreu de forma pacífica e feliz até que um dia depararam com um pato preocupado que sofria de estranhos pesadelos:

> *Avançou para eles um pato num estado de terror extremo, e não parou de avançar até que chegou à árvore onde estavam pousados os dois pavões; nessa altura pareceu acalmar-se. Pavão não duvidou de que a sua história era estranha, por isso perguntou-lhe o motivo da sua preocupação, ao que o pato respondeu: – Toda a vida vivi de forma tranquila e pacífica nesta ilha sem ver nada de inquietante, até que uma noite, enquanto dormia, no meu sonho vi a figura de um filho de Adão, que me falava e com quem eu falava. Então ouvi uma voz que me dizia: «Oh, pato, tem cuidado com o filho de Adão e não te deixes enganar pelas suas palavras nem pelo que ele te possa sugerir, pois muitos são os seus enganos e artimanhas; cuidado, pois, com a sua perfídia...» Por isso acordei a tremer e assustado, e desde esse momento o meu coração ainda não conheceu a alegria, com medo do filho de Adão…*[44]

Chama ficava sempre extremamente agitada quando a tia Habiba chegava a esta parte da história,

pois era extremamente sensível à maneira como os pássaros eram tratados nos terraços e nas ruas de Fez. Caçar pardais nos terraços era um desporto comum; os rapazes utilizavam fisgas especialmente feitas para isso ou arcos e flechas que pediam emprestados para a ocasião; o jovem que matava mais pássaros recebia ovações e mostras de apreço. Chama gritava, chorava e soluçava muitas vezes quando os seus irmãos Zin e Jawad se divertiam a matar pardais. Pouco antes do pôr do sol centenas de pássaros barulhentos costumavam invadir o céu, gritando como se tivessem medo da noite que se aproximava. Os caçadores atraíam-nos para que se aproximassem mais espalhando azeitonas pelo chão do terraço, e depois apontavam e disparavam. Chama ficava a olhar para os seus irmãos e perguntava-lhes que prazer podiam ter em matar criaturas tão pequenas.

– Nem sequer os pássaros podem ter uma vida feliz nesta cidade – dizia, e depois murmurava para consigo que algo devia estar terrivelmente errado num lugar onde até os inofensivos pardais, tal como as mulheres, eram tratados como se fossem perigosos predadores.

Para representar a história dos pavões, a princípio Chama quis utilizar um fio azul muito mais escuro para bordar a seda encarnada. Mas no harém as mulheres não saíam às compras. Nem sequer lhes era permitido ir a Qissaria, a parte da Medina em cujas pequenas lojas se amontoavam maravilhosas sedas e veludos de todas as cores. Por isso tinham de explicar a Sidi Aliai o que queriam, e ele trazia-lhes.

Chama teve de esperar meses para conseguir exatamente a seda encarnada que queria e depois mais umas semanas pelo azul a condizer; e nem mesmo assim conseguiu exatamente as cores que queria. Ela e Sidi Aliai não entendiam o mesmo por «encarnado» e «azul». As pessoas, segundo descobri, muitas vezes desentendiam-se em relação à mesma palavra, mesmo quando se tratava de coisas aparentemente banais como as cores. Por isso não admirava que palavras como «harém» provocassem tanta discórdia violenta e discussões inflamadas. Foi um grande conforto saber que os adultos estavam tão confusos quanto eu acerca das coisas importantes.

Sidi Aliai era primo em terceiro grau de Lalla Mani, o que lhe dava muito poder. Era um homem alto e delicado, com bigode fino e um fantástico dom para ouvir, o que fazia com que muitas mulheres invejassem a sua mulher, Lalla Zhara. Também tinha um gosto excelente e usava uns coletes turcos – de lã espessa em bege claro e primorosamente bordados – sobre as calças de montar e delicadas babuchas de couro cinzento. Além disso, como quase todos os mercadores de Qissaria eram seus amigos, escolhiam para ele os turbantes mais preciosos que os peregrinos traziam de Meca. Sidi Aliai nunca cumpria com os seus deveres sem oferecer aos clientes uma gota de perfume para os acalmar, explicando-lhes que querer comprar era uma experiência muito agradável. As mulheres faziam pausas entre as frases para encontrar a palavra exata que descrevesse o toque acetinado de um tecido, o tom subtil de uma cor ou a delicada combinação de aromas quando se tratava de um perfume.

Conseguir fazer com que Sidi Aliai imaginasse com exatidão as sedas e fios necessários para um bordado era uma operação extremamente delicada, e as mulheres menos dotadas rogavam às mais eloquentes que lhe descrevessem os seus sonhos por elas. Havia que explicar pacientemente a Sidi Aliai os desejos das mulheres, porque sem a sua colaboração não se podia ir muito longe. Por isso, cada mulher descrevia o bordado dos seus sonhos: o tipo de flores que queria e as cores que teriam, os tons dos botões e por vezes árvores inteiras com ramos intrincados; outras descreviam ilhas inteiras rodeadas de barcos. Paralisadas pela fronteira, as mulheres davam à luz mundos e paisagens completos. Sidi Aliai escutava com maior ou menor interesse, segundo o estatuto do

orador.

Infelizmente Sidi Aliai punha-se do lado de Lalla Mani no que se referia à importância da tradição e dos desenhos *taqlidi*. Esta preferência colocava as familiares divorciadas e viúvas como a tia Habiba numa situação bastante embaraçosa. Quando falavam com ele só conseguiam imaginar o desenho tradicional clássico, pelo que tinham de confiar nas mulheres mais influentes, como a minha mãe e Chama, para lhe descreverem as sedas de que necessitavam para os seus anseios mais inovadores. A tia Habiba tinha de manter os seus pássaros bem enterrados no fundo da sua imaginação.

– Para os que carecem de poder, o importante é ter um sonho – dizia-me por vezes enquanto eu vigiava as escadas para ela poder bordar um fabuloso pássaro verde no *mrema* clandestino que guardava escondido no canto mais escuro do seu quarto. – É verdade que, se não possuis poder, um simples sonho não transforma o mundo nem faz desaparecer os muros, mas ajuda-te a conservar a dignidade.

A dignidade é ter um sonho, um sonho forte que te dê uma ilusão, um mundo no qual tenhas um lugar, onde a tua contribuição tenha importância.
Estás num harém quando o mundo não precisa de ti.
Estás num harém quando a tua contribuição de nada serve.
Estás num harém quando o que fazes é inútil.
Estás num harém quando o planeta gira, estando tu enterrada até ao pescoço em desprezo e negligência.
Só uma pessoa pode mudar essa situação e conseguir que o planeta gire de outra forma; e essa pessoa és tu.
Se enfrentares o desprezo e sonhares com um mundo diferente, a direção do planeta poderá mudar.
Mas terás de evitar a todo o custo interiorizar o desprezo que te rodeia.
Quando uma mulher começa a pensar que não é nada, os pardalinhos gritam.
Quem poderá defendê-los no terraço, se ninguém sonha com um mundo sem fisgas?

– As mães deviam explicar às meninas e aos meninos pequenos a importância dos sonhos, pois proporcionam um sentido de orientação – dizia a tia Habiba. – Não basta rejeitar este pátio, é necessário ter uma ideia das pradarias com as quais pretendes substituí-lo.

Perguntei à tia Habiba como se podia distinguir entre todos os desejos e anseios que nos cercam e descobrir o único em que nos devemos concentrar, o sonho importante que nos dê uma visão. Respondeu-me que os meninos pequenos tinham de ser pacientes, que o sonho importante surgiria e floresceria no seu interior, e então, pelo imenso prazer que lhes daria, saberiam que o pequeno tesouro genuíno os orientaria e iluminaria. Disse-me também que de momento não devia preocupar-me porque pertencia a uma longa linhagem de mulheres com sonhos fortes.

– O sonho da tua avó Yasmina foi ser uma criatura especial – disse-me a tia Habiba –, e ninguém pôde convencê-la do contrário. Ela mudou o teu avô, incorporando-o no seu sonho para o partilhar com ela. A tua mãe também tem asas, e o teu pai voa com ela sempre que pode. Serás capaz de

transformar as pessoas, tenho a certeza disso. Se fosse a ti, não me preocupava.

No pátio, aquela tarde que tinha começado com uma sensação tão estranha de magia e sonhos alados acabou com uma sensação ainda mais estranha mas muito mais agradável: de repente senti-me contente e segura como se tivesse entrado num território novo e sem perigos. Embora não tivesse descoberto nada de especial, tinha a sensação de ter encontrado algo importante cujo nome devia ainda averiguar. Sabia vagamente que estava relacionado com os sonhos e realidades, mas ignorava o que era. Durante uns segundos perguntei-me se a minha felicidade não se deveria ao pôr do sol, insolitamente lento. Os crepúsculos de Fez eram quase sempre tão rápidos que me perguntava se não teria sonhado que o dia terminara. Mas as nuvens rosadas que naquela tarde atravessavam o remoto quadrado de céu lá no alto faziam-no com tão assombrosa lentidão que as estrelas começaram a aparecer antes de anoitecer.

Sentei-me junto da prima Chama e descrevi-lhe os meus sentimentos. Ouviu-me atentamente e disse que eu estava a tornar-me madura. Senti o irreprimível impulso de lhe perguntar o que queria dizer com aquilo, mas contive-me. Tinha medo de que se esquecesse do que ia dizer e começasse a queixar-se que eu estava sempre a aborrecer os adultos com as minhas perguntas. Para minha surpresa, Chama continuou a falar como que para si, como se as suas palavras só dissessem respeito a ela própria: «A maturidade é quando se começa a sentir o movimento do *zaman* (tempo), como se fosse uma carícia sensual.» Esta frase produziu-me uma intensa alegria, porque ligava três palavras que os livros de magia mencionavam constantemente: movimento, tempo e carícia. Contudo, não proferi palavra; continuei a ouvir Chama, que gesticulava como alguém que está prestes a fazer uma declaração importante.

Desviou um pouco o *mrema*, endireitou os ombros, tocou no chapéu de Viena e depois, após colocar uma almofada grande nas costas, iniciou um monólogo ao estilo de Asmahan. Quer dizer, fixou o olhar num horizonte invisível e apoiou o queixo na mão direita, fechada num gesto ameaçador:

O Zaman *(tempo) é aferida dos árabes.*
Eles sentem-se confortáveis com o passado.
O passado é o engodo da tenda dos antepassados mortos.
Taqlidi *é o território dos mortos.*
O futuro é aterrador e pecaminoso.
A inovação é bid‘a*, um crime!*

Embalada pelas suas próprias palavras, Chama levantou-se e anunciou ao silencioso público que ia fazer uma declaração importante. Puxou a *qamis* de laço branco, deu umas voltas, fez uma vénia diante da minha mãe, tirou o chapéu de Viena e ergueu-o rigidamente à sua frente como se fosse uma bandeira estrangeira. E começou a declamar, com o ritmo da poesia pré-islâmica:

O que é a adolescência para os árabes?
Alguém mo pode explicar, por favor?

A adolescência é um crime?
Alguém o sabe?
Quero viver no presente.
Será isso um crime?
Quero sentir na pele a carícia sensual de cada segundo que passa.
Será isso um crime?
Alguém me explica por que razão o presente é menos importante do que o passado?
Alguém me explica porque só há Layali al-Unsi *(Noites de Prazer) em Viena?*
Porque não pode haver Layali al-Unsi *também na Medina de Fez?*

A voz de Chama transformou-se então num sussurro débil e perigoso em que se pressentiam as lágrimas. A minha mãe, que conhecia perfeitamente a sua tendência para passar do riso à depressão, pôs-se de pé de um salto e voltou a sentar Chama no divã. Depois, com gestos enfáticos, como se fosse uma rainha, a minha mãe também tirou o chapéu de Viena, saudou o público cúmplice e continuou como se tudo tivesse sido planeado:

Senhoras e senhores ausentes,
em Viena há Layali al-Unsi*!*
Só temos de alugar burros para ir até ao Norte.
E a pergunta fundamental é a seguinte:
Como conseguir passaporte para um burro doméstico de Fez?
E como vestir o nosso animal diplomático?
Estilo local ou estrangeiro?
Taqlidi *ou* ‘asri*?*
Pensem bem!
Mas não se esqueçam de dormir!
Quer respondam ou não,
«A vossa opinião não será levada em conta».

42 Traduzido da versão de Burton, vol. 3, p. 116.
43 Da tradução de Burton, vol. 3, p. 116.
44 Ibid.



21

ESTRATÉGIAS DA PELE

Ovos, Tâmaras e Outros Segredos de Beleza

A rutura crítica com o meu primo Samir deu-se quando me aproximava em bicos dos pés do meu nono ano e Chama me declarou oficialmente madura. Foi então que compreendi que ele não estava disposto a investir tão fortemente como eu no assunto da pele. Samir tentou convencer-me de que os tratamentos de beleza tinham uma importância secundária e eu tentei convencê-lo de que não se podia esperar nada de uma pessoa que negligenciava a sua pele, pois era precisamente através dela que sentíamos o mundo. Claro que, ao dizer isto, eu estava a expor a teoria dérmica da tia Habiba, da qual me tornara uma seguidora entusiasta. Mas, na verdade, havia já algum tempo que as coisas se haviam começado a deteriorar entre Samir e mim. Ele tinha começado a chamar-me *Assila*, Fofinha, sempre que me apanhava a cantar uma canção de uma das óperas românticas de Asmahan com uma voz deliberadamente trémula. Nas ruas da Medina, *Assila* era um insulto; significava ser mole e chato. Chamava-se *Assila* a alguém que tinha um ar adormecido, e como eu já começava a ser conhecida pelo meu ensimesmamento, roguei-lhe que não me chamasse assim. Em troca, prometi poupá-lo aos meus trinados estilo Asmahan. Mesmo assim, as coisas pioraram. Ele ridicularizava o meu interesse por livros de feitiços, escrita mágica e conjuros astrais e deixou-me só e indefesa perante os perigosos *djinnis* que se escondiam nos livros de magia de Chama.

Por fim, um dia o nosso conflito chegou a um ponto crítico e Samir convocou-me para uma reunião urgente no terraço proibido, onde me explicou que se eu continuasse a faltar dois dias seguidos para poder participar nos tratamentos de beleza dos adultos e comparecesse às nossas sessões do terraço com a cara e a cabeça cobertas de máscaras malcheirosas e gordurentas, arranjaria outro companheiro de jogos. As coisas não podiam continuar assim, disse-me; eu tinha de escolher entre o jogo e a beleza, porque era claro que não podia ficar com as duas coisas. Tentei argumentar e repeti-lhe a teoria dérmica da tia Habiba, que ele conhecia perfeitamente. Os seres humanos relacionam-se com o mundo através da pele, disse-lhe, e como pode alguém sentir o que o rodeia ou ser sensível às suas vibrações com os poros obstruídos? A tia Habiba estava convencida de que se os homens usassem máscaras de beleza em vez de capacetes de combate, o mundo seria um lugar muito melhor. Malogradamente, Samir rejeitou esta teoria, considerando-a absolutamente disparatada e repetiu-me o seu *ultimatum*:

– Tens de escolher agora. Não posso continuar sozinho dois dias seguidos sem ninguém com quem jogar.

Quando se apercebeu do meu desconsolo, acalmou um pouco e disse-me que se quisesse podia pensar no assunto durante alguns dias. Mas eu disse-lhe que não era necessário, que já tinha tomado a minha decisão.

– Samir, a pele em primeiro lugar! O destino de uma mulher é ser bela, e eu vou brilhar como a lua.

Mas enquanto proferia estas palavras fui invadida por uma aterrorizadora sensação de medo e

remorso e roguei a Deus que Samir me pedisse para mudar de ideias para eu não ficar mal. E foi o que ele fez, chamando-me à razão.

– Mas, Fatima, Deus é o único que cria a beleza. Não é por aplicares hena, *ghassul*, essa argila vulgar, ou qualquer outra dessas mistelas nojentas que te transformarás numa lua. Além disso, Deus diz que é ilegal mudar a própria forma física, pelo que, além do mais, te arriscas a ir parar ao inferno.

Depois acrescentou que se eu escolhesse a beleza ele teria de encontrar outra pessoa com quem brincar. A decisão era angustiante para mim, mas devo confessar que, no fundo, também experimentava uma estranha sensação de triunfo e orgulho que nunca tinha sentido antes. Compreendê-lo-ia muito depois: a sensação de júbilo provinha do facto de ter compreendido que Samir me considerava uma companheira muito importante e que não podia viver no terraço sem a minha presença maravilhosa. Essa sensação era extraordinária e não pude resistir a testar um pouco mais a minha sorte. Por isso, fixando o olhar num ponto indefinido do horizonte, a uns centímetros da orelha de Samir, pus a expressão mais sonhadora possível e murmurei numa voz quase inaudível para tentar reproduzir o tom de *femme fatale* de Asmahan:

– Samir, eu sei que não podes viver sem mim. Mas acho que chegou a hora de aceitares que eu me tornei numa mulher. – Fiz uma pausa deliberada e acrescentei: – Os nossos caminhos têm de seguir rumos diferentes.

Tal como Asmahan, enquanto falava não olhei para Samir para comprovar o efeito devastador das minhas palavras. Mas Samir surpreendeu-me, recuperando o controlo.

– Na minha opinião, ainda não és uma mulher – disse –, dado que ainda não fizeste nove anos e nem sequer tens peitos. Não se pode ser mulher sem peitos.

Não estava à espera daquelas palavras e fiquei furiosa. Quis desesperadamente magoá-lo.

– Samir, com ou sem peitos, decidi que a partir de agora me comportarei como uma mulher e investirei o tempo necessário na beleza. A minha pele e o meu cabelo têm prioridade sobre os jogos. Adeus, Samir. Podes começar a procurar outro companheiro.

E com aquelas palavras fatais, que viriam a provocar grandes mudanças na minha vida, iniciei a descida pelos oscilantes varais. Samir segurou-os enquanto eu descia, sem dizer uma palavra. Uma vez em baixo, segurei-os para que ele descesse, o que fez em silêncio. Ficámos um momento frente a frente e depois apertámos as mãos com grande solenidade, como tínhamos visto os nossos pais fazerem na mesquita depois da oração nos dias de grande festa. Depois separámo-nos num silêncio terrível. Desci ao pátio para participar nos tratamentos de beleza e Samir ficou distante e mal-humorado no terraço inferior deserto.

O pátio era uma colmeia de atividade, quase toda concentrada em volta da fonte, onde havia facilidade de acesso à água para lavar as mãos e também os pratos e as escovas. Os ingredientes básicos, como ovos, mel, leite, hena, argila e todos os tipos de óleos, estavam dispostos em grandes frascos de vidro, no círculo de mármore que rodeava a fonte. Havia grandes quantidades de azeite, claro; o melhor era o que se produzia no Norte, a menos de cem quilómetros de Fez. Mas óleos mais preciosos, como os de amêndoa e argânia, eram muito escassos, pois provinham de árvores exóticas que precisavam de muito sol e só cresciam no Sul, nas regiões de Marraquexe e Agadir.

Metade das mulheres do pátio já estavam com um aspeto horrível, com a cara e o cabelo cobertos de pastas e mistelas de aspeto pegajoso. Ao lado delas sentavam-se as chefes de equipa, que trabalhavam numa tranquilidade solene, uma vez que cometer um erro nos tratamentos de beleza

podia causar danos fatais. Uma medida errada ou um engano nas combinações ou nos tempos das misturas podia resultar em alergias e comichão ou, pior ainda, tornar cabelos ruivos em cabelos negros como o carvão. Estavam lá as habituais três equipas de beleza: a primeira preparava as máscaras para a cabeça; a segunda as misturas de hena; e a terceira as máscaras para a pele e os perfumes. Cada grupo estava equipado com os seus *khanuns* (pequenos fornos de carvão) e uma mesa baixa, totalmente coberta por uma impressionante coleção de argilas e tintas naturais, como casca de romã seca, casca de nogueira, açafrão e todo o tipo de ervas aromáticas, incluindo mirto, rosas secas e flor de laranjeira. Muitos destes produtos estavam ainda no papel azul utilizado para embrulhar açúcar e que depois fora reciclado pelos lojistas para embrulhar produtos caros. As essências exóticas, como o almíscar e o âmbar, guardavam-se em lindas conchas marinhas, por sua vez colocadas em recipientes de cristal para maior proteção, e havia dezenas de taças de barro cheias de misturas misteriosas que aguardavam a sua transformação em combinações mágicas.

Algumas das pastas mais eficazes eram as que continham hena. As peritas em hena tinham de fazer pelo menos quatro misturas diferentes para satisfazer os gostos do pátio. Para as que queriam reflexos de ruivo intenso, a hena era diluída em sumo a ferver de cascas de romã com uma pitada de carmim. Para as que desejavam tons mais escuros, diluía-se a hena em sumo quente de casca de nogueira. Para as que simplesmente queriam fortalecer o cabelo, a mistura de hena e tabaco podia fazer maravilhas, enquanto para as que queriam hidratar o cabelo seco, diluía-se a hena numa pasta fina e amassava-se com azeitona, argânia e amêndoa antes de ser massajada no couro cabeludo. A beleza era certamente o único tema em que todas as mulheres estavam de acordo. A inovação não era de forma alguma bem-vinda. Todas, incluindo Chama e a minha mãe, confiavam plenamente na tradição e não davam um passo sem consultar primeiro Lalla Mani e Lallia Radia.

As mulheres estavam com um aspeto pavoroso, com todas aquelas máscaras de ovo, frutas e verduras e vestidas com as *qamis* mais velhas e feias que tinham conseguido encontrar. Além disso, como costumavam usar turbantes elaborados e lenços coloridos, naquele momento as suas cabeças pareciam terrivelmente pequenas, com os olhos cavados e as bochechas e os queixos cheios de gotas castanhas. Mas quando se preparavam para ir ao *hammam* era imprescindível porem-se o mais feias possível, em grande parte porque todas acreditavam que quanto mais feias se pusessem antes de entrarem nos banhos, mais sensacionalmente belas sairiam. De facto, as que conseguiam uma fealdade interessante eram aplaudidas e presenteadas com o «espelho de repulsão do *hamman*», um estranho espelho antigo já sem prata e que tinha o misterioso poder de distorcer narizes e reduzir os olhos a pontos diabólicos. Nunca brinquei com esse espelho porque ficava extremamente nervosa.

O nosso ritual tradicional do *hamman* constava de três fases: «antes», «durante» e «depois». A fase prévia tinha lugar no pátio central, e era aquela em que nos tornávamos feias cobrindo a cara e o cabelo com todas aquelas horríveis mistelas. A segunda fase tinha lugar no *hamman* do bairro, não longe de nossa casa, onde nos despíamos e passávamos por três salas cheias de vapor quente semelhantes a casulos. Algumas mulheres despiam-se completamente e outras punham um lenço em volta da cintura, enquanto as excêntricas continuavam com os *sarwals* postos, parecendo extraterrestres quando o tecido ficava húmido. As excêntricas que entravam no banho com calças costumavam ser objeto de todo o tipo de gracejos e observações sarcásticas, tais como: «Já agora, porque é que não pões também o véu?»

A fase posterior consistia em sair dos banhos enevoados para um pátio onde podíamos estender-

nos um bocado cobertas apenas com as toalhas, antes de pormos a roupa lavada. O *hamman* do nosso bairro tinha convidativos bancos corridos de parede a parede que nos permitiam ficar protegidas do chão húmido. Mas como não havia lugar para todas as que frequentavam os banhos, cada pessoa devia ocupar o menor espaço possível e não demorar muito tempo. Eu gostava muito daqueles bancos porque me sentia sempre terrivelmente sonolenta quando saía dos banhos. De facto, esta terceira fase do ritual era a minha preferida, não só porque me sentia completamente nova mas também porque as assistentes do banho, por ordem da tia Habiba, «que estava encarregada dos refrescos», distribuíam sumos de laranja e amêndoa e por vezes também nozes e tâmaras, que ajudavam a recuperar as energias. Esta fase posterior era uma das raras ocasiões em que os adultos não tinham de ordenar às crianças que estivessem quietas, porque nos deitávamos todas semiadormecidas nas toalhas e roupas das nossas mães. Mãos estranhas empurravam-nos aqui e ali, por vezes levantavam-nos as pernas, outras vezes a cabeça ou as mãos. Ouvíamos as vozes, mas não podíamos levantar os dedos, tão delicioso era o sono.

Em determinada época do ano serviam nos banhos uma rara bebida celestial chamada *zeri'a* (literalmente, «as sementes»), com a estrita supervisão da tia Habiba para assegurar uma distribuição equitativa. Para esta bebida utilizava-se pevides de melão que depois de lavadas e secas eram guardadas em frascos de vidro especialmente feitos para as bebidas nos banhos (por alguma razão que ainda ignoro, aquela maravilhosa bebida só era servida nos banhos). As pevides de melão tinham de ser consumidas o mais rapidamente possível ou estragavam-se, o que significava que a *zeri'a* só podia ser saboreada durante algumas semanas no ano, na época dos melões. As sementes eram esmagadas e misturadas com leite gordo, umas gotas de água de flor de laranjeira e uma pitada de canela; deixava-se a mistura em repouso durante algum tempo, com a polpa lá dentro. Quando era servida, o jarro não podia ser muito agitado para que a polpa ficasse no fundo e só o líquido fosse servido. Se se estivesse demasiado sonolento para beber depois do banho e a nossa mãe gostasse muito de nós, tentava sempre fazer-nos tomar um pouco de *zeri'a* para que não perdêssemos aquela ocasião especial. As crianças cujas mães estavam demasiado distraídas para o fazer, começavam a chorar frustradas quando acordavam e viam os jarros vazios. «Beberam a *zeri'a* toda! Quero *zeri'a*!», guinchavam, mas claro que ficavam sem prová-la até ao ano seguinte. A época dos melões acabava com uma brusquidão cruel.

Mas sair do pátio do *hamman* vestidas e devidamente veladas não significava que o ritual de embelezamento tivesse acabado. Ainda faltava outro passo: o perfume. Naquela noite, ou na manhã seguinte, as mulheres enfeitavam-se com os seus cafetãs preferidos, sentavam-se num canto tranquilo do seu salão, punham um pouco de almíscar, âmbar ou outra essência num pequeno fogo de carvão e deixavam que o fumo lhes impregnasse a roupa e o cabelo solto. Depois entrançavam o cabelo e aplicavam *kohl* e *bâton* na cara. Nós gostávamos especialmente daqueles dias porque as nossas mães estavam tão bonitas que se esqueciam de nos dar ordens aos gritos.

A magia dos tratamentos de beleza e o ritual do *hamman* devia-se não só à sensação de se ter renascido, como também ao facto de termos sido nós próprios os agentes desse renascimento. «A beleza está dentro, só temos de a fazer sair cá para fora», costumava dizer a tia Habiba na sua pose de rainha no dia seguinte ao *hamman*. Adotava aquela pose apenas para si própria, enrolando o lenço de seda em volta da cabeça como um turbante e exibindo no pescoço e nos braços algumas joias que salvara do divórcio. «Mas dentro exatamente onde?», perguntava eu. «No coração? Na cabeça?», e a tia Habiba desatava a rir. «Por enquanto não tens de preocupar-te com essas coisas

tão sérias e complicadas, filhinha. A beleza está na pele! Cuida dela, hidrata-a, limpa-a, esfrega-a, perfuma-a, põe os teus melhores vestidos, mesmo que não seja nenhuma ocasião especial, e sentir-te-ás como uma rainha. Se a sociedade te tratar com dureza, replica mimando a tua pele. A pele é *a-jlida siyasa*, estratégica. Se não o fosse, porque nos ordenariam os imãs que a escondêssemos?»

No que se referia à tia Habiba, a libertação de uma mulher tinha de começar pelo tom e pela massagem da pele. «Se uma mulher começa a maltratar a pele, sofrerá todo o tipo de humilhações», costumava dizer.

Eu não compreendia bem o significado desta última frase, mas as suas palavras animavam-me a começar a aprender tudo sobre as máscaras faciais e capilares. Na verdade, tornei-me tão boa nisso que a minha mãe me mandou espiar a avó Lalla Mani e Lalla Radia para averiguar o que punham nas suas misturas de beleza, dado que, tal como muitas outras mulheres partilhavam a ideia tradicional de que perderiam o poder se os seus tratamentos de beleza passassem a ser do conhecimento público. Aprendi tanto no desempenho das minhas missões que cheguei mesmo a considerar a possibilidade de encetar carreira nos domínios da beleza, magia e esperança, se fosse muito difícil tornar-me tão boa contadora de histórias como a tia Habiba.

Uma das máscaras faciais de que eu mais gostava era a que Chama utilizava para eliminar as sardas, borbulhas e outras manchas. Eu tinha sardas suficientes para a vida toda. A fórmula de Chama, que só devia ser utilizada para peles oleosas, preparava-se da seguinte forma: primeiro arranjava-se um ovo fresco, e a única maneira de saber se era fresco era ter uma galinha no terraço durante algumas semanas; mas se isto fosse demasiado complicado, comprava-se um ovo na mercearia mais próxima; se não tivesse uma aparência suficientemente fresca, pintava-se de branco até à perfeição. Depois lavava-se as mãos com sabão natural, o qual não é muito fácil de encontrar hoje em dia, pelo que podia ser substituído pelo líquido que contivesse a menor quantidade possível de detergente. Partia-se então o ovo com cuidado e deitava-se fora a gema e punha-se a clara num prato liso de barro; era essencial utilizar barro ou algum tipo de cerâmica, não podia utilizar-se qualquer recipiente que contivesse metal. Agarrava-se num bom pedaço de *shebba* (alume) branco que coubesse perfeitamente na palma da mão e esfregava-se vigorosamente na clara do ovo até ficar cheia de grumos. Em seguida aplicava-se uma generosa camada desta mistura grumosa na cara e esperava-se que secasse durante dez minutos. Por último, limpava-se suavemente a cara com um pano de fibra natural previamente humedecido em água morna. Quem seguisse estes procedimentos sentiria os poros extraordinariamente limpos e a pele macia.

Esta máscara não servia naturalmente para a tia Habiba, que tinha uma pele seca. Ela precisava de uma fórmula completamente diferente que, embora custasse muito pouco, exigia alguma planificação e ter em conta as estações. Era assim: durante a época dos melões, a tia Habiba escolhia um maduro, fazia-lhe um buraco e enchia-o com três mãos-cheias de grãos acabados de lavar. Depois deixava o melão assim recheado no terraço durante umas semanas até ficar completamente seco e mirrado. Em seguida punha-o num grande almofariz (hoje em dia a batedeira é mais prática) e esmagava-o até ficar reduzido a pó fino. Depois colocava este pó precioso num lugar soalheiro, bem embrulhado em papel e num recipiente para protegê-lo da humidade. Todas as semanas tirava um pouco do pó, misturava-o com água natural (água engarrafada também servia) e punha-o na cara durante cerca de uma hora. Quando tirava a máscara com um pano humedecido em água morna suspirava de prazer e dizia:

– A minha pele ama-me.

Mas as máscaras faciais de Chama e da tia Habiba só serviam para limpar a pele. Nenhuma das duas nutria muito a pele. Por isso, uma semana aplicava-se as máscaras de limpeza e na seguinte as nutritivas. A máscara de papoilas encarnadas de Yasmina e a receita de tâmaras de Lalla Mani eram as melhores. O único problema de ambas era que não se conservavam, e tinham de ser utilizadas imediatamente após a preparação. A máscara de papoilas também dependia da estação. Todos os anos Yasmina esperava a primavera com grande impaciência, e assim que o trigo chegava à altura do joelho, saía a cavalo com Tamu para apanhar as primeiras papoilas encarnadas da época. As papoilas cresciam nos férteis trigais verdes que rodeavam a quinta, mas muitas vezes Yasmina e Tamu tinham de ir muito longe, para além das linhas de comboio, para roubar as primeiras flores da época nos campos vizinhos, que estavam mais expostos ao sol. As papoilas dos seus próprios campos só floresciam algumas semanas depois. Quando as encontravam, apanhavam uma quantidade generosa e regressavam com enormes ramos encarnados. Naquela mesma noite pediam ajuda às outras esposas, colocavam um lençol branco numa mesa e cortavam delicadamente as flores, conservando as pétalas e o pólen e deitando fora os caules. Em seguida colocavam as flores numa grande jarra de cristal e Tamu mandava alguém apanhar os frutos mais altos dos limoeiros, os que tinham apanhado mais sol e estavam prontos para derramar o seu sumo. Espremia o sumo de limão sobre as flores e deixava-o ensopar assim durante vários dias até formar uma pasta suave. Finalmente, quando estava pronto, convidava todas as esposas a participarem no tratamento de beleza. Elas acudiam ansiosas e aguardavam a sua vez em fila; e durante algumas horas toda a quinta se enchia de criaturas de cara encarnada. Só era possível ver-lhes os olhos.

– Quando lavarem a cara, a pele brilhar-vos-á como as papoilas – dizia Yasmina com aquela insolente confiança em si própria que as feiticeiras tinham.

Na Medina de Fez, a minha mãe sonhava com as papoilas, mas a maioria das vezes tinha de recorrer a máscaras de beleza mais acessíveis. Era difícil encontrar tâmaras boas como as que Lalla Mani utilizava para as suas máscaras, porque eram importadas da Argélia, embora fossem mais fáceis de conseguir do que as papoilas primaveris. Tenho de reconhecer a mim própria o mérito de ter descoberto a máscara de tâmaras, pois se não tivesse espiado a avó Lalla Mani, a minha mãe nunca teria descoberto o seu segredo. E a verdade é que a pele de Lalla Mani resplandecia, parecia que os anos não passavam por ela. Lalla Mani quase nunca punha nada na pele, mas uma vez por semana utilizava uma máscara de beleza durante uma tarde inteira. Ninguém conseguiu adivinhar de que era feita, até que a minha mãe me mandou espiá-la: o segredo eram as tâmaras e o leite. Lalla Mani ficou bastante aborrecida quando se apercebeu de que sabíamos os ingredientes da sua máscara secreta; e a partir de então, sempre que preparava os seus tratamentos de beleza expulsava todas as crianças do salão.

Para fazer a máscara, Lalla Mani colocava duas ou três tâmaras muito maduras num copo de leite gordo, tapava-o e deixava-o repousar vários dias junto a uma janela soalheira. Depois esmagava bem a mistura com uma colher de madeira, aplicava-a na cara e evitava expor-se ao sol. A máscara tinha de secar muito lentamente, um detalhe que eu não podia confirmar e que a minha mãe descobriu por si própria fazendo uso de muita paciência.

– Tens de sentar-te junto a uma janela aberta – disse-me quando descobriu o segredo da avó – ou, melhor ainda, debaixo de um guarda-sol num terraço com uma bonita vista.



22

HENA, ARGILA E OLHARES MASCULINOS

O meu pai odiava o odor da hena e o cheiro nauseabundo dos tratamentos de azeite e argânia que a minha mãe utilizava para o cabelo. Às quintas-feiras de manhã tinha sempre um ar impaciente quando a minha mãe punha a sua horrorosa *qamis* de um cinzento sujo que em tempos havia sido verde (um antigo presente da peregrinação de Lalla Mani a Meca antes do meu nascimento), e andava por toda a casa com argila no cabelo e uma máscara facial de grão-de-bico e melão. O cabelo impregnado de pasta de argila chegava-lhe à cintura, e depois era entrançado e preso no alto da cabeça, parecendo um imponente capacete. A minha mãe acreditava firmemente na teoria de que quanto mais feia se pusesse antes do *hamman* mais bela sairia depois, e investia uma incrível quantidade de energia a transformar-se, a tal ponto que a minha irmã mais nova não a reconhecia com as máscaras e desatava aos gritos quando ela se aproximava.

Às quartas-feiras à tarde, o meu pai já começava a ter um ar lúgubre.

– Duja, eu amo-te tal como Deus te fez. Não precisas de te dar a este trabalho todo para me agradar. Sou feliz contigo tal como és, apesar do teu temperamento impulsivo. Juro, e Deus é minha testemunha, que sou um homem feliz. Por isso, por favor, amanhã esquece a argila.

Mas a resposta da minha mãe era sempre a mesma:

– Sidi, meu senhor, a mulher que amas não é de forma alguma natural! Uso argila desde os três anos. E também preciso de passar por isto por razões psicológicas, faz-me sentir renascida. Além disso, a minha pele e o meu cabelo ficam mais sedosos. Não podes negar isso, não é verdade?

De forma que às quintas-feiras o meu pai saía sorrateiramente de casa o mais cedo possível. Mas se por acaso tinha de voltar, afastava-se a correr da minha mãe quando esta se aproximava. Era um jogo que o pátio adorava, pois as ocasiões em que os homens aparentavam terror diante das mulheres eram sem dúvida raras. A minha mãe perseguia o meu pai por entre as colunas e todas riam às gargalhadas até que Lalla Mani aparecia com a sua imponente touca à entrada do salão. Então tudo terminava subitamente.

– Madame Tazi – exclamava a minha avó utilizando o apelido da minha mãe para lhe recordar que era uma estranha na família –, nesta casa respeitável não se aterrorizam os maridos. Talvez não seja assim na quinta do teu pai. Mas aqui, nesta cidade profundamente religiosa e a poucos metros da mesquita Qarauíne, um dos centros universais do Islão, as mulheres comportam-se segundo as regras. São obedientes e respeitadoras. Comportamentos escandalosos como o da tua mãe Yasmina só servem para entreter os camponeses.

Nessas alturas a minha mãe lançava um olhar furibundo ao meu pai e desaparecia escadas acima. Odiava a falta de privacidade do harém e a constante interferência da sua sogra.

– O seu comportamento é insuportável e ordinário – dizia a minha mãe –, especialmente para alguém que passa a vida a dar sermões sobre boas maneiras e respeito pelos outros.

Nos primeiros tempos do seu casamento o meu pai tentara fazer com que a minha mãe deixasse os tratamentos de beleza tradicionais e utilizasse cosméticos franceses, que exigiam muito menos

tempo de preparação e davam resultados imediatos. A cosmética era o único campo em que o meu pai preferia o moderno ao tradicional. Após longas consultas com o primo Zin, que lhe traduziu os anúncios dos jornais e revistas franceses, fez uma longa lista. Depois foram às compras à Ville Nouvelle e voltaram com um saco cheio de embalagens de cosméticos embrulhados em celofane e atados com fitas de seda colorida. O meu pai pediu a Zin que se sentasse no nosso salão enquanto a minha mãe abria os embrulhos, para o caso de ela precisar de ajuda para as instruções em francês, e olhava atentamente enquanto ela abria cuidadosamente cada embrulho. Era evidente que tinha gasto uma fortuna. Alguns dos embrulhos eram tintas para o cabelo, outros champôs, e havia também três tipos de cremes para a cara e o cabelo, para não mencionar o perfume em frascos preciosos. A fragrância de almíscar que a minha mãe insistia em pôr no cabelo desagradava particularmente ao meu pai, por isso ajudou-a com impaciência a abrir o frasco de *Chanel N.° 5*, jurando-lhe que continha «todas as flores de que tu mais gostas». A minha mãe olhou para tudo com grande curiosidade, fez algumas perguntas sobre a composição e pediu a Zin que traduzisse as instruções. Finalmente voltou-se para o meu pai e fez-lhe uma pergunta que ele não esperava:

– Quem fez estes produtos?

E então ele cometeu o erro fatal de lhe dizer que tinham sido feitos por cientistas em laboratórios. Ao ouvir aquilo, a minha mãe agarrou no frasco de perfume e deitou fora tudo o resto.

– Se agora os homens vão privar-me das únicas coisas que ainda controlo, os meus próprios cosméticos, então serão eles quem mandam na minha beleza. Não tolerarei tal coisa. Eu crio a minha própria magia e não tenciono renunciar à hena.

Isto resolveu o problema de uma vez por todas, e o meu pai, tal como os outros homens do pátio, teve de resignar-se às inconveniências dos tratamentos de beleza.

Na noite antes do *hamman*, quando a minha mãe punha hena no cabelo, o meu pai saía do nosso salão e refugiava-se no da sua mãe. Mas regressava sempre imediatamente quando a minha mãe voltava a casa perfumada com *Chanel N.° 5*. Ela detinha-se primeiro junto ao salão de Lalla Mani para lhe beijar a mão. Era um rito tradicional: a nora tinha obrigação de se deter no quarto da sogra e beijar-lhe a mão depois do *hamman*. Contudo, graças à revolução nacionalista e às conversas sobre a libertação das mulheres, este costume estava a desaparecer em muitos sítios, exceto durante os importantes festivais religiosos. Apesar disso, uma vez que Lalla Radia continuava a cumprir o ritual, a minha mãe também tinha de o fazer.

Mas a minha mãe também aproveitava a cerimónia do beija-mão à sogra como oportunidade para brincar um pouco.

– Querida sogra, achas que o teu filho está preparado para encarar a sua mulher outra vez ou quererá ficar com a mamã?

A minha mãe dizia isto a sorrir, mas Lalla Mani respondia com o sobrolho franzido e o queixo levantado. Considerava o humor em geral uma falta de respeito e achava que o humor da minha mãe em particular era uma agressão deliberada.

– Sabes perfeitamente, minha querida – respondia-lhe sempre –, que tens muita sorte em ter-te casado com um homem tão tolerante como o meu filho. Outros teriam expulsado uma mulher desobediente que insiste em pôr hena no cabelo depois de lhe terem rogado que não o faça. Além disso, não te esqueças de que Alá concedeu aos homens o direito de ter quatro esposas. Se o meu filho alguma vez utilizasse esse direito sagrado, iria direito para o leito da sua segunda esposa quando o obrigasses a ir-se embora com o teu fedor a hena.

A minha mãe ouvia com calma e serenidade até que a avó acabava o sermão. Então, sem acrescentar uma palavra, beijava-lhe a mão e voltava para o seu salão, deixando atrás de si o rasto de *Chanel N.° 5*.

O *hamman* onde tomávamos banho e limpávamos os tratamentos de beleza tinha o chão e as paredes de mármore branco, com muitos vidros nos tetos para que a luz entrasse. Aquela combinação de luz de marfim, nevoeiro e crianças e mulheres nuas passeando-se por toda a parte fazia com que o *hamman* parecesse uma exótica ilha rodeada de vapor que surgira do nada e ficara a flutuar no meio da disciplinada Medina. Na verdade, se não fosse pela terceira sala, o *hamman* poderia ser um paraíso.

A primeira sala era quente e húmida, mas nada de excecional, e passávamos por ela depressa, utilizando-a sobretudo como uma forma de nos habituarmos ao calor húmido. A segunda sala era uma delícia, com o vapor suficiente para embaciar o mundo que nos rodeava, transformando-o numa espécie de lugar extraterrestre, mas não o suficiente para dificultar a respiração. Nesta segunda sala as mulheres entregavam-se a um frenesim de limpeza, eliminando as células epidérmicas mortas com *mhecca*, pedaços redondos de rolha embrulhados em mantas de lã feitas à mão.

Para eliminar a hena e os óleos, as mulheres utilizavam *ghassul*, o miraculoso champô e loção de argila que deixava a pele e o cabelo incrivelmente macios.

– O *ghassul* transforma-te a pele em seda – afirmava a tia Habiba. – E quando sais do *hamman* sentes-te como uma deusa antiga.

A preparação do *ghassul*, que na verdade eram pedaços escuros de argila aromática seca, levava muitas estações e dois ou três dias de trabalho árduo. Uma vez preparado, bastava deitar uma mão-cheia em água de rosas e obtinha-se uma solução mágica.

A preparação do *ghassul* começava na primavera e todo o pátio participava. Em primeiro lugar, Sidi Aliai conseguia montes de botões de rosas, mirto e outras plantas silvestres aromáticas, e as mulheres apressavam-se a levar tudo para cima para estenderem em lençóis limpos à sombra. Uma vez secas, as flores eram guardadas até chegar o grande dia, em pleno verão, sendo misturadas com argila e postas a secar outra vez, desta vez ao tórrido sol estival, até formarem uma camada fina. Nenhuma criança queria perder aquele dia porque as mulheres precisavam da nossa ajuda e deixavam-nos amassar a argila e sujar-nos a nosso bel-prazer sem nos ralharem. A argila perfumada cheirava tão bem que dava vontade de comê-la; e uma vez Samir e eu provámos um pouco, o que só nos provocou dores de estômago, mas tivemos o cuidado de não dizer a ninguém.

Tal como os outros tratamentos de beleza, o *ghassul* era preparado junto à fonte. As mulheres levavam os seus tamboretes e fogareiros e sentavam-se junto da água para facilmente poderem lavar as mãos e as panelas e frigideiras. Primeiro colocavam quilos de mirto e rosas secas em diferentes tachos a ferver em lume brando; ao fim de um bocado retiravam-nos do lume e deixavam-nos arrefecer. As mulheres que preferiam determinadas flores ou ervas – como a minha mãe, que adorava lavanda – punham-nas a ferver em lume brando em tachos mais pequenos. Também neste caso, algumas mulheres acreditavam que todo o poder mágico da sua receita *ghassul* se evaporaria se a sua composição passasse a ser do conhecimento público, de forma que desapareciam nos cantos escuros dos andares superiores, fechavam a porta e faziam as suas misturas em segredo. Outras mulheres, como a tia Habiba, secavam as rosas ao luar. Outras limitavam-se a utilizar flores de cores específicas, e havia ainda outras que recitavam conjuros às plantas para aumentar os seus

poderes mágicos.

Depois iniciava-se o processo de amassar. A tia Habiba dava o sinal deitando algumas mãos-cheias de argila crua numa larga tigela de barro como as que se utilizava para amassar o pão. Em seguida juntava à argila uma taça cheia de água de mirto ou de rosas, deixava que esta absorvesse a água e amassava-a até se transformar numa pasta macia. Depois estendia-a numa tábua de madeira e pedia-nos que a puséssemos a secar no terraço.

Adorávamos essa parte, e por vezes um de nós ficava tão excitado que se esquecia que a argila ainda estava molhada e corria cada vez mais depressa, até que lhe caía tudo em cima da cabeça. Isto era terrivelmente embaraçoso, sobretudo porque alguém tinha de levá-lo de volta para o pátio com os olhos fechados por causa da argila. Isso nunca me aconteceu porque eu era exasperantemente lenta em tudo. Mas o dia de preparação do *ghassul* era uma das raras ocasiões em que a minha lentidão era considerada uma virtude.

Quando chegávamos ao terraço com as tábuas sobre a cabeça, a arfar e a bufar para mostrar a importância da nossa contribuição, Mina ocupava-se de tudo. O seu trabalho consistia em vigiar as tábuas e o processo de secagem. À noite mandava-nos guardar as tábuas para que a humidade não as afetasse, e por volta do meio-dia seguinte, quando o sol estava bem quente, mandava-nos secá-las outra vez. A argila demorava cinco dias a secar, formando então uma fina camada separada em pequenos pedaços que Mina deitava num grande lenço branco e limpo para repartir por todas as mulheres. As que tinham filhos recebiam mais, porque as suas necessidades eram maiores.

O *ghassul* era utilizado como champô na segunda sala do *hamman* e como creme suavizante e de limpeza na terceira, que era a mais quente, onde se faziam as lavagens mais intensas. Samir e eu odiávamos aquela terceira sala de banhos, e até lhe chamávamos câmara de torturas porque era lá que as mulheres insistiam em tratar «a sério» dos filhos. Nas duas primeiras salas as mães concentravam-se a tal ponto nos tratamentos de beleza que se esqueciam dos filhos. Mas na terceira sala, antes de se submeterem aos seus próprios rituais de purificação, as nossas mães sentiam-se culpadas por nos terem abandonado e tentavam compensá-lo transformando num pesadelo os nossos últimos momentos no *hamman*. Era precisamente nesta altura que tudo começava a correr mal e passávamos de uma experiência desagradável à seguinte.

Começavam por encher baldes de água fria e quente diretamente das fontes e deitavam-nos pela nossa cabeça abaixo sem experimentarem primeiro. Nunca conseguiam a temperatura adequada. A água estava a ferver ou gelada, mas nunca morna. Além disso, oficialmente nem sequer nos era permitido gritar na terceira sala porque à nossa volta as mulheres faziam as suas abluções. Para uma pessoa se purificar, isto é, para se preparar para a oração que tinha lugar logo que se saía do *hamman*, os adultos tinham de utilizar a água mais pura. E a única forma de garantir essa pureza era estar o mais próximo possível da nascente (neste caso, as fontes), o que significava que aquela terceira sala estava sempre cheia e que tinha de se fazer bicha para encher os baldes. Na verdade, a terceira sala do *hamman* foi o único sítio onde vi os marroquinos fazerem bicha de uma forma ordenada. O calor era insuportável a cada segundo de espera.

Assim que os baldes ficavam cheios, as mulheres iniciavam as abluções ali mesmo. A lavagem ritual distinguia-se da normal pela concentração silenciosa e pela ordem prescrita pela qual se lavavam as diferentes partes do corpo: mãos, braços, cara, cabeça e, por último, os pés. Não se podia correr diante de uma mulher que estava a fazer as abluções, o que significava que quase não nos podíamos mexer. Assim, entre isto e a água a ferver ou gelada que nos deitavam pela cabeça, os

gritos e os guinchos das crianças ouviam-se por toda a parte. Alguns conseguiam escapar das mãos da mãe por um momento, mas como o chão de mármore estava escorregadio por causa da água e da argila e a sala estava tão cheia, nunca se libertavam por muito tempo. Algumas crianças tentavam não entrar na terceira sala, mas nesse caso, que era o que normalmente me acontecia a mim, agarravam-nos simplesmente pelos pés e obrigavam-nos a entrar, ignorando os nossos gritos.

Esses momentos terríveis quase apagavam e praticamente eliminavam os deliciosos efeitos do banho: a longa sucessão de horas maravilhosas que tínhamos passado a esconder o precioso pente senegalês de marfim da tia Habiba, só para fazer com que aparecesse por um passe de magia quando ela começava a procurá-lo freneticamente; ou escondendo algumas das laranjas que Chama guardava num balde de água fria; ou observando as mulheres gordas de enormes peitos, as magras de traseiros salientes, ou as mães minúsculas com filhas adolescentes gigantes; e, sobretudo, consolando as mulheres quando se estatelavam no chão cheio de argila e hena.

A certa altura descobri uma forma de acelerar o processo na câmara de torturas e obrigar a minha mãe a levar-me a correr para a porta: fingia desmaiar, uma habilidade que tinha aperfeiçoado bastante a fim de conseguir que as pessoas deixassem de me aborrecer. Desmaiava quando as outras crianças imitavam os *djinnis*, enquanto se precipitavam pelas escadas abaixo a altas horas da noite e, como resultado, a criança que me tinha assustado devia carregar-me até ao pátio, ou pelo menos avisar a minha mãe. Esta, por sua vez, armava um pé de vento e queixava-se à mãe da criança em questão. Mas representar o meu desmaio estratégico no *hamman* quando me arrastavam para a terceira sala era muito mais gratificante, porque aí eu tinha público. Primeiro agarrava a mão da minha mãe para me certificar de que ela estava a olhar para mim. Depois fechava os olhos, sustinha a respiração e começava a deslizar para o chão de mármore molhado. A minha mãe pedia ajuda.

– Pelo amor de Deus, ajudem-me a tirá-la daqui! Esta criança está outra vez com problemas cardíacos.

Contei o meu truque a Samir, que também o experimentou, mas viram-no sorrir quando a sua mãe começou a gritar pedindo ajuda. A mãe contou o sucedido ao tio Ali e na sexta-feira seguinte, antes da oração, repreenderam Samir publicamente por ter enganado a sua mãe, «a criatura mais sagrada que caminha sobre dois pés no imenso planeta de Deus». Samir teve de pedir-lhe perdão, beijar a mão de Lalla Mani e pedir-lhe que rezasse por ele. Os muçulmanos tinham de contar com a aprovação da sua mãe (*al-janatu tahta aqdami l-ummahat*) para entrar no paraíso, e naquele momento as perspetivas de Samir pareciam bastante reduzidas.

Um dia Samir foi expulso do *hamman* porque uma mulher reparou que ele tinha «um olhar de homem». Esse incidente fez-me compreender que estávamos ambos a entrar numa etapa nova, talvez na idade adulta, apesar de parecermos terrivelmente pequenos e desamparados em comparação com os gigantescos adultos que nos rodeavam.

O incidente ocorreu na segunda sala do *hamman*, quando uma mulher se pôs subitamente aos gritos apontando para Samir:

– De quem é este rapaz? Já não é uma criança.

Chama aproximou-se a correr da mulher e disse-lhe que Samir tinha apenas nove anos, mas a mulher permaneceu inflexível.

– Pode até ter quatro, mas garanto-te que me olhou para o peito como o meu marido o faz.

Todas as mulheres que estavam sentadas em volta tirando a hena do cabelo interromperam o que estavam a fazer para ouvir a conversa, e todas desataram a rir quando a mulher disse em seguida

que Samir tinha «um olhar muito erótico». Então Chama enfureceu-se:

– Talvez te tenha olhado assim porque tens um peito estranho. Ou talvez sintas prazer erótico com esta criança. Nesse caso, ficarás bastante frustrada.

Isto provocou uma gargalhada geral, e Samir, de pé no meio de todas aquelas mulheres nuas, compreendeu de repente que tinha alguma espécie de poder insólito. Bateu no seu peito esquálido e gritou com firmeza a sua histórica réplica, que se transformou numa espécie de piada da família Mernissi:

– Não fazes o meu género. Eu gosto de mulheres altas.

Isto pôs Chama numa posição embaraçosa. Não podia continuar a defender aquele irmão estranhamente precoce, principalmente porque não pôde evitar rir-se, como todas as outras mulheres. As gargalhadas ressoaram por toda a sala. Mas, sem que Samir e eu nos apercebêssemos, aquele cómico incidente marcou o final da infância, da época em que a diferença entre os sexos não importa. Depois disso, Samir passou a ser cada vez menos tolerado no *hamman*, porque o seu «olhar erótico» começou a incomodar cada vez mais mulheres. Quando isto sucedia, levavam Samir de volta a casa como um varão triunfante; durante dias o seu comportamento viril foi comentado e diziam-se gracejos sobre isso no pátio. Mas o tio Ali acabou por saber de tudo e decidiu que o seu filho tinha de começar a ir ao *hamman* dos homens.

Fiquei muito triste por ir ao *hamman* sem Samir, sobretudo porque já não podíamos brincar como habitualmente fazíamos nas três horas que lá passávamos. Samir fez-me relatos igualmente tristes das suas experiências no *hamman* dos homens.

– Sabes que os homens não comem lá? – disse-me. – Nada de amêndoas nem de bebidas, e também não falam nem riem. Lavam-se apenas.

Eu disse-lhe que se pudesse deixar de olhar para as mulheres como fazia, talvez ainda estivesse a tempo de convencer a sua mãe a deixá-lo voltar a ir connosco. Mas, para minha grande surpresa, respondeu-me que isso já não era possível e que tínhamos de pensar no futuro.

– Sabes, embora ainda não se repare, já sou um homem, e os homens e as mulheres devem ocultar o corpo uns dos outros. Têm de se separar.

Pareceu-me uma observação profunda e impressionou-me muito, mas não me convenceu. Depois disse-me que no *hamman* dos homens não utilizavam hena nem máscaras faciais.

– Os homens não necessitam de tratamentos de beleza – acrescentou.

Este comentário lembrou-me a nossa velha discussão no terraço e interpretei-o como um ataque pessoal. Eu tinha sido a primeira a prejudicar a nossa amizade, insistindo na minha necessidade de participar nos tratamentos de beleza, por isso defendi a minha posição.

– A tia Habiba diz que a pele é importante – comecei a dizer, mas Samir interrompeu-me.

– Acho que a pele dos homens é diferente – disse-me.

Limitei-me a olhar fixamente para ele. Não havia nada que pudesse dizer-lhe porque pela primeira vez compreendi que tudo o que Samir dissera nos nossos jogos infantis estava certo e o que eu dissesse não tinha grande importância. De repente tudo me pareceu muito estranho, complicado e fora do meu controlo. Sentia que estava a atravessar uma fronteira, a transpor um patamar, mas não podia determinar qual era o espaço novo em que entrava.

Subitamente senti-me triste sem razão aparente. Fui ter com Mina ao terraço e sentei-me a seu lado. Ela acariciou-me o cabelo.

– Porque estás tão calada hoje? – perguntou-me.

Contei-lhe a minha conversa com Samir e também o que se passara no *hamman*. Ela ouviu-me, encostada ao muro ocidental, com a sua touca amarela tão elegante como sempre. Quando acabei, disse-me que doravante a vida seria mais dura, tanto para Samir como para mim. – A infância é quando a diferença não importa. A partir de agora não poderás evitá-lo. Terás de te regular pela diferença. O mundo será cruel.

– Mas porquê? – perguntei. – Porque não posso furtar-me à regra da diferença? Porque não podem os homens e as mulheres continuar a jogar quando são mais velhos? Porquê a separação?

Mina não respondeu diretamente às minhas perguntas, mas disse-me que a separação tornava os homens e as mulheres infelizes. A separação cria um imenso vazio de compreensão.

– Os homens não compreendem as mulheres e as mulheres não compreendem os homens, e tudo começa quando separam as raparigas dos rapazes nos banhos. Então, uma fronteira cósmica divide o planeta em dois. A fronteira indica a linha de poder, e onde quer que haja uma fronteira há dois tipos de criaturas que caminham pela terra de Alá: de um lado os poderosos, do outro os indefesos.

Perguntei a Mina como poderia eu saber em que lado estava. A sua resposta foi rápida, breve e muito clara:

– Se não podes sair, estás no lado dos indefesos.

O HARÉM E O OCIDENTE

A Mohammed Chafik, o meu professor do liceu, que nas aulas de poesia pré-islâmica ensinou que na tradição marroquina, árabe ou berbere, estimular o diálogo é considerado um acto mágico, porque ilumina o poder com a beleza.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DA MULHER COM O VESTIDO DE PENAS

Se por acaso me encontrassem no aeroporto de Casablanca ou num navio partindo de Tânger, pensariam que eu era uma mulher segura de si, mas a realidade é bem diferente. Mesmo hoje em dia, na minha idade, ainda me sinto inquieta quando tenho de atravessar uma fronteira, porque receio não conseguir entender os estrangeiros.

– Viajar é a melhor maneira de aprender e adquirir poder – dizia Yasmina, a minha avó, que era analfabeta e vivia num harém, uma casa familiar tradicional com portões fechados que as mulheres não estavam autorizadas a abrir.

– Deves concentrar a atenção nos estrangeiros que encontras e tentar compreendê-los. Quanto melhor compreenderes um estrangeiro, e melhor te conheceres a ti própria, maior será o teu poder. – Para Yasmina, o harém era uma prisão da qual era proibido sair. Por isso atribuía à viagem um valor quase mágico e considerava a oportunidade de atravessar fronteiras um privilégio divino, a melhor maneira de esconjurar a ausência de poder. E, de facto, em Fez, a cidade medieval onde passei a minha infância, corriam rumores fascinantes acerca de qualificados mestres sufis que tinham revelações extraordinárias (*lawami'*) e aumentavam exponencialmente os seus conhecimentos, pelo simples motivo de terem estado concentrados em aprender com os estrangeiros que cruzavam as suas vidas.

Há alguns anos tive de me deslocar ao Ocidente e visitar uma dezena de cidades para promover o meu livro *Sonhos Proibidos*, editado em 1994 e traduzido em vinte e duas línguas. Durante essa viagem, fui entrevistada por mais de cem jornalistas ocidentais e apercebi-me de que a maior parte dos homens sorria ao pronunciar a palavra «harém». Os seus sorrisos desconcertaram-me. Pensava: como pode alguém sorrir ao evocar um sinónimo de prisão? Para Yasmina, o harém era uma instituição cruel que restringia drasticamente os seus direitos, começando pelo «direito de viajar e descobrir o maravilhoso e complicado planeta de Alá», como costumava dizer. Mas de acordo com a filosofia de Yasmina, que mais tarde descobri ser a filosofia dos sufis, os místicos do Islão, eu devia transformar o sentimento de revolta que a atitude dos jornalistas ocidentais provocava em mim, numa espécie de disponibilidade para aprender com eles. Ao princípio tive grande dificuldade em o fazer, e comecei a pensar se, com a idade, não estaria a perder a capacidade de me adaptar a situações novas. Aterrorizava-me a ideia de ficar bloqueada e incapaz de lidar com o inesperado. No entanto, graças à enorme pulseira berbere de prata que levava no braço e aos lábios pintados com *bâton* Chanel vermelho vivo, ninguém se apercebeu da minha ansiedade durante essa viagem de promoção.

Para aprender com as viagens, devemos treinar-nos para saber captar mensagens. – Deves cultivar a *isti'dad*, o estado de prontidão – segredava Yasmina ao meu ouvido num tom conspiratório, de modo a excluir todos os que decidira não serem dignos da herança sufi.

– A bagagem mais preciosa dos estrangeiros é a sua diferença. E se te concentrares no divergente

e no dissemelhante, também terás «revelações» – acrescentava, recordando-me que devia manter esta lição secreta. – *Teqiyeh*, o segredo, é a regra do jogo – dizia. – Lembra-te do que aconteceu ao pobre Hallaj! – Hallaj era um sufi famoso que fora preso pela polícia abássida em 915 d.C. por ter proclamado publicamente pelas ruas de Bagdade: «Eu sou a Verdade» (*Ana l'haq*). Uma vez que Verdade é um dos nomes atribuídos a Deus, Hallaj foi declarado herético. O Islão insiste na inultrapassável distância entre o divino e o humano, mas Hallaj acreditava que se alguém se concentrasse em amar a Deus, sem intermediários, era possível esbater as fronteiras entre o divino e o humano. A prisão de Hallaj perturbou a polícia abássida, pois prender um homem que se declarava feito à imagem de Deus equivalia a agredir o próprio Deus. Hallaj foi, porém, queimado vivo em março de 922 e, como sempre acreditei que estar vivo era uma escolha melhor do que a autoimolação, mantive absoluto segredo acerca das instruções de Yasmina sobre as viagens e cresci com uma tal determinação de realizar o seu sonho, que ainda me sinto aterrorizada sempre que atravesso uma fronteira.

Ao longo da minha infância, Yasmina repetiu-me que era normal uma mulher sentir pânico ao atravessar oceanos e rios. – Quando uma mulher decide usar as suas asas, deve preparar-se para enfrentar grandes riscos – dizia-me. Yasmina não só acreditava que as mulheres tinham asas, como estava convencida que era doloroso não poder usá-las.

Quando Yasmina morreu, eu tinha treze anos. Esperavam que eu chorasse, mas isso não aconteceu. – A melhor maneira de recordares a tua avó – disse-me ao morrer –, é mantendo viva a tradição de contar a minha história favorita de Xerazade, «A Mulher com o Vestido de Penas». – E assim aprendi de cor essa história contada por Xerazade, a heroína de *As Mil e Uma Noites*[45]. A sua mensagem principal é que uma mulher deve viver como uma nómada. Deve estar alerta e sempre pronta para partir, mesmo quando é amada, pois, tal como o conto ensina, o amor pode ser sufocante e tornar-se numa prisão.

Aos 19 anos, quando apanhei o comboio para me matricular na Universidade Mohammed V, em Rabat, atravessei uma das mais perigosas fronteiras da minha vida, a que separa Fez, a minha cidade natal, um labiríntico centro religioso do século IX, de Rabat, uma cidade branca e moderna de portas bem abertas sobre as praias do Oceano Atlântico. No início, sentia-me tão aterrorizada em Rabat, no meio das suas largas avenidas, que não era capaz de dar um passo sem Kemal, um companheiro de estudos que vinha do mesmo bairro que eu em Fez. Mas Kemal repetia constantemente que estava confuso acerca dos meus sentimentos. – Às vezes pergunto-me se me amas, ou se precisas de mim apenas como escudo contra os milhares de homens que acorreram de todo o país para se matricularem nesta universidade – dizia. O que mais me irritava em Kemal era a sua incrível capacidade de adivinhar os meus pensamentos. Mas gostava dele porque sabia de cor o conto de Yasmina, embora na versão oficial publicada no livro *As Mil e Uma Noites*. Kemal disse-me que as mulheres analfabetas como Yasmina eram mais subversivas do que as mulheres instruídas, porque introduziam distorções heréticas nos contos e usavam a expressão oral, escapando assim completamente à censura. Pode aliás afirmar-se, dizia, que ao longo de toda a história do Islão a tradição oral tem reduzido os mais tirânicos déspotas à absoluta impotência.

Segundo Kemal, a primeira distorção introduzida por Yasmina na minha história favorita foi feminizar o título. Na versão escrita de *As Mil e Uma Noites*, o conto intitula-se «A História de Hassan al-Basri», oriundo da cidade de Basra (Baçorá) no Sul do Iraque, no cruzamento entre o Mediterrâneo e as rotas dos mercadores que levavam até à China. Mas o conto que herdei de

Yasmina chamava-se «A Mulher com o Vestido de Penas».

A história começa em Bagdade, então capital do império muçulmano, de onde Hassan, um rapaz bonito mas arruinado, que esbanjara a fortuna em vinho e companhias galantes, parte para ilhas remotas para tentar refazer a fortuna. Numa noite em que contemplava o mar do alto de um terraço, foi atraído pelos graciosos movimentos de um grande pássaro que pousara na praia. De repente o pássaro desfez-se do que era na realidade um vestido de penas, e do interior saiu uma bela mulher nua que correu a nadar nas ondas.

«…Em beleza ela ultrapassava todos os seres humanos. A sua boca era mágica como o selo de Salomão e o seu cabelo era mais negro do que a noite… Os seus lábios eram como corais e os dentes como uma fieira de pérolas… O ventre era cheio de pregas…Tinha coxas grandes e opulentas, como colunas de mármore.»

Mas o que mais atraiu a atenção de Hassan al-Basri foi o que a bela mulher nua tinha entre as coxas: «uma magnífica cúpula suspensa sobre colunas, semelhante a uma taça de prata ou de cristal»[46].

Louco de amor, Hassan roubou o vestido de penas da bela nadadora e enterrou-o num lugar secreto. Privada das asas, a mulher ficou em seu poder. Hassan casou com ela, cobriu-a de seda e pedras preciosas, e quando tinham já dois filhos desleixou a sua devoção atenta pensando que ela não voltaria a ter vontade de voar. Retomou as longas viagens para aumentar a fortuna, e ficou surpreendido quando um dia, ao regressar, descobriu que ela nunca desistira de procurar o vestido de penas e não hesitara em voar para longe logo que o encontrou.

«Apertando os filhos contra o peito, envolveu-se no vestido de penas e transformou-se em pássaro, pela graça de Alá, o detentor do poder e da majestade. Em seguida, movimentando-se com graciosidade, ensaiou alguns passos ondulantes, dançou e pavoneou-se e bateu as asas…»[47], voando sobre rios profundos e oceanos turbulentos até regressar a Wak Wak, a ilha onde nascera. Contudo, antes de partir deixou uma mensagem para Hassan: ele poderia ir ter com ela se tivesse coragem para o fazer. Mas ao tempo ninguém sabia, e hoje em dia ainda menos, onde situar essa misteriosa ilha de Wak Wak, terra de exotismo e estranheza longínqua. Historiadores árabes como Mas'udi, que escreveu *A Pradaria de Ouro*, no século IX, situava-a na África Oriental, para além de Zanzibar. Marco Polo descreve a ilha de Wak Wak como o país das Amazonas que reinavam em Socotrá, a «Ilha das Mulheres». Outros identificaram Wak Wak com as Seychelles, Madagáscar, ou a península de Malaca. Alguns situaram-na na China, e outros ainda em Java, na Indonésia[48].

A outra distorção subversiva que, segundo Kemal, Yasmina introduzira na sua versão oral, era o final infeliz. Na história contada pela minha avó, Hassan não recupera a mulher e os filhos. Passa muito tempo à procura da misteriosa ilha e da sua mulher alada, mas nunca consegue encontrá-la. Na versão de *As Mil e Uma Noites* que os homens passaram à escrita, Hassan navega pelos oceanos durante meses e consegue encontrar a mulher e os filhos, trazendo-os de volta para Bagdade onde vivem felizes para sempre. Kemal dizia que os homens sentem uma atração irresistível por mulheres independentes e que se apaixonam por elas perdidamente, mas receiam sempre serem abandonados, e era isso que o irritava na distorção que Yasmina dava à história. – O final que a tua avó rebelde dá à história, afirmando que as mulheres têm direito a abandonar os maridos que se ausentam em longas viagens de negócios, não contribui em nada para a estabilidade das famílias islâmicas, não te parece? – dizia. Atacar Yasmina e culpá-la pelos problemas conjugais de Hassan tornou-se a maneira predileta de Kemal mostrar ciúmes sempre que eu

pretendia aceitar um convite sem levar uma companhia masculina, ou mostrava desejo de fazer uma viagem sozinha. Lamentava continuamente que já não vivêssemos na Bagdade medieval, onde os homens mantinham as mulheres prisioneiras dentro dos haréns. – Porque é que achas que os nossos antepassados muçulmanos construíram palácios muralhados, com jardins interiores para manter as mulheres prisioneiras? – perguntava-me com insistência. – Só homens desesperadamente frágeis, convencidos de que as mulheres têm asas podiam lembrar-se de inventar uma solução tão drástica como o harém, uma prisão disfarçada de palácio.

Sempre que esta conversa tinha lugar, com demasiada frequência para o meu gosto, eu tentava acalmar Kemal lembrando-lhe que no Ocidente cristão os homens não fechavam as mulheres em haréns, mas este argumento, em vez de o acalmar, apenas aumentava a sua irritação. – Não sei o que se passa na cabeça dos homens ocidentais. Tudo o que posso dizer é que também teriam construído haréns se considerassem as mulheres como uma força incontrolável. Será que nas suas fantasias os ocidentais imaginam as mulheres sem asas? Quem sabe?

As acaloradas discussões sobre «A Mulher com o Vestido de Penas» mantiveram-se ao longo do nosso tempo de estudantes e continuaram mesmo quando, Kemal e eu já adultos, lecionávamos na Universidade Mohammed V. Embora nos tivéssemos especializado em áreas diferentes (Kemal em literatura árabe medieval e eu em sociologia), reconhecíamos ambos o poder da fantasia expressa na tradição oral, considerando-a como um meio indispensável para compreender a dinâmica do mundo árabe contemporâneo.

Redescobrimos o poder das nossas mães como contadoras de histórias enquanto ouvíamos os nossos alunos que, nos anos 70, eram provenientes sobretudo dos bairros de lata de Casablanca e Rabat, zonas sem eletricidade nem televisão. Se as mães dos estudantes que pertenciam às classes média e alta das grandes cidades, onde não faltava a eletricidade, tinham perdido o seu poder de narradoras e viam os filhos viciar-se nas fantasias de Hollywood e da televisão, isso não acontecia com a maioria menos afortunada.

Encorajar os estudantes de sociologia a recolher contos orais das áreas remotas das montanhas do Atlas e do deserto do Sara, recorrendo a especialistas em literatura para nos ajudarem a interpretá-los, criou novas oportunidades de colaboração entre Kemal e eu, i.e., de nos contradizermos um ao outro constantemente até depararmos com as *lawami'*, as intrigantes «revelações» sufis que muitas vezes surgiam no meio dos acalorados debates académicos. E o mais curioso, tanto para nós como para os alunos, era o facto de, na maioria dos contos orais, o sexo forte raramente ser aquele que as autoridades religiosas esperariam que fosse. Se as leis muçulmanas conferem aos homens o direito de dominar as mulheres, na tradição oral o contrário parece ser verdade.

Nunca Kemal e os nossos apaixonantes debates estiveram tão presentes no meu espírito como quando tive de enfrentar o olhar curioso dos jornalistas ocidentais nessa memorável viagem de promoção. O que os jornalistas não podiam sequer imaginar era o quanto eu me sentia frágil por detrás da maquilhagem e das pesadas joias de prata. Julgo que a principal causa da minha vulnerabilidade foi ter descoberto que não sabia praticamente nada sobre os Ocidentais, e menos ainda acerca das suas fantasias.

45 É excelente a versão portuguesa ilustrada de *O Livro das Mil e Uma Noites*, Editorial Estúdios Cor, Lisboa, 1957, introdução de Aquilino Ribeiro, 6 vols. (Tem a colaboração dos melhores escritores e ilustradores da época.) A versão atual é da Tema e Debates, 3 vols., Lisboa. *(N. do T.)*

46 As traduções inglesas são de Richard F. Burton, *The Book of the 1001 Nights and a Night*, Burton Club For Private Subscribers,

Londres 1886, Vol. VIII, p. 33. O original árabe é *Hikayat alf lila wa lila*, al-Maktaa ach-Cha'biya, Vol. III, Beirute, p. 383.
47 *Ibidem*, p. 59.
48 *Ibidem*, p. 61.

CAPÍTULO 2

O SEXO NO HARÉM OCIDENTAL

Antes de fazer a viagem de promoção do meu livro nunca me apercebera de que um sorriso pudesse revelar tão profundamente os sentimentos mais íntimos. Os árabes, como muitos ocidentais, pensam que o que nos trai são os olhos. «Os olhos são a grande porta de entrada para a alma», escreveu Ibn Hazm, um estudioso do amor, «perscrutam os seus segredos, revelando os seus pensamentos mais íntimos»[49]. Por isso me ensinaram que a boa tática para uma mulher era baixar o olhar, para que os homens nunca pudessem ler os seus pensamentos. A chamada modéstia das mulheres árabes é na realidade uma tática de guerra. Mas o sorriso, descobri durante essa viagem de promoção, pode ser tão revelador como o olhar, e de muitas maneiras diferentes. Os sorrisos daqueles jornalistas não eram todos iguais. Cada um, segundo a sua nacionalidade, exprimia uma mistura de sentimentos diferentes.

No que diz respeito a sorrisos podemos dividir o Ocidente em dois grupos: os americanos e os europeus. Os homens americanos, ao ouvirem a palavra «harém», sorriam com embaraço genuíno e franco. Seja qual for o significado que dão à palavra «harém», tem certamente alguma coisa a ver com vergonha. Os europeus, pelo contrário, reagiam com sorrisos que variavam entre a reserva bem-educada no Norte, e uma exuberância divertida no Sul, com subtilezas que dependiam da distância entre o país de origem do jornalista e o Mediterrâneo: os franceses, espanhóis e italianos tinham no olhar um brilho malicioso e divertido. Os escandinavos e os alemães, com exceção dos dinamarqueses, revelavam espanto, um espanto misturado com choque. «Você nasceu mesmo num harém?», perguntavam, olhando-me atentamente, com um misto de apreensão e de perplexidade.

O meu livro abre com a afirmação: «Nasci num harém», e essa curta frase parece conter um misterioso problema, porque todos, sem exceção, começavam as entrevistas perguntando, como se de uma fórmula mágica se tratasse: «Então você nasceu realmente num harém?» A intensidade do olhar dos meus interlocutores não admitia evasivas, como se a pergunta envolvesse um qualquer segredo vergonhoso. Para mim, contudo, a palavra «harém» é não só sinónimo da família como instituição, como jamais me ocorreria associá-la com qualquer coisa de divertido. No fim de contas, a própria origem da palavra árabe *haram*, da qual deriva a palavra «harém», refere-se literalmente ao pecado, a perigosa fronteira onde a lei sagrada e o prazer colidem. *Haram* é tudo o que a lei religiosa proíbe. O oposto é *halal*, o que é permitido. Mas é evidente que ao atravessar a fronteira para o Ocidente a palavra árabe *haram* deve ter perdido a conotação perigosa, uma vez que os ocidentais parecem associá-la a euforia e a ausência de repressão. No seu harém, o sexo está livre de qualquer ansiedade.

Inesperadamente, durante estas entrevistas senti-me apanhada numa situação estranha, solene e dramática, completamente deslocada na habitual atmosfera mundana das promoções de livros. Senti que se dissesse: «É verdade, nasci num harém», criaria imediatamente um problema tanto para os meus entrevistadores como para mim própria. Continuava a perguntar-me que espécie de problema

poderia ser. A minha intuição feminina, que funciona velozmente quando ocorrem fenómenos peculiares, alertou-me para o facto de estes sorrisos conterem insinuações sexuais subjacentes cujo significado eu ignorava. Os jornalistas tinham certamente um conceito especial de harém, invisível para mim. Para conhecer a perspetiva de uma mulher ocidental, recorri a Christiane, a minha editora francesa em Paris, e falei-lhe sobre os enigmáticos sorrisos.

– É claro que esses sorrisos têm a ver com sexo – disse-me. – Porque não os obrigas a falarem mais?

Resolvi então inverter os papéis e entrevistar eu os jornalistas.

– Porque sorri? – perguntei placidamente quando um deles exibia sinais de hilaridade. – O que há de divertido num harém?

Esta troca mútua transformou os meus ex-entrevistadores em informadores úteis, e em breve se tornou óbvio que não falávamos da mesma coisa: os ocidentais tinham o seu «harém» e eu tinha o meu, pessoal, e os dois nada tinham em comum.

Aparentemente o harém ocidental era um festim orgiástico onde os homens experimentavam um verdadeiro milagre: obter prazer sexual sem resistência ou quaisquer problemas da parte das mulheres por eles reduzidas à escravatura. Nos haréns muçulmanos, os homens esperam das suas mulheres escravizadas que resistam com ferocidade e que sabotem os seus projetos de prazer.

Os ocidentais tinham como principal referência as imagens dos haréns que conheciam através de pinturas ou filmes, enquanto eu visualizava palácios verdadeiros – haréns de paredes altas e pedras verdadeiras, construídos por homens poderosos, califas, sultões e ricos mercadores. O meu harém estava associado à realidade histórica, e o deles a imagens artísticas criadas por pintores famosos como Ingres, Matisse, Delacroix ou Picasso – que reduziram as mulheres a odaliscas (palavra turca para «escrava») – ou por talentosos realizadores de Hollywood, que retratavam as mulheres dos haréns escassamente vestidas, executando a dança do ventre, satisfeitas por servirem os seus captores.

Os jornalistas mencionavam óperas como a *Aida*, de Verdi, ou o bailado *Xerazade*, de Diaghilev. Mas fosse qual fosse a imagem a que se referiam, o harém era sempre descrito como um voluptuoso país das maravilhas transbordante de sexo desenfreado, onde as mulheres, nuas e vulneráveis, se mostravam felizes por estarem fechadas.

Isto é na realidade um milagre, pensei enquanto ouvia as descrições dos ocidentais. Os artistas muçulmanos são muito mais realistas e não descrevem o harém como uma fonte de beatitude erótica. Mesmo nas suas fantasias, expressas tanto na pintura em miniatura como na literatura e na mitologia, os homens muçulmanos esperam que as mulheres tenham uma consciência clara da desigualdade inerente à instituição do harém, mostrando por isso pouca disposição para satisfazerem os desejos dos seus captores.

Muitas cortes muçulmanas mantinham ao serviço artistas encarregados de ilustrar livros de arte com pinturas em miniatura. As pinturas não eram penduradas nas paredes ou exibidas nos museus, eram conservadas como um luxo privado, acessível apenas aos ricos e poderosos, que podiam comtemplá-las sempre que lhes apetecesse. Ao contrário do que muitos ocidentais creem, o Islão tem uma tradição rica de pintura profana, apesar da proibição das imagens. A representação pictórica é totalmente proibida apenas para os rituais sagrados. A partir do século VIII, as dinastias muçulmanas começaram a investir na pintura profana. Os príncipes omíadas decoraram a sua casa de prazer em Qusayr ‘Amra (atualmente no deserto da Transjordânia, perto do Mar Morto) com

enormes frescos, e na Pérsia do século XVI, a arte da miniatura atinge o auge com a dinastia safárida. A maior parte das miniaturas ilustravam lendas e poemas de amor, constituindo uma oportunidade para escritores e pintores expressarem as suas fantasias sobre as mulheres, o amor, a paixão – e os riscos daí decorrentes.

Tanto nas miniaturas como na literatura, os homens muçulmanos representam as mulheres como participantes ativas, enquanto no Ocidente, Matisse, Ingres e Picasso as mostram nuas e passivas. Os pintores muçulmanos imaginam as mulheres dos haréns montando velozes corcéis, armadas de arco e flecha e vestidas com pesados casacos. Os homens muçulmanos retratam as mulheres dos haréns como incontroláveis parceiras sexuais. Mas para os ocidentais, o harém é um pacífico jardim do paraíso onde homens omnipotentes reinam soberanos sobre mulheres obedientes. Enquanto os homens muçulmanos se descrevem a si próprios como inseguros nos seus haréns, reais ou imaginários, os ocidentais descrevem-se como heróis autoconfiantes que não temem as mulheres. A dimensão trágica tão presente nos haréns muçulmanos – o medo das mulheres e a insegurança masculina – está completamente ausente do harém ocidental.

Os jornalistas ocidentais mais extrovertidos que encontrei nessa viagem eram os europeus da zona do Mediterrâneo. Com gargalhadas sonoras e maliciosas, definiam o harém como «um lugar maravilhoso, cheio de belas mulheres sexualmente acessíveis». Muitos franceses sofisticados associavam o harém a pinturas representando bordéis, como as de Henri de Toulouse-Lautrec, (*No Salão da rue des Moulins*, 1894) e de Edgar Degas (*O Cliente*, 1879). A maioria dos escandinavos apenas corava e sorria à simples menção da palavra proibida, dando a entender que a cortesia e as boas maneiras aconselham a evitar os assuntos embaraçosos. Os dinamarqueses eram uma exceção a esta regra, comportando-se como os colegas franceses e espanhóis, ou seja, rindo, divertidos, e quando ligeiramente encorajados faziam perguntas pormenorizadas acerca dos luxuosos vestidos de seda bordada que as mulheres usavam nos haréns, o cabelo longo e despenteado e as poses de uma indolência reclinada e pacientemente expectante.

Os jornalistas americanos descreviam as mulheres do harém à imagem das escravas-bailarinas dos filmes de Hollywood. Um deles começou a assobiar a canção que Elvis Presley, vestido de árabe, canta, quando para salvar uma beleza sequestrada irrompe num harém, no filme *Harum Sacrum* (1965):

I'm gonna go where the desert sun is, where the fun is;
go where the harem girls dance;
go where there's love and romance…
To say the least, go East young men.
You'll feel like the Sheik, so rich and grand, with dancing girls at your command.
When paradise starts calling, into some tent I'm crawling.
I'll make love the way I plan. Go East
and drink and feast.
Go East young men.[50]

«Vou para onde está o sol do deserto, para onde está o divertimento; / onde dançam as raparigas

do harém; / onde há amor e romance… / Para mais não dizer, vão para o Oriente, rapazes. / Vão sentir-se como o Xeque, tão ricos e poderosos, com raparigas dançando às vossas ordens. / Quando o paraíso chamar, para uma tenda vou rastejar. / Farei amor à minha maneira. Vão para o Oriente; / bebam e divirtam-se. / Vão para o Oriente, rapazes.»

Jim, um jornalista americano que vive em Paris e ganha a vida a escrever sobre cinema, ensinou-me, para designar filmes «sexy» de inspiração oriental, uma expressão hollywoodesca que eu desconhecia completamente: «t & s». A letra «t», de *tits*, para «tetas», e a letra «s», de *sand*, para «areia»[51].

Enquanto conversávamos, foi também mencionada a recente versão de *Aladino*, da Disney, que estreou em 1992, pouco depois da Guerra do Golfo, e um jornalista trauteou a canção-tema do filme[52].

Alguns americanos recordaram as versões cinematográficas da Twentieth Century Fox de 1917 e 1918 de *A Lâmpada de Aladino*, *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*, e *Kismet*, de 1920. As múltiplas versões de *O Ladrão de Bagdade* parecem ser também uma espécie de marco cultural na psique do homem ocidental. Outros citaram a versão de 1924 com Douglas Fairbanks, e outros ainda a versão de 1940. Houve também quem referisse a versão franco-italiana de 1961, com Steve Reeves como protagonista. A versão de 1978 para a televisão, em que o califa de Bagdade era o grande ator Peter Ustinov, também foi mencionada. E um jornalista mais velho citou *O Xeque* (1921), com Rudolfo Valentino, enquanto sorria e cofiava um bigode imaginário.

Quando penso num harém, vejo um lugar densamente habitado onde todos controlam todos. Nos haréns muçulmanos, até as mulheres e os homens casados têm uma enorme dificuldade em encontrar um lugar privado onde possam acariciar-se, e as mulheres casadas também não podem fruir qualquer espécie de gratificação sexual, uma vez que têm de partilhar o seu homem com centenas de «colegas» frustradas. Por isso, quando se analisa com imparcialidade o que é um harém, o paraíso pornográfico torna-se numa expectativa completamente irrealista. Mesmo que um homem se esforce até à exaustão e se encha de afrodisíacos – uma importante componente da cultura do harém –, as crónicas de corte relatam-nos que até o amante mais exacerbado só às vezes conseguia exceder-se a si próprio, e apenas com a única mulher a quem adorava, enquanto a chama dele durasse. Entretanto, as outras mulheres e concubinas tinham de se habituar a conviver com as suas frustrações. Como foi então possível, perguntava-me, os homens ocidentais inventarem imagens de um harém idílico, antro de luxúria?

Nas imagens ocidentais do harém, as mulheres não têm asas, nem cavalos, nem arcos e flechas. Ao contrário do harém muçulmano, não existem guerras terríveis entre os sexos, em que as mulheres resistem, perturbam os esquemas dos homens, e por vezes saem vencedoras, deixando perplexos califas e imperadores. Uma das mulheres mais representadas nas miniaturas muçulmanas – persas, turcas, ou mongóis – é Zuleika, a protagonista da lenda bíblica de José, tal como é narrada na Surata 12 (Versículo 12) do Corão, cujo título é «Yusuf». A história passa-se no Egito, onde Zuleika, uma mulher madura casada com Putifar, um homem poderoso, se apaixona perdidamente pelo belo Yusuf, quando Putifar o leva para casa esperando que ela o adote como filho. As miniaturas representam-na como uma mulher aguerrida, assediando sexualmente o piedoso Yusuf, que resiste miraculosamente aos seus avanços respeitando assim a lei e a ordem. As miniaturas evocam o potencial trágico do adultério, especialmente quando por iniciativa de uma mulher

casada, sexualmente frustrada. No entanto, embora o Corão narre os principais episódios da lenda, os artistas muçulmanos, surpreendentemente, não referem o texto sagrado como fonte da sua inspiração. Referem, antes, os dois grandes poetas persas, Firdawsi e Jami, que escreveram a épica *Yusuf e Zuleika*, o primeiro cerca de 1010 d.C., e o segundo cerca de 1483[53]. E embora as fontes sagradas apresentem um final bem diferente das profanas, têm ambas uma característica comum: a capacidade de Zuleika em neutralizar a lei e instaurar o caos[54].

Mas retomemos os textos. Embora infelizmente eu não possa ler nem Firdawsi nem Jami no original, pois não domino a língua persa, fico fascinada sempre que leio a Surata 12 do Corão, tão espantosa é a sua força poética. A Surata 12 descreve Yusuf como um jovem vítima de assédio sexual: «E ela, em cuja casa ele se acolhia, pediu-lhe que fizesse um ato condenável. Cerrou as portas e disse: Vem. Ele respondeu: Que Alá me proteja!» (Surata 12, versículo 23)[55]. A expressão árabe usada no versículo, *rawadathu'an Nafsih* é bem explícita: significa literalmente que a mulher o molestou sexualmente.

A Surata de «Yusuf» tem um início cheio de *suspense*, no qual o leitor é convidado a participar na cena do delito para resolver o enigma: quem atacou quem? Foi Zuleika quem atacou fisicamente o piedoso José, cuja camisa foi rasgada (12, versículo 26), ou terá sido o contrário? Não é de surpreender que a lenda seja obsessivamente reproduzida pelos artistas muçulmanos, uma vez que o que está em causa não é tanto o adultério, mas a sua probabilidade. Os homens estabelecem leis sobre o matrimónio e declaram-nas sagradas, mas existe sempre a possibilidade de as mulheres não se sentirem vinculadas a essas leis. E é a exígua probabilidade de as mulheres não obedecerem e poderem assim desestabilizar a ordem masculina que constitui uma característica tão marcante da cultura muçulmana, tanto no imaginário como na realidade histórica. Como é óbvio, a Zuleika, a mulher adúltera, é negado o privilégio de ter o nome no Corão. É simplesmente referida como «ela». Existe também uma seita extremista, a Ajárida, que recusa aceitar que a Surata de Yusuf faça parte do Corão. Segundo Sharastani, um escritor persa do século XII, os Ajáridas afirmam que «uma história de amor não pode fazer parte do Corão»[56]. Isso pode parecer lógico, se o amor for considerado uma ameaça à ordem estabelecida, mas essa é a lógica do extremismo, não a do Islão. E esta distinção é crucial para a compreensão do que sucede no mundo islâmico de hoje. É verdade que há extremistas muçulmanos que matam mulheres nas ruas do Afeganistão e da Argélia, mas fazem-no por serem extremistas, não por serem muçulmanos. Estes mesmos extremistas também matam os jornalistas que insistem em exprimir opiniões diferentes e em querer introduzir o pluralismo na dinâmica política. O Islão, como sistema legal e cultural, está imbuído da ideia de que o feminino é um poder incontrolável, e por conseguinte o «outro», desconhecido. Os debates apaixonados, se não mesmo histéricos, sobre os direitos das mulheres que têm lugar nos parlamentos muçulmanos da Indonésia a Dakar, são na realidade debates sobre o pluralismo. Estes debates centram-se obsessivamente nas mulheres por elas representarem a diferença no interior da *Umma*, a comunidade muçulmana.

É natural que a primeira decisão do imã Khomeini, que em 1979, paradoxalmente, declarara o Irão uma república, fosse impor às mulheres o uso do véu. Eleições, sim. Pluralismo, não. O imã sabia o que estava a fazer. Sabia que uma mulher sem véu constrange o imã a aceitar que a *Umma*, a comunidade dos crentes, não é homogénea.

Nas sociedades islâmicas, os políticos podem manipular praticamente tudo, mas até agora nenhum líder fundamentalista foi capaz de convencer os seus seguidores a renunciarem à virtude

central do Islão – o princípio da absoluta igualdade entre os seres humanos, sem distinção de sexo, raça ou credo religioso. As mulheres, tal como os cristãos ou os judeus, são, no Islão, consideradas iguais aos homens, embora lhes seja atribuído um estatuto minoritário que lhes restringe os direitos legais e lhes nega o acesso aos órgãos de tomada de decisão. Na maior parte dos países islâmicos, as mulheres têm um estatuto legal semelhante ao estatuto *dhimmi* («protegido») das minorias religiosas e são representadas no parlamento por um *wali* ou *wakil*. Tendo em conta que o *wali* ou *wakil* (literalmente, «representante»), é inevitavelmente um homem muçulmano, tanto as mulheres como as minorias estão condenadas à invisibilidade para manter viva a ficção da homogeneidade.

Para compreender a dinâmica do mundo muçulmano moderno é útil não esquecer que ninguém contesta o princípio da igualdade, considerado como um preceito divino. O que está em causa é se a *Shari'a*, a lei inspirada pelo Corão, pode ou não ser alterada. O debate fica assim reduzido a «quem» fez a lei. Se foi feita pelo homem, então o texto pode ser reinterpretado e a reforma é possível. Mas os extremistas que se opõe à democratização das leis afirmam que a *Shari'a* tem uma origem tão divina quanto o Corão, e que é portanto imutável. O escandaloso julgamento do egípcio Abu Zeid, um estudioso da historicidade do Corão, condenado como herético por um juiz fundamentalista num tribunal egípcio em agosto de 1996, é uma das muitas dramatizações deste conflito entre os partidários da pró-democrática *Ijtihad* (para quem a *Shari'a* enquanto lei humana pode ser reformada), e os extremistas que se opõe a qualquer alteração.

Uma vez mais, as mulheres são o centro do debate porque a desigualdade sexual tem raízes na própria *Shari'a*. Mas mesmo os extremistas mais convictos não ousam argumentar que as mulheres são inferiores, e as mulheres muçulmanas são educadas com um forte sentido de igualdade. Isto pode explicar como, apesar do «extremismo», as mulheres emergiram como líderes políticos em muitos países muçulmanos – Benazir Bhutto no Paquistão, Tançu Shiller na Turquia, Megawati na Indonésia; explica também a aguerrida invasão das universidades pelas mulheres muçulmanas em áreas profissionais tradicionalmente consideradas como masculinas, como a engenharia, apesar de o seu acesso à instrução ser muito recente. Nos anos 90, a percentagem de mulheres a lecionarem em universidades ou instituições equivalentes era mais elevada no Egito do que em França ou no Canadá[57]. A percentagem de estudantes do sexo feminino inscrita em cursos de Engenharia na Turquia e na Síria era o dobro da que se verifica em países como o Reino Unido ou os Países Baixos[58]. A percentagem de mulheres matriculadas em cursos de Engenharia na Argélia e no Egito era superior à do Canadá ou da Espanha[59].

É fácil prever que as mulheres suscitem debates ainda mais violentos na próxima década, considerando que a globalização força tanto os países muçulmanos como os seus cidadãos a redefinirem-se e a criarem novas identidades culturais, mais radicadas na economia do que no discurso religioso. O medo do feminino representa a ameaça vinda do interior; o debate sobre a globalização, a ameaça vinda do exterior, e ambos os debates serão inevitavelmente centrados nas mulheres. A feminilidade é o *locus* emocional de toda a espécie de forças perturbadoras tanto no mundo real como no imaginário. E, voltando à minha viagem de promoção, foi precisamente a aparente ausência do feminino como ameaça que me fascinou no harém ocidental.

Explorar esse enigmático *puzzle* tornou-se na minha agradável obsessão – agradável porque aprender através das viagens e das conversas com os estrangeiros provou ser a maravilhosa e reveladora experiência que Yasmina e os sufis me tinham prometido. Para uma professora universitária como eu, que passa a maior parte dos dias no silêncio sepulcral das bibliotecas ou na

lentidão exasperante das pesquisas na Internet, conversar com estrangeiros em confortáveis cafés ocidentais ou em luxuosas livrarias de arte foi um privilégio excitante. Descobri também que o segredo para ganhar conhecimento consiste em aumentar a capacidade de escutar. E por onde começar? O primeiro passo é libertar-se da arrogância, ou pelo menos tentar, e o segundo é o respeito pelo outro. Respeitar um ocidental é para um muçulmano um feito heroico, um *tour de force*, porque a cultura ocidental está tão agressivamente presente na nossa vida quotidiana que julgamos ter dela um conhecimento profundo. Mas a minha vulnerabilidade perante os jornalistas ocidentais fez-me reconhecer que nós muçulmanos sabemos muito pouco sobre os ocidentais como seres humanos, amálgamas de esperanças contraditórias e de anseios e sonhos não realizados. Se pudéssemos ver os ocidentais como seres vulneráveis, sentir-nos-íamos mais próximos deles. Mas confundimos os ocidentais com o Super-Homem e com os insensíveis e artificiais arquitetos da NASA, que investem todas as emoções no projeto de desumanas e exorbitantemente caras naves espaciais, com o objetivo de descobrirem galáxias longínquas enquanto negligenciam o seu próprio planeta. Fiquei estupefacta ao aperceber-me de que o sorriso de um homem ocidental me desestabilizava porque eu decidira de antemão que ele era um potencial inimigo. Já o despojara da sua humanidade. Foi um grande choque descobrir que a minha herança sufi não conseguira proteger-me contra a mais óbvia forma de barbárie: a falta de respeito pelo estrangeiro. Imagino ser essa a razão pela qual este livro acabou por se revelar para mim, apesar dos muitos altos e baixos, tão terapêutico e enriquecedor.

A minha obsessiva investigação sobre a natureza do harém ocidental deu-me oportunidade de aprofundar relações com velhos amigos ocidentais e fazer novas relações de amizade. Dois jornalistas em particular, Hans D. em Berlim, e Jacques Dupont em Paris, tornaram-se amigos pela generosidade com que me forneceram livros pertinentes, chaves interpretativas e comentários preciosos que me ajudaram a compreender o poder do feminino como uma barreira entre o Oriente e o Ocidente.

Hans D. ajudou-me, com a meticulosidade de um tutor germânico e com os comentários sobre o bailado *Xerazade* para o qual me convidou, a identificar o servilismo das mulheres e a prontidão em obedecer como uma vertente essencial da fantasia ocidental sobre o harém.

Jacques, por seu lado, revelou com o humor e a autoironia tão típica dos parisienses algo que é assustador admitir hoje em dia numa conversa séria: o que o atrai numa mulher, pelo menos ao nível da fantasia, é a ausência de permuta intelectual. Através dos seus comentários, esclareceu-me sobre o segundo aspeto específico do harém ocidental: o intercâmbio intelectual com uma mulher é um obstáculo ao prazer erótico. No entanto, nos haréns muçulmanos, reais ou imaginários, o confronto mental com uma mulher é necessário para atingir o orgasmo. Seria possível que as coisas fossem tão diferentes no Ocidente? Seria possível que as culturas gerissem as emoções de modo tão diverso quando se tratava de estruturar o comportamento erótico? Sentia-me tão perturbada com estas estranhas descobertas que decidi partir da base: consultar os dicionários de ambas as culturas, procurando palavras fundamentais como «odalisca», «desejo», «beleza», «atração», «prazer sexual», e assim por diante, e escutar atentamente o que os homens ocidentais tinham a dizer.

49 Ibn Hazm, *The Ring of the Dove: a Treatise on the Art and Practice of Arab Love*, tradução inglesa de A. J. Arberry, Luzac & Company, Ltd., London, 1953, p. 34. Para os puristas que quiserem ler o original árabe, o que é sempre de encorajar, uma vez que a tradução é considerada blasfema, ver *Tawq al Hamama: Fi a-Alfa wal l-Ullaf*, ed. Faroq Sa'd, Manshurat Maktabat al-Hayat, Beirute, 1972, p. 70.

50 Para saber mais sobre esta canção, ler Ella Shoat, *Gender and Culture of Empire: Toward a feminist Ethnography of the Cinema, in Visions of the East: Orientalism in Films*, Matthew Bernstein and Gaylyn Studlar editors, Rutgers University Press, New Jersey, 1997, p. 48.
51 Para mais informação sobre «t» e «s» ver *op. cit.,* p. 11.
52 Soube pouco depois, ao ler a introdução de Matthew Bernstein a *Visions of the East*, que esta canção se tornou objeto de controvérsia entre a Walt Disney Company e o American Arab Antidiscrimination Committee, que processou a Disney por estereótipos racistas e ganhou a causa. A Disney foi obrigada a eliminar a parte da canção que dizia «I come from a land, a faraway place, where they cut off your ear, if they don't like your face» (Venho de uma terra, um lugar distante, onde te cortam a orelha se não gostam da tua cara). Ver Bernstein, *op. cit*., p. 17, nota 20.
53 Sir Thomas Arnold, *Painting in Islam: a Study of Pictorial art in Muslim Culture*, Dover Publications, Nova Iorque, 1965, p. 106.
54 Nas fontes sagradas, quer na Bíblia quer no Corão, Zuleika é apresentada como perdedora uma vez que Yusuf boicota o seu projeto adúltero resistindo aos seus avanços de sedutora. Mas os poetas persas dão um final feliz aos poemas *Zuleykha e Yusuf*. Na sua versão, o profeta Yusuf, depois de rejeitar Zuleika na juventude, volta a encontrá-la mais tarde mas quase não a reconhece, pois ela tornou-se velha, feia, doente e indigente. Então miraculosamente ele restitui-lhe a beleza e a saúde — uma cena muito representada nas miniaturas. «Os poetas levaram a história muito mais longe do que o ponto que ela atingira quer no Génesis quer no Corão», explica Sir Thomas Arnold em *Painting in Islam.* «Putifar morre e Zuleika fica numa pobreza abjeta; com o cabelo embranquecido pelo sofrimento, olhos que cegaram de tanto chorar, vive numa cabana de colmo, à beira da estrada, e o seu único conforto é ouvir Yusuf cavalgar, quando de tempos a tempos ele passa à sua porta». Um dia Yusuf reconhece Zuleika e «então ele intercede a Deus por ela, e ela recupera a beleza e a vista». *Op. cit*., p. 108.
55 Citação de *The Meaning of the Glorious Koran*, tradução de Mohammed Marmaduke Pickthall, Mentor Books, s. d., Nova Iorque, p. 177.
56 Em árabe: *wa qalu: la yajuz 'an takuna qiçata l'ichqi mina l'qur'an* (E eles disseram: é impossível que uma história de amor faça parte do Corão). Sharastani, *Al Milal wa-Nihal*, dar Ça'b, Beirute, 1986, Vol. I, p. 128. O autor morreu no ano 547 da Hégira (século XII). Existe uma boa tradução em francês de Claude Vadet, *Les Dissidences en Islam*, Geuthner, Paris, 1984. A posição Ajárida sobre José é tratada na p. 236.
57 Segundo o Anuário de Estatística da Unesco de 1996, a percentagem feminina de docentes nas universidades ou instituições equivalentes era de 30% no Egito, 28% em França, e 22% no Canadá.
58 Segundo o mesmo anuário, a percentagem de mulheres matriculadas no terceiro nível de Engenharia em universidades ou instituições equivalentes era de 17% na Turquia (13 941 mulheres num total de 81 176 estudantes) e 17% na Síria (6670 mulheres num total de 38 675). Na Holanda a percentagem de estudantes do sexo feminino no mesmo nível era de 8,4% (1896 mulheres num total de 22 475) e no Reino Unido era de 7,7% (12 261 mulheres num total de 159 041).
59 Segundo o mesmo Anuário, a percentagem de mulheres matriculadas em Engenharia na Argélia e no Egito era de 11,7% e 12% respetivamente, enquanto no Canadá era de apenas 9,65%, e em Espanha de 10,66%.

CAPÍTULO 3

NA FRENTE OCIDENTAL DO HARÉM

Será difícil imaginarem como é excitante para mim deambular por uma livraria alemã, onde é permitido abrir os livros à vontade, e mesmo sentar-se e ler confortavelmente em tamboretes discretamente colocados pelos cantos com essa finalidade. Em Rabat, o dono da livraria pode expulsar um cliente se este se atrever a tocar em qualquer das publicações expostas: é suposto que se compre o livro antes de sentir o prazer sensual de o abrir. Num país onde regatear e tocar na mercadoria faz parte integrante do processo de compra e venda, os livros são provavelmente os únicos artigos não incluídos nestes rituais tradicionais. Nos livros não se pode nem tocar, nem discutir o preço. Isso seria suficiente para explicar o enorme prazer que sinto nas livrarias ocidentais e que me leva a sonhar em abrir o primeiro *Café mit Buchhandlung* (Livraria-Café) em Rabat.

A minha excitação atingiu o auge em Berlim, numa memorável tarde em que Hans D. permitiu que eu desse uma olhadela ao seu harém pessoal, procurando os seus autores favoritos num desses lugares miraculosamente tranquilos da ruidosa Berlim: a livraria de arte da Savigny Platz. O primeiro livro que selecionou foi *Scènes Orientales*, onde mulheres nuas contemporâneas posavam diante da objetiva de um fotógrafo em cenas de harém cuidadosamente coreografadas de modo a imitarem quadros famosos como o *Banho Turco*, de Ingres (1862)[60]. Na minha qualidade de pessoa do Terceiro Mundo, o que mais me surpreendeu foi o preço do livro, cerca de 60 marcos alemães. – Há compradores suficientes para um livro tão caro? – perguntei a Hans. A resposta foi afirmativa. O autor, Alexander Dupouy, parecia ter um nome francês, o editor era alemão, a data de publicação era recente (1998), e o texto era em francês e alemão. – Os europeus podem não estar de acordo sobre coisas elementares como carne e galinhas – comentou Hans com ironia –, mas as nossas fantasias sobre o harém contribuem muito para a unificação. – Não consegui evitar rir-me em voz alta, mas senti-me imediatamente embaraçada quando os outros frequentadores da livraria se viraram e me surpreenderam com um enorme livro pornográfico na mão. Só consegui descontrair quando me lembrei que estava na Savigny Platz, a mais de três mil quilómetros de Rabat. Tranquilizada, coloquei o livro no lugar e segui diligentemente o meu mestre, que agora se deslocara para a secção de arquitetura.

Com a ajuda de uma escada, Hans tirou da prateleira mais alta um livro dos anos 30 intitulado *The Harem: An Account of the Institution as it Existed in the Palaces of the Turkish Sultans*, de N. M. Penzer. Segundo Hans, o parágrafo inicial constitui ainda uma definição válida do que os ocidentais pensam quando imaginam um harém. «Desde a nossa primeira infância», escreve Penzer, «ouvimos falar do harém turco e dizem-nos que é um lugar onde centenas de belas mulheres estão fechadas como prisioneiras apenas para o prazer de um único senhor. E à medida que crescemos pouco mais é acrescentado a esta primeira informação… A maioria ainda imagina que o sultão é – ou melhor, era – um velho perverso e vicioso que passava todo o tempo no harém, rodeado de centenas de mulheres seminuas numa atmosfera de perfumes fortes, fontes refrescantes, música

suave e intemperança em todo o tipo de vícios concebíveis que as mentes conjugadas de tantas mulheres ciumentas e ávidas de sexo pudessem inventar para o prazer do seu senhor»[61].

O que me desconcertou ao ler este parágrafo, foi Penzer não temer os ciúmes das mulheres do harém, embora as descrevesse explicitamente como ávidas de sexo. Pensei então que só no caso de a estas mulheres ser negado um cérebro e a capacidade para analisar a sua situação, é que o ciúme podia funcionar como um incentivo e estimular nelas o desejo de agradar aos homens. Porque sempre que às mulheres é concedido um cérebro, surgem de imediato reações que alteram a ordem estabelecida. Nos haréns muçulmanos, as mulheres ávidas de sexo mas dotadas de intelecto matavam com frequência os seus senhores porque compreendiam que a competição era injusta e artificialmente preparada. Favoritas e concubinas sufocavam ou envenenavam os califas por ciúme. O califa Al-Mahdi, fundador da dinastia abássida, é uma das vítimas ilustres do ciúme no harém. Foi envenenado numa bela tarde de agosto de 785 d.C. por uma das suas favoritas, loucamente apaixonada por ele. Um dos grandes problemas a que o senhor de um harém tem de fazer face é à total visibilidade do seu estado emocional, porque todas as mulheres percebem imediatamente quem é a favorita do momento. A favorita no poder tenta manter o seu estatuto observando todos os movimentos do seu senhor, e muitas vezes apercebe-se antes dele quando a sua atenção começa a desviar-se para uma rival destinada a substituí-la. No caso do califa Al-Mahdi, a favorita explicou mais tarde, chorando sobre o cadáver, que a refeição envenenada se destinava à sua rival. «Queria-te só para mim», chorava a inconsolável mulher[62].

Quando perguntei a Hans o que pensava acerca deste aspeto emocional do ciúme, que me parecia extremamente importante, descobri que ele não só concordava inteiramente com Penzer, como insinuou que a minha posição era suspeita.

– Talvez o teu califa tivesse um problema, talvez tivesse tendências paranoicas – disse, rindo e levantando os punhos como um pugilista num ringue imaginário. – Fatima, já que estamos envolvidos numa comparação científica entre as diferenças psíquicas masculinas nas nossas respetivas culturas, devemos considerar a possibilidade de os homens ocidentais temerem menos as mulheres do que os homens muçulmanos.

Pedi a Hans para não atacar os meus califas e evitar cair no sarcasmo, porque é isso que os homens fazem em toda a parte, com ou sem harém, para evitarem envolver-se numa discussão séria. Concordou afavelmente e veio ao meu encontro, recordando-me que estava a tomar a sério «o inquérito sobre o harém» e que nos tinha inscrito numa lista de espera para vermos o bailado *Xerazade*, originalmente coreografado por Diaghilev. Hans disse, entretanto, que ia dar-me um trabalho de casa. Eu devia fazer uma lista, sugeriu, das palavras usadas por turcos e árabes para descreverem uma mulher que vive num harém. Intrigada pela ideia, prometi procurar definições associadas ao harém para verificar se, pelo menos ao nível da terminologia, poderiam encontrar-se diferenças esclarecedoras entre as nossas duas culturas. Imaginei que poderia facilmente dar uma vista de olhos a uns quantos dicionários, confortavelmente instalada na *Arabisches Buch*, outra livraria de Berlim, e prometi, confiante que antes do bailado já teria compilado as definições.

Mas, momentos antes de sair da Savigny Platz, Hans voltou a entrar na livraria correndo, como se lhe tivesse ocorrido alguma coisa no último minuto e, depois de trocar algumas palavras com o rapaz no balcão das informações, desapareceu no meio das estantes. Pouco depois, reapareceu acenando triunfante, como se fosse uma bandeira, uma publicação de capa brilhante. O livro tinha uma vistosa capa azul, com uma enorme mulher nua dotada de pujantes nádegas e cabelos negros

estilo medusa envolvendo-lhe os opulentos seios. Reconheci no subtítulo duas das poucas palavras alemãs que conhecia: *Arabischen Nachten*[63].

– O que significa *Geschlechter Lust und List in den Arabischen Nachten*? – perguntei a Hans em voz baixa para que ninguém ouvisse.

– «Desejo sexual e voluptuosidade nas Noites Árabes» – foi a tradução imediata. O livro era uma edição recente (1985) dos contos de Xerazade, ilustrada por um artista da Alemanha de Leste. Contudo, a sua representação da narradora muçulmana era-me totalmente estranha. Nunca me passaria pela cabeça imaginar Xerazade nua e roliça. Apesar de o clima no mundo árabe ser temperado, só mulheres loucas em manicómios despem a roupa. E quanto ao aspeto roliço, associo-o a uma visão descontraída do mundo. Acontece-me ganhar peso quando estou feliz, e perdê-lo quando tenho problemas. Para a minha geração, que cresceu antes da televisão e foi alimentada na tradição dos contos orais, as heroínas perdem peso quando estão preocupadas. Estar gorda é sinal de que uma mulher conseguiu controlar o seu destino.

Para mim, portanto, Xerazade tem de ser uma mulher magra. Tem um marido violento, teme pela sua vida, e por isso não posso deixar de a imaginar tensa e cansada. E o que aconteceu à mensagem política de Xerazade?, pensei, antes de repor o livro na prateleira. Talvez o artista tivesse uma cópia incompleta de *As Mil e Uma Noites*… Mas quando comuniquei a Hans o que pensava, ele fez-me uma preleção sobre democracia e pluralismo.

– Talvez o artista alemão tivesse exatamente a mesma versão que tu conheces – disse –, mas tenha lido uma mensagem diferente. Esqueces o direito à liberdade de pensamento, interpretação e expressão?

Uma vez mais, Hans parecia ser mais esperto, mais moderno e mais democrático do que eu. A pobre Xerazade deve estar às voltas no túmulo e a amaldiçoar-me, pensei – faço uma figura tão triste quando compito com os homens em esperteza e agilidade mental. É em momentos como este, quando a minha autoestima começa a vacilar, que recorro à minha veia sufi e esforço-me por recordar que, para aprender com os estrangeiros, é preciso sujeitar-se a atitudes de humildade. Como é desagradável ser humilde! Mas nesse dia não fui obrigada a persistir muito tempo na minha autoflagelação, porque Hans olhou para o relógio, como os ocidentais fazem com tanta frequência, e anunciou bruscamente que tinha de se apressar. Detesto quando os ocidentais olham para o relógio justamente no momento em que quero partilhar com eles uma importante descoberta filosófica, e parecem fazer isso permanentemente, acentuando assim o valor do seu tempo e depreciando o meu. Sempre que isso acontece, prometo a mim mesma que da próxima vez serei *eu* a surpreendê-*los* e a interrompê-los no meio de uma frase, dizendo, «Estou cheia de pressa», enquanto aponto para o relógio com ar importante. Mas dá a impressão que nunca consigo disciplinar-me de modo a encenar toda esta operação no momento adequado. Bom, pensei, retomando a minha herança sufi, desde que se aprenda alguma coisa, não se sentir apreciada faz parte do jogo.

É óbvio que nem sequer tive tempo para examinar toda a lista de palavras e definições relacionadas com o harém, que preparara afanosamente para impressionar Hans. Quando nos encontrámos em frente ao teatro que apresentava *Xerazade*, tivemos que esperar numa longa fila para entrar, e rapidamente me apercebi de que, ao contrário de Rabat, em Berlim não se conversa nas bichas. Esperar em silêncio é mais apropriado. Apesar de tremer de frio, tentei ainda resumir as minhas descobertas sobre a terminologia do harém e observar as reações de Hans para descobrir alguma coisa sobre os seus mais recônditos pensamentos. Infelizmente não estávamos frente a

frente, mas sim lado a lado, sendo impossível perscrutar a sua expressão. Como não tinha escolha, resolvi começar corajosamente pela palavra «odalisca».

«Odalisca» é o termo mais comum no Ocidente para designar uma escrava de harém. É uma palavra turca, e implica uma conotação espacial uma vez que vem da palavra *oda*, que significa «quarto». «Literalmente», explica Alev Lytle Croutier, uma autora nascida na Turquia, numa casa que tinha sido ocupada pelo harém de um paxá, «odalisca significa 'a mulher do quarto', e designa um estatuto geral de serva»[64]. «Serva» é também o significado da *jarya*, a palavra árabe usada para uma escrava de harém. Mas embora ambas as palavras tenham o mesmo significado literal, existe entre elas uma importante diferença linguística. Enquanto «odalisca» se refere a espaço, *jarya* refere-se a uma atividade. «*Jarya* significa serva (*khadim*)…Vem de *jariy*, correr. *Jarya* é uma pessoa ao serviço de alguém. Está atenta aos desejos do senhor e corre a satisfazê-los»[65].

Quando pronunciei as palavras «desejos do senhor», Hans acenou em sinal de aprovação e declarou triunfante que, agora, preferia *jarya* a «odalisca». Gostaria até, disse, de poder lançar uma campanha nos meios de informação para convencer os europeus a passarem a usar a palavra árabe.

As escravas, quer fossem as *jarya* árabes ou as «odaliscas» turcas, ou eram compradas no mercado de escravos, ou raptadas como presa de guerra após a conquista dos seus países. Para as mulheres escravas, investir na instrução e no aperfeiçoamento de talentos artísticos como a música, a poesia e a dança, era o único meio de ganharem visibilidade e aumentarem as hipóteses de se fazerem notar pelo senhor do harém. «Odaliscas de extraordinária beleza e talento», escreve Alev Lytle Croutier, «eram treinadas para se tornarem concubinas, aprendendo a dançar, declamar poesia, tocar instrumentos musicais e dominar as artes eróticas»[66]. Nesta aceção, a odalisca turca é muito semelhante à *geisha* japonesa, disse a Hans. *Geisha* é um termo que, citando um estudioso, «é usado para descrever raparigas ou mulheres que tinham adquirido a arte da dança e do canto»[67]. Concluí então o meu pequeno discurso citando Jahiz, um escritor árabe do século IX que, em vários ensaios, analisou a sedução das *jarya*, declarando ser completamente irracional não esperar que uma mulher de talento, versada em artes como a dança, a música e a poesia, não tentasse usar o seu poder para dominar o senhor. O tipo de amor (*'isq*) inspirado por uma *jarya* talentosa «é uma praga que reduz os homens à mais completa vulnerabilidade», explica Jahiz, porque ela atrai-os para um casulo tecido de múltiplas emoções, que atuam a níveis diferentes. «Este *'isq* inclui e alimenta muitos tipos de afetos», faz notar Jahiz. «Liga o sentimento do amor (*hub*), a paixão erótica (*hawa*), a afinidade (*mushakala*), e a tendência para a continuação da amizade (*ilf*)»[68].

Neste momento crucial da minha lição, exatamente quando me preparava para recolher alguma informação útil sobre a psique dos homens ocidentais, a longa fila de espera desapareceu, e fomos catapultados para dentro do teatro e absorvidos por um problema mais urgente: como encontrar os nossos lugares quando toda a gente já estava sentada. E uma vez sentados, tudo o que consegui de Hans foi um sarcástico golpe decisivo sobre Jahiz, um dos meus autores preferidos.

– Fatima, quantos anos tinha o teu Jahiz quando escreveu isso? – disse Hans, apanhando-me de surpresa. – O seu conceito de amor é o de um adolescente. Espera demasiado: amor, paixão erótica, afinidade, etc… Ouviste falar nos Românticos?… Agora temos de nos calar.

E foi tudo. Hans arrasou o meu adorado Jahiz e tive de me calar porque, ao contrário do teatro Mohammed V de Rabat, onde podemos continuar a conversar muito depois de a cortina subir, aqui em Berlim seríamos expulsos se não nos tivéssemos concentrado no espetáculo num silêncio embevecido.

Vendo bem, estou contente por me ter calado, pois foi depois desse memorável bailado e no decorrer das discussões que se seguiram que tive a minha primeira intuição de que as mulheres no harém ocidental não inspiram medo. Para minha surpresa, faltava ao bailado *Xerazade* a mais poderosa arma erótica que uma mulher possui – o *nutq*, ou a capacidade de traduzir o pensamento por palavras e penetrar a mente de um homem usando termos cuidadosamente selecionados. A Xerazade oriental não dança como a que eu vi no bailado alemão. Em vez disso, pensa e tece histórias com palavras para dissuadir o marido de a matar. Ao contrário da Xerazade que eu vira no livro alemão, que atribuía demasiada ênfase ao corpo, a Xerazade oriental é puramente cerebral, e é essa a essência da sua atração sexual. Os contos originais quase não fazem referência ao corpo de Xerazade, mas os seus conhecimentos são repetidamente sublinhados. A sua única dança é o jogo das palavras pela noite dentro, *samar*, como se diz em árabe.

Samar é uma das muitas palavras árabes carregadas de sensualidade. Embora literalmente seja apenas falar pela noite dentro, significa também que falar suavemente no escuro pode abrir o caminho a sensações extraordinárias. *Samar* atinge a perfeição em noites de luar; «a sombra da lua» (*zil al qamar*) é, de facto, um dos significados para *samar*. Na sombra da lua, os amantes diluem-se na sua origem cósmica e tornam-se parte do esplendor celeste. Na sombra da lua, o diálogo entre um homem e uma mulher, por difícil que pareça em pleno dia, torna-se possível. A confiança entre os sexos tem mais possibilidades de florescer quando os conflitos diurnos se atenuam. A Xerazade oriental não é ninguém sem essa esperança fluida, embora de grande intensidade, de *samar*. Dificilmente se atenta no seu corpo, tão poderosa é a magia do seu delicado convite ao diálogo na quietude da noite.

Meditando sobre isto, perguntava-me qual seria o significado exato do orgasmo numa cultura em que às mulheres atraentes é negado o intelecto. Que palavras usariam os ocidentais para designar orgasmo, se a mente das mulheres está ausente? Uma relação sexual é necessariamente uma comunicação entre dois seres: não é por acaso que em árabe um dos termos para «relação» é *kiasa*, cujo significado literal é «negociar». E o que tem de ser negociado numa relação sexual é a harmonização de expectativas e necessidades, e isso só pode ser conseguido se os parceiros usarem as suas mentes.

Xerazade sobreviveu porque compreendeu que o marido associava a relação sexual a sofrimento em vez de prazer. Para conseguir que ele esquecesse essa associação, tinha de trabalhar a sua mente. Se tivesse dançado diante desse homem, ele tê-la-ia mandado matar, como fizera com as mulheres anteriores.

Quando consultei o dicionário da Random House, descobri que o significado inglês para «orgasmo» não difere muito do árabe. Primeiro, diz o dicionário, «orgasmo» significa a sensação física e emocional experimentada no clímax do ato sexual. Segundo, a palavra indica o instante de experimentar essa sensação. E terceiro, refere-se a um «estado de excitação intenso e incontrolável». Tanto «orgasmo» como «excitação» partilham a mesma origem grega, cujo significado é encher e, literalmente, expandir-se para além dos limites normais: «*orgasm(us)*», diz o dicionário, «vem do grego *orgasmos*, excitação. *Orga(ein)*, encher, estar excitado». Existe pelo menos um termo árabe para designar o prazer sexual que tem exatamente esse significado: «Ightilam», escreve Ibn Manzur no seu dicionário de árabe do século XIV, «é expandir-se para além dos limites, tal como o oceano quando enche e as suas ondas embatem a um ritmo descompassado (*kal bahr haj wa dtarabat amwajuhu*)».

A comunicação é vital para atingir o prazer, para dois seres se arriscarem a aventurar-se em simultâneo para além dos seus próprios limites, num momento muito especial em que os batimentos regulares se alteram. Então, porque perde Xerazade, a supercomunicadora, a dimensão etérea, a natureza evanescente, quando *viaja* até ao Ocidente?

Haverá uma relação entre a carnalidade dos nus pintados pelo artista alemão, a bailarina Xerazade do espetáculo de Berlim, e a desconcertante ausência de medo dos homens ocidentais nos haréns criados pelas suas mentes ocidentais?

Será que os homens ocidentais reduzem a sedução à linguagem corporal?

Estará a sedução divorciada de uma comunicação intensa?

Quem é a Xerazade criada pelos artistas ocidentais?

De que armas a dotam os homens para serem seduzidos?

Mas antes de compreender quem é a Xerazade ocidental, é bom saber algumas coisas sobre a Xerazade original. Só então poderemos comparar fantasias e aprender com ambas as culturas.

60 Alexander Dupouy, *Scènes Orientales*, Konkursbuchverlag, Tübingen, 1998.

61 N. M. Penzer, *The Harem: An Account of the institution as it existed in the palace of the Turkish Sultans with a history of the Grand Seraglio from its foundation to modern times*, Spring Books, Londres, 1965, p. 13. Primeira edição publicada por Harrap em 1936.

62 Ibn Hazm (Al Andalousi), *Man mata maqtulan mina l'khulafa* (Aqueles que morreram de morte violenta entre os califas), *in Ar-Rassail* (Ensaios), Al Mouassassa al 'Arabia li-Dirassaat wa-Nachr, Beirute, 1991, Vol. II, p. 102.

63 O título completo do livro é: *Die Herrin Subeide Im Bade, order Von der Geschlechter Lust und List in den Arabischen Nachten*, produção de Horst Lothar Teweleit, ilustrado por Irmhild e Hilmar Proft, Bund-Verlag, Colónia, 1985.

64 Alev Lytle Croutier, *Harem: The World Behind the Veil*, Abbeville Press, Nova Iorque, 1989, p. 9.

65 O dicionário de árabe que usarei ao longo de todo o texto é *Lissan al Arab*, literalmente «A Língua dos Árabes», de Ibn Manzhur, Dar al Maarif, Cairo, 1979. O autor, Ibn Manzhur, nasceu no Cairo em 1232 e morreu em 1311.

66 Croutier, *op. cit.*, p. 30.

67 Fernando Henriques, *The World of the Geisha, in Prostitution and Society*, MacGibbon and Kee, Londres, 1962, Vol. II, p. 309.

68 Jahiz, *Kitab al Qiyan* (O livro da escrava cantora) *in Ar Rassail* (Ensaios), Maktabat al-Khanji, Cairo, Vol.VIII. pp. 166-7.

CAPÍTULO 4

A MENTE COMO ARMA ERÓTICA

Xerazade é o nome persa da jovem noiva que conta as histórias de *As Mil e Uma Noites*. Estas histórias têm «diversas origens étnicas: indiana, persa e árabe»[69]. Símbolo do génio islâmico como religião e cultura pluralista, as fábulas abrangem um território que se estende do Mali e de Marrocos, na costa atlântica do Norte de África, até à Índia, Mongólia e China. Quando se entra nas histórias, navega-se num universo muçulmano que ignora as habituais fronteiras que separam culturas diversas e distantes. Por exemplo, em alguns contos os persas falam árabe e emergem como líderes em nações estranhas à sua herança cultural. Xerazade é a junção árabe de duas palavras persas, *tchihr* e *âzâd*, que significam «de nascimento aristocrático». Xariar, o marido, também é persa; o seu nome resulta da contração das palavras persas *shahr* e *dar*, que significam «Senhor do Reino»[70]. No entanto, no seu quarto, Xerazade não fala persa com o marido, um orgulhoso descendente da dinastia sassânida[71]. As fábulas são narradas em árabe e, embora Xariar fosse persa, «vivia e reinava sobre as ilhas da Índia e da Indochina»[72]. Todavia, a graça cosmopolita dos contos e a sua capacidade de transcender as fronteiras culturais não se estende às relação entre os sexos. Essa relação é descrita como uma fronteira abissal e inultrapassável, uma guerra sangrenta entre homens e mulheres.

As Mil e Uma Noites começam como uma tragédia de traição e vingança e acabam como um conto de fadas graças à capacidade intelectual de Xerazade para ler a mente do marido. No início dos contos, Xahzaman, o irmão mais novo de Xariar, reina feliz sobre a «Terra de Samarcanda». Um dia, ao regressar ao palácio, encontra a mulher nos braços de um «moço de cozinha»[73]. Mata os dois e decide abandonar o reino por um tempo, esperando assim curar as suas feridas. Parte então para visitar o irmão, Xariar.

Fugir da cena do crime só resulta por alguns dias, pois uma manhã, o deprimido Xahzaman olha para fora da janela, para o jardim do harém do irmão, e julga estar a ter uma alucinação:

> «Enquanto agonizava sobre as suas desgraças, contemplando os céus e lançando um olhar distraído ao jardim, o portão privado do palácio do irmão abriu-se, e daí saiu, como uma gazela de olhos escuros, a senhora, a mulher do seu irmão, com vinte escravas, dez brancas e dez negras… Sentaram-se, despiram a roupa, e de súbito passou a haver dez escravas e dez escravos negros que primitivamente estavam vestidos com a mesma roupa das raparigas. Então os dez escravos negros montaram as dez raparigas, enquanto a senhora chamava: – Mas'ud, Mas'ud – e um escravo negro saltou de uma árvore para o chão, correu para ela, e, levantando-lhe as pernas, pôs-se entre as suas coxas e fez amor com ela. Mas'ud estava sobre a senhora enquanto os outros escravos negros estavam sobre as dez raparigas, e assim continuaram até ao meio-dia. Então os dez escravos vestiram outra vez as mesmas roupas, misturaram-se com as raparigas, e de novo parecia haver vinte escravas. Mas'ud saltou o

muro do jardim e desapareceu, enquanto a senhora e as escravas se dirigiram para o portão privado, entraram e, fechando-o atrás de si, voltaram para as suas ocupações.»[74]

Em árabe, a traição sexual da mulher do rei Xariar reflete e equivale à traição política do senhor por parte do escravo. Em árabe, a frase «Mas'ud estava sobre a senhora» (*wa mas'ud fawqa a-sit*)[75], parece condensar a tragédia do harém: a necessidade fatal da mulher de subverter a hierarquia construída pelo marido que a mantém encerrada, deitando-se e copulando com o escravo-macho. A traição do marido por parte da mulher está implícita na própria estrutura do harém; são as hierarquias e fronteiras construídas pelos homens para dominarem as mulheres que pré-determinam o seu comportamento. Em *As Mil e Uma Noites*, as cenas de crimes relacionados com o adultério revelam que as fronteiras do harém são permeáveis e frágeis. Podem facilmente esfumar-se e anular-se: os homens podem facilmente vestir-se de mulheres e entrar sem serem notados.

Mas voltando a Xerazade, a nossa heroína chegou ao palácio de Xariar alguns anos após este incidente do jardim. Entretanto, Xariar matara não só a mulher e o escravo Mas'ud, como tinha decapitado sistematicamente centenas de virgens inocentes, casando com cada uma à noite e matando-as ao amanhecer. «E continuou assim até fazer desaparecer todas as raparigas, as mães delas carpiam e crescia um clamor entre os pais e as mães…»[76] Nesta situação é visível, uma vez mais, como o sexo e a política se interligam nas *Noites*. O que começara como uma guerra entre os sexos, estava a tornar-se num trágico tumulto político, com os pais entristecidos sublevando-se contra o rei. Agora só um pai privilegiado (o vizir do rei, que executara as sentenças de morte) tem ainda duas filhas virgens: Xerazade e a sua irmã mais nova, Doniazade.

Enquanto o vizir tenta afanosamente planear uma maneira de salvar as filhas, Xerazade insiste em se sacrificar e enfrentar o rei para tentar pôr fim a tão grande matança. É por esta razão que, no mundo islâmico, Xerazade pode ser considerada uma heroína política, uma libertadora.

«Pai», diz ao atormentado vizir, «gostaria que me casasses com o rei Xariar para que eu consiga ou salvar o povo, ou perecer e morrer como as outras»[77]. Xerazade tem em mente um esquema que se revelará bem-sucedido: contar histórias fascinantes que possam cativar o rei, deixando-o ansioso por ouvir mais, e salvar assim a sua vida.

Alterar a mente de um criminoso pronto a matar, contando-lhe histórias, é um feito extraordinário. Para ter êxito, Xerazade tem de possuir três dons estratégicos: o de controlar uma vasta reserva de informação, o de compreender em profundidade a mente do criminoso e a determinação para agir com sangue-frio.

O primeiro dom é de natureza intelectual; requer um vasto conhecimento e a enciclopédica erudição de Xerazade é descrita nas primeiras páginas do livro: «Xerazade lera livros de literatura, filosofia e medicina. Conhecia poesia de cor, estudara narrativas históricas, e tinha um conhecimento profundo dos provérbios dos homens e das máximas dos sábios e reis. Era inteligente, bem informada, sábia e requintada. Tinha lido e aprendido.»[78] Mas o conhecimento por si só não dá a uma mulher a possibilidade de influenciar os homens no poder: basta ver a enorme quantidade de mulheres de cultura superior que militam no Ocidente em movimentos de caráter social, e que apesar disso continuam a não ser capazes de refrearem os modernos Xariar. Daí o interesse em analisar a história, tão bem sucedida, de Xerazade.

O segundo dom da nossa heroína é de natureza psicológica: a capacidade de transformar a mente de um criminoso apenas com palavras. Usar o diálogo para dissuadir um assassino é uma estratégia ousada e, para atingir o seu fim, a vítima tem de estar bem consciente dos prováveis movimentos do criminoso e de os integrar, como numa partida de xadrez, nos acontecimentos que possam vir a desenrolar-se. Não devemos esquecer que o rei, o agressor, no início não fala com Xerazade. Durante os primeiros seis meses mantém-se em silêncio e escuta as histórias dela sem articular uma palavra; por isso Xerazade não tem maneira de saber o que lhe vai na mente, a não ser observando as suas expressões faciais e linguagem corporal. Como continuar a falar na noite sem cometer um erro fatal de cálculo psicológico? Tal como um estratega militar usa o seu saber para prever acontecimentos futuros, Xerazade tem de adivinhar, e adivinhar com exatidão, pois o mais pequeno erro será fatal.

O último dom de Xerazade é o sangue-frio, a capacidade de controlar o próprio medo o suficiente para pensar com lucidez e ser ela, e não o agressor, a conduzir a dinâmica de interação. Xerazade só sobrevive porque é uma superestratega do intelecto. Se se tivesse despido como as *vamps* de Hollywood ou as odaliscas de Matisse, e estendido passivamente sobre a cama do rei, teria sido morta, porque aquele homem não precisava de sexo, precisava de uma psicoterapeuta. Xariar sofria de uma forma aguda de autorrejeição, como nos acontece a todos quando descobrimos que estamos a ser «enganados». Estava furioso porque não compreendia o outro sexo, nem a razão pela qual a mulher o traíra.

Apesar de estar numa posição de impotência, Xerazade consegue, através da leitura atenta de uma situação complexa, subverter o equilíbrio do poder e vencer. É por este motivo que ainda hoje muitas mulheres como eu, que se sentem politicamente impotentes, admiram Xerazade. Alguns ocidentais, que não sabem interpretar a história de Xerazade e a reduzem a uma frívola *entertainer*, podem considerá-la um mau modelo de comportamento para as mulheres modernas. Pessoalmente, julgo que se a situarmos no seu contexto político, a sua pertinência como modelo de comportamento torna-se evidente. Xerazade salva-se não só a si própria mas a todo um reino, agindo gradualmente sobre o principal responsável pelas decisões, o rei. A escritora inglesa A. S. Byatt observa com exatidão ao dizer que, embora à primeira vista a história «possa parecer contra as mulheres» pela enorme desigualdade entre Xerazade e o marido, no final, a mulher controla completamente a situação»[79].

Não só a sua estratégia funciona, uma vez que o rei renuncia ao macabro projeto de decapitar as noivas ao romper do dia, como, através da subtil influência de Xerazade sobre as suas convicções, motivações e psique profunda, ele reconhece que estava totalmente errado na sua cólera contra as mulheres: «Oh, Xerazade, fizeste-me duvidar do meu poder real (*zahadtani fi mulki*), arrepender-me da violência que usei para com as mulheres, e da matança das raparigas.»[80]

A última frase, em que um déspota reconhece que dialogar com a mulher mudou completamente a sua visão do mundo, inspirou muitos escritores árabes famosos do século XX, que atribuíram a Xerazade, e através dela a todas as mulheres, o estatuto de agentes civilizadores. Segundo o influente pensador egípcio Taha Hussein, a paz e a serenidade substituirão a violência nas intenções e nas ações dos homens, se eles foram redimidos pelo amor de uma mulher. No seu livro *Os Sonhos de Xerazade* (*Ahlam Scheherazade*), publicado em 1943, a narradora transforma-se em símbolo dos muitos inocentes envolvidos na Segunda Guerra Mundial, uma guerra que, embora provocada pelo Ocidente, afetou também todos os árabes e, a bem dizer, todos os habitantes do planeta[81]. No

livro de Hussein, o rei Xariar simboliza a incompreensível e trágica necessidade que os homens têm de matar. Só depois de escutar durante muitos anos a sua prisioneira é que Xariar consegue aperceber-se de que ela é depositária de um precioso segredo. Se ao menos percebesse quem ela é e o que pretende, poderia atingir um crescimento emocional e a serenidade:

Xariar – Quem és tu, e o que desejas?
Xerazade – Quem sou eu? Sou a Xerazade, que te ofereceu o prazer de escutar os seus contos durante anos porque estava cheia de medo de ti. Agora, atingi um estado em que posso dar-te amor porque me libertei do medo que me inspiravas. O que desejo? Desejo que o meu Senhor, o Rei, saiba o que é a serenidade. Que experimente a alegria de viver num mundo livre de ansiedade[82].

A redenção, nas reflexões de Taha Hussein, começa quando se estabelece um diálogo entre os poderosos e os que não têm poder. A civilização florescerá quando os homens aprenderem a ter um diálogo íntimo com os seres humanos que lhe estão mais próximos, as mulheres com quem partilham a cama. Taha Hussein, que era cego, inválido e incapaz de participar nas guerras – tal como as mulheres –, reacendeu nos anos 40 o simbolismo inerente aos contos medievais de Xerazade – a ligação entre humanismo e feminismo. Qualquer reflexão sobre a modernidade como oportunidade para eliminar a violência despótica no mundo muçulmano de hoje passa, inevitavelmente, por uma tomada de posição a favor do feminismo. Seja qual for o lugar onde se está, na Indonésia, no Afeganistão, na Turquia ou na Argélia, fazendo um pouco de *zapping* pelas televisões muçulmanas ou passando os olhos pela imprensa, apercebemo-nos de que qualquer debate sobre a democracia rapidamente resvala para o debate sobre os direitos das mulheres e vice-versa. O misterioso elo entre pluralismo e feminismo no conturbado mundo islâmico de hoje foi misteriosa e vivamente prenunciado nos contos de Xerazade e Xariar.

Em *As Mil e Uma Noites*, Xariar admite oficialmente que um homem deve usar as palavras em vez da violência para resolver as suas disputas. Para transformar a sua situação, Xerazade comanda palavras, não exércitos, e isso confere uma nova dimensão aos contos, como um mito da civilização moderna: são um símbolo do triunfo da razão sobre a violência.

Isso leva-me a salientar um aspeto fundamental completamente ausente nas fantasias dos artistas ocidentais sobre Xerazade. No Oriente, servir-se apenas do corpo, ou seja, sexo sem intelecto, nunca ajuda a alterar a situação de uma mulher. A primeira mulher do rei falha lamentavelmente porque a sua rebelião se limitava à política do corpo – entregar-se a um escravo. Ser infiel ao marido serve apenas para enredar a mulher numa teia suicida. Mas Xerazade ensina que uma mulher pode efetivamente entrar em rebelião desenvolvendo o seu intelecto, adquirindo saber, e ajudando os homens a libertarem-se da necessidade narcisista de uma homogeneidade simplista. Ela ensina que há necessidade de se confrontar com o outro, diferente, e de insistir no reconhecimento e respeito dos limites, para que o diálogo possa ter lugar. Aprender a apreciar a fluidez de um diálogo é experimentar situações em que o resultado da batalha não está rigidamente fixado, onde vencedores e vencidos não estão pré-determinados.

Abdesslam Cheddadi, um dos historiadores marroquinos mais perspicazes na análise do Islão atual, afirma que a primeira mensagem-chave de *As Mil e Uma Noites* é que «Xariar descobre e fica convencido de que é impossível obrigar uma mulher a obedecer à lei marital»[83]. Mas, acrescenta Cheddadi, por mais revolucionária que esta convicção seja, é menos subversiva do que

a segunda mensagem dos contos: se admitirmos que Xariar e Xerazade representam o conflito cósmico entre o Dia (o masculino enquanto ordem objetiva, o reino da Lei), e a Noite (o feminino enquanto ordem subjetiva, o reino do Desejo), então o facto de o rei não matar a rainha deixa os homens muçulmanos numa intolerável insegurança relativamente ao resultado final da batalha. «Permitindo que Xerazade permaneça viva, o rei suspende a lei que ele próprio estabeleceu», escreve Cheddadi[84]. Paradoxalmente é Xariar, o homem, quem fica paralisado, concedendo a Xerazade o direito a viver, falar e prosperar. «Lei e desejo equilibram-se, ficando numa espécie de imobilidade suspensa, mas sem qualquer garantia que, de um momento para o outro, cada um deles não retome a seu próprio curso»[85]. No final dos contos, os homens no mundo muçulmano só podem estar seguros de uma coisa: a batalha entre os sexos, como representação da batalha entre emoção e razão, não tem fim.

Para Cheddadi, a oposição entre a narradora e o rei também reflete e exacerba o conflito explosivo na cultura muçulmana entre a *Shari'a*, a Verdade sagrada, e a Ficção. O triunfo de Xerazade é o triunfo do *wahm* (imaginação) sobre a legitimidade dos detentores de *çidq* (verdade) e corrói a sua credibilidade[86]. Cheddadi comenta então o triste destino dos *quççaç* (os contadores de rua), dos quais Salman Rushdie é um herdeiro moderno, e explica que a sua expulsão das mesquitas ocorreu porque a distinção entre a sua ficção e a «Verdade» é complexa e enganadora.

Na Bagdade medieval, os contadores de histórias de rua eram frequentemente apontados como instigadores à rebelião e, tal como hoje acontece com os jornalistas de esquerda, eram censurados e proibidos de falarem em público. No ano 279 da Hégira (século X d.C.), narra Tabari na *History of Nations and Kings*: «O Sultão deu ordem para informar a população da Cidade da Paz (um dos nomes de Bagdade), que nenhum contador de histórias será autorizado a sentar-se na rua ou na Grande Mesquita…»[87] E Cheddadi explica que a sistemática «caça às bruxas» aos contadores de histórias se devia ao facto de o palácio não ter outra alternativa senão silenciar os mais perigosos de todos os criadores: «A partir da segunda metade do primeiro século do Islão (século VII da era cristã), vemos Ali (o quarto califa ortodoxo) expulsar os contadores de histórias da mesquita de Baçorá. No Oriente, a perseguição dos *quççaç* só terminou com a sua completa extinção…, quando são substituídos pelos pregadores (*mudhakkirun* ou *wu'az*). Foi a única solução para estabelecer um limite claro entre o que devia ser considerado como verdadeiro e autêntico e o que pertencia ao mundo da ficção, da invenção e da mentira.»[88]

É óbvio que o conflito entre a Verdade e a Ficção no mundo muçulmano é justificado por um outro conflito, que nos leva uma vez mais ao conflito entre Xariar e Xerazade: se a Verdade é o reino da lei e das suas restrições, a Ficção é o mundo do prazer e do divertimento. E para tornar toda esta questão ainda mais insuportável aos fanáticos, sejam eles tradicionalistas ou modernos, Xerazade, como recorda Cheddadi, tem uma característica incómoda: «Xerazade é-nos apresentada, desde a sua primeira aparição no livro, com as credenciais de um perfeito e completo *Faquih*, uma autoridade religiosa muçulmana»[89]. O seu saber inclui um vasto conhecimento de história, um impressionante domínio da literatura sagrada incluindo o Corão, a *Shari'a*, e os textos das várias escolas de interpretação religiosa. É esta singular combinação de grande saber – adquirido através da leitura de mais de mil livros – e do objetivo aparentemente ingénuo de permanecer no mundo da noite e da ficção, que torna Xerazade particularmente suspeita e explica um outro estranho fenómeno: durante séculos, as elites árabes desdenharam os seus contos e nem se deram ao trabalho de os passar à escrita.

Para compreender a emergência da narradora como símbolo dos direitos humanos no Oriente moderno, não devemos esquecer que durante séculos as elites conservadoras, com algumas exceções, desprezaram *As Mil e Uma Noites* como uma subprodução popular sem qualquer valor cultural, por serem contos transmitidos oralmente[90]. As elites masculinas consideravam a tradição oral como símbolo das massas iletradas. Seria pelo facto de as histórias serem na sua maior parte narradas por mulheres no espaço privado da família? Embora não exista uma conclusão científica que comprove esta análise, é conveniente tê-la presente se estamos a tentar avaliar o papel especial de *As Mil e Uma Noites* como componente «feminina» da tão «masculina» tradição muçulmana.

O argelino Bencheikh, um estudioso contemporâneo dos contos de Xerazade, pergunta-se se o denegrir das fábulas anterior aos tempos modernos, etiquetando-os de *Khurafa* (delírio de um cérebro perturbado), não seria atribuível ao facto de as mulheres serem muitas vezes descritas como mais astutas do que os homens[91]. Na lógica dos contos, o juiz está errado e a vítima tem razão. «O rei é não só julgado por Xerazade, a vítima, como é condenado por ela a mudar a sua maneira de pensar de acordo com os desejos dela. É o mundo virado do avesso. É um mundo onde o juiz… não escapa à sua vítima»[92]. É um mundo onde os valores são os da Noite. Basta recordar o refrão que fecha cada uma das histórias:

A manhã surpreendeu Xerazade, (*wa adraka shahrazad aç-çabah*) e ela mergulhou no silêncio. (*fasakatat'ani l'kalami l'mubah*).

Quando comparadas com a envolvente escuridão da noite, a corte do rei e o seu sistema de justiça parecem uma miragem tão frágil quanto a luz do dia. Não é de surpreender que as elites culturais árabes, muitas vezes encorajadas e financiadas pelos despóticos governantes, condenassem *As Mil e Uma Noites* à transmissão oral durante séculos, impedindo-as de adquirir as credenciais de um património escrito. Só no século XIX, cem anos mais tarde do que os europeus (que possuíam o texto escrito desde 1704), os contos foram finalmente publicados em árabe! E nenhum dos primeiros editores era árabe!

A primeira edição do texto árabe foi publicada em Calcutá em 1814 por um muçulmano indiano, o Xeque Ahmad Shirawani, professor de árabe no Fort William College de Calcutá. A segunda edição do texto árabe é de Breslau (Alemanha), 1874, e o editor é Maximilian Habicht. Dez anos mais tarde, os editores árabes começaram a ganhar dinheiro com a versão escrita das *Noites*, na edição egípcia Bulaq, dada à estampa no Cairo em 1834[93].

É interessante constatar que o primeiro editor árabe de *As Mil e Uma Noites* sentiu necessidade de interferir na versão Bulaq, «melhorando a linguagem, produzindo um trabalho que era, na sua opinião, de qualidade literária superior ao original»[94].

O que é surpreendente, diz Bencheikh, refletindo sobre a especial importância de *As Mil e Uma Noites* no património muçulmano, é que a narradora não nega o *kayd* das mulheres, ou seja, a vontade de sabotar os homens. Na sua opinião, isso poderia explicar a recusa da elite árabe em passar o texto à escrita. «A narradora, cujo dever era obter a graça do soberano 'enganado', empregou todo o talento em criar histórias que confirmavam os seus sentimentos de desconfiança em relação às mulheres»[95]. Toda a série de contos não é mais do que a ilustração real do quanto as

mulheres do harém são sexualmente incontroláveis, e esperar que obedeçam quando a desigualdade é imposta como lei, é completamente absurdo.

Os homens podem ler o seu trágico destino em cada uma das histórias, diz Bencheikh. «Sabemos que este terror de serem traídos tem raízes profundas e está presente em culturas mais antigas que o exprimiram mais ou menos do mesmo modo… Mas aqui, estamos a trabalhar num texto escrito em língua árabe…»[96] O uso da língua árabe acentua as tensões porque é a língua do Corão, o texto sagrado. Passar as lendas à escrita equivale a conferir-lhes uma credibilidade «académica» escandalosamente perigosa. A modernidade trouxe Xerazade para o centro da cena intelectual árabe do século XX, porque há muitos anos, na Bagdade do século IX, ela já colocava claramente questões políticas e filosóficas fundamentais para as quais os nossos líderes políticos atuais ainda não encontraram resposta:

Porque deve uma lei injusta ser obedecida? Porque foi escrita pelos homens?

Se a Verdade é tão evidente, porque não são a ficção e a imaginação autorizadas a florescer?

O milagre no Oriente é ser a excessiva ponderação de Xerazade, associada ao seu interesse por questões filosóficas e políticas mais vastas, que a tornava tão espantosamente atraente. E o único modo que Xariar tinha de assegurar que era toda sua, era fazer amor com ela. O sexo hábil era o único instrumento que possuía para a fazer esquecer o mundo durante algumas horas.

Para seduzir uma mulher inteligente preocupada com o mundo, um homem tem de se tornar mestre na arte erótica. Na companhia de Xerazade, a arte de fazer amor de Xariar atinge o seu potencial máximo, o que nos faz voltar ao início: o que acontece à nossa rainha quando vai para o Ocidente?

Que alterações lhe infligem os artistas ocidentais para a adaptar às suas fantasias quando ela atravessa as fronteiras?

De que armas de sedução a dotam os artistas ocidentais?

Tornar-se-á ela mais ou menos poderosa nas suas fantasias? Mantém ou perde o estatuto de rainha?

Uma coisa é certa: conhecemos com exatidão a data em que Xerazade atravessou a fronteira para o Ocidente. Foi em 1704, e o seu primeiro destino foi Paris.

69 Introdução a *The Arabian Nights*, traduzido do árabe para inglês por Husain Haddawy, baseado no texto editado por Muhsin Mahdi, Norton and Co., Nova Iorque, 1990, p. xi.

70 Hiam Aboul-Hussein e Charles Pellat, *Cheherazade, Personnage Littéraire*, Société Nationale d'édition et de Diffusion, 1976, p. 18.

71 Os Sassânidas eram uma prestigiosa dinastia persa que estabeleceu um poderoso império entre 226 e 641, até à conquista da Pérsia pelo Islão. Quando o Islão apareceu, os Sassânidas e os Bizantinos eram as potências predominantes no Próximo e Médio Oriente.

72 Literalmente, *bi jazair al Hind wa* Çin *a* Çin, p. 56 do já citado original árabe de *As Mil e Uma Noites* de Muhsin Mahdi. A tradução inglesa é de Husain Haddawy, *op. cit.*, p. 3.

73 Literalmente, *wajada zawjatahu naima wa ila janibiha rajulan min* çybiyan *al matbakh*, p. 57 do original árabe e p. 3 da tradução de Haddawy já citada.

74 Haddawy, *op. cit.*, p. 5.

75 Haddawy, *op. cit.*, p. 59.

76 Haddawy, *op. cit.*, p. 9.

77 Haddawy, *op. cit.*, p. 11.

78 Haddawy, *op. cit.*, p. 11.

79 A. S. Byatt, *Narrate or die:Why Sheherazade Keeps on Talking, in The New York Times Magazine*, 18 de abril de 1999, pp. 105-107.

80 «A História dos Pássaros», aqui traduzida, não faz parte da versão de Al-Mahdi das *Mil e Uma Noites*, mas existe numa das versões mais baratas e populares dos contos de Xerazade, à venda nos *souks* de Marrocos. Al-maktaba ach-cha'biya, Beirute, Vol. II, p. 43.

81 Aboul-Hussein e Pellat, *Cheherazade, Personnage littéraire*, p. 36.

82 Aboul-Hussein e Pellat, *op. cit.*, p. 114.

83 Abdesslam Cheddadi, *Le conte-cadre des Mille et Une Nuits comme récit de Commencement*. Contributo para o «IV Colóquio de Escritores Hispano-Árabes», Almeria, Espanha, 26-29 de abril, 1988; p. 11 do manuscrito que o autor cedeu amavelmente antes da sua

publicação.
84 Cheddadi, *op. cit.*, p. 12.
85 *Ibidem*, p. 19.
86 *Ibidem*, p. 2.
87 Tabari,*Tarikh al Umam wa-l-Muluk*, Dar al-Fikr, 1979, Vol. VI, p. 340.
88 Cheddadi, *op. cit.*, p. 4.
89 *Ibidem.*
90 As duas exceções em que historiadores medievais mencionaram os contos e lhes dedicaram alguns parágrafos (mesmo que só para recordar aos árabes a sua origem persa), foram Mas'udi e Ibn Nadim. Mas'udi, do século IX, explicou na *Pradaria de Ouro* (*Muruj Dahab*) que os contos eram originariamente conhecidos pelo seu título persa, *Hazar Afsane*, literalmente «os mil contos». Ibn Nadim, do século X, diz no *Fihirst* que «Os primeiros a criar esses contos…foram os persas da Primeira Dinastia… Os árabes traduziram estes contos, e homens talentosos com dom para a literatura recriaram novos e tornaram mais elegantes os antigos». *In Fihirst*, Edição Flugel, 1871, p. 304, e p. 422 da edição do Cairo de 1929.
91 Jamel Eddin Bencheikh, *Les 1001 Nuits ou la Parole Prisonnière*, Paris: Ed. Gallimard, 1998, p. 26.
92 Bencheikh, *op. cit.*, p. 34.
93 Hussain Hahdawi, introdução às *Mil e Uma Noites*, *op. cit.*, xiv.
94 *Ibidem.*
95 Bencheikh, *op. cit.*, p. 29.
96 Bencheikh, *op. cit.*, p. 32.

CAPÍTULO 5

XERAZADE NO OCIDENTE

A primeira viagem de Xerazade ao Ocidente foi feita na companhia de um estudioso francês, Antoine Galland. Colecionador de arte, Galland viaja até ao Oriente como secretário do embaixador francês, e foi o primeiro tradutor de *As Mil e Uma Noites*. Em 1704, com cinquenta e oito anos de idade, Galland tornou-se um sucesso imediato quando permitiu a Xerazade contar as suas histórias em francês, e permaneceu obcecado com a tradução dos contos até à data da sua morte, em 1715. Os doze volumes foram publicados ao longo de treze anos (1704-1717), sendo dois deles póstumos.

Entretanto, Xerazade conseguira o que os muçulmanos que combateram os cruzados tinham falhado: subjugou os cristãos, desde os devotos católicos aos protestantes e ortodoxos gregos, só pelo uso das palavras: «Versões de Galland apareceram em Inglaterra, Alemanha, Itália, Holanda, Dinamarca, Rússia e Bélgica…»[97].

O facto de o tradutor francês ter tomado a liberdade de eliminar cenas sugestivas e fantásticas descrições de cenas de sexo e anatomia feminina, que facilmente teriam escandalizado um público católico, pode ter contribuído para este sucesso. Afinal, «Sultões, vizires, e mulheres da Arábia ou da Índia tinham de se exprimir como se vivessem em Versailles e Marly»[98]. A subjugação das almas cristãs pelos contos de Xerazade alastrou tão satanicamente que as traduções e «pseudotraduções», como lhes chama Husain Haddawy, atingiram um número assombroso. «Em 1800, havia mais de oitenta coleções», escreve. «Foram estas versões piratas que inflamaram a imaginação dos europeus, do leitor comum a poetas como Pope e Wordsworth»[99].

E, facto bastante curioso, a Xerazade intelectual perdeu-se no meio dessa avalanche de traduções, aparentemente porque aos ocidentais só interessavam dois aspetos: a aventura e o sexo – este último numa forma bizarramente restrita, confinada à linguagem do corpo feminino. *Samar*, o termo árabe que significa falar pela noite dentro, não encontrou lugar nos contos da Europa cristã. Durante um século, o interesse ocidental por *As Mil e Uma Noites* limitou-se aos heróis masculinos como Simbad, Aladino e Ali Babá. Quanto a Xerazade, teve de esperar até 1845, quando Edgar Allan Poe publicou *The Thousand and Second Tales of Scheherazade*, para ser celebrada como a intelectual, mestra na arte de contar histórias. Fiquei muito feliz quando ouvi pela primeira vez que Poe abordava com sensibilidade a personagem de Xerazade, e comecei à procura de um exemplar pelas livrarias de Berlim. A pobre Xerazade teve de atravessar o Atlântico, pensei, para encontrar um homem que reconhecesse nela um intelecto superior e a descrevesse como «donzela política». Entre 1704 e 1845, esteve desesperadamente confinada a Versailles e à obsessão que a corte francesa tinha pela moda feminina. Neste aspeto, a ligação inicial com o tradutor Antoine Galland provou ser fatal para a sua reputação.

As senhoras de Versailles eram o público a que Galland se dirigia. Chegou mesmo a pedir conselho às duquesas e marquesas antes de publicar os textos, sendo provavelmente essa uma das razões que o levaram a eliminar tudo o que pudesse escandalizar. «Emprestei o meu volume IX de

As Mil e Uma Noites a Mademoiselle de Versamont para que o lesse a Madame a duquesa de Brissac…», anotava Galland no seu diário, a 2 de fevereiro de 1709[100].

Na época, uma das grandes admiradoras do Oriente era nada menos que marquesa de Pompadour, a amante de Luís XV, mais interessada nos vestidos e nos luxuosos requintes do harém, do que nas tendências subversivas das mulheres. Em 1745, pouco depois de Luís XV a ter instalado em Versailles como amante oficial, mandou pendurar na parede do quarto três quadros de *Sultanes*, ou rainhas do harém, pintadas pelo seu protegido, o artista Carle Van Loo. As três estavam cobertas de magníficas joias e ricamente penteadas e envergavam luxuosos vestidos, e por isso ficaram para sempre como exemplo da ligação das mulheres do harém à frivolidade e a ninharias extravagantes e supérfluas[101]. Em 1778, na véspera da Revolução Francesa, a própria Maria Antonieta apareceu vestida de *Sultane*, o que não contribuiu em nada para beneficiar a imagem da pobre Xerazade como líder de uma cruzada política contra o despotismo.

Para além da aventura e do luxo sensual, o facto de falar abertamente de sexo foi o terceiro elemento de *As Mil e Uma Noites* que fascinou os primeiros leitores ocidentais, habituados a viverem «espartilhados» entre a censura dos padres e a fria condenação das emoções por filósofos racionalistas como Descartes[102]. As traduções abriram as portas de um Oriente onde a sexualidade era ousadamente explorada por uma narradora feminina, obrigada a entreter um marido perigoso e mal-humorado. Esta narradora sabia, séculos antes do advento das «linhas eróticas» via satélite, que a arma mais eficiente para excitar um homem são as palavras. É esta a principal lição da «História do Carregador e das Três Donzelas», que Xerazade narra ao rei na vigésima oitava noite. E, embora a história seja exemplo de uma das escolhas mais pornográficas que Xerazade podia ter feito, a sua mensagem-chave é política. Mesmo quando Xerazade escolhe falar no registo da pornografia, tem uma mensagem política a transmitir.

A história começa com a apresentação da vítima, um pobre e esforçado trabalhador que é literalmente engatado por uma mulher rica.

«Ouvi, ó feliz rei – começa Xerazade –, que em tempos vivia na cidade de Bagdade um homem solteiro que trabalhava como carregador. Um dia, estando no mercado apoiado no seu cesto, aproximou-se dele uma mulher. Vestia uma capa de *Mossul* (musselina, ou tecido fino árabe), um véu de seda, um lenço fino bordado a ouro, e um par de calças estreitas atadas com rendas esvoaçantes. Quando levantou o véu, revelou uns belos olhos negros com longas pestanas e uma expressão terna. Com voz suave e num tom doce, disse-lhe: 'Carregador, pega no teu cesto e segue-me'. Mal acreditando no que ouvia, o carregador agarrou no cesto e apressou-se a segui-la, dizendo: 'Que dia de sorte'»[103].

No texto árabe, o carregador usa a palavra *qubul* para «sorte» e, literalmente, diz: «Como estou *sexy* hoje» (*ya nahari l'qubul*). Acontece que a sua lisonjeira apreciação da situação não o prepara para lidar com o que vai acontecer a seguir. A senhora pede-lhe que transporte pesadas ânforas de vinho, carnes, verduras e toda a espécie de frutos secos considerados afrodisíacos – uvas, figos, amêndoas e avelãs – para uma luxuosa casa onde vive com duas irmãs. O carregador, depois de receber um dinar pelos seus serviços, recusa ir-se embora. «Dá-lhe mais um dinar», diz uma das irmãs, que começava a ficar impaciente. É então que o carregador revela as suas intenções: três belas mulheres precisam de um homem.

– Por Alá, senhoras – diz ele. – O meu pagamento não é pouco, pois nem dois dirhams mereço, mas tenho estado a pensar na vossa situação e na ausência de alguém que vos entretenha. Se uma

mesa precisa de quatro pernas para se manter de pé, vós que sois três, precisais de um quarto, pois o prazer dos homens não é completo sem as mulheres, e o prazer das mulheres não é completo sem os homens[104].

Mas o que o carregador não imagina é que vai ser posto à prova até as irmãs consentirem em alterar o seu estatuto de servidor para parceiro sexual. Depois de lhe recordarem friamente que «Sem proveito o amor não tem jeito», as três donzelas explicam:

– Sabes muito bem que esta mesa nos custou caro, e que gastámos muito dinheiro na compra de todas estas provisões. Tens alguma coisa para pagar a tua parte do entretenimento? Porque não permitiremos que fiques se não nos mostrares a tua parte, pois de outro modo beberias e divertir-te-ias à nossa custa[105].

O que poderá tornar um homem pobre sexualmente atraente? É esta a difícil pergunta com que o carregador se confronta, mas consegue persuadir as suas hospedeiras de que a sua capacidade intelectual e sensibilidade fazem dele um amante extraordinário.

– Acreditai em mim – pede. – Sou um homem sabedor e sensível. Estudei as ciências e adquiri conhecimentos; li e aprendi… e tenho bons modos[106]. – E é só então, quando o carregador reconhece que o prazer sexual é um trabalho do intelecto, que as irmãs o autorizam a tomar parte no festim.

Começam a beber vinho e a falar com eloquência pela noite dentro. Em seguida, a donzela que o abordara despe-se e salta para uma bela fonte no meio do pátio. Lavou-se então por baixo dos seios, entre as coxas e no interior do umbigo. Depois apressou-se a sair da fonte, deitou-se nua sobre os joelhos do carregador e, apontando para a fenda, perguntou:

– Meu senhor, e meu amor, que coisa é esta?

– O teu útero – respondeu ele.

– Ora, ora, não tens vergonha – replicou dando-lhe uma palmada no pescoço.

– A tua vulva – disse ele, e a outra irmã beliscou-o, gritando:

– Ah, essa é uma palavra feia… – E continuaram assim, uma batendo-lhe, outra dando-lhe murros, outra bofetadas…[107]

A tortura só termina quando o carregador compreende por fim as regras do jogo: um homem não pode nunca nomear corretamente o que uma mulher tem entre as pernas. As pancadas e as bofetadas só cessam quando o carregador confessa não saber o que chamar ao órgão sexual feminino e pede às donzelas que o ajudem.

O carregador tem, depois, de repetir a mesma prova com as outras duas irmãs, que também saem da fonte completamente nuas, saltam-lhe para os joelhos, e fazem a mesma pergunta. Cada vez que responde, batem-lhe, até ele compreender que o que esperam dele é que confesse a sua ignorância em matéria de órgãos genitais femininos. A mensagem que ele esquece constantemente é que é absurdo um homem pretender nomear o que apenas uma mulher pode controlar – o seu sexo. E querer controlar aquilo que nem sequer pode nomear adequadamente é, portanto, pura ilusão. Esta dimensão política de *As Mil e Uma Noites*, esta insistência na autodeterminação da mulher, ajuda a explicar o motivo que, nos anos 80 e 90, levou os fundamentalistas egípcios a queimaram continuamente cópias simbólicas das edições populares árabes em dois volumes que se vendem no mercado de rua de qualquer centro histórico por uns meros sessenta dinares (6 dólares). E embora se desconheça o sucesso que a versão censurada de *As Mil e Uma Noites* impressa pelos fundamentalistas obteve no mercado, a verdade é que no mundo árabe ninguém confunde as

descrições de sexo feitas por Xerazade com vulgar pornografia.

Isso leva-nos à questão inicial: qual a razão que levou o esclarecido Ocidente, obcecado com a democracia e com os direitos humanos, a desprezar a sensualidade cerebral e a mensagem política de Xerazade nas suas versões dos contos? Qual a razão para, duzentos anos após a tradução de Galland, ao fazer um espetacular retorno à Europa do século XX, agitada por todo o tipo de revoluções e de ideias progressistas, Xerazade ficar de novo refém, desta vez nas mãos de dois artistas russos, Diaghilev e Nijinsky? Ambos a usaram para celebrar o corpo como única fonte de prazer sexual, e conseguiram, na Paris moderna, o que Xariar falhara na Bagdade medieval – silenciar a contadora de histórias.

Sergei Diaghilev deixou a sua Rússia natal e veio a Paris com os Ballets Russes, em 1910. O seu bailado *Xerazade*, com figurinos de Léon Bakst, desencadeou uma onda de moda inspirada no harém, especialmente as inesquecíveis calças de harém, desenhadas pela primeira vez pelo estilista francês Poiret. A pobre Xerazade estava agora condenada a existir só do umbigo para baixo. Tinha calças, sim, mas não tinha cérebro. Podia dançar, mas sob o controlo de Nijinski.

Vaslav Nijinski ascendeu à celebridade como o escravo dourado do bailado *Xerazade* de Diaghilev, em que aparecia «com o corpo pintado de castanho, sorriso forçado, adornado com fieiras de pérolas – não tanto como símbolo sexual, mas como o próprio sexo, com toda a parafernália de perversidade que a imaginação *fin de siècle* podia criar: exotismo, androginia, escravatura, violência»[108]. A androginia de Nijinski forçava os seus admiradores a concentrarem-se naquilo que os homens e as mulheres têm em comum. Muito pelo contrário, a primitiva e determinada mensagem de Xerazade insistia na diferença entre os sexos, com o objetivo de obrigar os homens a terem-na em consideração. Além disso, «Os Ballets Russes desestabilizaram as regras do género… As companhias de bailado caracterizavam-se frequentemente pela inversão do género no poder sexual, sendo a mulher dominadora quem deseja, e o homem efeminado o objeto de desejo»[109]. Esta inversão do poder homem-mulher é totalmente contrária ao diálogo entre os sexos, que é o objetivo de Xerazade e das suas histórias.

O bailado de Nijinski também influenciou Hollywood a dar uma ênfase excessiva à dimensão puramente sexual da dança oriental, apagando assim a sua dimensão cósmica, que remonta ao antigo culto das Deusas. Muitos estudiosos defendem que a dança oriental, conhecida como dança do ventre, teve origem com os Semitas nos templos luxuriosos de Ishtar, a deusa do amor. «A Ishtar babilónica, na sua forma mais arcaica… é uma deusa-mãe, não casada, ou melhor, escolhendo livremente os seus parceiros temporários, a rainha-mãe e primogénita de todos os deuses.»[110] Em honra de Ishtar e para celebrar o direito soberano das mulheres à autodeterminação, os devotos dançavam e faziam sexo nos seus templos. Com a queda do culto das Deusas e a ascensão dos Deuses, as mulheres dos seus templos assumiram a identidade de prostitutas sagradas. Não é portanto surpreendente que, milénios depois da queda das Deusas, uma mulher dançando sozinha, como é o caso da dança oriental, suscite sentimentos estranhos e desencadeie incompreensíveis ansiedades.

Hoje, no Médio Oriente e no Norte de África, a dança do ventre não é vista, pelo menos pelas mulheres, como uma experiência monocromática limitada à agitação física da carne e divorciada da espiritualidade, como é muitas vezes apresentada nos filmes de Hollywood. Em países como Marrocos, os cultos da deusa Vénus e da fenícia Tanit (ambas encarnações de Ishtar) prosperaram durante séculos antes do advento do Islão, e mesmo hoje, danças de natureza semimágica, ou de

transe, são ainda executadas em grutas ao longo de toda a costa atlântica. No festival religioso de Moulay Abdallah, por exemplo, que é celebrado a poucos quilómetros de Casablanca, as mulheres têm um papel fundamental nas cerimónias, desafiando a ortodoxia religiosa e os seus censores.

Durante séculos, mães e tias ensinaram às rapariguinhas os gestos elementares da dança oriental como exercício de afirmação de poder. A dança é transmitida de geração em geração como celebração do corpo e ritual de exaltação pessoal. Para mim, uma escritora que passa horas sentada numa cadeira, a dança oriental é o único *hobby* e exercício físico que gosto de praticar. Detesto *jogging* e calisténicos e, como muitas das minhas colegas na universidade, corro ao fim do dia para o apinhado centro de manutenção física Agdal para imitar diligentemente os movimentos do professor Magid, o meu instrutor favorito de dança egípcia. A única coisa que me aborrece é o facto de ele dar mais atenção às alunas do que a nós, velhas professoras. Mas os que me leem podem ficar tranquilos, pois nunca deixo de fazer os comentários necessários para assegurar que todos os muçulmanos que frequentam as suas aulas sejam tratados com igualdade. Num mundo árabe que sofre de uma globalização agressiva, tudo parece mudar com uma velocidade vertiginosa exceto a obstinada necessidade das mulheres, sem limites de idade ou condição social, da sua dose de regeneradora dança oriental, que muitas vezes se transforma em «transe». Isso reporta-me ao nosso enigma: qual a razão da ausência desta tonificante dimensão cósmica da dança oriental nos haréns de Hollywood e nas representações ocidentais de Xerazade?

O Oriente hollywoodesco, retratado em filmes como *Kismet* (1920), *O Xeque*, (1921), e *O Ladrão de Bagdade* (1924), foi muito influenciado pelos bailados e figurinos dos Ballets Russes. Após o sucesso parisiense, a companhia russa fez uma *tournée* pelos Estados Unidos, reduzindo a dança do ventre a uma série de maneirismos vulgares com momentos de perversidade satânica[111]. A beleza feminina que os filmes projetavam era a versão da frequentemente assustadora *vamp* – uma palavra que vem de «vampiro»[112]. A metáfora favorita de Hollywood para a sexualidade da *vamp* é a da aranha que apanha e destrói o infeliz macho. Como é evidente, a *vamp* não encoraja o homem a entrar em diálogo, procura antes aumentar o seu medo.

Embora muitos dos homens ocidentais com quem falei dissessem ter lido na infância uma versão ilustrada de *As Mil e Uma Noites*, eram os filmes de Hollywood que pareciam tê-los marcado mais. Muitos homens recordavam Maria Montez em *Noites Árabes*, produzido pela Universal em 1942. Esta fogosa atriz especializou-se em produções em Technicolor, nas quais as belezas do harém dançavam vestidas apenas com *soutiens* e saias de tecidos leves e transparentes. Mas, mesmo quando a estrela de Maria Montez começou a declinar, o género «Noites Árabes», que estivera primitivamente ligado à atmosfera dos *cabarets*, continuou a prosperar durante décadas. O *Noites Árabes* da Universal, escreve o historiador Matthew Bernstein, «rendeu alguns milhões de dólares durante a Segunda Guerra Mundial. Inaugurou uma série de filmes de baixo custo, fantasias em Technicolor com Maria Montez como protagonista, com mulheres de harém semidespidas e déspotas de uma brutalidade cruel (*Ali Babá e os Quarenta Ladrões* e *A Mulher Cobra*, ambos de 1944, etc.). A fórmula foi copiada por outros estúdios ao longo dos anos 60 e atualizada nos épicos antigos e bíblicos da época como *Salomão e a Rainha do Sabá* (1959) e *Cleópatra*»[113].

Para além de banalizar a dança do ventre, ao viajarem para o Ocidente, as mulheres do harém ficaram também associadas aos cosméticos. Os cuidados com o corpo são uma arte muito cultivada em *As Mil e Uma Noites*, onde homens e mulheres se comprazem em longos banhos e se perfumam para ficarem mais atraentes. E esta dimensão cosmética dos contos de Xerazade teve, na cultura

ocidental, um impacto mais profundo e duradoiro do que os seus ensinamentos filosóficos. Cosméticos inspirados no harém, como o *kohl* e a *hena*, passaram a fazer parte dos segredos de beleza do Ocidente, invertendo, pelo menos nesta área, o sentido da colonização, transformando os conquistadores em conquistados. «Um dos indicadores do prestígio do harém está bem visível na popularidade das receitas de beleza», escrevem Yvonne Knibiehler e Régine Goutalier, duas mulheres que analisaram a reação das mulheres ocidentais ao contacto com o Oriente. «César Birotteau, o cabeleireiro de Balzac, fez uma fortuna vendendo a sua famosa 'Mistura das Sultanas'. Quanto à *hena*, ao *kohl* e ao *ghassoul* (argila perfumada), são ainda hoje muito usados na Europa»[114].

No início do século XX, uma série de tratados dedicados à beleza e à cosmética do harém tiveram grande sucesso na Europa. Um dos mais estranhos, chama-se *Práticas dos haréns marroquinos: bruxaria, medicina e beleza*, de Mme A. R. de Lenz, filha de um médico francês que viveu em Marrocos nos anos 20. Lenz entrevistou as mulheres marroquinas sobre os seus segredos de beleza[115], mas, fosse porque a entrevistadora não falasse bem árabe, ou porque as mulheres não estivessem habituadas a entrevistas, a maior parte dos «segredos» são invenções hilariantes, que tornam o livro bastante divertido. O fascínio do Ocidente pelos segredos de beleza do harém durou «até Pasteur e as exigências da higiene transformarem toda essa matéria num negócio farmacêutico cientificamente gerido»[116].

Em conclusão, pode dizer-se que a perceção ocidental de Xerazade e do harém se verificou ao nível da epiderme – cosmético e superficial. A exigência da contadora de histórias de um diálogo entre homens e mulheres não encontrou qualquer eco no Ocidente. E porque teria acontecido assim?, perguntava-me vezes sem conta…

Estava sentada no aeroporto de Berlim, completamente exausta, esperando o voo para Paris, a última paragem da viagem de promoção do meu livro, sentindo-me triste por ter feito tão poucos progressos sobre o enigma do harém, quando tive a brilhante ideia de telefonar a Kemal. No dia anterior tinha-lhe mandado por fax as minhas primeiras notas sobre as descobertas relacionadas com o harém ocidental que fizera nas livrarias de Berlim e no bailado *Xerazade*, e estava ansiosa por conhecer as suas reações. Comecei à procura de um telefone público. Apercebo-me de que estou cheia de saudades de casa quando começo a gastar somas disparatadas em chamadas telefónicas para Marrocos, embora neste caso hesitasse antes de fazer a chamada. Pareceu-me que podia ser embaraçoso telefonar-lhe para perguntar, assim, sem mais nem menos, o que ele pensava do que eu pensava sobre as fantasias dos homens ocidentais. Talvez fosse melhor desistir completamente da ideia de telefonar para Marrocos…

De repente senti sede – e adivinhem de quê? Senti um desejo intenso de um gole de chá verde, forte, aromatizado com menta e servido num copo de cristal. É verdade, o chá de menta deve ser servido num copo de cristal, como se faz em Marrocos, porque muito do prazer de beber reside no ato de olhar e de se deleitar com a sua cor dourada, entre dois goles. Estava tão absorta na minha fantasia do chá de menta que mal ouvi a mensagem do altifalante que anunciava o atraso do voo. Tinha à minha frente pelo menos uma hora para me entreter a enganar o tempo. «Não posso acreditar», murmurei para mim própria em árabe. «É como se o destino me estivesse a oferecer uma oportunidade inevitável de telefonar para Marrocos.» Mas devo resistir a este tipo de obscura

intervenção na minha vida, pensei, e não telefonar. O melhor é ir tomar um copo de chá. É isso… Levantei-me e dirigi-me com determinação ao bar mais próximo, onde pedi chá. Pouco depois, ofereciam-me uma chávena grande e opaca de *Lipton*, preto e forte, que imediatamente me fez perder toda a vontade de beber chá. Estremeci, paguei apressadamente e corri para a cabine telefónica.

– Está! Kemal? *Labes?* (*Labes* é a nossa expressão equivalente a «como estás». Significa, literalmente, «não há nenhum problema à vista?».) Tenho sentido a tua falta e estou com saudades de casa – acrescentei rapidamente quando me apercebi de que do outro lado só havia silêncio.

– Não parece que estejas a sentir a falta de ninguém do mundo árabe, Fatima – foi a resposta, deliberadamente demorada. É um mau sinal quando um homem árabe aparenta estar demasiado calmo e controlado. – Depreendo das tuas notas que estás completamente dominada pelos homens ocidentais. Estás prisioneira do seu fascínio. Já escreveste quase um livro completo sobre eles, tão forte é a tua paixão.

Fazer uma cena durante uma chamada internacional é um luxo caro. Por isso permaneci em silêncio. Como conheço muito bem Kemal, sabia que não tardaria sentir-se culpado por ter sido tão mal-educado comigo – eu, uma pobre criatura tão longe do soalheiro Marrocos, no duro clima europeu. O silêncio resultou.

– *Allo!* Fatima? Ainda estás aí? – Kemal parecia agora muito preocupado. – Desculpa ter sido tão mal-educado. Deve estar frio aí… – Então, depois de um minuto de silêncio, acrescentou suavemente, como se falasse para si próprio: – Os homens ocidentais podem não ser tão interessantes como julgas. Podem fazer jogos ligeiramente diferentes, mas têm o mesmo medo que os árabes de perder terreno para as mulheres.

– Kemal, o que estás a tentar insinuar? Em que é que o seu jogo é diferente? – perguntei tão calma quanto possível. Estava literalmente colada àquele maldito telefone. Conhecia Kemal demasiado bem. Ele tinha intuições interessantes sobre o meu problema do harém, e sabia que eu estava morta por as conhecer. Também ele me conhece demasiado bem.

– Kemal, vou perder o voo – disse.

– Fatima – respondeu por fim Kemal –, não leste a história do Edgar Allan Poe até ao fim, pois não? Como de costume, compras os livros e esperas que outros tos leiam.

– Não, não li – confessei um pouco embaraçada por ter de admitir que até agora só dera uma olhadela aos primeiros parágrafos do conto.

– O escritor americano assassinou Xerazade – disse. – Nenhum homem muçulmano alguma vez ousaria pensar num tal crime.

Desliguei e fiquei parada, sentindo-me subitamente muito só naquele aeroporto estrangeiro.

Por que motivo teria Poe assassinado Xerazade?, perguntava-me. Como são estranhos os ocidentais!

Entrei cuidadosamente para o avião, evitando os olhares dos homens. São alemães, tentei convencer-me, não são americanos. Mas quem sabe, pensei, talvez Edgar Allan Poe fosse de origem alemã. São todos anglo-saxónicos, não é assim? Assassinar Xerazade – que ideia horrível.

Sentir-me-ei mais segura na Europa latina?

97 Hiam Aboul-Hussein e Charles Pellat, *Cheherazade, Personnage Littéraire*, Algiers: Société Nationale d'édition et de Diffusion, 1976, p. 20.

98 Introdução a *Le Livre Des Mille Et Une Nuits*, trad. de J.C. Mardrus, Robert Laffont, Paris, 1980, p. vi.

99 Husain Haddawi, introdução à sua tradução de *As Mil e Uma Noites*, Norton and Co., Nova Iorque, 1990, p. xiv.

100 «*Le 2 Février 1709. Je prêtai mon IX volume des* Mille et Une *Nuits* à *Melle de Versamont* à *fin qu'elle en fît la lecture avec Mme la duchesse de Brissac…*» Introdução de Jean Gaulmer às *Mil e Uma Noites*, traduzidas por Antoine Galland, Édition Garnier-Flammarion, Paris, 1965, Vol. III, p. 12.
101 Lynn Thornton, *La Femme dans la Peinture Orientaliste*, ACR Éditions, Paris, 1985. Traduzido do inglês por Jerôme Coignard, p. 6 e p. 256.
102 Antoine Galland confessou no seu diário que preferia a filosofia de Gassendi à de Descartes. «*Il avait, nous dit son journal, 'Plus de goût pour la philosophie de Mr Gassendi que pour celle de Descartes'.*», *in* Galland, *Les Mille et Une Nuits*, *op. cit.*, Vol. III, p. 5.
103 Tradução das *Mil e Uma Noites* de Hussain Haddawi, *op. cit.*, p. 66.
104 Haddawy, *op. cit.*, p. 70.
105 Haddawy, *op. cit.*, p.71.
106 *Ibidem.*
107 *Ibidem.*
108 Joan Acocella, *Secrets of Nijinski*, *in The New York Review of Books*, Jan. 14, 1999, p. 54.
109 Gaylyn Studlar, *Out-Salomeing Salome, in Visions of the East: Orientalism in Film*, Rutgers, N. J.: Rutgers University Press, 1997, p. 116.
110 Robertson Smith, *The Religion of the Semites*, Schocken Books, Nova Iorque, 1972, p. 57.
111 «As encenações de *Cleópatra*, *Thamar e Xerazade* pelos Ballets Russes de Sergei Diaghilev, que percorreram os Estados Unidos na década de 1910, tiveram uma influência decisiva em todo o cinema, especialmente nas encenações dos filmes de tendência orientalizante», escreve Matthew Bernstein, *in Visions of the East: Orientalism in Films*, *op. cit.*, p. 4. A enorme influência dos Ballets Russes sobre Hollywood está bem descrita por Gaylyn Studlar em *Out-Salomeing Salome*, no mesmo livro.
112 Studlar, *op. cit.*, p. 116.
113 Matthew Bernstein, *op. cit.*, p. 11.
114 Yvonne Knibiehler e Régine Goutalier, *La femme au temps des Colonies*, Stock, Paris, 1985. A citação exata encontra-se na p. 25.
115 Mme A. R. de Lenz, *Pratique des Harems Marocains: sorcellerie, médecine, beauté*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris, 1925.
116 Knibiehler e Goutalier, *op. cit.*, p. 25.

CAPÍTULO 6

INTELIGÊNCIA VERSUS *BELEZA*

Poe assassinou Xerazade de um modo horrível em «O Milionésimo Segundo Conto de Xerazade», e chegou mesmo a afirmar que ela sentira um prazer perverso na sua morte: «Sentiu, contudo, um grande consolo enquanto lhe apertavam o laço…»[117]. Na história de Poe, Xerazade informara-se acerca das mais recentes descobertas científicas ocidentais, incluindo sofisticados telescópios, o telégrafo elétrico e o daguerreótipo. Mas o rei achou as descobertas tão inacreditáveis, que a condenou como mentirosa[118]. «Para», disse-lhe o rei. «Não quero ouvir mais nada, acabou-se. Já me fizeste uma dor de cabeça terrível com as tuas mentiras…Tomas-me por parvo? Vendo bem, chegou a hora de te mandar estrangular»[119]. Para homens ignorantes, as descobertas científicas menos comuns soavam como fictícias, daí o famoso subtítulo de Poe: «A verdade é mais extraordinária do que a ficção»[120].

A ideia original de Poe – fazer de Xerazade uma divulgadora *avant-garde*, que informasse os muçulmanos acerca das descobertas científicas do Ocidente em 1845 – teria fortalecido o poder militar do rei Xariar, permitindo-lhe acabar com a ocupação dos países muçulmanos pelos ocidentais. Foram as descobertas científicas que ajudaram o Ocidente a equipar os seus exércitos e a ocupar os territórios muçulmanos durante todo o século XIX. Quando, em 1801, Napoleão levou a cabo com sucesso a fulminante segunda invasão do Egito, a vitória ficou a dever-se mais ao pequeno grupo de cientistas que o acompanhavam do que ao exército regular.

Na história de Poe, Xerazade manda Simbad, agora semirreformado, descrever-lhe os últimos feitos tecnológicos que testemunhou durante as suas viagens – invenções como as máquinas dos comboios e poderosos telescópios que revelam os segredos das estrelas. Se Xariar a tivesse escutado, o mundo muçulmano teria avançado mais rapidamente e a nossa Xerazade teria sobrevivido. Em vez disso, Poe acaba traindo Xerazade ao fazer-nos associá-la a Maquiavel, e pior ainda, a Eva. A corrupta Eva, tão essencial para o cristianismo, não existe para o Islão, que tem uma visão muito menos misógina da Queda. A serpente que tenta Eva na Bíblia, por exemplo, não existe no Corão[121].

Para nos indispor e criar suspeitas em relação a Xerazade, Poe adverte que não só a «donzela política» lera Maquiavel, como, «…sendo descendente direta da linha genealógica de Eva, tinha provavelmente herdado os sete cestos da tagarelice que, como todos sabemos, essa senhora apanhou debaixo da árvore do jardim do Paraíso…»[122]. E, como se isso não bastasse, Poe decide exagerar o potencial diabólico de Xerazade, ao ponto de fazer Eva parecer uma principiante: «Ao mencionar que Xerazade herdara os sete cestos da tagarelice, eu devia ter acrescentado que os pôs no banco a render a prazo até perfazerem setenta e sete.»[123] Carregando um tal fardo, não admira que a narradora esteja condenada. Mas para mim, mais chocante ainda é o facto de a Xerazade de Edgar Poe aceitar de bom grado a própria morte! Não foge, nem tenta dissuadir com palavras o seu mórbido marido. Não! Aceita a morte passivamente: «Como sabia que o rei era de uma escrupulosa integridade e completamente incapaz de voltar com a palavra atrás, resignou-se de boa vontade ao

próprio destino»[124].

A submissão de Xerazade à própria morte perturbou-me de tal modo que, ao chegar a Paris, quase não consegui prosseguir com a promoção do meu livro. Estava a identificar-me com a terrível situação de Xerazade. A mulher muçulmana de hoje é muito como ela: as palavras são as únicas armas que lhe restam para se defender dos ataques de que é alvo. Os homens muçulmanos podem dar-se ao luxo de serem fatalistas, mas as mulheres não. Antes de consentir em morrer, uma mulher muçulmana deve lutar – assim disse Xerazade. A minha avó Yasmina repetiu-mo muitas vezes, e para mim é uma verdade sagrada. Veja-se o que aconteceu no Irão a seguir à Revolução Islâmica: as mulheres iranianas transformaram-se em intrépidas combatentes de rua. Haleh Esfandiari, antiga investigadora do Woodrow Wilson International Center para Bolseiros, que trabalhou como jornalista no seu Irão natal, escreve: «Adquiriram uma nova consciência de si próprias como mulheres ao recusarem-se a deixar-se intimidar ou assustar pelas autoridades, ao envolverem-se numa luta quotidiana pelo direito ao trabalho, ao aprenderem a desenvolver estratégias subtis para resistirem ao código no vestir, e ao lutarem nos tribunais pelo direito ao divórcio»[125].

Durante a minha viagem, apercebi-me realmente de como sou frágil e dos muitos medos que tenho. Contudo, aprender a transformar os medos numa iniciativa para o diálogo é uma força que partilho com a minha contadora de histórias medieval. Sim, vivo e respiro no novo milénio e possuo muitos aparelhos modernos, incluindo um computador e um automóvel, mas o meu medo da violência não é diferente do que sentia a medieval Xerazade. Como ela, tenho de enfrentar desarmada a ameaça quotidiana da violência política, e só as palavras podem salvar-me. Foi por isso que o destino da Xerazade americana me aterrorizou tanto, e a razão pela qual, à chegada a Paris, quase não conseguia admirar o rio Sena que corria ondulando, plácido e digno. «É isto o que o medo faz», pensei. «Torna-nos cegos às belezas do mundo.»

Decidi então submeter-me àquilo a que chamo a «psicoterapia árabe» – que significa apenas falar ininterruptamente das próprias obsessões, mesmo que as pessoas não ouçam nem mostrem interesse. Um dia, alguém acabará por nos dar uma resposta sensata, que nos poupará à maçada e à despesa do internamento num hospital psiquiátrico. O único senão deste método é perder uma quantidade de amigos. Por pouco não perdi a amizade de Christiane, a minha editora francesa, cujas opiniões tenho em grande consideração. Christiane repetia-me constantemente que eu estava a sabotar a promoção do livro, falando sempre de Edgar Allan Poe. «Se não te concentras em ti própria quando és entrevistada pelos jornalistas, não esperes que sejam eles a fazê-lo por ti», disse. «O mais natural é acabarem a escrever sobre Poe e esquecerem o teu livro.» Prometi várias vezes a Christiane que me controlaria, mas claro que não o consegui, e continuava a divagar sobre Poe e sobre o enigma do harém ocidental quando conheci Jacques, que me tratou como se eu fosse uma criança, pondo todas as cartas na mesa.

– Vamos lá concentrar-nos na minha entrevista primeiro – sugeriu –, para que eu possa escrever alguma coisa na minha revista e ganhar o meu ordenado. Depois ajudo-te a analisar a história de Poe e o enigma do harém.

Embora achasse a proposta muito lógica, não consegui evitar uma reação visceral à sua sugestão.

– Estás a falar como um imã ou um califa – disse-lhe. – Só me ajudarás se eu aceitar as tuas condições. Importas-te de reformular a frase de maneira mais democrática, e ser mais explícito acerca das condições que tens em mente?

– Sim, posso ser mais explícito sobre as condições – disse Jacques. – Farei o possível por te ajudar apresentando-te o meu harém privado. Primeiro dou-te um livro para ler, e depois levo-te a dois museus para que conheças as minhas odaliscas favoritas. Mas em troca deste meu precioso contributo, tens de me apresentar Harun al-Rashid e o seu harém. Como é que um califa como ele se comporta com o seu harém? Penso que uma comparação pragmática entre o meu harém e o de Harun al-Rashid poderá contribuir para o esclarecimento de ambos.

Concordei, pensando que não seria uma tarefa difícil apresentar Jacques a Harun al-Rashid. Como muitas árabes que conheço, sinto-me terrivelmente atraída por esse «déspota *sexy*», como Kemal lhe chama, e já devorei todas as fontes medievais que descrevem as suas aventuras dentro e fora do harém. Sei tudo sobre ele, desde o que gostava de comer na Bagdade do século IX, à maneira de vestir e, evidentemente, todos os pormenores sobre a sua vida amorosa. Para refrescar a minha memória só precisava de algumas horas na Biblioteca Nacional de Paris, onde se encontram os mais preciosos manuscritos árabes, roubados pelos generais franceses durante a colonização. Estava absorta na ironia da ligação entre colonização e circulação do saber, quando Jacques me chamou à realidade.

– Agora, para reformular a minha sugestão mais democraticamente – disse, acariciando a elegante gravata *Kenzo*. – Este é um pedido que tenho de fazer, embora talvez possa não te agradar. O que é divertido numa colaboração como esta, para um cidadão francês como eu, desfalcado pelos pesados impostos da República, é falar como Harun al-Rashid.

– O que quer isso dizer? – perguntei, desconfiada.

– Quer dizer que não me interrompes quando eu disser qualquer coisa errada – respondeu Jacques solenemente. – Apontas as tuas correções num *post-it* amarelo e dás-mas discretamente alguns minutos depois.

Não pude evitar uma gargalhada, de tal modo me era familiar esta linha de conduta: os homens marroquinos também expõem muitas vezes a sua vulnerabilidade para conseguirem o que querem. Será esta uma característica comum a todos os homens mediterrânicos?, pensei, enquanto procurava em Jacques traços mediterrânicos, mas sem encontrar nenhum. Era um homem elegante, de cerca de cinquenta anos, alto e magro mas com uma sensual maçã de Adão orgulhosamente saliente, patilhas bem definidas, e olhos cínicos tão azuis que pareciam de um *jinii*[126]. Explicou-me, no entanto, que os olhos não se deviam a um parentesco com *jinii*, mas à sua Bretanha natal. E a expressão cínica que eu observara era, com toda a probabilidade, o resultado de «dois divórcios no passado, e muitas deceções no futuro». Confessou então que Christiane, a minha editora, seria a sua odalisca ideal, se não fosse tão vaidosa e convencida. Quando lhe pedi que fosse mais explícito, explicou que ela atraía a atenção de dúzias de homens, que viviam completamente hipnotizados por ela.

– A maior parte dos seus autores masculinos estão mais ou menos apaixonados por ela – continuou. – E nós também, os jornalistas, que acorremos a fazer a recensão dos livros que publica só para ter a possibilidade de tomar com ela uma taça de champanhe… Isto pode dar-te uma ideia da extensão do seu harém.

Não há dúvida de que em Paris os homens se sentem muito atraídos pelas profissionais de sucesso. Mas então Jacques explicou-me que não podia suportar a competição, e que o seu ideal seria poder viver com Christiane numa ilha deserta no Pacífico. Sacando da *Arte do Amor*, de Ovídio, um livro que, segundo ele, hoje em dia só os homens parisienses ainda leem, leu em voz alta um poema maravilhoso:

Abençoado o homem que pode arriscar a audaz defesa da sua amada,
Abençoado aquele a quem ela diz: «Sou inocente!» (se isso for verdade.)
Feito de ferro, ou louco, ou um masoquista, não há qualquer dúvida,
Assim é aquele que precisa de prova certa, para além da sombra da dúvida.
Mas eu vi-vos, digo, e estava perfeitamente sóbrio,
Embora ébrio e adormecido me julgassem,
Olhei-vos a ambos, vi-vos fazer movimentos com as sobrancelhas;
Podia interpretar bem o significado dos vossos acenos de cabeça.
E os vossos olhos não estavam mudos, nem os rabiscos que fazíeis sobre a mesa,
Mergulhando os dedos em vinho, cada letra um sinal.
Oh, e aquele falar duplo, sob as inocentes aparências,
Mensagens dadas em código – não julgueis que não entendi bem.[127]

O texto de Ovídio deixou-me perplexa, sobretudo por me soar tão familiarmente árabe. Jacques era exatamente como Kemal – tão inseguro e vulnerável, e contudo irresistível. O poema de Ovídio recordava-me intensamente uma canção popular dos anos 80 do cantor egípcio Abdelwahab, cujas palavras todos os homens do mundo árabe trauteavam quando as suas companheiras chegavam atrasadas:

«Não mintas! Eu vi-vos juntos… (*La takdibi, ini ra'aytukuma ma'an*)».

Cantei a Jacques a canção, que reagiu dizendo-me que as coisas não tinham melhorado muito desde que Ovídio nascera em 43 a.C. E então voltámos ao enigma do harém.

Jacques era formado em História de Arte, e eu estava ansiosa que me levasse aos museus de Paris e me mostrasse as pinturas de haréns que mais admirava. O interesse pelo Oriente proporcionava-lhe, dizia, «a distância necessária para refletir com inteligência sobre a sua condição de parisiense, e para voar para Marraquexe sempre que neva à porta de casa». Na família era o mais novo de três filhos, a seguir a duas irmãs, facto que, segundo ele, Freud consideraria explicar a sua obsessão pelo harém.

Como para muitos homens sensíveis, o sentido de humor funciona para Jacques como uma armadura. E isso dá-lhe o fascínio desarmante que também torna irresistíveis os intelectuais árabes: nunca se pode ter a certeza se estão a brincar ou a falar a sério. Mantêm-nos na dúvida, e quando avançamos e decidimos que estão a falar a sério, descobrimos que não era verdade. Este tipo de homem desencoraja uma mulher de investir muito nele. Não é invulgar um homem árabe fazer com que nos abramos como uma rosa, repetindo três vezes seguidas que somos fascinantes, e esquecer-nos completamente trinta minutos depois. Concluir que está loucamente apaixonado por nós é uma atitude suicida.

Quando discuti com Christiane o fascínio de Jacques, ela alertou-me. – Como jornalista, tem um certo impacto – disse. – Sempre que faz a recensão de um livro, milhares de franceses acorrem a comprá-lo. Mas como homem, não confiaria nele. – Quando lhe pedi que se explicasse melhor, sem mencionar, evidentemente, o projeto secreto de Jacques de a raptar para uma ilha deserta, ela disse que os editores trabalhavam em estreito contacto com os jornalistas: – Formamos um harém

moderno mesmo aqui no centro de Paris, minha querida. – Insisti que fosse mais explícita, e ela respondeu que Jacques era um homem ridiculamente ciumento, que tinha problemas em se entender com uma mulher moderna. Era «un macho sympathique». Então consegui fazer rir Christiane, contando-lhe que em Rabat me sinto à vontade com os *machos* que manifestam abertamente os seus sentimentos negativos para com as mulheres.

– São os outros que me fazem suspeitar e me põem quase em estado de paranoia – expliquei.

Depois desta conversa com Christiane, decidi ir por diante com as condições de Jacques. Deixei que me crivasse de perguntas na entrevista que me fez para o seu artigo, e fiquei aliviada quando este apareceu publicado na data prevista. Jacques começou então a minha iniciação ao seu harém. O primeiro passo foi obrigar-me a ler um misterioso livro que me deu num café na rue de Rivoli, em frente ao Louvre.

– Este é o café ideal para intelectuais masoquistas – disse. – Tem luxuosas banquetas em pele vermelha, tetos altos que atenuam o barulho, e um bom *espresso* forte. Venho buscar-te daqui a duas horas para te apresentar a minha primeira odalisca. Duas horas devem ser suficientes para leres o livro todo.

O livro que me deu era *Observações sobre o Sentimento do Belo e do Sublime*, de Immanuel Kant. O único modo de compreender os ocidentais é ler os seus filósofos, disse-me. Depois perguntou-me se eu conhecia Immanuel Kant. Como nunca minto para ocultar a minha ignorância, porque fazê-lo é perder oportunidades fantásticas de aprendizagem, confessei corajosamente que nunca o tinha lido. Sabia apenas que era alemão, e um pensador importante que todos os europeus cultos citavam com frequência. Jacques ficou surpreendido com a minha ignorância e perguntou-me o que é que era obrigatório ler na escola secundária. Respondi que a minha instrução elementar consistira principalmente em aprender de cor o Corão, e os anos de escola secundária tinham sido passados a recitar poesia pré-islâmica. As oportunidades de conhecer Immanuel Kant na minha Fez natal eram portanto praticamente nulas. Jacques riu-se e acrescentou que talvez tivesse sido uma coisa boa, porque Kant não era particularmente simpático com as mulheres. Era, no entanto, indispensável para compreender a razão que levara Poe a assassinar a minha contadora de histórias, e um bom ponto de partida para começar a explorar o enigma do harém ocidental.

Para Kant, o cérebro de uma mulher «normal» está programado para o «sentimento delicado». Deve por isso desistir «da compreensão profunda, das especulações abstratas, ou áreas do conhecimento úteis, mas áridas» e deixá-las para os homens. Kant escreve: «O conhecimento exaustivo, mesmo que uma mulher consiga adquiri-lo, destrói as qualidades próprias do seu sexo e, em virtude da sua raridade, pode torná-la objeto de uma admiração fria; mas ao mesmo tempo enfraquecerá os atrativos com os quais exerce o seu grande poder sobre o outro sexo»[128]. A descoberta da cisão que Kant faz entre beleza e cérebro, ao princípio, assustou-me imenso. Que escolha terrível entre beleza e inteligência tinham de fazer as mulheres da Europa de Kant, pensei. É uma escolha tão cruel como a ameaça dos fundamentalistas: ou vais com véu e segura, ou sem véu e és agredida. Apetecia-me deitar fora aquele livro perturbador e gozar simplesmente o café parisiense, sem pensar obsessivamente porque é que, em toda a parte, homens e mulheres têm tanta dificuldade em serem felizes juntos. Mas então recordei mais uma vez as palavras da avó Yasmina: viajar não é uma oportunidade para se divertir, mas sim para aprender, atravessar fronteiras, superar o medo dos estrangeiros, fazer o esforço para compreender outras culturas e através disso adquirir poder. As viagens ajudam-nos a compreender quem somos, e até que ponto somos condicionados

pela nossa própria cultura.

A leitura de Immanuel Kant abriu-me novos horizontes. Sentada naquele café da rue de Rivoli, nessa manhã memorável, vieram-me à mente perguntas novas sobre o Ocidente e o Oriente, perguntas que mais tarde partilhei com Jacques e Christiane, os meus mentores parisienses.

A mensagem de Kant é bastante elementar: a feminilidade é o belo, a masculinidade é o sublime. O sublime é, obviamente, a capacidade de pensar, de se elevar acima dos animais e do mundo físico. E é bom ter bem presente esta distinção, porque uma mulher que se atreva a ser inteligente é imediatamente punida: é uma mulher feia. O tom do livro de Kant é tão agreste como o do imã muçulmano. A única diferença entre um imã e Kant, considerado «o nome máximo do Iluminismo germânico»[129], é o facto de para o filósofo a fronteira não se referir à divisão do espaço em áreas privadas (reservadas às mulheres) e públicas (reservadas aos homens), mas em beleza (mulheres) e inteligência (homens). Ao contrário de Harun al-Rashid, um califa que equacionava beleza com erudição, e pagava somas astronómicas para ter no seu harém *jaryas* de espírito brilhante, para Kant a mulher ideal não falava. Porque na opinião de Kant, não só um saber profundo diminui o fascínio feminino, como exibi-lo mata completamente toda a feminilidade: «Uma mulher que tem a cabeça cheia de grego, como Madame Dacier, ou que entra em empenhadas controvérsias sobre a mecânica, como a marquesa de Châtelet, até podia ter uma barba»[130]. Madame Dacier (1654-1720) traduziu para francês a *Ilíada*, a *Odisseia* e outros clássicos gregos e latinos, e a marquesa de Châtelet, companheira de Voltaire, recebeu em 1738 um prémio da Academia Francesa das Ciências por ter escrito um ensaio sobre a natureza do fogo[131].

Senti que tinha descoberto uma diferença radical entre o Oriente e o Ocidente. Tanto quanto posso recordar-me, na minha infância disseram-me sempre, diretamente quando cometia um erro, ou indiretamente através de uma história, que uma mulher estúpida não chegava a lado nenhum. Pensei em Tawaddud, uma maga das ciências e uma das heroínas de Xerazade. E Yasmina, que era analfabeta, pedia com frequência a uma das minhas primas mais velhas e instruídas que me lessem esse conto, para ficar segura de que eu entendera corretamente a mensagem:

> O califa pergunta a Tawaddud:
> – Como te chamas? – Ao que ela responde:
> – O meu nome é Tawaddud. – A seguir ele inquire:
> – Tawaddud, em que áreas do conhecimento és mais versada? – Ao que ela responde:
> – Oh, meu Senhor, sou versada em sintaxe, em poesia, jurisprudência, exegese e filosofia; sou muito hábil na música e no conhecimento da lei divina, em aritmética e geodesia e geometria e nas fábulas dos antigos… e estudei as ciências exatas, geometria e filosofia e lógica e retórica e composição; e aprendi muitas coisas de cor e gosto apaixonadamente de poesia. Sei tocar alaúde e conheço todas as suas escalas, com todas as notas e notações e crescendos e diminuendos. Quando canto e danço, seduzo, e quando me visto e perfumo, impressiono. Em resumo, atingi um tal cúmulo de perfeição, que só posso ser apreciada por aqueles em quem o saber está profundamente enraizado.[132]

Neste diálogo entre senhor e escrava, Tawaddud está a tentar vender-se. Os poucos minutos de

atenção que o califa lhe concede são a sua oportunidade de competir, não só com as outras mulheres do harém, mas também com todos os estudiosos e artistas masculinos que pululam no palácio na esperança de entreterem o califa. Uma mulher de harém não tinha outra alternativa senão investir no intelecto. Seguir o conselho de Kant, e cultivar a mediocridade intelectual, seria um suicídio.

Segundo Kant, as mulheres não deviam estudar geometria, nem astronomia, nem história – disciplinas consideradas vitais para qualquer ambiciosa beleza do harém que quisesse estar à altura do seu califa. Escreve o filósofo: «O seu fascínio não diminui mesmo que não saibam nada do que Algarotti expôs, em seu benefício, acerca da força da atração gravitacional da matéria, segundo Newton»[133]. Algarotti era um conde que em 1736 escreveu uma versão simplificada da ótica de Newton, «Neutonionismo per le Dame», dirigido às mulheres, partindo do princípio que eram incapazes de digerir o original.

Além da matemática, a história e a geografia eram as outras duas disciplinas que, de acordo com Kant, podiam destruir a beleza de uma mulher: «No estudo da história não deverão encher a cabeça com batalhas, nem em geografia com fortalezas; a pólvora adapta-se tão pouco a elas quanto o perfume do almíscar aos homens»[134].

E quanto à geografia, uma mulher deve saber apenas o suficiente para manter uma conversa de salão, mas nunca desenvolver conhecimentos profundos: «Fica bem que uma mulher se mostre interessada numa carta geográfica que represente o globo terrestre na totalidade ou nas suas partes principais… Mas não tem qualquer importância que saiba ou não em que partes se subdividem os países, quais as suas indústrias, potência, e quem são os seus soberanos. Também sobre o cosmos não é necessário que conheçam mais do que é suficiente para tornar estimulante a visão do céu numa bela noite, no caso de serem capazes de conceber a existência de outros mundos e que neles possam ainda vir a ser encontradas outras belas criaturas»[135].

Ao ler isto, pensei como era estranho que no Oriente medieval déspotas com Harun al-Rashid apreciassem escravas com uma inteligência provocatória, enquanto no iluminado século XVIII europeu, filósofos como Kant sonhavam com mulheres quietas e mudas! Uma fratura tão bizarra entre razão e sentimento! No Ocidente iluminista de Kant, o mundo não é povoado por uma raça única de humanos que partilham a capacidade de sentir e pensar, mas por duas categorias distintas de criaturas: as que sentem (as mulheres), e as que pensam (os homens). No seu Ocidente iluminista, uma mulher é uma criatura cuja «filosofia não é raciocinar, mas sentir»[136].

O que significa tudo isto?, perguntava-me sentada naquele café. Será este o motivo por que Poe assassinou Xerazade? Será por isto que os homens ocidentais se mostram tão satisfeitos nos seus haréns?

E, contudo, Poe concede a Xerazade um cérebro excecional. Três anos antes, Théophile Gautier também tinha matado Xerazade no romance *La Mille et Deuxième Nuit* (1842). Mas matou-a porque ela tinha perdido a inspiração[137]. Poe matou-a porque ela sabia de mais.

Porque será que os homens ocidentais e orientais sonham com ideais de beleza tão diferentes, e o que é que nos revela o ideal de beleza acerca de uma cultura?

Como é possível que um ocidental progressista como Kant, que se preocupava tanto com o avanço da civilização, quisesse uma mulher com o intelecto paralisado?

Poderia pôr-se a hipótese de a atual violência para com as mulheres no mundo muçulmano se dever ao facto de lhes ser reconhecido um cérebro em atividade, enquanto no Ocidente são com frequência consideradas incapazes de um raciocínio profundo ou analítico?

Ao pensar nisto, senti-me repentinamente muito mal. Estava com palpitações. Olhei para fora para ver se Jacques estava a chegar, mas recordei-me que, tal como os homens marroquinos, estava sempre atrasado. Olhei para o relógio: faltavam quinze minutos para o nosso encontro. «Sei porque me sinto mal», pensei, «deve ser cinquenta por cento por causa de Kant e cinquenta por cento pelos três *cafés-serrés* que bebi». Esqueço-me sempre que no Ocidente tudo é sempre muito mais forte, a começar pelos cafés. Era capaz de ter de consultar um médico por causa das palpitações. Seria um grande percalço ter um enfarte em França, porque gostaria de ser enterrada em Temara Beach, perto de Rabat. Lembrei-me em seguida que não fizera testamento escrito nem comprara sepultura, ao contrário do que é tradicional em Fez. Tudo o que tinha era o «Maroc-Assistance», um seguro que me repatriaria por mar se morresse num país cristão. Afastei estes pensamentos deprimentes, e pensei que era melhor tratar destes assuntos quando regressasse. Mas entretanto, como diria Yasmina, «Uma mulher deve começar pelas coisas mais simples. Eliminar as pequenas coisas que pode controlar». Por isso pedi uma saudável *Orange Pressée*, e começava a recuperar quando Jacques apareceu.

O nosso primeiro destino foi o Museu do Louvre, onde habita a mais velha odalisca de Jacques, e o segundo, o Museu do Centre Pompidou, a casa da mais jovem.

– Não tenho a sorte dos califas, que hospedavam todas as amadas num só harém – disse Jacques. – Em Paris, um homem é forçado a visitar com regularidade vários museus para reunir o seu harém.

Antes de entrar no Louvre, Jacques trocou a colorida gravata *Kenzo* por um laço escuro. – Um homem deve estar extremamente elegante e irresistivelmente belo quando entra no seu harém – disse, e depois atravessou com pose real a entrada do museu.

117 Edgar Allan Poe, «The Thousand and Second Tale of Sheherazade», *in Tales of Mystery and Imagination*, Everyman's Library, Londres, 1998, pp. 332-349.

118 Para os pormenores acerca das descobertas científicas descritas por Poe, ver *op. cit.*, notas 6 e 7, p. 346 e nota 3, p. 348.

119 *Ibidem*, p. 349.

120 *Ibidem*, p. 332.

121 D. Sidersky, *Les Origines des Légendes Musulmanes dans le Coran*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris, 1933, p. 14. Para os versículos do Corão relacionados com a Queda, ver Surata 7:18-22 e Surata 20:121.

122 Poe, *op. cit.*, p. 334.

123 *Ibidem.*

124 Poe, *op. cit.*, p. 349.

125 Haleh Esfandiari, *Reconstructed Lives: Women and Iran's Islamic Revolution*, The Woodrow Wilson Center Press, Washington, D.C., 1997, p. 7.

126 *Jinni*, *djinni*, ou *jinn*: espírito da mitologia muçulmana que pode assumir a forma humana ou animal e influenciar os homens através de poderes sobrenaturais. *(N. do T.)*

127 Ovídio, *The Art of Love*, tradução de Rolfe Humphries, Indiana University Press, Bloomington, Ind., 1957, p. 46.

128 Immanuel Kant, *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime*, traduzido do alemão por John T. Goldthwait, University of California Press, Berkeley, Calif., 1991, p. 79.

129 Kant, *op. cit.*, p. 2.

130 Kant, *op.cit.*, p. 79.

131 Kant, *op. cit.*, notas 1 e 2, p. 121.

132 «The Story of Abu al Husn and his Slave Girl Tawaddud», de *The Book of the 1001 Nights and a Night*, traduzido por Richard F. Burton, Burton Club for Private Subscribers, Londres, 1886, Vol.V, pp. 193-194.

133 Kant, *op. cit.*, p. 79.

134 *Ibidem.*

135 Kant, *op. cit.*, p. 80.

136 Kant, *op. cit.*, p. 79.

137 Théophile Gautier, *La Mille et Deuxième Nuit*, Le Seuil, Paris, 1993, p. 256. Gauthier não só transformou Xerazade numa narradora estéril que perdeu a inspiração, como a fez vir a Paris para lhe pedir que escrevesse novos contos para ela. Mas o rei não gosta da história que Gautier escreveu, e Xerazade é morta, tal como as noivas anteriores.

CAPÍTULO 7

O HARÉM DE JACQUES – BELEZAS DESPIDAS… E MUDAS

Uma vez chegados ao Louvre, Jacques tornou-se muito solene e disse que agora tínhamos de seguir o ritual do seu harém sagrado.

– Primeiro vou visitar os meus haréns no banho – disse – para poder ver todas as minhas belezas juntas. Assim torna-se mais fácil contá-las para ter a certeza que nenhuma se escapou. Depois visito a minha favorita e admiramo-nos mutuamente, imperturbáveis.

Compreendi que não devia fazer muitas perguntas para não interromper o seu sonho, e segui-o discretamente até ao andar superior. Ali, ele parou em respeitoso silêncio diante do *Banho Turco* de Jean-Auguste-Dominique Ingres, onde, desde 1862, mais de vinte odaliscas nuas chapinham na piscina privada de um palácio. A atmosfera descontraída e serena da pintura pareceu-me familiar, lembrando-me o *hamman*, ou banhos públicos, que frequento quando quero esquecer um pouco as investigações e as disputas académicas. Ingres, que nunca pôs os pés no Oriente, tinha contudo conseguido captar a mais importante sensação do banho, essa simples e pura sensualidade que acontece quando tiramos as roupas e nos sentamos imóveis numa sala quente com vapor.

Os *hammans* floresceram no mundo islâmico e muito em especial na Bagdade medieval. No século XI, o estudioso Hilal al-Sabi tentou averiguar quantos banhos havia na cidade e ficou estupefacto com os números astronómicos fornecidos pelas pessoas que entrevistava. «Há muitos, quer nas classes altas quer no povo, que estimam haver 200 000 ou mais», escreveu. «Alguns dizem que existem 130 000, outros 120 000…» Mais tarde, depois de muitos cálculos complicados, o autor assentou em 60 000 como o número mais provável[138].

Conseguir obter um prazer imenso apenas pela mera limpeza do corpo, e transformá-la num ritual sensual, é uma das maiores diferenças entre as culturas muçulmana e cristã. Mimar-se a si próprio num *hamman*, massajando durante horas a pele fatigada com o fragrante *ghassoul* (lama perfumada com ervas), não tem nada a ver com o mundo asséptico da sauna ocidental, que uma vez experimentei em Estocolmo, na Suécia. Ali, não me atrevi a pôr o *ghassoul*, porque tudo estava tão limpo como uma sala de operações.

Desde os primórdios, o Cristianismo condenou o banho como um «pecado de luxúria». «O que dizer daqueles que frequentam os banhos promíscuos, que prostituem, com olhares ávidos de luxúria, corpos destinados à castidade e à modéstia?», admoestava Cipriano, bispo de Cartago, no longínquo ano 200 d.C. «Estas lavagens em público não purificam nem limpam os membros, antes os conspurcam»[139]. É certo que, na época de Cipriano, homens e mulheres frequentavam os banhos em conjunto, uma herança da tradição romana, quando os banhos «se tornaram em pouco mais do que bordéis bem-comportados»[140]. Mas esta associação entre banhos públicos e promiscuidade está totalmente ausente na cultura muçulmana, onde, desde o princípio, foi regra a estrita separação entre os sexos. Na Bagdade medieval, a ênfase no banho tinha como finalidade a limpeza do corpo com uma sensualidade narcisista que excluía dar atenção aos outros.

Em *As Mil e Uma Noites*, abundam descrições de banhos como rituais de preparação para atos significativos como atravessar novas fronteiras, quer no espaço quer no tempo. Quando um viajante entra numa cidade nova, ou uma mulher estrangeira entra pela primeira vez num palácio, ou quando um jovem se prepara para uma noite de prazer – todos começam as suas jornadas no *hamman*. Considerando que este conceito do banho como ritual de limpeza para prazer pessoal está completamente ausente na cultura cristã, não é surpreendente que muitos artistas ocidentais fossem atraídos por aquilo que consideravam como uma exótica fantasia oriental. De facto, foi apenas com as Cruzadas que os ocidentais descobriram a dimensão puramente higiénica do banho. «Fosse qual fosse a herança da Idade das Trevas da Europa», escreve Fernando Henriques em *Prostitution and Society*, «a ênfase na higiene do corpo não fazia parte dela. Foi só depois das Cruzadas que a Europa, adaptando a ideia do *hamman* oriental, começou a apreciar as vantagens de uma limpeza pública do corpo»[141]. Durante séculos, contudo, nem esta descoberta mudou a atitude estranhamente fóbica dos ocidentais em relação aos banhos. O historiador Norbert Elias tenta explicar esta atitude salientando que muitos ocidentais associavam os banhos ao risco de contraírem doenças muito difundidas na Europa medieval. «A ideia de que a água era perigosa era transmitida de geração em geração», escreve. «Daqui resultavam suspeitas, senão reflexos repulsivos, em relação ao banho e às abluções»[142]. Assim, na mente ocidental, o prazer do banho esteve sempre associado a perigos terríveis, desde o sexo pecaminoso às epidemias devastadoras.

O *Banho Turco* imaginário de Ingres pareceu-me à primeira vista «normal» porque a maior parte das mulheres não se olham entre si, o que também é uma característica do *hamman* oriental. Nós, mulheres muçulmanas, não vamos aos banhos para olharmos para as vizinhas e, no meu caso, não gosto de olhar muito para quem está ao meu lado porque corro o risco de reconhecer uma colega da universidade, ou uma das minhas alunas, ou a mulher do porteiro do meu prédio. A regra nos banhos de Rabat é concentrarmo-nos em esfregar a pele morta com um pano áspero, renovando os óleos com *ghassoul*, para em seguida aplicar uma leve camada de creme de *hena* para dar à pele uma tonalidade bonita. Evita-se falar com as vizinhas, porque isso perturbaria a concentração na sensualidade. Esta atmosfera completamente egocêntrica também é muito forte no *Banho Turco* de Ingres. Cada odalisca olha para um ponto vago do seu narcísico horizonte, completamente centrada em si própria – talvez seja essa uma das razões para as mulheres passarem mais tempo do que os homens nos *hammans*; é o único lugar onde não lhes pedem que sirvam comida ou que prestem serviços a alguém. Mas o que me fez recordar que o *Banho Turco* de Ingres representava para mim qualquer coisa de estranho, foi o facto de duas das mulheres se acariciarem de maneira erótica. Isso seria impossível num *hamman* marroquino pela simples razão de ser um espaço público, onde frequentemente pululam dúzias de crianças barulhentas. O prazer erótico, em Marrocos, pertence aos preciosos espaços privados. Como muitos dos meus compatriotas, fico sempre surpreendida quando vejo mulheres e homens ocidentais beijarem-se nas ruas, porque para nós a intimidade erótica não faz parte do espaço público, é um milagre que temos de proteger na mais restrita privacidade. Quando falei nisto a Jacques, que ainda contemplava o Ingres, respondeu que, no que lhe dizia respeito, desde que não houvesse outros homens à vista, no seu *hamman* as mulheres podiam fazer o que lhes apetecesse. – Fatima – disse –, deves compreender que, quando entro no meu harém, mesmo as mulheres que estão a acariciar-se param imediatamente de o fazer e viram-se para mim. É por isso que este quadro me dá tanta alegria.

O harém pintado tem outra vantagem para a qual Jacques me chamou a atenção enquanto

descíamos as escadas em direção à Sala Denon, para ir ao encontro da sua odalisca favorita.

– A economia é uma área em que os ocidentais são mais espertos do que os muçulmanos – disse ele. – O meu harém é pago pela República Francesa. Imagina quanto me custaria se eu tivesse de manter sozinho todas estas mulheres nuas. E os impostos que teria de pagar! Aqui, as pinturas estão a cargo da República, em museus dispendiosos, para que eu possa alimentar a minha fantasia. Tudo o que tenho de fazer é pôr o meu laço sempre que decido visitar estas belezas solitárias que esperam no escuro pelos meus passos.

Ri-me à gargalhada, embora tivesse de me reprimir um pouco porque tínhamos acabado de chegar à dama favorita do harém de Jacques, *A Grande Odalisca* de Ingres, datada de 1814.

Apercebi-me imediatamente de que já a conhecia muito bem – tem sido incessantemente reproduzida nas capas de livros e em revistas de arte como o epítome da beleza erótica. Jacques disse-me que a melhor descrição que alguma vez lera sobre o seu «indescritível» fascínio era a do americano Robert Rosenblum, professor de Belas-Artes na Universidade de Nova Iorque. «Uma ociosa criatura de harém, cujos pés jamais se sujaram ou engelharam pelo uso, a odalisca é provavelmente mostrada em atitude passiva para nosso deleite… Está reclinada num luxo almofadado, acariciada por cetins, sedas, peles e plumas»[143]. Depois Jacques parou de falar e desapareceu num devaneio silencioso, a mão acariciando o laço. Mas não era o único a admirá-la: dúzias de outros homens, muitos deles turistas, admiravam *A Grande Odalisca*, murmurando em todas as espécies de línguas europeias, do finlandês ao croata. O brilho da sua pele sobressaía ainda mais na escuridão da enorme sala de tetos altos, e à parte o turbante e uma pluma com que se abanava, estava completamente nua. O pintor retratara-a de costas, no momento em que voltava a cabeça, como se tivesse ouvido passos atrás de si. Dando-me uma cotovelada, Jacques sussurrou que a combinação da nudez e da vulnerabilidade era um dos segredos do mágico fascínio de *A Grande Odalisca*.

Jacques acrescentou então que o seu encontro com *A Grande Odalisca* fora um dos momentos eróticos decisivos da sua educação sexual. Para a sua geração, disse, ver mulheres nuas na vida real fora quase impossível durante a adolescência. Era através da história da arte que os rapazes viam mulheres nuas pela primeira vez.

– Quando eu tinha onze anos, a Irmã Bénédictine, minha professora na escola católica do nosso bairro, levou-nos ao Louvre num sábado à tarde – disse. – E deve ter notado o meu confuso despertar sexual, porque me sussurrou discretamente ao ouvido: «Queridinho, não olhes tão fixamente para os quadros».

Mas havia qualquer coisa naquela odalisca nua que me perturbava. Nos haréns muçulmanos, expliquei a Jacques, as mulheres não estão nuas. Só os doidos se passeiam nus. Nos haréns, as mulheres andam sempre vestidas – exceto quando vão ao *hamman* – e vestem-se frequentemente como os homens, com calças e túnicas curtas. Os primeiros europeus que tiveram a sorte de serem admitidos na corte de um sultão ficaram muito surpreendidos com as silhuetas andróginas das mulheres. O francês Jean Thévenot, por exemplo, já admirado por ver que as mulheres do harém não andavam de véu, ficou chocado ao descobrir que se «vestiam como os homens», e descreveu pormenorizadamente a agilidade de movimentos que as calças e as túnicas proporcionavam[144].

O primeiro cristão a descrever o serralho de um sultão turco foi Thomas Dallam, enviado pela Inglaterra a Constantinopla em 1599 com uma missão muito especial: assegurar-se de que um precioso órgão, oferta do rei de Inglaterra ao sultão, funcionava bem[145]. Dallam chegou a

Constantinopla em agosto, e durante um mês o sultão permitiu-lhe o acesso diário ao serralho para instalar o instrumento musical. Embora não fosse autorizado a passar para além dos aposentos dos homens, e estivesse proibido de entrar no harém, um dia Dallam conseguiu dar uma olhadela às concubinas do sultão enquanto jogavam à bola no seu pátio bem protegido. E com grande surpresa descobriu que estavam vestidas como homens:

> «Quando me aproximei da grade, a rede era muito apertada e reforçada em ambos os lados por ferros muito fortes; mas através dessa grade vi trinta concubinas do Grande Senhor que jogavam à bola num outro pátio. À primeira vista pareceram-me rapazes, mas quando lhes vi os longos cabelos soltos sobre as costas, entrançados com pérolas e pingentes, percebi que eram mulheres, e na verdade muito belas.»[146]

Estas reações dos primeiros ocidentais aos vislumbres do harém, levaram-me a pensar que no Ocidente os homens confiam mais na moda para marcar a distância entre eles e as mulheres, e usam o vestuário mais conscientemente para realçarem o seu poder. No Oriente, pelo contrário, em países como Marrocos, homens e mulheres ainda hoje usam o traje tradicional (as roupas ocidentais são identificadas com as situações de trabalho) para cerimónias à noite, e as diferenças entre as *djillaba* masculinas e femininas consistem sobretudo nos pormenores e na escolha das cores. Quando expliquei isto a Jacques, ele concordou que acabávamos de descobrir uma das grandes diferenças entre as duas culturas.

– No meu harém, prefiro as mulheres completamente nuas, exatamente como na *Grande Odalisca* de Ingres – disse num tom solene que excluía qualquer espécie de contestação. – Nuas e silenciosas são as duas qualidades fundamentais das mulheres do meu harém.

– Isso é realmente bizarro – ousei comentar quando finalmente deixámos a Sala Denon e nos dirigimos para a saída. – Os homens muçulmanos parecem obter uma espécie de poder viril do facto de obrigarem as mulheres a usarem o véu e agredindo-as nas ruas quando não estão devidamente cobertas por quantidades de *chador* sobre os vestidos comuns, enquanto os homens ocidentais como tu parecem obter um enorme prazer em as despir.

Jacques respondeu que nunca pensara nisso antes, mas concordava que tanto o estar nu como o estar vestido podiam ser chaves importantes para a leitura das diferenças entre o Oriente e o Ocidente, para o modo como os homens imaginam a beleza e o prazer.

– Uma coisa é certa – acrescentou –, a minha Odalisca não pode deixar a sala se eu a privar dos seus vestidos. Não preciso de fechar a porta à chave. Nunca se atreverá a sair cá para fora se eu me certificar de que está completamente nua.

«Além disso – concluiu quando já estávamos no automóvel a caminho do Centro Georges Pompidou para conhecer a última das suas odaliscas favoritas, que vivia no Musée Nationale d'Art Moderne –, privar as mulheres de roupa reduz consideravelmente o custo da sua manutenção num harém em Paris.»

À medida que nos aproximávamos do último membro do harém de Jacques – a *Odalisque à la culotte rouge* (Odalisca de Calças Vermelhas), de Matisse – ele mergulhou mais uma vez num silêncio místico.

– Eis a minha segunda odalisca favorita, a seguir à de Ingres – sussurrou, parando em respeitosa admiração diante do quadro. Fez-lhe uma elegante reverência e virou a cabeça mesmo a tempo de ver os sorrisos da multidão de turistas à nossa volta, que partilhavam do seu prazer. Senti-me triste pela pobre odalisca: com exceção das calças vermelhas que caíam soltas em volta das ancas, não vestia mais nada a não ser uma camisa de *chiffon* completamente aberta que lhe deixava os seios embaraçosamente nus. Deitada sobre um colchão baixo, numa pose vulnerável, com os braços por trás da cabeça e os lençóis caídos à sua volta, parecia totalmente exposta. Tinha um aspeto triste e solitário, absorta nos seus pensamentos.

Disse a Jacques que eu não a descreveria como bela por parecer tão perturbada, e ele concordou que havia qualquer coisa de estranho na sua extrema vulnerabilidade.

–Talvez os homens inseguros como eu sejam atraídos por isso – murmurou entre dentes. – As nossas emoções são tão misteriosas. – Esclareceu depois que precisara de muito tempo para escolher uma favorita entre as numerosas odaliscas que Matisse tinha pintado. Durante algum tempo pensou que a *Odalisque à la cullote grise* (Odalisca de Calças Cinzentas) que vivia num palácio parisiense, não longe dali, o Musée de l'Orangerie, era a encarnação da sedução. Com um sorriso malicioso, Jacques confessou que quando era mais novo, estivera louco pela *Odalisca Sentada com os Braços Levantados* (1923), agora na National Gallery of Art em Washington, D.C.

– Matisse devia ter esgotado o seu stock de *culottes* quando chegou a ela – disse Jacques –, porque está apenas coberta por *chiffon* branco transparente, em volta das ancas. Além disso «usa» um extraordinário olhar sonhador que te dá vontade de a acordar.

Num determinado momento, explicou Jacques, chegara a considerar trocar completamente todos os haréns pelos de Picasso. Surpreendida, confessei que nunca ouvira dizer que Picasso tivesse pintado odaliscas e haréns, e Jacques disse que o harém de Picasso tresandava a sexo bruto. – Entre finais de 1954 e princípios de 1955, Picasso pintou nada menos que catorze haréns e fez vários esboços – disse. – Esses trabalhos são conhecidos como variações sobre as *Femmes d'Algers dans leur Appartement* (Mulheres de Argel nos seus Aposentos)[147], de Delacroix.

No preciso momento em que íamos sair da sala, notei que a *Odalisca de Calças Vermelhas* remontava a 1921, e tive aquilo a que os sufis chamam *lawami'*, ou um lampejo de revelação. Essa data é importante para a história muçulmana por ser o ano em que ocorreu a libertação das mulheres na Turquia, uma parte da luta nacionalista para a libertação. Nos anos 20, quando Matisse pintava mulheres turcas como escravas de harém, Kemal Ataturk promulgava leis feministas que garantiram às mulheres turcas o direito à educação, ao voto e a serem eleitas. Como consequência dessas leis, que viriam a transformar todo o mundo muçulmano, nada menos que dezassete mulheres foram eleitas em 1935 para o parlamento turco. Esse parlamento foi o primeiro a ser democraticamente eleito na história da Turquia, até então sob o domínio da poderosa dinastia otomana.

Ao longo dos anos vinte, a Turquia fora palco de uma luta radical travada por um movimento chamado «Jovens Turcos», que combatia contra três coisas entendidas como estreitamente ligadas: despotismo, sexismo e colonização. O movimento «Jovens Turcos», liderado por Kemal Ataturk, atribuía ao despótico governo do sultão a culpa pelo «atraso» muçulmano, que levara à invasão desses países pelos exércitos ocidentais. O movimento atacava também os haréns e a reclusão das mulheres, dizendo que mães iletradas só podiam criar filhos e filhas impreparados. Os «Jovens Turcos» baniram o harém em 1909, e o sultão teve de abrir as portas e libertar as suas ex-escravas, agora cidadãs da primeira república da história muçulmana. O código civil turco adotado em 1926

também bania a poligamia, dava igualdade de direito de divórcio, e concedia a custódia dos filhos tanto aos homens como às mulheres. A libertação das mulheres teve lugar logo a seguir, bem como o direito ao voto nas eleições locais de 1930, e nas eleições nacionais de 1934[148].

«Kemal Ataturk dirigiu uma campanha contra o véu e forçou reformas feministas como componente estratégica para a construção de um estado nacional entre os países do Médio Oriente e da Europa», escreve Denitz Kandiyoti, um dos principais especialistas turcos sobre as mulheres[149].

Esta ligação entre democratização e feminismo como caminho para pôr fim à colonização teve repercussões em todo o mundo muçulmano, de Marrocos ao Paquistão, e deu lugar a um correspondente empenho na promoção e instrução das mulheres. As primeiras escolas marroquinas para raparigas, que eu frequentei, abriram em 1940, e foram o resultado de idênticos movimentos nacionalistas. As reformas e os sucessos militares de Ataturk conseguiram também evitar o avanço da Europa sobre os territórios turcos, pelo que ele passou a ser considerado por muitos como um herói. Em consequência, as passivas mulheres turcas que Matisse pintou nos anos 30 são mais francesas do que turcas, e existiam apenas nas suas fantasias.

Todavia, pensei desanimada enquanto estudava o quadro, a odalisca pintada pelo francês parece mais poderosa do que a realidade, porque mesmo hoje, oitenta anos após Ataturk, muitos ocidentais ainda acreditam que no Oriente as coisas nunca mudam. Acreditam que os muçulmanos, homens e mulheres, nunca sonham com reformas ou aspiram à modernidade.

Continuei a fixar a data de 1921, escrita ao lado da *Odalisca de Calças Vermelhas*, estupefacta com a ideia de que uma pintura ocidental, uma imagem criada por Matisse, pudesse manter as mulheres turcas na escravatura, quando na realidade histórica estavam a entrar na política e nas profissões. Seria possível que uma imagem tivesse mais poder do que a realidade?, perguntei-me. Será a realidade assim tão frágil?

A ideia da imagem como uma arma que imobiliza o tempo e desvaloriza a realidade fez-me sentir muito desconfortável. Se o Ocidente tem o poder de controlar o tempo através da manipulação das imagens, pensei, então quem somos nós, se nem sequer somos capazes de controlar as nossas próprias imagens? Quem sou eu – e quem faz a minha imagem? Não pude sequer começar a responder a estas interrogações e, uma vez que certas verdades precisam de tempo para serem digeridas, tentei descontrair-me, passando um dia inteiro a contemplar o magnífico Sena. Mereço isso, pensei, esquecer todas estas meditações bizarras e fruir, simplesmente, a sensação voluptuosa de estar viva. Muitas mulheres perderam a coragem para serem felizes porque ficaram bloqueadas pela análise obsessiva da sua situação.

Nessa tarde memorável com Jacques, vi com clareza a ligação invisível entre três coisas aparentemente distintas: o ideal de beleza sem intelecto de Kant, o poder das imagens pintadas, e os filmes ocidentais. As três são armas poderosas usadas para dominar as mulheres no Ocidente, e a imagem é uma maneira de imobilizar o tempo. Não interessa se, na realidade, nos anos 20 as mulheres estavam a emancipar-se na Europa e na Turquia, uma vez que Matisse, e outros como ele, tinham o controlo do tempo e da beleza feminina. No Oriente, os homens usavam o espaço para dominarem as mulheres. O imã Khomeini, por exemplo, impôs às mulheres «cobrirem-se», se quisessem ter acesso aos lugares públicos. Mas no Ocidente os homens dominam as mulheres pondo a nu o que a beleza devia ser. E quem não tiver o aspeto da imagem que eles «desvelam», está perdido. Seria isto que Kemal insinuava quando sugeria que os homens ocidentais se serviam de alguma coisa para além do espaço para controlarem as mulheres? Será possível pensar que os

homens prevalecem sobre as mulheres manipulando o tempo através das imagens? Que estranho contraste entre as duas culturas.

Quando partilhei com a Christiane estas ideias peculiares, ela ofereceu-me um pequeno livro que considerava, disse, tão importante para compreender o conceito ocidental de beleza como o de Kant. Tratava-se do *De Pictura* de Leon Battista Alberti, escrito em 1435. Alberti, explicou Christiane, era um homem do Renascimento, que identificou a imagem representada como um dos pilares da civilização ocidental e explorou o seu poder para submeter e controlar o tempo.

«Pelo que a pintura contém em si um certo poder verdadeiramente divino», escreveu Alberti, «não só porque, como dizem da amizade, faz estar presentes aqueles que estão ausentes, mas porque retrata como vivos aqueles que já estão mortos há muitos séculos»[150]. «Não é de admirar», continua Alberti, «que filósofos como Sócrates e Platão, e imperadores como Nero, Valentiniano e Alexandre Severo fossem pintores notáveis»[151]. Christiane disse ainda que Alberti também fizera uma outra ligação importante, pertinente para o enigma do harém no Ocidente: a associação entre a imagem pintada e a criação de valores. Escreve Alberti: «Em que medida a pintura contribui para os honestos prazeres do espírito, e para a beleza das coisas, pode observar-se de vários modos, mas especialmente no facto de não poder encontrar-se nada de tão precioso que a associação com a pintura não torne ainda mais valioso e altamente prezado. O marfim, as pedras preciosas e outras coisas do mesmo género tornam-se ainda mais valiosas pela mão do pintor. E o próprio ouro, quando trabalhado pela arte da pintura, tem o mesmo valor de uma quantidade de ouro muito superior»[152].

Uma terceira coisa que me surpreendeu quando li Alberti foi o facto de na Grécia Antiga a pintura ser proibida aos escravos. «O excelente hábito de pintar era muito praticado e apreciado entre os gregos; os jovens livres e bem-nascidos exercitavam-se na arte de pintar, a par das Letras, da Geometria e da Música… A arte era tida em tão alta estima e apreço que os gregos publicaram uma lei, proibindo que os escravos aprendessem a pintar»[153].

Por isso, pensei, talvez afinal não exista uma ligação perversa entre a imagem pintada e o tempo como máquina de guerra. Mas se existisse, os sorrisos eufóricos que a palavra «harém» provoca nos ocidentais seriam compreensíveis; um vez que o artista controla a imagem da beleza, o seu harém é um lugar seguro, repleto de mulheres nuas e silenciosas. Não interessa muito se, na atualidade, as mulheres têm realmente um cérebro e são inteligentes, desde que o escondam. É uma questão de representação e de teatro, tal como no caso do véu. Os fanáticos que forçam as mulheres a usarem o véu no Afeganistão, na Argélia e noutros países, fazem tudo menos denegrir a inteligência das mulheres; a sua luta diz antes respeito ao espaço público. Os homens têm de conservar o monopólio das ruas e dos parlamentos; as mulheres têm de se cobrir para mostrarem que não pertencem a esses espaços. O véu é uma declaração política.

Quando anda pelas ruas, a mulher velada consente em ser uma sombra no espaço público. O poder manifesta-se como teatro, com o poderoso a ditar ao mais fraco o papel que ele deve representar. Usar o véu na parte muçulmana do Mediterrâneo é vestir-se como exige o imã no poder. Ser considerada bela na parte europeia do Mediterrâneo é vestir-se como manda o mercado-imã. Talvez fosse uma terapia interessante, pensei, quer para os homens quer para as mulheres, tanto no Ocidente como no Oriente, trocar de culturas e de papéis para esclarecer o que é que se passa. Talvez eu devesse considerar seriamente montar uma agência de viagens quando estiver reformada, para ajudar as pessoas a alternarem entre as culturas. Mas antes de o fazer, devo estar segura de que

a minha teoria está certa. Caso contrário fico arruinada logo no primeiro ano.

Mas como assegurar que a minha intuição está certa?, perguntei-me. Tenho de continuar a bombardear os estrangeiros com perguntas.

O que acontece, no Ocidente, às mulheres que recusam conformar-se?

As mulheres que não se conformam com a imagem de Kant da beleza silenciosa serão castigadas como feias – ou pior. O assassínio de Xerazade por Edgar Allan Poe parece agora completamente lógico e conforme à ordem das coisas. Se a inteligência é monopólio masculino, as mulheres que ousarem armar-se em espertas serão privadas da sua feminilidade. Como isto é subtil e sofisticado! Kemal tem razão: os homens ocidentais são mais espertos do que os muçulmanos. Nesta espécie de frente de combate, não é preciso derramar sangue.

A minha enxaqueca tornou-se de repente insuportável, e pedi a Jacques que me deixasse em frente ao meu hotel. Lamentou o meu mal-estar, mas recordou a minha promessa de o introduzir no harém de Harun al-Rashid.

– Está bem – concordei –, mas só depois de repousar. Amanhã vou à procura de chá de menta e *couscous* no Vigésimo Bairro, onde há uma grande concentração de imigrantes árabes. Sinto necessidade de saborear qualquer coisa que tenha o gosto da minha Medina natal. Estou com saudades de casa. Sinto falta do sol e de beber chá de menta ao fim da tarde, com os *muezzin* que, do alto dos minaretes, cantam freneticamente ao fim do dia. Talvez também me faça bem mergulhar na história árabe e na Bagdade de Harun al-Rashid.

138 Hilal al-Sabi, *Rusum dar al Khilafa* (Rules and Regulations of the Abbasid Court), traduzido por Elie Salem, American University Press of Beirut, Beirute, 1977, p. 21. Hilal al-Sabi morreu em 448 da Hégira (1056 d.C).

139 Fernando Henriques, *Prostitution and Society*, MacGibbon & Kee, Londres, 1962, Vol. II, p. 15.

140 *Ibidem.*

141 *Op. Cit.*, Vol. II, p. 56.

142 Norbert Elias, *La Civilization des Moeurs*, tradução francesa de *Uber den Prozess der zivilization*, de 1939. Calmann-Levy, 1973, p. 280.

143 Robert Rosenblum, *Ingres*, Harry N.Abrams, Nova Iorque, 1990, *op. cit.*, p. 86.

144 Jean Thévenot, *Voyage du Levant*, F. Maspero, Paris, 1980, *op. cit.*, p. 123.

145 N. M. Penzer, *The Harem*, Spring Books, Londres, 1965, *op. cit.*, p. 32.

146 Thomas Dallam, *Early Voyages and Travels in the Levant*, Hakluyt Society, 1823, Londres, p. 74. Dallam visitou Constantinopla em 1599.

147 *Delacroix, La Couleur du Rêve N.º 1* (Paris: Bibliothèque des Expositions, publicado aquando da Exposição Delacroix no Grand Palais, abril 10-Julho 20, 1998), p. 55. Para mais informação acerca das séries eróticas de Picasso, sob o ponto de vista de uma mulher, ver Rosalind Krauss, «The Impulse to See», *in Vision and Visuality*, editado por Hal Foster, Bay Press, Seattle, 1988, pp. 51-78.

148 Drenitz Kandiyoti, «From Empire to Nation State: Transformations of the Woman Question in Turquey», *in Retrieving Women's History: Changing Perceptions of the Role of Women in Politics and Society*, UNESCO, Paris, 1988, p. 219.

149 *Ibidem.*

150 Leon Battista Alberti, *On Painting*, Penguin Books, Nova Iorque, 1991, p. 60.

151 *Op. cit.*, p. 62.

152 *Op. cit.*, pp. 60-61.

153 *Op. cit.*, p. 63.

CAPÍTULO 8

O MEU HARÉM: HARUN AL-RASHID, O CALIFA SEXY

Quando penso no harém, a minha imaginação deriva até às duas primeiras dinastias árabes, a dos Omíadas (661-750), cuja capital era Damasco, e a dos Abássidas (750-1258), com a capital em Bagdade. Ambas as dinastias governaram o império muçulmano depois da morte do profeta Maomé no ano 11 do calendário muçulmano, (632 do calendário cristão)[154].

Não obstante ter havido cinquenta e um califas árabes durante as primeiras duas dinastias, só um nome me ocorre rapidamente à memória: o califa Harun al-Rashid[155].

O nome de Harun al-Rashid tem feito disparar a imaginação de uma quantidade ilimitada de árabes desde o seu reinado no século IX. Inspirou inúmeros contos de *As Mil e Uma Noites* graças à combinação mágica das suas qualidades: beleza física, juventude, capacidades desportivas, inteligência, dedicação ao saber e às ciências, e sucessos militares. Harun al-Rashid parece também ter tido uma vida rica do ponto de vista sexual e afetivo. Não tinha medo de amar, nem de exprimir as suas emoções ou de explorar os sentimentos apaixonados que as mulheres despertavam nele. Harun al-Rashid confessou muitas vezes que quando um homem se apaixona e exprime as suas emoções fica numa situação de vulnerabilidade que compromete a sua capacidade de dominar as mulheres. Mas é precisamente essa capacidade de exprimir os seus sentimentos e de admitir a sua vulnerabilidade quando apaixonado que é um dos segredos do duradoiro feitiço de Harun. Como qualquer outra pessoa, também eu temo tornar-me ridícula ao declarar o meu amor a um homem que pode não ter qualquer interesse por mim. Daí a minha admiração pela coragem de Harun al-Rashid para mostrar as suas emoções e correr o risco de ser ridicularizado. Em pelo menos uma das histórias de *As Mil e Uma Noites*, ele é descrito como um amante infeliz, traído pela infiel *jarya* que seduziu o seu próprio músico.

Harun al-Rashid nasceu a 16 de fevereiro de 766 (o ano 149 do calendário muçulmano), em Rayy, uma cidade da Pérsia cujas ruínas ficam a alguns quilómetros da atual Teerão. Era belo sem ser superficial ou narcisista. Esta combinação é rara, pelo menos do meu lado do Mediterrâneo. Os historiadores muçulmanos medievais – todos, obviamente, do sexo masculino – descrevem a sua natureza harmoniosa como consequência de uma feliz combinação de características físicas e qualidades intelectuais: «Al-Rashid tinha pele muito clara, era alto, belo, de aparência cativante e eloquente. Era versado nas ciências e na literatura…»[156]

Acreditava também que a agilidade do espírito dependia da agilidade do corpo, e que ambas deviam ser cultivadas através de jogos e competições. «Harun al-Rashid foi o primeiro califa a tornar populares as partidas de polo, os torneios de tiro com arco, jogos de bola e de raqueta. Recompensava os que se distinguiam nestes exercícios e esses jogos difundiram-se entre o povo. Foi também o primeiro califa abássida a jogar xadrez e gamão. Favorecia os melhores jogadores concedendo-lhes pensões. Foi tal o esplendor, a riqueza e a prosperidade do seu reinado, que se chamou a este período da história 'Os Dias da Festa das Núpcias'»[157].

Mas se Harun al-Rashid não tivesse sido mais do que um belo príncipe bom jogador de xadrez,

teria sido esquecido como um personagem negligenciável, como muitos dos atuais *playboys* milionários do petróleo. Harun sabia quando parar de jogar, quando era chegado o momento de pensar em negócios. Uma das palavras-chave da civilização árabe é *wasat*, que significa simplesmente «o ponto do meio entre dois extremos»; somos ensinados desde a infância que devemos aspirar a encontrar o equilíbrio entre razão e paixão. E a vida de Harun foi de um equilíbrio perfeito. Para além de grandes capacidades intelectuais e físicas, «ele era escrupuloso no cumprimento dos deveres de peregrino e a envolver-se na guerra santa. Dedicou-se às obras públicas, mandando construir poços, cisternas e fortalezas no caminho para Meca… Reforçou as fronteiras, construiu algumas cidades e mandou fortificar outras… levou por diante inúmeras obras de arquitetura militar e mandou construir caravançarais e mosteiros fortificados…»[158].

O líder ideal é aquele que põe em primeiro lugar a solidariedade para com o povo e não hesita em usar o seu próprio dinheiro para ajudar os que estão em dificuldades. Os principais inimigos de Harun eram os cristãos, e «no ano 189 (810 da era cristã) resgatou o seu povo aos bizantinos, de modo que não ficou um único muçulmano cativo nos seus territórios»[159]. Mas isto não bastaria para manter viva a memória do califa durante gerações se ele não tivesse também atacado o Império Romano do Oriente: «no ano 190 tomou Eraclea e espalhou as suas tropas pelos territórios bizantinos»[160]. Ter conseguido conter a agressividade dos cristãos fez de Harun o chefe muçulmano ideal, e a sua famosa carta ao imperador bizantino Nicéforo, que quebrara um tratado, é ensinada às crianças muçulmanas desde o jardim de infância. «Em nome de Alá, o Misericordioso e o Bondoso, da parte do servo de Deus, Harun, Chefe dos Fiéis, para Nicéforo, o cão dos Bizantinos, o que se segue: Compreendi a tua carta, e tenho a tua resposta. Vê-la-ás com os teus próprios olhos, não a ouvirás por terceiros»[161]. Após o que enviou imediatamente contra os bizantinos um enorme exército.

Al-Rashid enviou esta carta veemente ao imperador porque os romanos haviam recusado honrar um tratado celebrado entre a mãe, a rainha Irene, que reinou entre 797 e 802, e Harun, quando este invadiu Bizâncio. Nicéforo, renegando categoricamente o acordo assinado pela mãe, escrevera: «De Nicéforo, Rei dos Romanos, para Al-Rashid, o Rei dos Árabes, o que segue: Aquela mulher pôs-te a ti e ao teu pai e ao teu irmão no lugar de rei, e colocou-se a si própria no lugar de uma comum mortal. Eu ponho-te num lugar diferente e preparo-me para invadir o teu território e atacar as tuas cidades, a menos que me forces a pagar o que a minha mãe vos pagou. Adeus!» Quando o califa recebeu a carta, ficou tão enfurecido que decidiu chefiar pessoalmente o exército muçulmano, e só descansou após a derrota de Nicéforo: «Al-Rashid avançou sem parar pelo território dos bizantinos, matando, saqueando, fazendo prisioneiros, destruindo fortalezas e apagando pistas até chegar às estreitas estradas às portas de Constantinopla, e ao chegar ali, viram que Nicéforo já tinha cortado árvores que atravessara nas estradas, e ordenara que lhes lançassem fogo… Nicéforo enviou presentes a Al-Rashid, rendeu-se com muita humildade e pagou o resgate por si próprio e pelos seus companheiros.»[162]

Mas uma vez mais, se Harun al-Rashid tivesse sido apenas um guerreiro, não teria sobrevivido no imaginário popular durante séculos. Foi a sua capacidade de compreender quando chegava o momento adequado para parar de combater e gozar a vida, cultivando a sensualidade e os prazeres requintados, que fez dele um herói. Também se tornou um herói porque era jovem (tornou-se califa aos 21 anos e morreu com 44), porque tinha uma forte dimensão erótica, e por não temer explorá-la. Esta faceta romântica está presente em muitos dos contos de *As Mil e Uma Noites*.

A primeira mulher por quem se apaixonou, aos dezasseis anos de idade, foi Zubeida, sua prima, também ela uma orgulhosa princesa. Casou-se de imediato com ela, numa cerimónia que teve lugar num fabuloso palácio chamado Eternidade (*Al-Khuld*). «Vieram pessoas de todos os horizontes», escreve Ibn Khalikhan, um dos mais moderados historiadores da época. «Largas somas de dinheiro foram distribuídas nesta ocasião.»[163] Várias crónicas revelam pormenores minuciosos sobre o amor de Al-Rashid por Zubeida e os luxos com que a prendou enquanto foi a sua favorita. «Foi a primeira a ser servida em baixela de ouro e prata, encastoada com pedras preciosas», escreve um cronista do século IX. «Para ela foram mandadas fazer as melhores vestes no brocado multicolor chamado *washi*, e cada pano, criado especialmente para ela, custava 50 000 dinares. Foi a primeira a organizar uma guarda pessoal composta por escravas e eunucos, que cavalgavam a seu lado, executavam as suas ordens e entregavam as suas cartas e mensagens. Foi a primeira a usar palanquins de prata, ébano e madeira de sândalo, decorados com arneses de ouro e prata. Foi a primeira a introduzir a moda das babuchas bordadas a pedras preciosas, e das velas de âmbar cinzento, moda que se tornou muito popular.»[164] Mas apesar da vaidade e do gosto pelo luxo, os historiadores muçulmanos nunca a menosprezaram como uma criatura desmiolada. Em vez disso, sempre sublinharam o seu interesse pelo ambiente e os seus investimentos em obras públicas; foi Zubeida a responsável pela construção de obras de hidráulica nas estradas que ligavam Bagdade a Meca, para facilitar a viagem dos peregrinos. O jovem Harun, como seria de esperar, escolhera para mulher uma princesa que era simultaneamente bonita e politicamente interessada.

Apesar do amor por Zubeida, quando se tornou no quinto califa da dinastia abássida Harun al-Rashid viu-se rodeado de *jarya* provenientes de todas as partes do mundo. Os seus talentos e elegância cativaram os historiadores: «Al-Rashid tinha duas mil *jarya*…» escreve um deles. «Algumas eram especialistas no canto… E ele cobria-as de joias.»[165] Como nessa época não era permitido que os muçulmanos reduzissem outros muçulmanos à escravatura (o que acabou por ter lugar mais tarde, na história), a maioria das *jarya* eram mulheres estrangeiras de territórios recém-conquistados, e a variedade dos seus talentos era valorizada pela diversidade das suas origens. As *jarya* estrangeiras que queriam tornar-se cantoras tinham pela frente um árduo trabalho, pois para além de terem de aprender a colocar a voz e várias técnicas instrumentais, tinham também de dominar a língua árabe, com a sua gramática difícil, e competir com as estrelas do canto locais, como Fadl. Considerada como o epítome da beleza, Fadl estabeleceu o padrão para as cantoras árabes dos séculos que se seguiram. Um historiador escreveu: «Fadl era de pele escura, muito versada em literatura (*adiba*), eloquente, com uma extraordinária aptidão para respostas rápidas e espirituosas (*sari'at al hajiss*), precisa na declamação de poesia.»[166] Uma outra descrição de Fadl sublinha a sua capacidade para estimular o ritmo de um diálogo e surpreender os seus interlocutores pela introdução de matizes linguísticos inesperados, um talento muito apreciado na cultura árabe até aos dias de hoje. «Fadl estava entre as mais belas criaturas de Alá. Tinha uma caligrafia excelente, superava todos em eloquência, era habilíssima na comunicação (*ablaghuhum fi mukhataba*), extremamente clara nas discussões…»[167]

Ser estrangeira na corte dos Abássidas, contudo, não era propriamente uma desvantagem, uma vez que a cultura de então encorajava a diversidade e recompensava as pessoas por falarem muitas línguas e introduzirem a riqueza das suas culturas de origem nas suas atuações. De facto, durante a dinastia abássida, «estudiosos, artistas, poetas e literatos vinham de uma enorme variedade de etnias (falavam aramaico, árabe, persa e turco), raças (branca, negra e mulata) e religiões

(muçulmana, cristã, hebraica, sabeísta e magista). Era a este cosmopolitismo e pluralismo cultural que Bagdade devia a sua força como grande centro de cultura»[168]. Segundo Jamal Eddine Bencheikh, um dos grandes especialistas modernos sobre a sedução nos textos medievais, o preço de uma *jarya* cantora de primeira categoria era de 3000 dinares, enquanto a pensão anual de um poeta como Ibn Zaidun era de 500, e um operário da construção civil ganhava um dirham por dia. Com um dirham podiam comprar-se três quilos de pão[169].

Quanto mais talentos uma *jarya* dominasse, mais variados eram os prazeres sensuais que podia oferecer ao seu senhor, e mais elevado era o seu preço. Esta é uma das características mais surpreendentes dos haréns abássidas da Idade do Ouro da dinastia. Os mercadores de escravas sabiam o tipo de mulher que agradava a cada califa, como no caso de Mamun, o filho de Harun al-Rashid, que lhe sucedeu no trono: «Ouvi um mercador de escravas dizer o seguinte: 'Mostrei a Al-Mamun uma escrava, muito hábil na versificação, eloquente, bem-educada e boa jogadora de xadrez, e pedi-lhe mil dinares por ela, e ele respondeu-me: se ela conseguir concluir um verso que lhe vou declamar, com um da sua invenção, compro-a pela soma que me pedes e dou-te ainda muito mais do que o preço acordado'»[170]

O califa Mamun apreciava particularmente jogar xadrez com uma mulher. Praticava o jogo para estimular a mente e preparar-se para a guerra, mas jogar com uma mulher também provocava nele uma espécie de excitação sensual. Acreditava que só quando os jogadores se entregam a um jogo de corpo e alma é que a competição intelectual atinge um clímax excitante, e considerava mais adequado dizer «Vem, aproximemo-nos e lutemos um com o outro», do que «Vem, vamos jogar»[171]. Hoje em dia é um lugar-comum dizer-se que a competição tem uma dimensão erótica, mas no tempo do califa Mamun deve ter sido uma afirmação bastante surpreendente.

Ibn Qayyim al-Jawziya, um escritor do século XIV, deu-se ao trabalho de contar as expressões para dizer «Amo-te» em árabe, e recolheu uma lista de sessenta, que reuniu num livro, «O Jardim dos Amantes» (*Rawdat al Muhibbin*). Espírito analítico de grande requinte, Al-Jawziya apercebeu-se de que ter tantas palavras para exprimir a mesma coisa não era um sinal particularmente bom, e implicava antes a existência «de um problema». Os árabes, explicou, fazem em geral um esforço tão grande apenas para nomear conceitos muito complexos, i.e., os que são difíceis de apreender (*ma chtadda al fhamu lahu*), ou enganadores para o seu coração (*aw katura khuturatuhu 'ala kulubihim*). Seja como for, acrescentou, ter tantas palavras para um único conceito era, na verdade, uma maneira de celebrar um importante fenómeno civilizacional (*ta'diman lahu*). Na sua lista havia muitas palavras que se referem ao amor como um perigoso momento de confusão mental (*khabal*), ou desorientação (*futun*). Há também o conceito de amor como um mergulho no vazio (*hawa*), semelhante ao inglês *fall in love* ou ao francês *tomber amoureux*, e palavras em que o amor é sinónimo de loucura (*junun, walah, kamad*) ou sofrimento atroz (*tadlih, wasb, hurqa, chajan*). Mas para mim as revelações mais interessantes da lista de Al-Jawziya, que me alegram e reanimam a esperança, são as que descrevem o amor em termos positivos – como uma amizade privilegiada em que a ternura facilita a comunicação (*khilla, mahabba*) ou proporciona um forte impulso de energia.

Embora o amor como energia seja um conceito central para os sufis, também é acessível a pessoas vulgares, sem grandes pretensões espirituais. «Um homem apaixonado mostrar-se-á generoso até ao limite das suas capacidades, de um modo que noutra situação teria recusado… tudo isso para mostrar o seu lado bom, e tornar-se desejável…», escreve Ibn Hazm, um político do século XI, estudioso da lei religiosa, que dedicou um livro aos mistérios das emoções. «Quantas

vezes não aconteceu o avarento abrir os cordões da bolsa, o carrancudo distender o sobrolho, o cobarde lançar-se heroicamente numa rixa, o idiota revelar-se subitamente arguto, o rústico tornar-se um perfeito cavalheiro, o malcheiroso aparecer como um janota, o indolente tornar-se mais ativo, o decrépito recuperar a juventude perdida, o piedoso ficar desenfreado, e o que tem o sentido da dignidade perder as estribeiras, tudo isso por causa do amor!»[172] Ibn Hazm compreendeu-o perfeitamente. O amor empurra-nos para além da rotina habitual e em direções pelas quais, noutras circunstâncias, nunca teríamos optado. Esta constatação obriga-nos a voltar à nossa lista. Muitas das sessenta palavras descrevem o amor como uma viagem fascinante (*huyam*), um passo no desconhecido (*ghamarat*), uma aventura em territórios estranhos. E se uma tal aventura é arriscada para uma pessoa vulgar, sê-lo-ia ainda mais para os califas, e é por essa razão que Harun al-Rashid nunca deixou o prazer ao sabor do acaso. Tinha de ser planeado, obedecer a uma estratégia e estar integrado no calendário.

Para se ser capaz de entrar no mundo das emoções e da atração sexual sem parecer parvo ou ficar embaraçado, tem de se conceder ao prazer uma prioridade sagrada e destinar-lhe uma data especial, como para uma festividade religiosa. Pôr o prazer no calendário sagrado não significa destinar-lhe dois dias de descontração, comprimidos entre duas semanas de estafantes viagens de negócios. É exatamente o oposto, é inverter as prioridades e marcar em primeiro lugar na agenda o que podem chegar a ser semanas de descontração, e então acrescentar uma viagem de trabalho. Foi isso que aprendi ao ler como Harun al-Rashid planeava os seus *majliss*, ou «tempos de prazer». Planeava os *majliss* exatamente como planeava as batalhas e as peregrinações religiosas a Meca.

154 O primeiro ano do calendário muçulmano corresponde ao ano 622 do calendário cristão e comemora a migração do profeta Maomé de Meca (a sua cidade natal, que era ferozmente pagã e rejeitou a sua religião monoteísta) para Medina, onde começou a governar a primeira comunidade muçulmana. Imediatamente após a morte do profeta, houve um breve período de três décadas (do ano 11 ao ano 41) em que quatro califas identificados como ortodoxos (*rachidun*) governaram os muçulmanos. Então Mu'avwiya, o primeiro omíada, tomou o poder em 661, (o ano 41 do calendário muçulmano) e fundou uma dinastia anunciando que o seu filho herdaria o trono.

155 Houve vinte e oito califas omíadas se não contarmos o ramo que governou Espanha (de 756 a 1042 d.C.) e trinta e sete califas abássidas.

156 Jalalu'ddin As-suyuti, *History of the Caliphs*, traduzido do original árabe por H.S. Jarrett, Oriental Press, Amesterdão, 1970, p. 291. O autor As-suyuti viveu no século XV.

157 Mas'udi, tradução inglesa de «Turiy Ad-dahab», *The Meadows of Gold, The Abbasids*, de Paul Lunde e Caroline Stone, Kegan Paul International, Nova Iorque, 1989, p. 389. Mas'udi nasceu em 896 e morreu em 956.

158 Mas'udi, *ibidem.*

159 Jalalu'ddin As-suyuti, *op. cit.*, p. 297.

160 *Ibidem.*

161 Al-Isbabani, «Aghani», ed. Bulaq, Vol. 17, pp. 44-46, 1225, traduzido por Bernard Lewis *in Islam*, Harper and Row, Nova Iorque, 1974, Vol. 1, pp. 26 e 28.

162 *Ibidem.*

163 Ibn Khalikhan, *Wafayat al-A'yan*, biografia de Zubeida, N.º 242, Vol. II, p. 314.

164 Mas'udi, *op. cit.*, p. 390.

165 *Kitab al Aghani*, Vol. 9, p. 88, referido por Ahmed Amin, *Doha al Islam*, Maktabat an-nahda, Cairo, 1961, Vol. I, p. 9.

166 Ibn as-Sai, *Nissaa' al Khulafa*, *op. cit.*, p. 85.

167 *Ibidem.*

168 George Dimirtri Sawa, *Music Performance Practice in Early Abbasid Era, 132-320 A. H./750-932 d.C.*, Pontifical Institute of Medieval Studies, Toronto, 1989, pp. 6 e 7.

169 *L'Exigence d'aimer*, entrevista de Jamal Bencheikh por Fethi Benslama e Thierry Fabre in «*Qantara* Magazine de L'Institut du Monde Arabe». Paris. Edição especial de «De L'Amour et des Arabes» (Sobre o Amor e os Árabes), N.º 18, janeiro, fevereiro, Paris, 1996, p. 23.

170 Jalalu'ddin As-suyuti, *History of the Caliphs*, *op. cit.*, p. 338.

171 Jalalu'ddin As-suyuti, *op. cit.*, p. 339.

172 Ibn Hazm al Andaloussi, *Tawq al-Hamama: fi al alfati wa alullaf*, Manchourate dar maktabat al hayaht, Beirute, 1972. A tradução inglesa é de A. J. Abberry, *The Ring of the Dove*, Luzac and Co., Londres, 1935, p. 35.

CAPÍTULO 9

MAJLISS*: O PRAZER COMO RITUAL SAGRADO*

Não conseguimos sentir um forte envolvimento sensual se olharmos para o relógio de dez em dez minutos: esta é a lição que aprendi através da leitura dos textos de história medieval sobre Harun al-Rashid. O dever de um califa muçulmano é ter como objetivo o *al wassat*, o meio ideal entre dois extremos – as tentações terrenas e as aspirações celestiais, a vida e a morte, o prazer e a guerra. Por isso, o perfeito *majliss* deve desenvolver-se, como uma batalha bem planeada, de acordo com um cenário pré-estabelecido em que os atores no terreno, tal como as provisões, são previamente calculados com atenção.

A palavra *majliss* vem do verbo *jalasa*, que significa sentar-se, mas com a ideia de relaxar imóvel durante algum tempo, por puro prazer. *Majliss* significa um grupo de pessoas com interesses afins que se encontram num lugar agradável, como um jardim ou um terraço, pelo puro prazer de estarem juntas a conversar e a passar bem o tempo. «O *majliss* musical referia-se a um grupo de pessoas reunidas com o fim de assistir a uma execução ou competição musical», explica o escritor George Dimitri Sawa, que dedicou um livro inteiro ao tema. As pessoas vinham pelo prazer de aprender ouvindo-se umas às outras, e de participar em «discussões e debates sobre música, história, teoria, crítica e estética»[173].

No tempo dos califas, os *majliss* que tinham lugar num espaço fechado «realizavam-se em salas ricamente decoradas. Os pavimentos e as paredes eram em mármore e cobertos de brocados de seda bordados a ouro. O trono do califa ficava a um nível mais elevado e era decorado com uma variedade de pedras preciosas, enquanto ao longo da parede, à esquerda e à direita do trono, havia divãs com entalhes em ébano destinados ao público e aos músicos»[174]. O vinho e a promiscuidade entre os sexos acentuavam a sensualidade dos *majliss* que, quando tinham particular êxito, duravam todo o dia e toda a noite.

No que respeita ao vinho, o Islão proíbe-o (Surata V, versículo 91). Contudo, os muçulmanos são iguais aos cristãos, aos judeus, e aos budistas: sabem o que é proscrito como pecaminoso, mas nem sempre obedecem aos preceitos sagrados. Se assim não fosse seriam anjos. E precisamente por ser proibido, o vinho está ligado na psique muçulmana ao prazer como revolta contra a decadência e as horas fugidias que empurram irreversivelmente para a morte. Os países muçulmanos como a Argélia, Marrocos e a Tunísia são conhecidos desde a Antiguidade como produtores de vinhos deliciosos, sendo essa uma das razões que levaram os Romanos a ocuparem essa parte do mundo durante séculos. As missões arqueológicas que trabalham no Mediterrâneo, trazem frequentemente à superfície destroços dos navios romanos que haviam naufragado enquanto transportavam vinho e azeite do Norte de África. Além disso, muitas fontes históricas referem constantemente o hábito de beber vinho no hedonista Marrocos berbere, sobretudo em Badis e noutras cidades mediterrânicas do Norte. Mohammed al Ouazzane, também conhecido como *Leo Africanus*, relata nas suas memórias no século XVI: «Badis é uma pequena cidade no Mediterrâneo… a sua população está dividida em dois grupos, os pescadores e os piratas que vão nas suas barcas saquear as costas

cristãs… Há na cidade uma rua importante habitada por judeus, onde pode comprar-se vinho considerado da melhor qualidade pela maior parte dos habitantes. Quando o tempo está bom, as pessoas desta cidade vão quase todos dias nos seus barcos divertir-se a beber e a cantar no meio do mar.»[175]

Também no século XVI, pelo menos um imperador muçulmano, o soberano da Índia, Jahangir, era conhecido como um grande bebedor. Quanto ao poeta Omar Khayyam[176], cujos versos são ainda hoje declamados por muitos no mundo muçulmano, dedicou a maior parte da sua poesia à celebração do vinho como fonte de prazer hedonista extremo – com uma tendência mórbida subjacente bastante acentuada. Na sua poesia, o prazer que o vinho proporciona torna-nos conscientes da passagem do tempo e dos fugidios encantos dos nossos dias contados. Esta conexão filosófica entre o vinho, a felicidade precária e a decadência explica porque é que a poesia de Omar Khayyam é ainda hoje apreciada tanto pelos que bebem como pelos outros:

Não deixes a tristeza estiolar a alegria do coração
Nem o peso da aflição desgastar a tua estação de felicidade.
Ninguém conhece o que o futuro esconde –
O vinho, uma amante e satisfazer os desejos do coração, é tudo o que precisas.
As medidas pequenas são boas em tudo menos no vinho
E o vinho sabe melhor servido pelas mãos de belas cortesãs…[177]

Mesmo hoje, a procura local de vinho em muitos países muçulmanos que se estendem ao longo do soalheiro Mediterrâneo é tão insistente, que o aumento dos preços devido à subida dos impostos não parece afetar as vendas. Mas é legítimo perguntar se os antigos chefes muçulmanos também bebiam… Como as suas vidas são em geral descritas pelos historiadores muito pormenorizadamente, sabemos que muitos califas árabes, sultões turcos e imperadores mongóis gostavam muito de beber vinho. O que é estranho entre os chefes árabes é o facto de terem o hábito de esconder os seus momentos de prazer por trás do *hijab*, que significa literalmente «véu». Segundo Jahiz, o meu espirituoso escritor favorito do século IX, que frequentou a corte abássida, os califas em geral, incluindo Harun al-Rashid, sentavam-se atrás do véu para beber. «Se alguém disser que viu Al-Rashid beber alguma coisa que não fosse água, podes estar certo de que mente», escreveu Jahiz. «Só as suas *jaryas* favoritas o viram beber vinho. Às vezes, quando uma canção lhe agradava particularmente, manifestava a sua alegria mas sem exageros.»[178]

O cerimonial do *majliss* regia-se por um protocolo muito rigoroso. No entanto, explica Jahiz, *jaryas* talentosas, que competiam com músicos e poetas do sexo masculino, podiam facilmente subverter as regras porque os seus talentos valorizavam a sua atração sexual. Isso abria muitas oportunidades às escravas que chegavam a Bagdade como prisioneiras de guerra após as conquistas. Ao competirem nas artes e nas ciências, podiam não só ascender na escala social, mas também aumentar o seu valor no mercado de escravos e subverter, assim, a hierarquia masculina. Dado que os compradores de escravos eram, necessariamente, os homens mais ricos e mais poderosos do mundo muçulmano, uma mulher podia usar a sua capacidade intelectual e sucessos profissionais como meio de reduzir a distância entre si e os detentores do poder.

E aqui embatemos numa importantíssima, se bem que escondida e potencialmente fatal, armadilha do harém: um homem apaixonado corre o risco de se tornar escravo da sua *jarya*. Intelectual e profissionalmente competentes, as *jaryas* tornavam-se donas da mente e dos sentimentos dos seus senhores, adquirindo deste modo uma enorme influência, completamente independente da sua capacidade de procriar, a única capacidade que conferia às escravas um estatuto legal, estável e definitivo, conhecido como *Umm walad*, ou mãe de uma criança. A sedução do senhor através de um intenso intercâmbio físico e intelectual era considerada como capaz de proporcionar um prazer requintado. «Este tipo de *jarya* oferece a um homem uma rara combinação de prazeres», explica Jahiz, reputado como sendo fisicamente feio e extremamente interessado em descodificar a magia da atração, «porque envolve muitos sentidos em simultâneo», numa «das mais irresistíveis e perigosas formas de sedução»[179].

Durante este período, o conflito entre os sexos era de certo modo gerido como o conflito entre culturas. Embora carregado de antagonismos, enriquecia quem quer que ousasse envolver-se nela. Apaixonar-se é enfrentar a diferença, expor-se ao arriscado prazer das sensações e emoções desconhecidas, num lugar em que temor e desejo de descoberta estão fatalmente interligados. Participar desta experiência exige dois elementos importantíssimos: muito tempo disponível para investir na relação e coragem para se tornar vulnerável. Os homens da época que desejassem envolver-se numa relação erótica com uma mulher de talento, tinham de aprender a escrever poesia, a dar um nome aos sentimentos através de palavras ritmadas. A poesia de Harun al-Rashid era de segunda ordem, mas o surpreendente nele é que não considerava ridículas as suas tentativas.

Harun al-Rashid era um homem que usava aquilo a que Roland Barthes chama «a carga sensual das palavras»: «A linguagem é uma pele: eu esfrego a minha linguagem contra o outro. É como se eu tivesse palavras em vez de dedos, ou dedos na ponta das minhas palavras.»[180]

Harun al-Rashid tinha milhares de *jarya* e apaixonava-se com frequência, mas só conseguia envolver-se emocionalmente com uma mulher de cada vez. E na única ocasião em que o grande califa se envolveu sentimentalmente com três belezas ao mesmo tempo, o resultado foi uma poesia particularmente má.

Os nomes das três amadas eram: Sihr, que significa «magia»; Diya, que significa «esplendor»; e Khunt, que significa «feminilidade». Daí a elaborada tentativa do califa de esfregar a sua linguagem nas três maravilhosas criaturas em simultâneo:

Sihr, Diya, e Khunt, são sihr, diya, *e* khunt
A primeira roubou um terço do meu coração e as outras fugiram com o resto…
As três damas conduziram-me pelas rédeas,
e conseguiram ocupar todos os recantos do meu coração…
Não é estranho que todo o planeta me obedeça,
e que eu obedeça a estas damas, determinadas precisamente em se rebelarem contra mim.
Tudo isto se deve ao poder do amor,
que lhes confere um ascendente mais poderoso do que
a minha supremacia.[181]

Ao acabar de escrever estas palavras, o califa pediu a um músico que compusesse uma música para as acompanhar e que as cantasse no próximo *majliss*. Mas dada a predileção de Harun pelas *jarya* de talento excecional, que eram profissionais da poesia e da palavra esculpida, suspeito que ele conhecia as suas limitações e que não tinha ilusões sobre o seu talento como poeta. Concentrou-se, por isso, em ser atraente, e acumulou milhares de camisas e roupões. Após a sua morte, quando foram conhecidas as listas dos seus pertences, os fiéis muçulmanos devem ter ficado estupefactos com os gostos extravagantes do seu príncipe. Escreve Al Fadl Ibn al-Rabi:

> «Quando Muhammad al-Amin sucedeu ao seu pai Harun al-Rashid como califa no ano 193 (809 d.C.), ordenou-me que fizesse um inventário das roupas, mobiliário, vasos e armaduras que se encontravam nos armazéns…. Convoquei os secretários e guardas dos armazéns e contei continuamente durante meses, durante os quais inspecionei tesouros que não sonhava que pudessem estar nos armazéns do califa… A lista dos artigos é a que segue: 4000 roupões bordados, 4000 casacos de seda forrados a zibelina, *vison* e outras peles, 10 000 camisas e camisas interiores…, 10 000 *caftans*, 4000 turbantes…, 1000 carapuços…, 1000 chapéus de vários tipos…, 1000 preciosos vasos chineses…, muitos tipos de perfumes…, 1000 anéis com gemas…, 1500 tapetes de seda…, 1000 almofadas e fronhas de seda…, 1000 bacias…, 1000 jarros…, 1000 cintos…, 10 000 espadas decoradas…, 150 000 lanças…, 100 000 elmos…, 1000 armaduras especiais…, 50 000 armaduras comuns…, 10 000 capacetes, 150 000 escudos…, 4000 pares de botas, a maior parte delas forradas a zibelina, *vison* e outros tipos de pele, com uma faca e um lenço em cada bota, 4000 pares de meias, 4000 pequenas tendas com os seus acessórios.»[182]

Para avaliar até que ponto o nosso califa tinha violado as regras de austeridade às quais a sua dinastia era suposta obedecer, devemos lembrar-nos que os Abássidas evitavam vestir roupa luxuosa e usavam uma só cor, o preto. «Tem sido tradição do califa», explica um estudioso do século X, «sentar-se numa cadeira elevada num trono coberto com pura seda da Arménia, ou com seda e lã. O califa usa um hábito de mangas compridas, tingido de preto, a indumentária exterior é simples ou bordada a seda branca ou lã. Não usa, no entanto, brocado de seda *sigillatum* (com padrões) ou roupas decoradas»[183]. Sem sombra de dúvida, como disse o imã Ibn al-Jawzi, a mais dura luta de um chefe muçulmano não é contra o inimigo cristão, mas contra as suas próprias paixões. Segundo Ibn al-Jawzi, o próprio profeta Maomé identificava num dos seus *hadiths* (dizeres relatados pelos discípulos depois da sua morte) a resistência às paixões pessoais como a grande *jihad* (*al jihad al akbar*), e combater o inimigo como sendo apenas a pequena *jihad* (*al jihad al asghar*)[184].

Harun al-Rashid parece ter tido muito mais sucesso na pequena *jihad* do que na grande. Uma ocasião, quando meditava, indeciso, sobre se deveria ou não comprar Inane, uma famosa e atraente poetisa cujo preço era muito elevado, Asma'i, um dos seus mais íntimos companheiros, perguntou-lhe o que estava a perturbá-lo. O califa confessou que era Inane que estava a preocupá-lo, mas acrescentou, «é apenas a sua poesia o que me atrai nela». Asma'i tentou então dizer ao califa, tão respeitosamente quanto possível, que não acreditava numa palavra do que ele dissera. «É certo,

Senhor, não há nada que atraia em Inane a não ser a sua poesia», disse. «Gostaria o Chefe dos Crentes de ter relações sexuais com al Farazdaq, por exemplo?» Diz-se que «Harun al-Rashid riu com tanto gosto que a cabeça lhe descaiu para trás»[185]. Farazdaq era um poeta famoso mas muito grosseiro, notável nas descrições de cenas de batalha.

Para um califa, declamar poesia ou jogar xadrez com uma atraente *jarya* não era o mesmo que envolver-se nas mesmas atividades com um homem. Claro que o califa era livre de escolher um homem para parceiro, e a homossexualidade era bem aceite na pluralista, cosmopolita e tolerante corte abássida. As preferências sexuais eram vistas como mais uma das muitas diferenças entre as pessoas. Era possível escolher entre restringir-se ao seu sexo ou aventurar-se no desconhecido. Uma das mais sofisticadas e espirituosas estrelas da corte abássida era o poeta persa Abu Nuwas, que lia versos incendiários em louvor da beleza de homens jovens. Mas até ele era de vez em quando cativado pela esplêndida inteligência de uma mulher, e sabe-se que teve relações ocasionais com *jarya* de talento excecional.

A impressão dominante que prevalece da leitura dos vinte e quatro volumes do «Livro das Canções» (*Kitab al Aghani*), que descreve com grande pormenor como se divertiam os califas, é que a homossexualidade não continha os mesmos perigos inerentes à heterossexualidade. Um encontro heterossexual implicava maiores riscos porque obrigava a confrontar-se com a alteridade e a aventurar-se a abraçar o «outro», diferente. Já agora, a língua árabe é rica em palavras para designar jovens sexualmente belos e atraentes, tais como *ghulam*, que significa literalmente «pajem», e que tem conotações claramente homossexuais; no Ocidente, mesmo o termo «homossexual» não era de uso comum até 1880, quando os médicos começaram a empregá-lo para designar o que era tido como uma doença[186].

Voltando à corte abássida, um encontro heterossexual era considerado como uma aventura, uma porta para o desconhecido. Um homem devia ter uma coragem heroica para desafiar o seu «eu» familiar e lançar-se num amor apaixonado com o mais imprevisível de todos os estranhos – uma mulher. Uma mulher que, por definição, era também uma inimiga, uma vez que o harém fizera dela uma prisioneira.

A história das *Ghulamiat*, ou raparigas-pajens, é bastante reveladora de uma ideia que hoje em dia nos parece extraordinária – a de ser necessária uma coragem especial para ter um envolvimento heterossexual. Quando a princesa Zubeida descobriu que o filho Amin, que ela esperava que viesse a ser o herdeiro do trono, tinha tendências homossexuais, ficou certa de poder «curá-lo», vestindo belas raparigas como *Ghulam*, jovens escravos-pajens. Ao fazer isto, lançou uma moda nova em Bagdade: «Zubeida escolheu jovens raparigas, notáveis pela elegância da sua figura e fascínio dos seus rostos», escreve Mas'udi, o cronista do século IX. «Mandou-as usar turbantes, deu-lhes roupas bordadas pelos artesãos da corte, e mandou que penteassem o cabelo com franjas e caracóis e o apanhassem na nuca de acordo com a moda para os rapazes. Vestiu-as com casacos estreitos de mangas largas, chamados *qaba* e cintos altos que realçavam a cintura e as curvas do corpo. Depois enviou-as a Amin que, ao vê-las desfilarem diante de si, se mostrou encantado. Ficou cativado pelo seu aspeto e aparecia com elas em público. Foi então que se estabeleceu, a todos os níveis da sociedade, a moda de ter jovens escravas de cabelo curto, vestindo *qaba*, e cintos altos. Eram chamadas raparigas-pajens (*ghulamiat*)»[187]. As *ghulamiat* eram o equivalente árabe das *garçonnes* europeias, mulheres elegantes que se vestiam de homem, nos anos 20.

No século IX, Bagdade abrira-se às culturas estrangeiras dos antigos inimigos, como os persas e

os romanos. Esta aceitação trouxe riqueza e glória aos árabes que, até ao advento do Islão, tinham vivido como nómadas na orla do deserto da Arábia. Contudo, tolerância e intercruzamentos não significaram ausência de conflitos. As cortes abássidas foram laceradas por fortes rivalidades entre persas e árabes (ainda hoje tão evidentes no Médio Oriente – basta recordar o conflito Irão-Iraque nos anos 80). E o conflito entre os sexos era igualmente perigoso, especialmente quando estava em jogo a atração. Encerrar milhares de mulheres em haréns foi uma tentativa drástica da parte dos califas que desejavam reduzir ao mínimo o risco de serem rejeitados. Se uma mulher não gostasse do seu senhor, não podia bater com a porta e ir-se embora. Mas, mesmo dentro das paredes supostamente seguras do harém, o califa tinha de se arriscar se quisesse exprimir as suas emoções. E isto leva-nos de volta ao enigma do harém no Ocidente.

O que acontece com as emoções de um homem quando a beleza feminina é uma imagem – e essa imagem é fabricada pelo próprio homem?

O que acontece às emoções quando nos desviamos do harém de Harun al-Rashid, onde o califa se entregava a intensas trocas eróticas que envolviam todos os sentidos, e nos colocamos diante do harém de Ingres ou Matisse, ou dos haréns filmados por Hollywood? Como pode um homem envolver-se com uma mulher real – a sua mulher ou a sua amante – quando ao mesmo tempo está envolvido com uma imagem pintada ou filmada?

Foi nesta altura que decidi revisitar o mais glorioso, influente e invencível dos haréns europeus – o que Jean-Auguste-Dominique Ingres criou. Reproduzido em milhares e milhares de capas de livros, CD e revistas por todo o Ocidente, o seu harém pode remontar ao século XIX, mas está mais presente do que nunca na nossa era digital.

Se eu pudesse infiltrar-me no harém de Ingres, pensei, talvez pudesse compreender alguns dos misteriosos segredos da psique dos homens ocidentais bem como a sua paisagem emocional e erótica. Se conhecesse melhor os sentimentos dos homens ocidentais em relação às mulheres, talvez tivesse menos discussões com Kemal. Ele está constantemente a dizer-me, quando levanto a voz no Chateaubriand, o restaurante perto da universidade que todos os nossos colegas frequentam à tarde para comer *couscous*: «Fatima, surpreende-me sempre que conheças tanto da história árabe e da dos Abássidas, e tão pouco sobre mim». Este é o tipo de frase que me despedaça o coração. Sinto-me culpada, peço desculpa e tento agarrar a mão de Kemal, mas ele põe fim à minha autoflagelação, recordando-me que, como a maior parte dos marroquinos, não aprecia que os casais se toquem em público. «Fatima, por favor, domina-te», costuma dizer. «Não vês o reitor da Universidade sentado ali à tua esquerda, e a nossa espécie de *mullah*, o conservador Benkiki à tua direita?»

Preciso desesperadamente de aumentar o meu conhecimento sobre os homens e as suas enigmáticas reações. Desconcerta-me constatar que, depois de passar dezenas de anos a tentar conhecer Kemal, ainda consiga irritá-lo a um tal ponto que às vezes deixa de me ver durante semanas ou até meses. É claro que nessas ocasiões mobilizo a universidade inteira para intervir a meu favor e ajudar-me a pedir-lhe desculpa, mas leva sempre tempo até as coisas se recomporem. Compreender como funcionam a mente e as emoções de um homem não é tarefa fácil para uma mulher. Consegui adquirir novas capacidades na minha vida, como dominar línguas estrangeiras e usar um computador, mas quando se trata de imaginar como fluem as emoções dos homens, não me parece que tenha progredido muito.

Mas voltando à minha obsessão com o harém. O que acontece às frágeis fronteiras e aos privilégios instáveis quando a imagem filmada ou pintada do harém é introduzida como componente

estratégica da dinâmica sexual? Poderá pôr-se a hipótese de as odaliscas de Ingres funcionarem como uma espécie de escudo para o proteger das suas próprias emoções?

Estava ansiosa por voltar para o mundo de M. Ingres.

173 George Dimitri Sawa, *Music Performance Practice in Early 'Abbasid Era*, Pontifical Institute of Medieval Studies, Toronto, 1989, *op. cit.*, p. 20.

174 *Ibidem.*

175 A minha tradução da versão árabe de *Description of Africa*, traduzida do francês por M. Hijji e M. Lakhdar, al Jami'a al Maghribiya li ta'lif wa tarjama, Rabat, 1980, p. 234.

176 Omar Khayyam, *Odes ao Vinho*, tradução portuguesa ed. Estampa, Lisboa. *(N. do T.)*

177 *The Ruba'iyat of Omar Khayyam*, tradução de Peter Avery e John Heath-Stubbs, Penguin Books, Nova Iorque, 1979, p. 108.

178 Al-Jahiz, *Kitab at-Taj: Fi akhlaq al muluk* (*O Livro da Coroa: Comportamento dos Reis*), *Ach-charika al lubnaniya lil-kitab*, Beirute, 1970, p. 44. Jahiz morreu no ano 276 da Hégira, ou 889 d.C. Para uma tradução francesa deste ensaio, ver Charles Pellat, *Livre de la Couronne*, Société d'Éditions, Les Belles Lettres, Paris, 1954, p. 65.

179 Al-Jahiz, *op. cit.*, p. 65.

180 Roland Barthes, *A Lover's Discourse: Fragments*, tradução do francês por Richard Howard, Hill and Wang, Nova Iorque, 1978, p. 73.

181 A minha tradução do original, o famoso *Book of Songs (Kitab al Aghani)*, de Abi l-Faraj al-Asbahani. A citação encontra-se no Vol. 16, p. 345.

182 Bernard Lewis, *Islam*, traduzido do árabe, Harper and Row, Nova Iorque, 1974, Vol. II, p. 140.

183 Hilal Ibn Sabi', *Rusum al Khilafa* (*Rules and Regulations of the 'Abbasid Court*), traduzido do árabe por Elie A. Salem, American University of Beirut, Beirute, 1977, p. 73.

184 Citado pelo imã Ibn al-Jawzi, *Kitab dammu l-hawa*, editor não identificado, 1962. O autor viveu no século XII.

185 Al-Asbahani, *Al Imaa Ach-chawair* (Poetas Escravas), *op. cit.*, p. 41.

186 «Mas alguns médicos começam a falar da homossexualidade (a palavra só é por eles usada correntemente a partir dos anos 1880) como de uma perversão que deve ser tratada e não mais de um vício a castigar. Estamos perante um progresso importante uma vez que o 'invertido' deixou de ser da competência dos tribunais correcionais passando para os consultórios médicos. Em Viena, Krafft-Ebing, um dos mestres de Freud, publica a 'Psychopathia sexualis', em que estuda detalhadamente, com o nome de 'sexualidade antipática', os sentimentos homossexuais dos dois sexos.» Odon Vallet, *l'Affaire Wilde*, collection Folio, Gallimard, Paris, 1995, p. 30.

187 Mas'udi, *Meadows of Gold*, (A Pradaria de Ouro), *op. cit.*, pp. 390-391.

CAPÍTULO 10

NA INTIMIDADE DE UM HARÉM EUROPEU: MONSIEUR INGRES

Como conseguia Monsieur Ingres ter uma mulher verdadeiramente cristã, com quem casara perante um padre, e ao mesmo tempo pintar e vender publicamente odaliscas nuas? Ficaria a sua mulher com ciúmes quando ele contemplava durante horas as nádegas e as coxas de *A Grande Odalisca*? Como mulher árabe que sou, tê-lo-ia espiado muito atentamente, tal como as *jarya* tinham espiado Harun al-Rashid no seu harém, onde os ciúmes explodiam e queimavam muitas vidas. Estaria Monsieur Ingres apaixonado pela mulher ou seria o seu casamento um desses pouco românticos *mariage de raison*, um casamento de conveniência? Seria ele um homem de paixões fortes, tão ardente e *sexy* que Madame Ingres não conseguia satisfazer os seus desejos libidinosos, e aceitava por isso que ele pintasse imagens nuas para se acalmar? Esta podia ser a explicação para a presença das misteriosas odaliscas turcas num lar da França republicana. É semelhante à explicação frequentemente dada na minha cidade de Fez sempre que uma mulher de meia-idade procura uma jovem noiva para a ajudar a satisfazer as necessidades viris do marido. Ou, pelo menos, essas necessidades viris servem muitas vezes de explicação «oficial». A verdadeira razão é normalmente de origem económica: num país onde a poligamia é imposta pelos homens como lei sagrada, uma mulher que já não é jovem procura voluntariamente uma segunda mulher para o marido apenas para não perder o seu lugar. A mulher engole o orgulho, aprende a controlar o ciúme e cria um novo papel para si própria – o da primeira mulher, despromovida, mas digna, assexuada e na menopausa. Sem a segurança de um salário ou de um segundo rendimento, mostrar-se ciumenta quando o marido de idade madura começa a devorar com os olhos mulheres mais jovens é arriscar-se a ir ao encontro de um futuro incerto e ficar sem sustento.

Manifestar ciúmes, como todos sabemos, é sempre humilhante. Quando sinto ciúmes, é a única ocasião em que consigo compreender como é fácil dar em criminoso. Com frequência, a mulher muçulmana que escolhe engolir o ciúme vira-se para a religião como substituto e cria para si própria uma vida espiritual, frequentando com regularidade a mesquita e as celebrações religiosas. Assim acontece no «Oriente», onde a injustiça contra as mulheres ainda é camuflada como lei sagrada. Mas quando uma mulher muçulmana moderna tem um salário, como é o meu caso, as cenas de ciúmes que se desencadeiam nos reinos muçulmanos são semelhantes às que se desencadeiam nas repúblicas. Muitos dos meus colegas de universidade lamentam-se das mulheres e namoradas ciumentas que lhes cortam os pneus dos automóveis tão ferozmente que os cavalheiros pensam duas vezes antes de as arreliarem outra vez. E Madame Ingres estava livre dos padres e das suas manipulações graças à Revolução Francesa, não é verdade? Será que se divertia realmente a ver o adorado marido sonhar tão abertamente com exóticas rivais? Teriam Monsieur e Madame Ingres um casamento tempestuoso? Será que ela lhe fazia cenas, gritando para que ele deixasse de pintar odaliscas? Ou atirava-o para cima da cama e violentava-o? No seu lugar, eu teria queimado os malditos pincéis, ou tê-los-ia oferecido a pintores necessitados. Como será que os franceses gerem as suas emoções? Será que a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão diz alguma coisa

acerca do ciúme?

Ingres tinha nove anos em 1789, o ano em que os franceses declararam *Liberté, Égalité, Fraternité* como fundamentos para a República da França. E Ingres era um verdadeiro filho dos ideais da Revolução Francesa: nascido num meio modesto, subiu facilmente a escala social e viu o seu talento reconhecido, honrado e magnificamente recompensado. Mas se a República alterou os condicionalismos sociais e aplanou o caminho para as crianças de origem humilde poderem subir na vida profissional e prosperar economicamente, nenhuma medida do mesmo tipo foi tomada para os mais ensombrados campos do romance e da satisfação emocional.

A vida pública de Ingres decorreu como um maravilhoso manifesto publicitário para a República francesa. Mas a Revolução não parece ter contribuído para tornar esse jovem de sucesso mais ousado em matéria de emoções. Ingres não foi capaz de tomar a iniciativa de escolher ele próprio a mulher, tendo de recorrer aos canais tradicionais do casamento de conveniência. Ficou noivo duas vezes, atraído por duas jovens mulheres, mas, por qualquer razão, ambos os noivados se desfizeram.

Para mim, como mulher árabe extremamente preocupada com os direitos humanos, a vida de Ingres é fascinante. Embora fosse um homem ocidental emancipado e educado nas ideias democráticas, não era capaz de escolher a própria mulher e alimentava fantasias sobre mulheres escravizadas como epítome de beleza. Que espécie de revolução, pergunto-me, será necessária para fazer os homens sonharem com mulheres livres e independentes como epítome de beleza?

A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, da França de 1789, foi um marco na história da humanidade. Nela foi rejeitada a subordinação das mulheres como sinal de despotismo. Despotismo e escravatura foram ambos condenados como características vergonhosas das incivilizadas nações asiáticas. «A servidão das mulheres», escreveu Montesquieu em *O Espírito das Leis*, «está muito em conformidade com o caráter do governo despótico, que gosta de abusar de tudo. É por isso que na Ásia a escravatura doméstica e os governos despóticos têm andado a par em todas as épocas»[188]. Os escritos e as ideias de Montesquieu, que nasceu em 1689 e morreu em 1755, vinte e cinco anos antes do nascimento de Ingres, inspiraram o povo francês. E o monstruoso despotismo asiático que Montesquieu condenava, ao definir a sua amada democracia, não era senão o do império turco otomano[189]. Podia pois esperar-se que um pintor que celebra odaliscas ou escravas turcas como ideal de beleza nos primórdios da Revolução Francesa fosse rejeitado como um selvagem sem quaisquer princípios. Mas não foi assim; não só Ingres teve uma carreira de sucesso, como os seus quadros de odaliscas foram comprados pelas mais influentes figuras políticas do século.

Ingres nasceu numa família modesta, em Montauban, uma pequena cidade de Tarn-et-Garonne. «O pai, Jean-Marie-Joseph, estabelecera-se em Montauban como escultor decorativo e rapidamente se tornou o artista de todas as obras da terra… Em 1777 casou com Anne Moulet, filha de um fabricante de perucas para a corte de Aides, e teve cinco filhos, dos quais o mais velho foi Jean-Auguste-Dominique»[190]. Durante a infância de Ingres, Montauban foi uma cidade que passou um período muito conturbado, e ele viveu no meio da violência religiosa. Uma cidade afetada por tumultos sociais não é um ambiente desejável para uma criança, especialmente para o primogénito de uma família numerosa cujo pai é um artista com um salário irregular.

Embora Ingres tenha nascido numa república secular que garantia liberdade de pensamento e afastava os padres da cena política, a religião mantinha uma enorme influência. Em criança, foi

literalmente imerso na cultura cristã, começando pelo ritual do batismo. Mais tarde, foi mandado para uma escola religiosa onde surpreendeu os seus severos mestres ao desenvolver talentos «profanos» em áreas como a música e o desenho. «Primeiro, a criança foi mandada para a escola dos Frères des Écoles Chrétiennes (Irmãos das Escolas Cristãs). Estes frades, perturbados pelos acontecimentos e tentando uma difícil readaptação, ensinavam muito pouco e mal. Alguma instrução que o rapaz possa ter adquirido foi medíocre: demasiadas lacunas, grandes carências de ensino mesmo nas coisas básicas. Ingres ressentiu-se disso durante muito tempo. No entanto, manifestavam-se nele dons precoces na relação com o violino e com o lápis.»[191] A música e tocar violino foram os seus passatempos durante toda a vida, e é daí que deriva a expressão francesa «Le Violon d'Ingres», que significa, entre outras coisas, que uma pessoa com muitos talentos é forçada a abdicar de alguns e a limitar-se a gozá-los apenas como passatempo. Ainda assim, Ingres foi, segundo os seus biógrafos, um excelente músico.

Com onze anos de idade foi mandado para a Academia de Toulouse, e aos dezassete anos o seu talento para a pintura era tão evidente que foi enviado para Paris para trabalhar no estúdio de Jacques-Louis-David, o grande mestre da época. Aí descobriu que os seus companheiros tinham um desafogo económico e um *savoir-faire* que lhe faltava. Segundo Norman Schlenoff, um biógrafo de Ingres, a consciência da sua origem humilde causava-lhe enormes complexos que nunca conseguiu ultrapassar. Ingres nunca falava, por exemplo, dos anos da infância, do tempo em que trabalhava como moço de recados no café do tio, lavando copos, desenhando retratos de clientes e tocando de improviso em orquestras, nos bailes da vizinhança. Contudo, o jovem pintor em breve se vingaria dos seus camaradas mais abastados.

Aos vinte e um anos, Ingres recebeu o primeiro «Grand Prix de Rome», uma honra cobiçada por todos os estudantes do *atelier* de David. O «Grand Prix» permitiu-lhe continuar os estudos na Académie de France em Roma. Problemas económicos obrigaram-no a adiar a partida para Roma, que tem lugar cinco anos mais tarde, em 1806, mas o prémio teve uma outra vantagem imediata – ficou isento do serviço militar, o que na época não era um privilégio menor, uma vez que os exércitos de Napoleão estavam a transformar o mapa da Europa e do Mediterrâneo. Em 1798 o exército francês invadira o Egito, uma das joias do império muçulmano então governado pelos sultões otomanos. Essa invasão de uma província do império muçulmano abalou o mundo, porque até ali tinham sido os poderosos Otomanos a ameaçar a Europa. Ingres tinha completado nesse mesmo ano dezoito anos, e gostou particularmente de ficar isento do serviço militar porque a visão do sangue lhe causava horror, e nunca pintou cenas de batalha, o tema preferido de muitos artistas do seu tempo. Para muitos artistas franceses, ser convidado a pintar cenas de batalhas ou acompanhar missões diplomáticas era a única oportunidade de viajar para países exóticos a expensas do Estado. Delacroix, um contemporâneo de Ingres, foi convidado a viajar para Marrocos em 1832, integrado numa missão diplomática. Foi durante essa viagem que Delacroix fez um desvio por Argel, onde permaneceu três dias e visitou o harém que inspirou o famoso quadro *Mulheres de Argel*, recriado em França uns anos mais tarde, de memória, e com o auxílio de diários e esboços[192].

Embora Ingres não estivesse particularmente ansioso por acompanhar missões diplomáticas ou visitar o Oriente, isso não parece ter de modo algum prejudicado a sua carreira. Em 1834, foi nomeado diretor da Académie de France em Roma, e em 1841, ao regressar a Paris no fim da sua missão, foi recebido triunfalmente: «O marquês de Pastoret organiza um jantar em sua honra, com

426 convidados, seguido de um concerto dirigido por Berlioz. O rei Luís Filipe convida-o para Versailles e recebe-o na sua casa de Neuilly. Multiplicam-se as encomendas de retratos.»[193] Em 1850, foi nomeado presidente da École des Beaux-Arts; em 1855, recebeu das mãos do imperador a Cruz de Grande Oficial da Legião de Honra; e finalmente em 1862, foi nomeado senador e recebeu a «Médaille d'Or» (Medalha de Ouro) concedida por 215 artistas franceses.

Mas embora Ingres nunca tivesse encontrado Napoleão no campo de batalha, não conseguiu escapar-lhe completamente. Em 1803 recebeu uma encomenda para pintar o seu retrato, tal como Greuze, outro dos mais conceituados pintores da época. Os dois homens viajaram juntos até à residência do Primeiro Cônsul em Liège para uma curta sessão de pose, mas quando chegaram, perceberam que tinham de trabalhar rapidamente, pois «Napoleão, na sua febril atividade, tinha pouco tempo para posar»[194]. Pintar Napoleão era o sonho de todos os pintores franceses da época, e após ver reconhecido o seu talento prodigioso, Ingres decidiu dedicar-se ao romance e ao amor. Começou então à procura de noiva.

As duas primeiras mulheres que Ingres amou o suficiente para querer casar, estavam longe de ser passivas odaliscas. A primeira foi Mademoiselle Julie Forestier, pintora e música. Ingres tinha 26 anos quando o noivado foi oficialmente anunciado em junho de 1806. Uns meses mais tarde, contudo, tiveram de se separar porque Ingres recebera finalmente o dinheiro suficiente para ir para Roma. Em outubro de 1806 chegou à cidade italiana e pela primeira vez na sua vida viu o mar, em Ostia, um belo lugar a poucos quilómetros de Roma. O diretor da sumptuosa Villa Medici, onde ficava situada a Academia Francesa, deu-lhe um estúdio privado com uma vista fantástica sobre o Pincio.

Uma vez instalado em Roma, Ingres não esqueceu a namorada e enviou um presente ao pai dela – uma pintura da paisagem da Villa Borghese. Mas um ano depois, durante o verão de 1807, rompeu o noivado e Mademoiselle Forestier restituiu apressadamente o quadro oferecido. Nesse mesmo ano, como se para compensar a desilusão amorosa, Ingres pintou *La Baigneuse à mi-corps*, uma mulher sentada, vista de costas, nua, os braços aparentemente cruzados sobre o peito. Usa um magnífico turbante de seda negligentemente enrolado, uma característica comum a muitas das odaliscas mais tardias de Ingres, incluindo a famosa *Baigneuse de Valpinçon* (A Banhista de Valpinçon), que tomou o nome da compradora do quadro. A banhista vista de costas foi «o primeiro grande quadro de Ingres de um nu feminino», escreve o crítico Robert Rosenblum. «Cria um mundo feito da quietude do ilusório ideal de intemporalidade, de perfeição clássica, que periodicamente assombra a arte ocidental.»[195] A mesma misteriosa banhista sem rosto irá perseguir Ingres durante mais de cinquenta anos. Será ela ainda a ocupar o centro de cena no *Banho Turco*, que Ingres terminou em 1862, quando já era um homem velho com mais de oitenta anos. «Ingres deve ter compreendido que com este nu atingira uma espécie de perfeição imutável», escreve Rosenblum, «porque tal como podia copiar, com variações, as eternas harmonias criadas por Rafael, também ele iria recriar a sua própria *Banhista de Valpinçon*, numa série de composições mais elaboradas que culminaram com *O Banho Turco*[196].

Após o primeiro falhanço amoroso, Ingres esperou cinco anos até voltar a ficar noivo, dessa vez com uma exótica mulher escandinava. Tinha trinta e dois anos quando, em 1812, escreveu aos pais pedindo autorização para ficar noivo de Laura Zoega, filha de um arqueólogo dinamarquês. Mas este noivado foi ainda mais curto do que o primeiro, e rompeu abruptamente.

No ano seguinte, Ingres optou por um método menos romântico para a escolha de uma

companheira – decidira casar com alguém que não conhecia. Dirigiu-se à mulher do seu amigo Monsieur Lauréal, um oficial de alta patente da corte francesa em Roma, e ela sugeriu-lhe a prima, Madeleine Chapelle, uma modista de trinta e um anos. Ingres correspondeu-se com ela, decidiu casar – com uma mulher que nunca vira – e pediu aos amigos que lhe marcassem uma entrevista. Madeleine veio conhecer o futuro marido, e combinaram um encontro perto do túmulo de Nero, nos arredores de Roma, na estrada para França.

Então a 4 de dezembro de 1813, Ingres casou com Madeleine Chapelle. Embora não se saiba muito acerca da vida doméstica de Ingres, uma coisa parece ser certa: Ingres teve um casamento monogâmico com Madeleine. No entanto, um ano apenas depois do casamento, Ingres introduziu uma escrava na sua vida emocional – a famosa *Grande Odalisca*. Mas a cidadã Madeleine Ingres não gritou nem protestou como faria uma mulher muçulmana. Na Medina da minha cidade de Fez, as mulheres encenavam cenas tumultuosas quando os maridos casavam com uma segunda mulher. Organizavam vigílias quase fúnebres de protesto durante as quais os amigos e os parentes acompanhavam em altos gritos os seus lamentos nos pátios dos haréns. O facto de a poligamia ser institucionalizada por leis feitas por homens, não a torna emocionalmente aceitável para as mulheres. Muitas rainhas, narram os historiadores, sufocaram ou estrangularam os maridos quando descobriram os seus planos de aquisição de uma segunda mulher, ou quando estes levavam para casa a rival. Mas as fontes históricas provam que é mais frequente serem as mulheres as vítimas de ciúmes. «Um documento do século XVII dos arquivos do Palácio Topkapi», escreve Alev Lytle Croutier no livro *Harem*, «fala da rivalidade entre a sultana Gülnush e a odalisca Gülbeyaz – (Rosabranca), que teve um fim trágico. O sultão Mehmed IV tinha estado profundamente apaixonado por Gülnush… mas após a entrada de Gülbeyaz no harém, os seus afetos começaram a transferir-se, e Gülnush, ainda apaixonada pelo sultão, ficou louca de ciúmes. Um dia, quando Gülbeyaz estava sentada num rochedo olhando o mar, Gülnush empurrou-a discretamente do rochedo, e afogou a jovem odalisca»[197].

Corria o ano de 1814 e Ingres acabara de completar trinta e quatro anos. Ao contrário de Madeleine, a sua mulher francesa, que podia andar e falar, e que provavelmente tinha de se ocupar de muitas tarefas domésticas, *A Grande Odalisca* foi concebida para não fazer nada a não ser estar reclinada e ser bela. Passando meses inteiros a pintar uma bela mulher, Ingres declarava diariamente à mulher que ela era feia! Ou, pelo menos, seria isso que concluiria uma mulher muçulmana. O modo como as emoções dos homens e das mulheres se geram e desenrolam num harém francês como o que Ingres criou é-me incompreensível. Qual era o problema emocional de Ingres? Teria ele medo de investir demasiado, emocionalmente, na sua relação com a mulher? O universo emotivo é, definitivamente, uma das chaves para a compreensão das diferenças culturais entre o Oriente e o Ocidente. Estou certa de que aprenderia muito sobre os meus problemas emocionais se fosse capaz de compreender por que Madeleine Ingres não era ciumenta.

Ou teria Madeleine Ingres sentido ciúmes mas também receio de os exprimir? Talvez as mulheres ocidentais se sintam desencorajadas em relação a exprimir ciúmes, como se assim pagassem uma espécie de preço pelo privilégio da monogamia institucionalizada de que usufruem. Com estas hipóteses na mente, corri para a enorme livraria da cave do Louvre, comprei outros livros sobre Ingres, e sentei-me num soalheiro café na rue de Rivoli para procurar informação sobre Madeleine Ingres.

Infelizmente as fontes são escassas, mas aprendi que os historiadores sabem o suficiente sobre a

vida privada de Ingres para poderem concluir que o casal partilhava momentos deliciosos. Financeiramente, Ingres estava muito bem e era considerado um dos «doze artistas mais privilegiados da República Francesa»[198]. Era generoso, fazia com frequência convites para sua casa e recebia faustosamente. Gostava de ir à ópera e tinha tendência para se encher de bolos. Além disso, dava-lhe grande prazer posar nu, uma prática que adquirira quando era um jovem artista no *atelier* de David, onde era tradição os estudantes posarem uns para os outros; «sobreviveu uma cópia de um desenho de Ingres posando nu, baixo e um pouco robusto, mas avançando vigorosamente para a frente, segurando um elegante arco e flecha»[199]. Mesmo mais tarde, «manteve uma tendência para se despir em prol do progresso da arte… Posou nu fazendo de Virgem Maria para o seu quadro *O Voto de Luís XIII*, tendo persuadido um amigo a fazer um esboço seu enquanto estudava a posição das pernas»[200]. Por volta de 1840, quando tinha quase sessenta anos, «começou a correr pelo quarto num estado de nudez até se lançar ofegante, para cima de um colchão»[201]. Foi então descrito por um seu contemporâneo como «um homem baixo, obeso e atarracado… sem pinga de receio de parecer ridículo…»[202].

Quando se comovia, Ingres exprimia as suas emoções – especialmente a ternura. Não hesitou, por exemplo, em escrever uma carta a Madeleine dizendo quanto sentira a sua falta durante a cerimónia em que Carlos X lhe conferiu a Legião de Honra, em 1824. «Quando o meu nome foi pronunciado, no meio dos aplausos», escreveu, «as minhas pobres pernas e o meu rosto devem ter traído o estado de extrema vulnerabilidade que senti ao cobrir a distância que me separava do rei e da *Croix* (cruz) que ele graciosamente me estendia…»[203]. Ingres também confessou a Madeleine que tinha chorado; «Também terias chorado se aqui estivesses, tal como eu ainda estou a fazer enquanto te escrevo sobre isso». Ingres tinha então quarenta e cinco anos e, ao contrário dos homens que se tornam mais narcisistas com o sucesso, parecia ter ficado mais maduro e mais inclinado a apreciar a ternura e a emoção que sentia na sua relação com Madeleine. Nesta época, aconselhou a um marido que posava para um retrato que olhasse para a mulher, «para que o seu olhar se tornasse mais suave»[204]. O fascínio de Ingres pelas emoções das mulheres, e as tentativas para captar os seus humores e modos flutuantes, também contribuíram para o sucesso dos seus retratos.

Não é portanto de surpreender que Ingres ficasse tão arrasado quando Madeleine, a sua confidente durante mais de trinta e cinco anos, morreu em 1849. Então com sessenta e nove anos, sentiu-se tão solitário que decidiu casar de novo três anos mais tarde. Voltou a pedir aos amigos, desta vez os Marcottes, que o ajudassem a planear um novo casamento, e a 15 de abril de 1852, casou com Delphine Ramel. Com quarenta e dois anos de idade, a noiva era trinta anos mais nova do que ele – uma circunstância que ele lhe recordava com frequência – e pertencia a uma abastada família burguesa. Antes do casamento, Delphine vivera com o pai, um administrador de hipotecas em Versailles.

Este segundo casamento parece ter sido tão feliz como o primeiro. Ingres escreve a uma amiga em 1854: «Não vejo quase ninguém, ou raramente alguns amigos que têm a gentileza de apreciar a minha vida presente. A minha excelente mulher está a adaptar-se muito bem a esta maneira de viver. Cria solidão à minha volta, e embeleza-a quase todas as noites tocando duas sonatas do divino Haydn, que interpreta muito bem e com verdadeiro sentimento. Às vezes acompanho-a»[205]. Contudo, no meio desta beatitude conjugal Ingres começa a pintar *O Banho Turco*, um dos seus haréns mais diabolicamente voluptuosos, repleto de mulheres nuas. Era o ano de 1859, e desta vez, com a jovem Delphine a seu lado, as suas fantasias sobre o harém parecem ter-se tornado mais ousadas do que

nunca. Em vez de introduzir uma só odalisca, como no casamento monogâmico com Madeleine, introduzia agora mais de vinte mulheres turcas, das quais apenas uma se parece com Delphine. «*O Banho Turco* faz lembrar um mundo simultaneamente real e imaginário, uma fantasia erótica cristalizada na lente distorcida de um espelho convexo», escreve o crítico de arte Robert Rosenblum. «No rosto do nu reclinado numa almofada, em primeiro plano, à direita, reconhecem-se as feições roliças da sua nova mulher, Delphine Ramel…»[206]

Ingres levou mais de três anos a completar *O Banho Turco*, considerado por Edward Lucie-Smith, o autor de *Sexuality in Western Art*, como «um tipo particularmente complexo» de erotismo ancorado na imagem[207]. Segundo Lucie-Smith, «*O Banho Turco* é um hino à glória do omnipresente corpo feminino – há nus seja qual for a direção em que se olhe; enchem todo o espaço pictórico, como se o artista sofresse de horror ao vazio… Estas mulheres são animais, estão agrupadas em conjunto e preparadas para o prazer do macho (a quem, em qualquer caso, não podem recusar satisfazer). A um nível secundário também há implicações voyeurísticas: estamos a assistir a uma cena normalmente proibida aos olhares masculinos»[208].

Pelo menos uma mulher francesa, a princesa Clotilde, mulher do príncipe Napoleão, sentiu intensos ciúmes do *Banho Turco*. Chocada por tanta nudez, forçou o marido a desfazer-se do quadro. Ele devolveu-o a Ingres que, sem perder um minuto, voltou a pintá-lo. «O artista transformou então a pintura *en tondo* (em forma circular) e com esse objetivo reduziu-o com uma tira vertical e ampliou a esquerda com uma outra tira. A transformação foi importante porque deste modo uma grande parte da mulher nua em primeiro plano à direita desaparecia, e a pose da sua vizinha ficava alterada. Acrescentou então a mesa posta, em plano de fundo, a banhista sentada na borda da bacia, e todas as outras figuras por trás dela. Depois, foi retirada a cortina…»[209]

E quem comprou o quadro agora refeito, que todos os maridos franceses pareciam hesitar em adquirir? Um turco! Um homem muçulmano. «Em 1864, a obra encontrava-se ainda no estúdio de Ingres; foi comprada pouco tempo depois (por 20 000 francos) por Khalil Bey, o embaixador da Turquia em Paris.»[210] Mas quatro anos mais tarde, em 1868, o embaixador vendeu o quadro a um comprador francês, que voltou a vendê-lo, e só em 1911 passou a ser propriedade do Louvre. Pergunto-me porque terá o embaixador Khalil Bey vendido a pintura. Será que a mulher também o importunou com censuras, ou terá tido subitamente necessidade de francos franceses? Talvez se desse o caso de, como tantos outros turcos do seu tempo, estar simplesmente saturado de haréns. Como foi mencionado anteriormente (cap. 7), em 1860 a Turquia estava a ser o centro de uma das mais importantes revoluções culturais que abalaram o despótico Islão. A ocupação turca por parte do corrupto Império Otomano estava a ser culpada pelo impetuoso avanço da colonização ocidental, simbolizado na ocupação da Argélia pela tropa francesa em 1830. A Argélia fora uma colónia do Império Otomano, e a sua ocupação alimentou o nacionalismo e a formação de movimentos de reforma radical. Entre estes, o mais importante era o dos «Jovens Turcos», que acusavam as instituições despóticas, a começar pelo harém, de serem a causa das derrotas militares dos muçulmanos. Os «Jovens Turcos» promoveram as primeiras escolas para raparigas em 1860, e quatro décadas mais tarde, em 1909, baniram o harém e encorajaram as mulheres a entrarem nas profissões[211]. Será que o embaixador Khalil Bey se sentiu de algum modo embaraçado por possuir um luxuoso «harém parisiense», e o vendeu para parecer «politicamente correto» no país natal? Este é o género de pergunta que tenho de fazer ao meu colega Benkiki quando voltar para Rabat. Como todos os fundamentalistas, Benkiki odeia os «Jovens Turcos», muito em especial o seu líder

Kemal Ataturk, e por isso sabe muito sobre a Revolução Turca, que culminou nos anos 20, quando a Turquia foi declarada uma república e Kemal Ataturk o seu primeiro presidente. A abolição do califado (a instituição do califa) foi declarada oficialmente em 1924.

A influência da Revolução Turca reverberou por todo o mundo islâmico. Graças a ela, foram estabelecidas em Marrocos as primeiras escolas para raparigas – escolas que eu frequentei nos anos 40 e sem as quais seria uma iletrada desesperadamente frustrada. Pergunto-me muitas vezes o que teria feito se tivesse crescido analfabeta, e vem-me à ideia que seria certamente vidente. É verdade, ter-me-ia tornado a melhor vidente em todo o reino de Marrocos. Porquê? Porque as videntes vendem esperança e estimulam a autoconfiança insistindo na capacidade das suas clientes para mudarem a situação em que se encontram. Esperança é aquilo que as mulheres necessitam para darem um sentido às suas vidas sem sentido. Sim, eu teria propagado a esperança. A esperança é a minha droga e o meu vício oficial. O pessimismo é o luxo dos poderosos. Não posso permitir-me esse luxo.

O enigma de tudo isto é o facto de nas pinturas ocidentais não haver sinal da incrível transformação feminista, primeiro na Turquia, e mais tarde em outros países muçulmanos. Nos anos 30, enquanto Matisse estava a pintar as suas passivas odaliscas, as revistas turcas reproduziam fotografias de estudantes da Universidade de Ankara em uniforme militar. Sabiha Gokçen, a primeira mulher-piloto turca, foi fotografada pilotando aviões em 1930, enquanto Sureya Agoaglu já exercia a profissão de advogada nos tribunais turcos desde os anos 30. Um turco rico como Khalil Bey tinha de emigrar para Paris para encontrar haréns à venda.

Todas as odaliscas que Ingres fantasiou e pintou ininterruptamente durante cinquenta anos eram ociosas, desesperadamente passivas, e sempre representadas em casa, estendidas num divã numa nudez embaraçosamente vulnerável. No entanto, esta fantasia de mulheres de harém passivas não existe no Oriente!

Ironicamente, no Oriente – a terra dos haréns, da poligamia e dos véus – os homens muçulmanos sempre fantasiaram, tanto na literatura como na pintura, sobre mulheres ativas, seguras de si, determinadas e incontroláveis. Os árabes fantasiaram sobre a Xerazade de *As Mil e Uma Noites*; os persas pintaram princesas aventureiras como Shirin, que caçava animais selvagens, correndo a cavalo pelos continentes; e os mongóis ou turco-mongóis da Ásia Central deram ao mundo muçulmano maravilhosas pinturas eróticas onde as mulheres são fortes e de aspeto independente, e os homens são frágeis e inseguros. Não é surpreendente que numa Turquia em rápida modernização, fotografias de mulheres pilotando aviões ou manejando espingardas fossem constantemente reproduzidas nas revistas.

Que género de mulheres habitam as fantasias dos artistas muçulmanos? Que género de mulheres pintam eles quando sonham com belezas? Estas eram as questões a que Claire e Jacques desejavam que respondesse depois de eu os ter esgotado com as minhas considerações sobre Ingres e as suas emoções incompreensíveis.

188 Montesquieu, *The Spirit of Laws (De l'Esprit Des Lois)*, traduzido e editado por Anne M. Cohler, Basia Carolyn Miller, and Harold Samuel Stone, Cambridge University Press, Cambridge, 1989, p. 270.

189 Ver a introdução de Alain Grosrichard ao seu livro *The Sultan's Court: European Fantasies of the East*, Verso, Nova Iorque, 1997.

190 Daniel Ternois (Introdução), e Ettore Camesasca (Texto), *Ingres*, traduzido do italiano para o francês por Simone Darses, Flammarion, Paris, 1984, p. 83. A tradução do francês para o inglês é minha.

191 Pierre Angrand, *Monsieur Ingres et son Époque*, Bibliothèque des Arts, Lausanne-Paris, 1967, *op. cit.*, p. 9.

192 «A missão saiu finalmente de Tânger em junho, e depois de passar por Oran, desembarcou em Argel a 25 do mesmo mês. Durante

esta estadia de três dias, Delacroix parece ter conseguido organizar uma visita ao harém de um nobre local. A visita inspirou um dos mais famosos de todos os quadros orientalistas, *Mulheres de Argel nos seus Aposentos* (Paris, Museu do Louvre). Delacroix permaneceu obcecado pela viagem a África. Servindo-se de esboços e notas, pintou as cenas que observara.» Lynn Thornton, *The Orientalists: Painter-Travellers*, edições ACR, Poche Couleur, Paris, 1994, pp. 68-69.
193 Ternois e Camesasca, *op. cit.*, p. 85.
194 Robert Rosenblum, *Ingres*, Harry N. Abrams, Nova Iorque, 1990, p. 52.
195 Rosenblum, *Ingres*, *op. cit.*, p. 66.
196 *Ibidem.*
197 Alev Lytle Croutier, *Harem*, Abberville Press, Nova Iorque, 1998, *op. cit.*, pp. 34-35.
198 Angrand. *op. cit.*, p. 217.
199 James Fenton, *The Zincsmith of Genius*, New York Review of Books, maio, 20, 1999, pp. 21-28. A citação é da p. 21.
200 *Op. cit.*, p. 21.
201 *Ibidem.*
202 *Ibidem.*
203 H. Lapause, *Le Roman d'Amour de M. Ingres*, Paris, 1910, pp. 282-287, citado por Pierre Angrand, *op. cit.*, nota de rodapé n.º 2, p. 48.
204 O retrato era o de Cavé. *In* Pierre Angrand, *La Vie de M. Ingres*, *op. cit.*, p. 211, nota de rodapé n.º 2.
205 Carta a Pauline Guibert, de 6 de setembro de 1854, citada por Angrand, p. 247.
206 Rosenblum, *Ingres*, *op. cit.*, p. 128.
207 Edward Lucie-Smith, *Sexuality in Western Art*, Thames and Hudson, Londres, 1972, p. 180.
208 *Ibidem.*
209 Ternois e Camesasca, *op. cit.*, p. 118.
210 Ternois e Camesasca, *ibid*.
211 Sarah Graham-Brown, *Images of Women: Portrayal of Women in Photography of the Middle East 1860-1950*, Columbia University Press, Nova Iorque, 1988.

CAPÍTULO 11

A AGUERRIDA SHIRIN À CAÇA AO AMOR

Quem são as mulheres retratadas pelos muçulmanos nas miniaturas? São personagens fictícias, figuras lendárias como Xerazade, ou verdadeiras rainhas e princesas? Existe uma tradição de pintura no Islão? O Islão não proibiu, de facto, a representação da figura humana? Foi com estas perguntas que Jacques me bombardeou quando lhe falei das imagens femininas na pintura muçulmana.

O mundo muçulmano tem uma espantosa tradição de pintura nas quais o génio persa em especial atinge o auge. O amor, bem como as viagens épicas e as batalhas, eram celebrados, e as mulheres estavam bem presentes. Com frequência eram representadas energicamente empenhadas em mudar o mundo e em constante movimento – quer a cavalo, como a princesa Shirin no poema romanesco «Khusraw e Shirin», ou em camelos, como Zuleika na história bíblica de José. Mas antes de prosseguir, detenhamo-nos no problema da censura islâmica da representação humana.

O Islão proibiu as imagens principalmente porque os árabes pagãos adoravam trezentos e sessenta deuses no templo da Kaaba, o santuário de Meca. Segundo o autor do século VIII Hisham Ibn al-Kalbi, que escreveu o «Livro dos Ídolos» (*Kitab al-Asnam*) e um dos raros historiadores que descreveram a cena pagã pré-islâmica, alguns destes eram *ançab*, ou simples pedras, outros eram *açnam*, ou estátuas com figura humana[212]. Os árabes pré-islâmicos também fabricaram pequenas estatuetas de barro dos seus deuses favoritos para protegerem as casas na prática dos cultos domésticos. Muitas destas divindades eram deusas, e foi esta uma das razões que contribuíram para a proibição da representação. A própria tribo do profeta adorava três deusas árabes – *Al-lat, al Uzza* e *Manat*.

Quando o profeta conquistou Meca, destruiu as divindades pagãs, limpou o santuário e declarou que deviam adorar um só Deus[213]. O verso exato do Corão que baniu as imagens também proíbe outros três pecados: o vinho, o jogo, e a adivinhação. «Ó Vós que acreditais! O vinho (*khamr*), os jogos de azar (*maysir*) e os ídolos (*ançab*) e as flechas de adivinhação (*azlam*) são uma infâmia criada por Satanás. Evitai-as para que possamos prosperar» (Surata 5:89)[214]. Sabemos, contudo, que nem todos os muçulmanos são anjos; alguns bebem vinho, outros jogam, outros ainda – sobretudo as mulheres – dedicam-se à adivinhação e a práticas de magia, e alguns pintam imagens. Nações como a Pérsia já possuíam uma forte tradição artística quando se uniram ao Islão, e não pararam de representar imagens apenas pelo facto de terem uma nova religião. Pelo contrário, os persas enriqueceram a cultura muçulmana com a sua grande herança cultural, e tornaram-se mestres na arte da miniatura. Alguns artistas persas eram com frequência convidados das cortes turca e mongol para ajudarem a ilustrar manuscritos em *ateliers* de livros de arte.

Duas outras razões explicam por que a proibição da representação das imagens não teve a mesma força em todo o Islão. A primeira é o facto de os muçulmanos fazerem uma distinção entre arte sacra e arte profana. No interior das mesquitas não existiam, nem existem, ao contrário das igrejas cristãs, imagens dedicadas ao culto. Mas nas casas ricas as pinturas em miniatura eram muito

apreciadas, e alguns poderosos califas e sultões tinham os seus artistas em *ateliers* privados. Os ricos não pensavam partilhar os quadros com os pobres, como no Ocidente, e mesmo hoje, a maior parte da arte islâmica encontra-se ainda nas mãos dos ricos e poderosos. O conceito de museu é uma importação puramente ocidental, o que explica porque do nosso lado do mundo os museus são geralmente espaços desertos, escassamente fornecidos e mal instalados. A segunda razão para a arte pictórica ter existido sempre nos países muçulmanos é o facto de o Islão não ter clero consagrado para reforçar a uniformização, como acontece, por exemplo, na Igreja Católica. Não existe, no Islão ortodoxo, nada que se pareça com uma autoridade religiosa infalível, como o papa da Igreja Católica Romana.

Então que tipo de imagens de mulheres encontramos na pintura muçulmana? O que acontece com as emoções e as flutuações do poder, numa cultura em que os homens ousaram transgredir as recomendações de Deus sobre evitarem a representação humana, e continuaram a pintar as suas fantasias? Como representavam estes audazes muçulmanos as mulheres e as emoções que elas suscitavam? Estes homens respeitavam a *Shari'a* (a lei religiosa), com o ideal de harém e segregação sexual, ou violavam-na? Bencheikh, o eloquente escritor árabe, sintetiza assim a questão: «O amor abre horizontes e desestabiliza certezas. Um homem apaixonado descobre-se diferente do que julgava ser. Uma mulher apaixonada descobre os 'eu' múltiplos que desejamos que tenha. A liberdade no amor é concebida em termos de superação e ultrapassagem dos limites do 'eu'»[215].

Para nos ajudar a compreender o ideal de beleza feminina nas fantasias muçulmanas, como aparece expresso na pintura, vamos deter-nos na princesa Shirin, uma heroína secular, e uma das mulheres mais representadas na arte islâmica. Tal como Xerazade, Shirin é um nome persa. Mas enquanto Xerazade é uma heroína literária, Shirin é o seu equivalente na pintura. É uma princesa reclusa, que abandona o harém onde nasceu no momento em que se apaixona, e é muitas vezes retratada cavalgando solitária pelos bosques em busca do seu amor, o príncipe Khusraw, ou banhando-se em lagos isolados, enquanto o cavalo vigia a cena. Quando por fim encontra o príncipe, são retratados caçando juntos animais selvagens, e quando Khusraw, para a impressionar, «mata com o sabre um leão», ela não hesita em matar com a espada um burro selvagem»[216]. E se formos analisar as suas aventuras através das pinturas em miniatura, Shirin não fica minimamente perturbada, como seria normal, com a morte dos animais selvagens. As suas feições refletem serenidade, deduz-se que não tem o coração a sangrar de ternura pelos animais que matava.

Não pude impedir-me de rir alto quando voltei ao Louvre para comparar as miniaturas islâmicas com as odaliscas de Ingres – tão grande era a diferença. Tentei imaginar o que aconteceria se Ingres encontrasse Shirin, cara a cara, no parque do Bois de Boulogne. Tê-la-ia despojado do arco e flecha para poder pintá-la? Ter-lhe-ia tirado o *caftan* de seda e ordenado que se despisse? E quanto a Immanuel Kant, que dizia que o saber matava o encanto de uma mulher, e que era então preferível que usasse uma barba?… Imaginei uma barba debaixo do encantador queixo de Shirin e ri com gosto, de tal modo que o elegante segurança do soturno primeiro andar do museu pediu-me para rir mais baixo ou sair. Escolhi a segunda opção, e dirigi-me de cabeça levantada para a saída da rue de Rivoli.

O poema romanesco «Khusraw e Shirin» faz parte do *Khamseh* («Quinteto»), escrito pelo poeta Nizami (1140-1209). Tem sido ilustrado por todos os pintores islâmicos, persas, turcos, ou mongóis. Shirin e o seu amado Khusraw vêm de países diferentes: Khusraw era um príncipe persa,

filho do rei Hurmuzd, e Shirin era sobrinha da rainha da Arménia. Embora esta situação seja típica das lendas e contos árabes, uma espécie de preparação para um pluralismo inevitável que acabaria por chegar, não podemos deixar de nos perguntar como acabaram por se conhecer, considerando que a princesa vivia reclusa no luxuoso palácio da tia. Bem, Khusraw começou por se apaixonar por Shirin em sonho: «sonhou que cavalgava o mais veloz corcel do mundo, *Shabdiz*, e que encontrava uma mulher meiga e bela chamada Shirin»[217]. Pouco depois, Khusraw ouviu o seu amigo Shapur, que visitara a Arménia, falar de uma bela princesa chamada Shirin, sobrinha da rainha desse país. Quando Shapur compreendeu quanto era devastadora a paixão do amigo pela mulher do seu sonho, cavalgou de novo até à Arménia com um plano estratégico que resultou maravilhosamente: «Shapur atiçou o interesse de Shirin pendurando retratos de Khusraw pelas árvores e explicou-lhe como poderia ir ao encontro do príncipe, na Pérsia.»[218] Surpreendentemente, a princesa reclusa não hesitou um minuto. Em vez disso, saltou para «o cavalo mais veloz do mundo» e começou a irresistível e impulsiva viagem à procura do seu amor. E «Após catorze dias e catorze noites, exausta e coberta de pó, chegou a um pequeno e tranquilo lago, e parou para se banhar»[219]. Que momento singular este, em que uma mulher reclusa se transforma em aventureira e, depois de cavalgar sozinha por florestas desconhecidas durante semanas, para para se banhar num espelho de água, como se tudo isso fosse a coisa mais natural do mundo. Desde então, Shirin tomando banho no meio da floresta tem sido obsessivamente celebrado nas miniaturas islâmicas.

Entretanto, Khusraw, forçado por acontecimentos políticos a abandonar a Pérsia, cavalgava na direção oposta, rumo à Arménia, quando deparou com uma beleza tomando banho num lago, cuja identidade aristocrática era traída pelo cavalo, magnificamente ajaezado, parado junto à margem do lago. A cena de «Khusraw que contempla Shirin no banho», na qual a heroína é retratada como uma misteriosa amazona nadando nas águas da floresta selvagem, é um marco nas miniaturas islâmicas[220]. Mas é claro que durante este primeiro encontro nem Shirin nem Khusraw puderam falar-se – se assim não fosse, não teríamos a lenda. Em vez disso «Maravilhado com a sua beleza, Khusraw aproximou-se silenciosamente. Assustada, Shirin cobriu-se com as longas tranças, vestiu-se e cavalgou para longe. Embora Khusraw desejasse aquela belíssima donzela para si, não adivinhou nunca a sua identidade. Nem Shirin reconheceu Khusraw, apesar de mais tarde pensar se aquele belo cavalheiro não seria o príncipe»[221]. E os amantes separaram-se, cada um cavalgando e procurando o outro na direção oposta, um tema universal pelo seu *pathos*, porque todos nós passamos a nossa breve vida fazendo exatamente isso, mesmo se fisicamente partilhamos a nossa cama com a mesma pessoa durante anos. Trazemos sempre connosco a imagem de um companheiro melhor, uma pessoa ideal, o que reduz consideravelmente as nossas hipóteses de encontrarmos a felicidade.

Apaixonar-se por uma imagem ou por um retrato é, na minha opinião, uma alegoria do que acontece a todos nós: iniciamos a nossa procura emocional da felicidade com uma imagem tatuada na nossa psique infantil, e passamos dias e noites, atravessamos rios e oceanos, procurando alguém que se assemelhe à imagem das nossas fantasias. O motivo do amor na pintura islâmica, tal como nas fábulas narradas, recorda-nos que a felicidade implica viajar para longe ao encontro do «outro», diferente. Apaixonar-se tem a ver com atravessar fronteiras e correr riscos.

Apaixonar-se por uma imagem é um tema recorrente em muitos dos contos de *As Mil e Uma Noites*. Na história «O Príncipe que se Apaixonou por um Retrato», por exemplo, um príncipe persa fica cativado pelo retrato de uma mulher de Ceilão. Isso obriga a uma considerável viagem, como

pode deduzir-se do seguinte resumo: «Um jovem príncipe entrou um dia na sala do tesouro do seu pai e viu uma pequena arca de cedro com pérolas, diamantes, esmeraldas e topázios… Ao abri-la (a chave estava na fechadura) encontrou um retrato de uma mulher de rara beleza, por quem imediatamente se apaixonou. Tendo lido o nome da mulher numa inscrição no verso do retrato, partiu à sua procura com um companheiro. Tendo tido conhecimento, através de um velho de Bagdade, de que o seu pai em tempos reinara em Ceilão, continuou a viagem nessa direção, enfrentando pelo caminho aventuras inauditas.»[222]

O amor entre um homem e uma mulher é necessariamente uma arriscada mistura de culturas diferentes, quanto mais não fosse pela diferença de sexos, que é uma fronteira cósmica, uma barreira existencial. Na psique muçulmana, amar é aprender a superar o desafio da diferença. É também descobrir a maravilhosa riqueza do humano, a pluralidade, a diversidade das criaturas de Alá. Um dos mais citados versículos do Corão, e um dos meus preferidos, diz: «…e fizemos de vós diferentes nações e tribos, para que possais aprender a conhecer-vos» (Surata 49:12). A palavra árabe «conhecer», neste verso *'arafa*, vem de *'Arif*, que significa um líder designado pelo seu grupo devido ao conhecimento que adquiriu fazendo perguntas acerca de coisas que ignorava[223]. Para compreender esta ênfase muçulmana na aprendizagem a partir das diferenças, devemos recordar-nos de que o Islão teve origem no deserto (a atual Arábia Saudita) e que a prosperidade de Meca como centro comercial nos primeiros anos do calendário muçulmano se deveu aos mercadores, que cruzavam constantemente as vias de comunicação entre a África, a Ásia e a Europa. Ao contrário do estereótipo racista que a maior parte dos ocidentais têm do Islão, e que o reduz à *jihad*, ou guerra santa, esta religião difundiu-se da Arábia até à Indonésia através das rotas dos mercadores, transmitida pelos viajantes que falavam entre si e aprendiam das respetivas culturas. O historiador Marshall Hodgson escreve: «Durante os cinco séculos que se seguiram a 945 (a dinastia abássida), a anterior sociedade do califado foi substituída por uma sociedade internacional que estava em permanente expansão linguística e cultural, suportada por numerosos governos independentes. Esta sociedade não se mantinha unida através de um poder político uno ou uma língua ou cultura comum. No entanto permaneceu, consciente e efetivamente, uma única realidade histórica. No seu tempo, esta sociedade internacional islamizada era seguramente a mais amplamente difundida e influente da terra»[224]. Essa diversidade, enriquecedora e fascinante, constitui uma mensagem ainda muito forte e visível nas fantasias muçulmanas, e penso que pode ser uma explicação para o facto de os cidadãos da minha parte do mundo estarem tão interessados na Internet e na tecnologia digital, apesar da pobreza e do analfabetismo generalizado[225]. (Embora a inesperada proliferação de cibercafés nos bairros da lata de Marrocos poder também justificar-se pelo interesse das pessoas jovens em comunicarem com estrangeiros para obterem vistos para emigrarem, conversando pela Internet![226])

No antigo mundo muçulmano, descobrir outras culturas significava fantasiar acerca do sexo oposto. Simbad nunca perdia uma oportunidade de se apaixonar e casava sempre que aportava a uma nova ilha, valendo-se do seu direito à poligamia. Assumir o risco de se apaixonar por uma mulher estrangeira, e vice-versa, é um sonho bem presente em muitas lendas, contos e pinturas muçulmanos. Por vezes, para dramatizar a «alteridade» da mulher para o homem enamorado, ela é descrita como uma criatura extraterrestre, como na fábula de «Jullnar do Mar», que Xerazade narra a Xariar na ducentésima trigésima noite. Jullnar é descoberta na praia por um mercador de escravos, que a vende ao rei que governa o país. O rei enamora-se dela loucamente, em grande

parte pelo seu comportamento bizarro. Jullnar partilha a sua cama e mostra ternura quando fazem amor, mas às vezes ele surpreende-a a comportar-se de formas misteriosas. São essas coisas sem importância, os pequenos gestos, que ajudam os homens a compreenderem como é grande a distância que os separa das mulheres que tomam nos braços. No caso de Julllnar, o mar parece atraí-la mais do que o rei que a amava e protegia: «Quando à noite o rei se dirigia para junto dela, vi-a de pé à janela, olhando o mar, e não obstante ela se apercebesse da sua presença, não lhe prestava atenção nem mostrava qualquer deferência, continuando sempre a olhar o mar, sem sequer voltar a cabeça para ele»[227]. É verdade, o feminino enquanto *locus* da estranheza e do imprevisível obceca o Islão, a única religião do mundo que obriga à reclusão das mulheres através da *Shari'a*, a lei sagrada.

Nas miniaturas islâmicas, as mulheres apaixonadas têm sempre um problema que acabam por resolver tomando navios e atravessando oceanos. Shirin também tem de o fazer, e, segundo se depreende das pinturas que representam «A viagem por mar de Shirin», parte com uma tripulação inteiramente feminina[228]. Isto não constitui qualquer surpresa para uma mulher como eu, educada numa casa tradicional, pois a minha avó analfabeta alimentava a minha imaginação com Ghalia, a equivalente marroquina de Shirin. Dos três anos até aos vinte, quando a televisão chegou a Marrocos e silenciou as avós, ouvi a história de Ghalia várias vezes. Todos os dias, Ghalia saltava «sete mares, sete rios e sete canais» para resolver o que pareciam ser problemas insolúveis. E no dia em que parti de avião de Casablanca para a Malásia, para a minha primeira conferência naquele país, em 1987, recordei-me de Ghalia e senti que a minha avó me teria aprovado se ainda fosse viva. No meu mundo muçulmano, a mensagem que se recebia desde a infância, antes do aparecimento da televisão, era que a vida é dura, e que para alcançar o palácio imaginário do príncipe lendário era melhor prepararmo-nos para realizar feitos maravilhosos como Ghalia, porque nada é fácil ou seguro. As mulheres mais velhas diziam às rapariguinhas: «Tens de te esforçar muito para agarrar um instante de felicidade.» Realmente nunca me disseram que a minha vida ia ser fácil. Nunca. Foi-me dito que mesmo um simples minuto de felicidade exige muito esforço e concentração. Nunca me disseram que um príncipe me faria feliz. Em vez disso, disseram-me que podia criar felicidade se me concentrasse o bastante, e que poderia fazer o príncipe feliz – e vice-versa –, se gostasse bastante dele.

Nas lendas e narrativas muçulmanas, os príncipes também têm problemas. Mesmo que uma mulher esteja muito apaixonada e viva num luxuoso harém, é de prever que o seu príncipe se envolva em complicações políticas, e que a sua dinastia acabe por se extinguir. Uma mulher tem de estar sempre pronta a saltar para cima de um cavalo e atravessar territórios inimigos: a incerteza é o destino de uma mulher. E para concluir a história de Shirin, ela continua cavalgando sempre por terras desconhecidas, passando por várias aventuras até finalmente encontrar e casar com Khusraw. A sua energia ilimitada é uma fonte de inspiração tanto para os pintores como para as mulheres muçulmanas.

A mobilidade como uma característica importante da mulher amada também é central para os místicos sufis como Ibn'Arabi, que descreveu a amante feminina como sendo *Tayyar*, ou literalmente, «dotada de asas»[229] – uma ideia que os pintores de miniaturas muçulmanos tentaram muitas vezes captar. Quando Ibn'Arabi fez a viagem a Meca no século XIII, foi forçado a refletir sobre a natureza do amor, esse sentimento extraordinário que dá aos seres humanos a possibilidade de se aproximarem da perfeição divina[230]. É bem conhecido que os místicos sufis, começando com

Ibn'Arabi, tiveram sempre problemas em traçar uma separação entre o amor de inspiração divina e amor inspirado por uma mulher.

Ibn'Arabi nasceu na Espanha muçulmana, em Múrcia, em 1155, e fez a peregrinação a Meca, a cerca de dez mil quilómetros de distância, à procura de guias espirituais que o ajudassem a evoluir. Mas apaixonou-se, o que não fazia parte dos seus planos, quando foi recebido em casa do seu professor, o imã Ibn Rustum. «Durante a minha estadia em Meca, no ano 598 da Hégira (1206 do calendário cristão), conheci um grupo de pessoas excelentes, homens e mulheres, de superior educação e muito virtuosos. Mas o mais virtuoso de todos…era o mestre e erudito imã Abu Shaja'Zahir Ibn Rustum… Este mestre, que Deus tenha misericórdia dele, tinha uma filha, uma virgem esbelta que encantava quem quer que para ela olhasse, e cuja presença enriquecia as reuniões e introduzia a felicidade no coração dos oradores. O seu nome era Nizam». Ibn'Arabi ficou seduzido sobretudo pela inteligência de Nizam: «Ela era uma *'alima* (especialista em ciências religiosas)… Os seus olhos eram mágicos (*sahirat at-tarf*), tinha a típica argúcia dos iraquianos (*'iraqiatu ad-darf*)…»

E Nizam, como seria de esperar, era também eloquente: «Quando decidia exprimir-se, fazia-o com clareza» (*in afçahat, awdahat*), e «Quando decidia ser breve era extraordinariamente concisa» (*in awjazat, a'jazat*)[231]. O espírito vivo de Nizham permitia-lhe cativar a atenção de todos no *majliss*, as reuniões intelectuais que o pai organizava em casa.

O que é notável na história de Ibn'Arabi é ele ter decidido tornar públicos os seus sentimentos por Nizam, em vez de os manter secretos, exatamente porque, para ele, a diferença entre o amor divino e a exaltação erótica que uma mulher eloquente provoca num homem é mínima. Num dos seus poemas, que na época foi considerado escandaloso e ainda hoje é lido por alguns como um documento pecaminoso, Ibn'Arabi tenta esclarecer o seu tumulto emocional descrevendo como os limites entre o divino e o erótico desaparecem facilmente. As autoridades religiosas conservadoras de Aleppo, na Síria, condenaram o poema como nada mais que um documento purulento cheio de luxúria, sem qualquer conteúdo espiritual. E foi então que Ibn'Arabi pegou na pena e escreveu «O Intérprete dos Desejos» (*Turjuman al Ahswaq*), um livro fascinante sobre o amor como enigma e mistério cósmico. Nele 'Arabi tenta traduzir as subtilezas do desejo para os conservadores obtusos, incapazes de apreenderem sentimentos sofisticados. Mas paradoxalmente, ao fazê-lo, Ibn'Arabi confirma a natureza evanescente da atração e o desejo de todos os seres humanos de atravessarem fronteiras na direção do «outro», seja o sexo oposto ou o divino. Esta celebração da sensualidade como energia móvel, tão forte no sufismo, parece também animar os artistas muçulmanos quando retratam mulheres aventurosas atravessando rios em velozes cavalos, e contradiz vivamente a mórbida passividade das mulheres que encontramos nas imagens dos haréns ocidentais.

Poucos dias antes de deixar Paris, Christiane, a minha editora francesa, convidou-me para jantar num dos seus restaurantes preferidos para partilhar comigo algumas das suas intuições sobre o harém nas fantasias dos homens franceses. Avisou-me que Le Restaurant du Louvre era pretensioso, *très bourgeois*, e não muito acolhedor para os turistas – tudo completamente verdade. Ao entrar senti que estava a intrometer-me num espaço francês muito exclusivo, cujos rituais ia provavelmente violar apenas por pertencer a uma outra cultura. As minhas pesadas e barulhentas pulseiras e colar pareciam totalmente *déplacés*, tal como o meu casaco, que não era mais que um *caftan* colorido e curto. Mas quando a Christiane entrou, as cabeças voltaram-se para a olhar com admiração aprovadora. Como a maioria das mulheres francesas que ocupam posições importantes,

Christiane veste-se sempre de preto e com modelos muito ousados. Nessa noite apareceu com um vestido de seda e *lycra* de Yamamoto, com um ombro nu, e olhava as pessoas de alto a baixo como se tivesse acabado de aterrar, vinda de um planeta muito mais requintado.

– Lembra-te do que eu disse acerca do pretensiosismo deste restaurante – murmurou enquanto se sentava num dos luxuosos sofás dourados. – Este é um dos raros lugares em Paris onde os aristocratas têm a coragem de exibir as joias de família diante de proletários como eu, que têm de trabalhar oito horas por dia para pagarem os impostos à República.

Não pude deixar de rir. Surpreende-me sempre como os franceses são revolucionários no seu discurso quotidiano, atacando constantemente as classes privilegiadas e os padres, mas votando sempre para manter ambos no poder. Antes de chamar o criado para pedir o menu, Christiane tirou o espelho e o *bâton* e começou a retocar-se como se estivéssemos completamente sós, enquanto continuava calmamente a observar os «aristocratas».

– Não é espantoso? – disse. – Dois séculos depois da Revolução, os aristocratas são tão insolentes como sempre. – A voz de Christiane podia ouvir-se nas mesas vizinhas, mas ela não parecia importar-se. Concentrou-se no espelho e passou a mão pelos cabelos loiros e curtos que ficaram ainda mais despenteados.

Admiro as mulheres francesas porque dão luta nos cafés, pedindo aos empregados para não as esquecerem, enquanto eu hesito em desperdiçar as minhas energias nos lugares públicos de Marrocos, onde os homens com frequência empurram as mulheres para o lado para passarem à frente nas bichas. É esta a razão pela qual me alegro, indiretamente, com a incessante revolução da minha amiga parisiense. Desta vez, contudo, preferia que ela parasse a sua cruzada republicana e se concentrasse num assunto mais urgente.

– Haverá uma ligação entre o conceito filosófico de beleza de Kant e o modelo de beleza passiva do harém de Ingres? – perguntei. – Alguém tem de me esclarecer para que eu possa dar um pouco de descanso ao meu pobre espírito.

Christiane começou por me relembrar que no Ocidente os homens tinham mantido as mulheres afastadas das artes durante séculos, e tinham-lhes proibido, tal como os Gregos tinham anteriormente feito aos escravos, que pintassem quadros. Christiane citou Margaret Miles, uma professora americana de História da Teologia, que afirmou que «a prática social da pintura profissional insistia também em que os pintores fossem do sexo masculino, do mesmo modo que as academias em que se estudava o desenho de figura e se ensinava a pintar a partir de modelos nus só admitiram mulheres a partir do século XVIII»[232]. Christiane ficou surpreendida por eu não saber quase nada sobre o novo ramo da crítica de arte, especializado em *Le Regard* (O Olhar), e começou a ditar-me todos os títulos dos livros que achava que eu deveria ler sobre o assunto… quando a interrompi.

– Não me dês mais livros para ler, limita-te a resumir o essencial – pedi-lhe, pois não queria ter de pagar mais excesso de bagagem do que o já inevitável quando tomasse o voo Paris-Casablanca. Christiane concordou e disse que na cultura ocidental, durante séculos, a pintura, tal como o pensamento, fora considerado um privilégio exclusivamente masculino.

– O que quero eu dizer com o olhar? – Christiane meditava, enquanto bebia goles de champanhe. – Bom, repara que os homens ocidentais não se representavam a si próprios nos haréns que pintavam, ao contrário dos pintores das miniaturas muçulmanas. No harém de Ingres não encontras o parceiro masculino. Talvez ocasionalmente um escravo, mas não o senhor.

Fiquei surpreendida: ela tinha razão. Era estúpido não ter notado isso antes.

– Na pintura ocidental – continuou Christiane –, o erotismo foi sempre o olhar de um observador masculino sobre uma mulher nua, por ele imobilizada numa moldura.

Christiane afirmou então que, tal como eu, estava absolutamente convencida de que havia uma ligação lógica entre filosofia e arte, entre Kant e Ingres.

– Mesmo hoje em dia, ainda ouço repetir o inevitável «Sois belle et tais-toi» (Sê bela e cala-te), tanto no local de trabalho como nas relações entre pessoas… Fatima, deves recordar-te de que a peça *Les Femmes Savantes*, em que Molière troça das mulheres que aspiram a ser instruídas, ainda era ensinada quando eu andava no liceu, e estamos a falar dos anos 60. – Para reforçar o seu ponto de vista, Christiane recitou de cor a passagem da peça em que Clitandre, uma das personagens masculinas de Molière, proclama o quanto detesta mulheres instruídas:

> As mulheres intelectuais não fazem nada o meu género.
> Aceito que uma mulher tenha noções acerca de tudo;
> Mas não posso suportar nela a paixão chocante
> De se instruir só para mostrar que é instruída.
> E gosto que às vezes para questões que se põem,
> ela saiba ignorar as coisas que sabe.[233]

– O século XVII – continuou Christiane –, esse século do Iluminismo em que o humanismo e o culto da razão floresceram, foi também o século de Molière e dos seus colegas, que obtiveram enorme sucesso inferiorizando as mulheres instruídas. Molière escreveu *Les Femmes Savantes* em 1672 – disse Christiane – mas mesmo antes disso fez toda a corte francesa rir das mulheres instruídas em peças como *Les Précieuses Ridicules* (1659) e *l'École de Femmes* (1662). Em todas elas as mulheres que queriam estar informadas sobre as descobertas científicas eram retratadas como feias e repelentes. Não admira – concluiu – que ainda existam homens como Jacques, que sonham com haréns repletos de passivas odaliscas e tremem de medo quando se sentem atraídos por uma mulher com uma profissão.

Mantive-me em silêncio quando Christiane começou a falar de Jacques: não ia certamente dizer-lhe que ele tinha esperança de poder raptá-la e levá-la para a tal ilha deserta. Ela disse então que lhe comprara um livro como presente de anos – *Ways of Seeing*, de John Berger.

– Importas-te de me sintetizar a mensagem principal desse livro? – insisti de novo. – O que pretendes exatamente que Jacques compreenda? – Christiane concordou e disse que Berger condensa toda a história ocidental das imagens visuais das mulheres numa frase de cinco palavras: «Os homens atuam e as mulheres aparecem.» Desenvolvendo um pouco mais, citou uma outra frase-chave de Berger: «Os homens olham para as mulheres. As mulheres observam-se a si próprias enquanto são olhadas.»[234] Não é de espantar, concluiu Christiane, que a «imagem» seja uma das armas mais importantes usadas pelos ocidentais para dominarem as mulheres.

– Mas como funciona tudo isso em Paris – perguntei-lhe –, onde as mulheres invadiram as profissões e competem com os homens em todo o tipo de trabalho?

– Sim, claro que as mulheres arranjam empregos – disse Christiane. – Mas seja para onde for que

olhes, vês homens com poder a rodearem-se de mulheres mais novas para desestabilizarem as mulheres mais velhas e mais maduras que atingiram postos superiores. Uma companhia francesa pode ter a sede num moderno edifício de vidro nos Champs Élysées, mas lá dentro a atmosfera ainda é a de um harém repressivo. Os homens sentem-se inseguros ou ciumentos quando mulheres em posições superiores insistem em ganhar o mesmo que eles.

Quando estávamos para sair do restaurante, Christiane teve um interessante lampejo de intuição no que diz respeito ao Oriente.

– Quando leio as tuas páginas acerca das mulheres nas miniaturas muçulmanas – disse –, penso se o facto de os artistas estarem com frequência ligados ao palácio do califa ou do rei não daria às mulheres do harém um certo poder sobre o que era pintado.

Imediatamente, o nome de Nur-Jahan veio-me à mente. Mulher do imperador mongol Jahangir, Nur-Jahan conseguiu, apesar da reclusão do harém, influenciar não só a política, mas também a arte. Na Índia do século XVI, ditava aos artistas como deviam representar as mulheres, e encarregou os melhores, que viviam nos *ateliers* da corte, de a pintarem armada com uma espingarda.

– Se essa Nur-Jahan não é uma invenção da tua imaginação, mas uma personagem histórica que realmente existiu – disse Christiane –, talvez ela nos possa fornecer uma pista para o facto de as mulheres ocidentais não terem influenciado a pintura.

Fiquei de orelha arrebitada.

– Explica-te um pouco melhor – pedi.

– Ao contrário das mulheres do harém como Nur-Jahan, que, como mulher do imperador, era a compradora do quadro, no Ocidente os compradores eram sempre homens.

Que interessante, pensei. Realmente compensa desafiar os estrangeiros a resolverem por nós os nossos mistérios.

212 Hicham Ibn al-Kalbi, *Kitab al Açnam*, Librairie Klincksieck, Paris, 1969, p. 16. Esta edição árabe é acompanhada de uma excelente tradução francesa de Wahid Atallah.

213 Para mais vasta informação sobre os antecedentes políticos da proibição das imagens, ver Cap. 6 do meu livro *Islam and Democracy*, Addison Wesley, Nova Iorque, 1992, p. 85 e seguintes.

214 Traduzido por Mohammed Marmaduke Pickthall como Surata 5:90 *in The Meaning of the Glorious Koran*, Mentor Book, Nova Iorque, s.d., p. 104.

215 De: «L'Exigence d'Aimer», entrevista de Jamal Bencheikh por Fethi Benslama e Thierry Fabre *in Qantara* Magazine, N.º 18, jan-mar, 1996 (Qantara é a revista do Institut du Monde Arabe com sede em Paris).

216 Comentário sobre a pintura por B. W. Robinson, *Persian Paintings in the Indian Office Library: A descriptive catalogue*, Sotheby, Parke Bernet, Londres, 1976, p. 25. Existe no mesmo livro uma reprodução a cores mostrando Shirin armada de arcos e flechas na secção das ilustrações a cores: Ilustr. N. III N. 138: *Khusraw and Shirin in the hunting-field – Tabriz style*, 1530.

217 Stuart Cary Welch, *Wonders of the Age: Masterpieces of Early Safavid Painting*, 1501-1576, Fogg Art Museum, Harvard University, Boston, 1979, p. 150.

218 *Ibidem.*

219 *Ibidem.*

220 A mais fascinante ilustração desta cena está na British Library, do *Khusraw and Shirin* executado aquando do portefólio «Quinteto de Nizami» do Xá Tahmasp, atribuído ao pintor Sultan Muhammad. Ver reprodução *in* Stuart Cary Welch, *Wonders of the Age: Masterpieces of Early Safavid Painting*, *Ibidem*, p. 150.

221 *Ibidem.*

222 Richard F. Burton, *Supplemental Nights to The Book of the 1001 Nights and a Night*, Burton Club for Private Subscribers, London, 1886, *op. cit.*, Vol. II, p. 328.

223 Ver a palavra *'arafa, in Lissan al'Arab*, «The Tongue of the Arabs», um dicionário do século XIII por Ibn Manzhur, Dar al Maarif, Cairo, 1979.

224 Marshall Hodgson, *The Venture of Islam*, Vol. II, *The Expansion of Islam in the Middle Period*, The University of Chicago Press, Chicago, 1974.

225 Ver o número especial sobre *Digital Islam*, da *SIM newsletter N.º 2* de março, 1999. A SIM é publicada pelo International Institute of Study of Islam in the Modern World, Leiden, the Netherlands. (http.isim.leide nuvin.nl)

226 Ver Mohammed Zainabi, *La démocratisation de l'Internet: coup d'oeil sur les cybers au Maroc*, no diário marroquino *L'Opinion*, agosto, 12, 1999. É muito provável que a Internet encoraje os cidadãos analfabetos a aprenderem a ler sozinhos, em vez de esperar pelos burocráticos e ineficazes «programas de alfabetização» do governo. A acessibilidade do treino na Internet torna isso possível, tal como Youssouf Moumile explica de modo credível no artigo «Quelle Stratégie gouvernementale pour l'Internet», p. 32 de *Le Journal*, um dos semanários marroquinos de vanguarda (e-mail: media@macronet.net.ma).
227 Haddawy, *Arabian Nights*, *op. cit.*, p. 386.
228 Um exemplo é *Sea-Voyage of Shirin*, no estilo Qazwini, 1580, *in Persian Paintings*, por Robinson, *op. cit.*, p. 61.
229 *C'est un trait de l'amant que la mobilité*, Ibn'Arabi, *Traité de l'Amour*, traduzido por Maurice Gloton, Albin Michel, 1986, p. 205. Este pequeno ensaio sobre o amor selecionado pelo tradutor francês faz parte dos numerosos volumes do magistral *Al Futuhat al Makkyia* de Ibn'Arabi (O Livro da Conquista Espiritual de Meca).
230 Foi em Meca, em 1203, que Ibn'Arabi começou a escrever os numerosos volumes da sua obra-prima *Al Futuhat al Makkiya*.
231 Tradução minha do original árabe de *Turjuman al Ashwaq*, Dar Çader, Beirute 1966, p. 11.
232 Margaret Miles, C*arnal Knowing: Female Nakedness and Religious Meaning in the Christian West*, Vintage Books, Nova Iorque, 1991, p. 14.
233 Traduzido para o inglês por John Wood e David Coward, *in The Misanthrope and Other Plays*, de Molière, Penguin Books, Londres, 1959, p. 264.
234 John Berger, *Ways of Seeing*, Penguin, Nova Iorque, 1977, p. 47.

CAPÍTULO 12

TIGRES

Nur-Jahan (Luz do Mundo) chamava-se Nur-Mahal (Luz do Palácio), mas a primeira coisa que fez ao casar com o imperador Jahangir em 1611 foi mudar de nome. Também queria que todos soubessem que o seu passatempo favorito era caçar tigres. E caçou na verdade muitos, competindo com os melhores nesse campo: «Durante a sua permanência no trono, Nur-Jahan ganhou a reputação de extraordinária atiradora, ultrapassando até Mirza Rustam, o melhor atirador de Jahangir, na caça ao tigre.»[235] Neste contexto, é interessante relembrar que o passatempo favorito de Ingres era tocar violino. Um retrato seu com trinta e oito anos, pintado em Roma, em 1818, por J. Alaux, mostra o artista a tocar violino no seu *atelier*, enquanto a mulher Madeleine, em pé, do lado de fora, o observa com admiração. Seria difícil encontrar nas miniaturas muçulmanas o equivalente ao retrato de J. Alaux. Um artista muçulmano teria provavelmente pintado a mulher a tocar o instrumento musical (ou a caçar animais selvagens) enquanto o marido a observava. Mas o mais espetacular golpe de Nur-Jahan não foi a caça ao tigre, mas o controlo e a influência sobre a arte e os artistas.

As mulheres muçulmanas devem-lhe uma espantosa – e revolucionária – miniatura mongol, «Jahangir e o Príncipe Khurram Festejados por Nur-Jahan», datada de 1617, atualmente na Freer Gallery of Art de Washington, D.C. (Smithsonian Institution). A pintura representa uma viragem na história da pintura islâmica em geral, e na representação das mulheres do harém em particular, pelo menos por três razões. A primeira é o artista ter pintado com semelhança e exatidão o imperador Jahangir. Até então, a maioria das miniaturas islâmicas (pintadas predominantemente por artistas persas) reproduziam figuras lendárias como os reis míticos de *Shah-nameh*, o épico nacional persa; a princesa Shirin de *Khamsaeh*, o poema-romance escrito por Nizami; ou figuras bíblicas como o rei Salomão e a rainha de Sabá. Os mongóis, pelo contrário, foram os primeiros a introduzir nas miniaturas o retrato no sentido ocidental da palavra – quer dizer, a reproduzir as feições do soberano como forma de promover «a legitimidade do poder do atual chefe»[236]. Numa palavra, os Mongóis foram os primeiros muçulmanos reinantes a usar a imagem pintada como instrumento de propaganda política – tal como os reis franceses e ingleses da Renascença –, uma coisa anteriormente inaudita em qualquer corte islâmica[237].

A miniatura de Jahangir, do príncipe Khurram e de Nur-Jahan também é revolucionária pelo facto de o artista não pintar o imperador sozinho, mas posando junto à mulher. Isto significava que a rainha muçulmana, supostamente reclusa e escondida num harém, estava sem véu. Se pensarmos que, hoje em dia, muitos chefes de Estado muçulmanos, como o rei da Arábia Saudita, ainda tendem a manter as mulheres escondidas, estando raramente presentes nas cerimónias oficiais, compreendemos o quanto a rainha Nur-Jahan era subversiva.

A terceira razão pela qual esta miniatura subverte toda a tradição da arte islâmica é a rainha estar representada na qualidade de quem recebe, de dona da casa: «Embora Jahangir ainda seja a figura dominante… ele partilha agora a atenção do observador com Nur-Jahan, que não só está claramente no exercício das suas funções, mas também apoiada por um exército de mulheres.»[238] Isto quer dizer

que a rainha não só tinha tomado o comando, como encarregara os artistas da corte de celebrarem o *seu* evento: a cerimónia que organizara em Mandu, em outubro de 1617, em honra do príncipe Khurram, filho de Jahangir (e de uma outra mulher), após a conquista da província indiana de Deccan. Esta cerimónia era eminentemente política, e envolvia numerosos embaixadores de potências estrangeiras, incluindo Sir Thomas Roe, representante da Inglaterra[239]. E, por último, mas não menos relevantes, os minuciosos pormenores da miniatura como «as taças de vinho, as luxuosas texturas dos tecidos e das pedrarias, os decotes amplos, e a zona da cintura desnudada», indicam que algo de novo estava a acontecer nas vidas das mulheres do harém: graças à iniciativa de uma delas, já não eram tão invisíveis como antes. A base da misoginia no Islão atual é bastante fraca, e apoia-se apenas na distribuição do espaço. Se as mulheres invadem o espaço público, a supremacia masculina fica seriamente ameaçada. E atualmente os homens muçulmanos já perderam a base do poder, uma vez que o seu monopólio do espaço público foi desgastado pelo ingresso maciço das mulheres nas áreas científicas e das profissões[240]. O meu estimado colega islamista na Universidade Mohammed V, o professor Benkiki, citou estas estatísticas da UNESCO, um dia, quando eu ia a entrar na sala dos professores: «Se os políticos ainda têm alergia às mulheres no parlamento», exclamava, exibindo os documentos da UNESCO, «as mulheres organizaram a sua vingança silenciosa invadindo em massa o mundo das ciências e das profissões técnicas. Atualmente, 28,7% das posições científicas e técnicas no Egito são ocupadas por mulheres, 29,3% na Turquia, 27,6% na Argélia, e 31,3% em Marrocos»[241]. Nada melhor do que um homem conservador, pensei enquanto ele falava, para analisar corretamente a situação das mulheres.

Nos regimes fundamentalistas que se regem pelo petróleo, a apetência das mulheres pelos campos científicos é ainda mais forte. Um terço dos cientistas e técnicos na República Islâmica do Irão são mulheres veladas (32,6%). Os xeques inundados de petróleo do Kuwait ainda negam às mulheres o direito de voto, mas 36% da força de trabalho é feminina. As mulheres da Malásia e da Indonésia também parecem insaciáveis, detendo 40% e 44,5% das posições científicas dos respetivos países.

É preciso ter em mente a longa tradição islâmica de mulheres com a determinação de Nur-Jahan para compreender que faça sentido o emergir de mulheres profissionais nas modernas sociedades islâmicas, uma vez que o precedente já foi lançado há muito tempo. Esse precedente também ajuda a explicar porque, no Irão, a decisão do imã Khomeini de impor o véu serviu apenas para politizar e tornar mais ousadas as mulheres iranianas. «As mulheres jovens», explica a escritora Haleh Esfandiari, «encontraram modos de se conformarem e ao mesmo tempo desafiarem o código de vestir islâmico – mostrando um tufo de cabelo, chamado *Kakol*, por baixo dos lenços, usando *bâton* e unhas envernizadas, apesar da 'polícia moral'. Elas encontraram mil maneiras de reivindicarem o espaço público»[242]. O livro de Esfandiari, baseado em entrevistas a dúzias de mulheres que refletem sobre as mudanças introduzidas pela Revolução Islâmica nas suas vidas, mostra que forçar as mulheres a usarem o véu pode ser um drástico incentivo para uma mulher ambiciosa se rebelar, e isso leva-nos de volta a Nur-Jahan. Como conduziu ela a sua revolução a partir do harém?

Como se apresentou Nur-Jahan às multidões? Tinha uma estratégia de visibilidade? Dá a impressão que sim: uma das imagens de si própria que gostava de projetar era a de uma guerreira enfeitada com joias e vestida de seda. Em 1612, um ano após o seu casamento, o melhor artista da Índia, Abu al-Hasan, pintou *Retrato de Senhora com Espingarda*, e um grande número de estudiosos afirma que esta pintura é a que «melhor nos informa sobre o seu aspeto. O naturalismo intacto do rosto, a força de caráter tão apreciada pelos pintores de retratos, o à-vontade em espaços

abertos, longe da habitual reclusão dos haréns, e a assinatura de Abu al-Hasan, o mais notável pintor do rei e que, mais provavelmente do que qualquer outro, teria sido admitido na sua presença, tudo contribuiu para que esta seja a imagem mais autêntica que temos da rainha mongol»[243]. Mas isto também nos coloca a seguinte questão: foi Nur-Jahan uma exceção, a única mulher que gostava de caçar na Índia mongol, ou seria a caça um passatempo comum para mulheres?

Originariamente os mongóis eram nómadas rudes, mongóis «turquizados» da Ásia Central cuja ancestralidade remontava a Gengis Khan. Adoravam a natureza, e tentavam recrear nos jardins dos palácios os ambientes selvagens do ar livre. Tinham também uma tradição de desportos ao ar livre, praticados tanto por homens como por mulheres; «as mulheres usavam arcos e flechas e jogavam polo há décadas e, segundo crónicas dos primitivos haréns mongóis, mulheres armadas faziam a guarda aos recintos de proteção das *Zanana*»[244]. *Zanana* é o termo hindu para «odalisca»[245].

A espetacular visibilidade das mulheres nas cerimónias ao ar livre, em vigor entre muçulmanos turcos e mongóis da Ásia Central, sempre desconcertou os viajantes árabes, que na descrição destas cenas revelam ser os mais conservadores de todos os muçulmanos acerca da reclusão e uso do véu entre as mulheres. Em 1334, o viajante marroquino Ibn Batouta – o equivalente muçulmano de Marco Polo – atravessou a Ásia Central a caminho da China, e ficou surpreendido pelo grande respeito que os turcos tinham para com as mulheres. «Vi nestas terras uma coisa notável», escreve. «A grande consideração que os turcos mostram para com as mulheres. Entre os turcos, as mulheres gozam de uma posição superior aos homens»[246]. Como bom marroquino, Ibn Batouta ficou especialmente surpreendido quando viu um príncipe saudar uma mulher. «A primeira vez que vi a princesa, ia num coche adornado com um sumptuoso pano azul… seguiam-na muitos coches cheios de mulheres ao seu serviço… Quando chegou diante da casa do príncipe, desceu do coche, e o mesmo fizeram as trinta mulheres da sua companhia… Andou com majestade até ao príncipe… O príncipe levantou-se e foi ao seu encontro, saudou-a e convidou-a a sentar-se a seu lado…»[247] Ibn Batouta também repete muitas vezes, no seu *Rihla* de 750 páginas (Notas de Viagem) ditado em 1355, que «as mulheres dos turcos não se velam… e é frequente confundir o marido com o criado»[248]. Estes comentários ajudam-nos a negar o estereótipo, hoje em dia tão comum, de um Islão 100% misógino, quanto mais não fosse porque as observações de Ibn Batouta indicam que não existiu nem existe uma cultura muçulmana unificada. Se os árabes impuseram o véu às mulheres e as mantiveram em posições subalternas, os turcos e os mongóis não o fizeram. Isto ajuda também a perceber melhor não só as miniaturas mongóis do século XVI, como a razão por que Nur-Jahan pôde facilmente criar para si própria uma posição tão proeminente.

Uma das vantagens de Nur-Jahan era a idade. Não era uma jovem e tímida virgem quando casou com Jahangir em 1611, mas uma viúva de trinta e quatro anos cujo marido, um dignitário que tinha tido um cargo em Bengala, morrera em circunstâncias misteriosas. A sua morte era suspeita porque toda a gente sabia que Jahangir amava Nur-Jahan desde a infância: «Após a inexplicável morte deste embaraçoso marido, ela voltou ao coração da corte imperial, e casou com Jahangir alguns meses mais tarde.»[249] Um outro pormenor invulgar era Nur-Jahan ser uma estrangeira na Índia – era persa e, como tal, xiita[250]. Casar com Jahangir, o qual, como a maioria dos chefes mongóis, pertencia a uma dinastia sunita (ortodoxa), equivalia a meter-se por um campo minado. Mas Nur-Jahan criou muito astutamente um *lobby* xiita dentro da corte, colocando homens da sua família em posições-chave. Ela «rodeou-se de um clã que incluía, entre outros, o seu pai, Itimad ud-Dawla, um aventureiro persa que se tornou primeiro-ministro de Jahangir, e o seu irmão Asaf Khan»[251].

Mas se Nur-Jahan tivesse sido uma mera desportista, ou uma astuta dama de harém rodeada de homens da sua fação, não teria tido um tão grande impacto na cena cultural islâmica em geral, e nas artes em particular. Nur-Jahan era também dotada de um especial talento para as relações públicas, intervindo a dois níveis distintos. A um primeiro nível, entrava diretamente nos *ateliers* dos artistas e discutia novas maneiras de representar as mulheres, o amor e a intimidade conjugal na arte, aparecendo ao lado do seu imperial marido nos eventos que ela própria organizava. A um segundo nível, empenhou-se ativamente como colecionadora de arte, influenciando assim, indiretamente, a moda e o gosto. «Sabe-se que as mulheres mongóis da classe nobre e da família imperial eram comerciantes notáveis… que comandavam os seus próprios navios e compilavam pessoalmente as listas de mercadorias, e que, entre elas, as duas mulheres mais conhecedoras foram a mãe de Jahangir, Maryam al-Zaman, e Nur-Jahan…»[252] A influência de Nur-Jahan como aguerrida mulher de negócios era tão conhecida nos círculos diplomáticos da época, que entre 1617 e 1618 foi nomeada «protetora» oficial da Embaixada Britânica[253].

Como Nur-Jahan estava familiarizada tanto com a pintura islâmica como com a ocidental, deve ter compreendido que Jahangir, o seu marido mongol, que era meio indiano, não estava a reproduzir fielmente a tradição da miniatura persa. Deve ter-se apercebido de que ele se servia da pintura como instrumento de propaganda política, recorrendo ao *darshana* da sua infância hindu, deixando-se emoldurar como se fosse um deus indiano[254].

Darshana, que significa literalmente «ver» ou «ter visões», refere-se ao ritual religioso dos deuses hindus, que ocasionalmente se revelam aos seus adoradores, concedendo-lhes o privilégio de contemplarem a sua imagem. «Tal como se diz que um deus hindu concede o *darshana* aos adoradores que contemplam a sua imagem», afirma Michael Brand, perito em arte indiana, «também os imperadores mongóis apareciam ao público todas as manhãs a uma janela especial do palácio, e mais tarde aos nobres reunidos no salão de audiências do palácio»[255].

Na tradição hindu, acredita-se que um ser humano suficientemente privilegiado para poder experimentar o *darshana*, para contemplar o deus a quem adora, adquire uma parte do seu poder. Pelo facto de «Olhar uma pessoa venerada, uma imagem sagrada ou um lugar santo, e incorporar em si próprio o seu inerente poder religioso, os devotos das divindades hindus recebem, através do contacto visual, uma parte da sua energia mágica»[256]. Mas ao utilizar este conceito hindu de *darshana*, o imperador mongol infringiu um tabu fundamental do Islão original: a proibição do culto da personalidade. As principais qualidades de um soberano muçulmano devem ser a humildade e a modéstia. Al-Hakim, por exemplo, um soberano egípcio muçulmano do século XI que pretendia ser Deus, foi imediatamente considerado como louco por toda a população do Cairo[257]. Por isso é apenas dentro do contexto de influência hindu que podemos compreender com precisão a importância dos novos retratos em miniatura mongóis com a sua cuidada representação das feições do imperador e de Nur-Jahan.

Antes de deixar Nur-Jahan no seu século XVII, fui tentada a formular a seguinte pergunta: em que medida a história muçulmana guardou memória desta rainha incrivelmente subversiva? Responder a esta pergunta por mim própria teria levado horas ou mesmo dias na barulhenta e abafada biblioteca da Universidade Mohammed V de Rabat. Mas uma mulher árabe tem pelo menos uma vantagem sobre um homem: se chamar um estudioso islâmico para áreas como a História ou a *Shari'a* (lei religiosa) e lhe pedir ajuda, a tradição decreta que ele lhe forneça toda a informação pedida. Contacto com frequência um estudioso da *Shari'a* que me mostra muitas vezes páginas dos seus

livros que são relevantes para mim, e que chega a emprestar-mos por alguns dias para que eu possa copiá-los. Por isso fiz alguns telefonemas e em poucos dias fiquei a par da descrição de Nur-Jahan feita por Omar Kahhala.

Soube que, em 1955, Omar Kahhala, um estudioso egípcio de origem turca, ofereceu um maravilhoso presente às mulheres muçulmanas: cinco volumes contendo centenas de perfis de «Mulheres Célebres no Mundo Árabe e Islâmico». Nur-Jahan, evidentemente, faz parte da lista, e a descrição que Omar faz dela, que quase não menciona o seu marido imperador, faz as princesas da Xerazade parecerem miseravelmente limitadas. «Era uma rainha indiana, dotada de graça e beleza», escreve. «Falava persa e árabe, e tinha um conhecimento perfeito de ambas as culturas. Distinguia-se na música e em outras artes sofisticadas (*al adab ar-rafi'a*). Geria o reino de modo perfeitamente racional, estabeleceu impostos e examinava de perto os problemas quotidianos do país. Costumava aparecer a uma janela do palácio para se mostrar aos príncipes do reino e para passar em revista paradas militares. A moeda era cunhada em seu nome, que aparecia juntamente com o do marido. Diz-se que ia muitas vezes caçar com outras mulheres do palácio e que montavam os mais rápidos corcéis, como se fossem homens.»[258]

As passivas odaliscas pintadas por Ingres, e as suas herdeiras mais modernas de Matisse, não existiram no Oriente! As miniaturas persas não eram segredo para Matisse, que sempre insistiu na importância da sua visita, em 1910, à exposição de arte islâmica de Munique: «As miniaturas persas… deram-me a conhecer a possibilidade total das minhas sensações.»[259] Então porque não se mostrou Matisse interessado no ideal de beleza de Kemal Ataturk de mulheres turcas a deitarem fora os véus e a pilotarem aviões? Parece estranho que, nos anos 20, um militar turco como Ataturk sonhasse com mulheres emancipadas, enquanto um homem como Matisse, educado numa democracia, sonhasse com odaliscas e com uma civilização islâmica que ele confundia com a passividade das mulheres.

Qual será o mistério por detrás dos ideais de beleza inscritos na psique de homens de culturas diversas? Continuei a interrogar os meus colegas da universidade após ter regressado da viagem de lançamento do meu livro, até que o professor Benkiki, o meu fundamentalista preferido, me reduziu ao silêncio com esta observação:

– Fatima, porque vives tão obsessivamente preocupada com o que os homens pensam? Uma boa muçulmana da tua idade devia parar de pensar nos homens e fazer qualquer coisa pelas mulheres analfabetas que têm necessidade da ajuda de mulheres privilegiadas como tu. Porque não esqueces os homens e te concentras na oração, para que Alá perdoe os teus pecados?

Esta observação extremamente agressiva do meu colega conservador alertou-me para a ideia de que a minha obsessão era boa. «Se a tua ideia perturba um homem conservador, agarra-te a ela», disse a mim mesma. «Vai certamente levar a descobertas importantes.» Assim, parei de bombardear o professor Benkiki com perguntas acerca das fantasias dos homens e aceitei o facto de que teria de conviver com este enigma por mais uns meses.

No verão seguinte fui para Temara Beach, entre Rabat e Casablanca, na costa atlântica, e tentei esquecer Ingres e Matisse e os seus haréns. Em vez disso, escutei o bramido do oceano, contemplei os maravilhosos poentes e mergulhei nas ondas da maré alta quando a lua estava cheia. Fiz tudo o que pude para esquecer as fantasias masculinas e estar em conformidade com a definição do professor Benkiki da mulher muçulmana ideal. Rezei e meditei, embora o fizesse diante do oceano. Este é um pequeno mas essencial pormenor cujo significado escapa certamente ao meu caro colega:

as mulheres muçulmanas modernas ganharam acesso ao oceano. Pulverizaram a fronteira do harém e ganharam acesso aos espaços públicos. Veladas ou não, o facto é que nós, as mulheres, andamos hoje aos milhões pelas ruas. Meditar num harém, sentada entre quatro paredes, é completamente diferente de meditar voltada para as ondas do Atlântico. No oceano, sinto-me parte do cosmos e sou poderosa como a «Mulher com o Vestido de Penas» de Xerazade. Com o acesso à educação pública paga pelo Estado, os computadores e a Internet, as mulheres muçulmanas ganharam asas.

Kemal declara-se totalmente de acordo com a minha teoria de que, no mundo muçulmano, as elites masculinas no poder já perderam a batalha contra as mulheres, e que os casos extremos de violência contra mulheres que ocorrem no Afeganistão e na Argélia não são mais do que um sinal do princípio do fim do misógino despotismo muçulmano. «As mulheres emergiram como uma grande força cívica que se bate pela democracia e que luta contra as injustiças e privilégios na nossa parte do mundo», diz com frequência, «porque basicamente, e ao contrário do Ocidente cristão, os homens muçulmanos acreditam que as mulheres são suas iguais. Reconhecem que elas são inteligentes, que têm a energia e a capacidade de se rebelarem e desafiarem a hierarquia. Agora, Fatima, vocês são as vencedoras».

Quando Kemal começa a ser tão simpático e a apoiar-me, a mim e às minhas teorias, começo a perguntar-me se não estará apenas a tentar seduzir-me outra vez para que eu faça o meu afrodisíaco *tagine* de peixe, uma coisa que implica um grande investimento de tempo e de dinheiro. O mais difícil é encontrar o *Qurb*, o peixe supostamente afrodisíaco. *Qurb* é o termo árabe para «aproximar-se mais», e desde que cheguei a Rabat como estudante, sempre ouvi falar das maravilhas que faz. Na minha cidade natal de Fez, que fica a trezentos quilómetros do mar, nunca ouvimos dizer que esse peixe mágico existisse. Mas aqui não é fácil encontrar *Qurb* porque toda a população de Rabat anda sempre a procurá-lo, revistando os mercados de peixe ao longo de toda a costa até Casablanca. Para aumentar as hipóteses de o encontrar é preciso começar a procurar o tesouro às cinco da manhã. Mas felizmente nós, os Rbati (gente de Rabat), não temos de competir com os três milhões de cidadãos de Casablanca. As pessoas de Casablanca são como os americanos: pensam no dinheiro, não na sensualidade.

Seja como for, ao longo dos anos aprendi tanto sobre este *Qurb* e como combinar as especiarias adequadas para o tornar numa delícia paradisíaca, que ganhei reputação na minha universidade, o que me tem ajudado muito na minha carreira. Todos os meus colegas, homens ou mulheres, me oferecem de boa vontade informações de que eu preciso em troca de uma garfada de *Qurb*. E é claro que mantenho a receita secreta para proteger o meu monopólio. Posso dizer-vos os ingredientes que uso – uma generosa mistura de coentros frescos, gengibre fresco, alho e azeitonas novas de Chawen, uma cidade montanhosa perto de Tânger. Mas não vou divulgar as porções…

Entendem portanto o que quero dizer quando falo do tempo e dinheiro que é preciso investir neste precioso *Qurb tagine*. Não que esteja a lamentar-me, pois os resultados são maravilhosos. Contudo, não é tanto o modo como se prepara o peixe, mas as circunstâncias em que é servido, que exaltam a sensualidade. O *Qurb* deve ser servido num terraço voltado para o mar, na décima quarta noite de um mês lunar, quando a lua está cheia e redonda. Contudo, apesar de me ter envolvido em várias e complicadas mas compensadoras receitas de afrodisíacos, e de ter passado muitos dias a nadar ou a descansar na praia, a minha obsessão com o enigma do harém europeu continuava a dominar-me.

Como habitualmente, sempre que sou assediada por questões complexas a que não posso dar

resposta, comporto-me como aconselhava a minha avó Yasmina. «Esquece o assunto. Nunca compliques a tua vida. A vida de uma mulher é já de si uma estrada dura de subir. Tenta ser boa para ti própria: simplifica as coisas o mais que possas.» E foi assim que tomei a decisão de não acabar este livro. Parei de escrever e comecei a ir ao Mbarek, a minha loja de joias de prata preferida, para comprar contas e tentar concentrar-me em fazer colares de âmbar. Também tentei, apesar do turbulento tráfico de Rabat, ir ver o pôr do sol em Temara Beach. É verdade, tentei tudo o que podia para evitar todo o tipo de reflexões filosóficas sobre o amor, o sexo e o medo, e fruir os espetaculares poentes no Atlântico. Estava tão empenhada em criar um pouco de paz para mim própria, que deixei de falar sobre as fantasias dos homens e sobre os haréns.

Passaram alguns anos, e então um dia acordei numa cidade estrangeira e tomei consciência, como tantas vezes acontece quando se está longe de casa, de que não tinha roupa adequada. Era verão, estava em Nova Iorque, e as minhas roupas não eram confortáveis. Então corri a comprar uma saia num armazém americano. E ali aconteceu um pequeno incidente que, tal como nos contos sufis, me deu um lampejo de revelação. Algumas das minhas perguntas sobre o harém ocidental obtiveram finalmente resposta.

235 Ellison Banks Findly, «Pleasure of Women: Nur Jahan and Mughal Painting», *in* «Patronage by Women in Islamic Art», *Asian Art*, Vol.II, Spring, 1993. Editado pela Oxford University Press em associação com a Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, p. 79.

236 Michael Brand, *The vision of Kings: Art and Experience in India*, National Gallery of Australia, Canberra, 1995, p. 105.

237 «A mais dramática mudança na representação dos reis indianos ocorreu na corte mogol no norte da Índia, em finais do século XVI. Esta mudança assinalou a primeira aparição de retratos pintados em que a semelhança com o modelo era de uma importância vital. Embora alguns retratos anteriores integrassem com frequência traços individuais, o objetivo era mais pôr em destaque o poder do rei do que a sua personalidade… Esta nova perspetiva sobre o retrato (normalmente de dimensões pequenas e relacionado com os manuscritos ou com o álbum imperial) era destinada a um restrito público da corte, e fazia parte de uma tentativa de forjar uma nova imagem imperial baseada em modelos visuais indianos, islâmicos e europeus. No interior das bibliotecas dos palácios, estes retratos históricos eram justapostos com imagens de soberanos míticos e divinos, reforçando a legitimidade dos atuais reinantes.» Brand, *op. cit.*, p. 105.

238 Findly, *op. cit.*, p. 78.

239 Para a descrição da corte mongol por Sir Thomas Roe, ver *The Embassy of Sir Thomas Roe to the Court of the Great Mogul, 1615-1619, as Narrated in his Journal and Correspondence*, ed. por William Foster, Hakluyt Society, Londres, 1899, Vol. 2, p. 478.

240 Isto explica o facto de, hoje em dia, muitos políticos conservadores e grupos fundamentalistas, na sua maior parte ligados aos *lobbies* do petróleo e interessados em paralisar o processo democrático, investirem muito dinheiro na promoção do véu, enquanto as estatísticas demonstram que as mulheres muçulmanas invadiram espaços públicos estratégicos, incluindo o mercado do trabalho e as universidades. Sobre este assunto, ver os meus dois recentes artigos que elucidam sobre esta ligação: Fatima Mernissi, «Palace Fundamentalism and Liberal Democracy: Oil, Arms and Irrationality» *in* «Social Futures, Global Visions», Edição especial de *Development and Social Change*, Vol. 27, abril 1996, pp. 251-256, e Fatima Mernissi, «Arab Women's Rights and the Muslim State in the Twenty-First Century: Reflections on Islam as Religion and State», *in Faith and Freedom: Women's Human Rights in the Muslim World*, Syracuse University Press, Syracuse, Nova Iorque, 1995, pp. 34-50.

241 A versão francesa do «Human Development Report» da UNESCO de 1997, de onde tirei estas estatísticas, usa a categoria de «Nombre de femmes dans l'encadrement et fonctions techniques» (Chart 3, p. 172) que é assim definida na página 256: «Encadrement et Fonctions techniques: sont compris dans cette catégorie les spécialistes, le personnel technicien des domaines suivants: sciences physiques, architecture, ingénierie, aviation et marine (officiers inclus), sciences biologiques, médecine, dentisterie, médecine vétérinaire, mathémathiques, informatique, économie, comptabilité, droits, enseignement, religion, littérature, journalisme, sculpture, etc...»

242 Haleh Esfandiari, *Reconstructed Lives:Women and Iran's Islamic Revolution*, The Woodrow Wilson Center Press, Washington, D.C., 1997, p. 6. Ver também Azar Nafissi, *Veiled Threat: The Iranian Revolution's Woman Problem*, *in The New Republic*, fevereiro, 22, 1999, e um livro mais recente do escritor americano Christian Bird, *Neither East nor West*, Pocket Books, Nova Iorque, 2000.

243 Findly, *op. cit.*, pp. 79-80.

244 Findly, *op. cit.*, p. 79.

245 Tal como os conquistadores muçulmanos, os hindus praticavam a *parda*, ou reclusão das mulheres.

246 Ibn Batouta, *Rihla* (Viagens), escrito em 1355. A edição árabe que usei é a de Dar Beyrouth, de 1985, p. 329. Em 1985, foi publicada uma edição inglesa com comentário de H. Gibb, mas preferi usar a minha própria tradução. Para uma edição francesa, ver a tradução de Defremery et Sanguinetti (1853-1859), Ibn Batouta: *Voyage*, La Découverte, Maspéro, 1982, Vol. II, p. 214.

247 Ibn Batouta, *op. cit.*, p. 330.

248 Ibn Batouta, *op. cit.*, p. 329.
249 Valérie Bernstein, *India and the Mughal Dynasty*, Harry Abrams, Nova Iorque, 1997, p. 78.
250 A separação do Islão em Sunitas (ortodoxos) e Xiitas, que esteve na origem do cisma entre árabes com interesses divergentes, transformou-se mais tarde num instrumento da rivalidade arábico-persa e do nacionalismo persa, conhecido em árabe por *shu'ubiya*. Mas foi só no século XVI, sob a dinastia safárida, que o Xiismo se tornou na religião oficial da Pérsia, o atual Irão. Ver Michel Mazzaoui, *The Origins of Safawids: Shi'hism, Sufism, and the Gulat*, Franz Steiner Verlag GMBH, Weisbaden, 1972. Sobre *shu'ubiya*, a rivalidade arábico-persa, vista pelos árabes, ver textos de Jahiz e outros em Bernard Lewis, *Religion and Society*, Harper and Row, Nova Iorque, 1974, cap. 9: «Ethnic Groups», p. 199 e seguintes. A rivalidade arábico-persa também se manifesta do ponto de vista linguístico: a maior parte dos povos conquistados pelos árabes esqueceram a língua, história e identidade anterior, e fundiram-se no Islão de língua árabe. Os persas, contudo, apoiados na memória recente da sua grandeza imperial e na consciência do seu enorme contributo para a civilização islâmica, recuperaram e reafirmaram a sua identidade distinta. Ver Bernard Lewis, *Islam*, *op. cit.*, Vol. II, introdução. Sobre a questão da ortodoxia e dissenção, ver o breve resumo «Mohamedanism» in H. Gibb *Orthodoxy and Shism*, Oxford University Press, 1980, reimpressão, p. 73 e seguintes. Para uma análise mais profunda, ver a secção de Henri Corbin em «Le Chi'isme et la philosophie prophétique», pp. 49-153 e «La pensée Shi'ite» pp. 437 e 496, em Henri Corbin, *Histoire de la Philosophie Islamique*, Gallimard, Paris, 1964.
251 Bernstein, *op. cit.*, p. 78.
252 Findly, *Pleasure of Women*, *op. cit.*, p. 72.
253 Sir Thomas Roe, *op. cit.*, 2:321, citado também por Findly, *op. cit.*, p. 72.
254 Uma das razões para a longevidade da dinastia mongol que governou a Índia desde 1526, data em que Muhamed Babur conquistou Deli, até à sua ocupação pelas tropas britânicas da rainha Vitória em finais do século XIX, está na tolerância para com as tradições hindus e na absorção de algumas das suas características. Antes dos Mongóis, os muçulmanos tinham tentado conquistar a Índia a partir do século VIII, mas com pouco sucesso.
255 Brand, *op. cit.*, p. 106.
256 Brand, *op. cit.*, p. 156.
257 Para um breve retrato de Al-Hakim, o soberano que acreditava ser Deus, ver o meu artigo «Lady of Cairo», in Fatima Mernissi, *Forgotten Queens*, University of Minesota Press, Minneapolis, 1993, pp. 179-189.
258 «Nur Jahan» in Omar Kahala, *A'laam An Nissa* (Quem é Quem, Celebridades Femininas dos Mundos Árabe e Islâmico), Muassassat ar-Rissala, Cairo, 1972, Vol. 5, p. 197.
259 Jack Flam, *Matisse on Art*, University of California Press, Berkeley, 1995, p. 178.

CAPÍTULO 13

O HARÉM DAS MULHERES OCIDENTAIS: O TAMANHO 42

Durante a malograda tentativa para comprar uma saia num armazém americano, disseram-me que as minhas ancas eram demasiado largas para o tamanho 42. Essa frustrante experiência fez-me compreender como a imagem de beleza no Ocidente pode ferir e humilhar fisicamente uma mulher, tanto quanto o véu imposto pela polícia estatal nos regimes extremistas como os do Irão, Afeganistão ou Arábia Saudita. Nesse dia descobri uma das chaves do enigma da beleza passiva nas fantasias do harém ocidental. A elegante vendedora do armazém americano olhou-me sem se mexer da secretária e disse que não tinha saias para o meu tamanho.

– Quer dizer que neste armazém enorme não existe uma saia para mim? – comentei. – Está a brincar. – Não acreditei e pensei que ela estava simplesmente cansada de mais para me atender. Isso conseguia compreender… Mas a seguir a vendedora acrescentou um comentário condescendente, que me soou como a *fatwa* de um imã. Não deixava margem para discussões:

– Você é demasiado gorda! – disse ela.

– Demasiado gorda em relação a quê? – perguntei, olhando-a com atenção, porque me apercebi de que estava perante uma séria diferença cultural.

– Em relação ao tamanho 42 – foi a resposta pronta.

A sua voz tinha o tom perentório das pessoas que tentam impor leis religiosas.

– Os tamanhos 40 e 42 são o normal – continuou, encorajada pelo meu olhar incrédulo. – Os tamanhos anormais como aquele de que precisa só podem vender-se em lojas especiais.

Era a primeira vez que ouvia dizer uma tal patetice sobre o meu tamanho. Nas ruas de Marrocos, os comentários lisonjeiros que os homens faziam às minhas ancas generosas, levaram-me durante décadas a acreditar que todo o planeta partilhava as suas convicções. É verdade que com o avançar da idade comecei a ouvir cada vez menos comentários ao atravessar a Medina, e já tinha notado que à minha volta, no bazar, o silêncio começava a tornar-se mais óbvio. Mas como o meu rosto nunca foi conforme aos padrões de beleza locais, e tive muitas vezes de me defender de comentários do tipo *zirafa* (girafa) por causa do meu pescoço alto, habituei-me há muito a não dar demasiada importância ao mundo exterior para a minha autoestima. Na verdade, e como paradoxalmente descobri quando fui estudar para Rabat, era a autoconfiança que eu criara para me proteger contra «a chantagem da beleza» que me tornava atraente aos olhos dos outros. Os meus colegas não podiam acreditar que eu me estivesse «nas tintas» para o que eles pensavam do meu corpo.

– Sabes, querido – costumava responder a um deles –, tudo o que preciso para sobreviver é de pão, azeitonas e sardinhas. Se pensas que o meu pescoço é alto de mais, o problema é teu, não meu.

Em qualquer caso, quando se trata de beleza e elogios nada é demasiado sério ou definitivo na Medina, onde tudo pode ser negociado. Mas naquele armazém americano as coisas pareciam ser diferentes. Devo confessar que, naquele local de Nova Iorque, perdi a minha habitual segurança. Não que eu seja sempre segura de mim, mas não costumo andar pelas ruas de Marrocos, ou pelos

corredores da universidade, preocupada com o que as pessoas pensam de mim. É claro que se ouço um elogio, o meu ego expande-se como um *soufflé* de queijo, mas em geral não espero muito dos outros. Há manhãs em que me sinto feia porque estou doente ou cansada; mas noutras sinto-me maravilhosa porque está sol lá fora ou escrevi um bom parágrafo. Mas de repente, naquele tranquilo armazém americano onde entrara tão triunfante, como uma consumidora soberana pronta a gastar o seu dinheiro, senti-me ferozmente atacada. As minhas ancas, até ali sinal de uma descontraída e desinibida maturidade, foram subitamente condenadas como disformes.

– E quem decide a norma? – perguntei à vendedora, numa tentativa de recuperar parte da minha segurança, desafiando as regras estabelecidas. Nunca permito que os outros me avaliem, quanto mais não seja por me lembrar demasiado bem da minha infância. Na antiga Fez, que valorizava muito adolescentes gordinhas de cara redonda, diziam-me repetidas vezes que eu era demasiado alta, demasiado magra, que as minhas maçãs do rosto eram proeminentes e os meus olhos demasiado oblíquos. A minha mãe queixava-se constantemente de que eu não encontraria nunca um marido, e incitava-me a estudar e a aprender toda a espécie de coisas, desde contar histórias a bordar, para conseguir sobreviver. Eu continuava a repetir-lhe:

– Alá fez-me como sou, como pode ter-se enganado tanto, mãe?

Isto silenciava a pobre mulher por uns tempos, porque se me contradissesse, estaria a atacar o próprio Deus. E esta tática de glorificar o meu aspeto estranho como um dom divino ajudou-me não só a sobreviver na minha cidade asfixiante e conservadora, como fez com que eu própria acabasse por acreditar nela. Tornei-me uma mulher quase segura de si. Digo «quase», porque cedo me apercebi de que a autoconfiança não é uma coisa concreta e estável como uma pulseira de prata, que não muda com os anos. A autoconfiança é como uma luz ténue e frágil que acende e apaga. Tem de ser continuamente alimentada.

– E quem diz que toda a gente deve usar esse tamanho? – disse brincando com a vendedora, ignorando deliberadamente o tamanho 40 que usa a minha sobrinha magricela de doze anos de idade.

Nesse momento, a vendedora lançou-me uma olhadela repentinamente ansiosa.

– A norma está em toda a parte, querida – disse. – Está nas revistas, na televisão, na publicidade. Não é possível fugir-lhe. É Calvin Klein, Ralph Lauren, Gianni Versace, Giorgio Armani, Mario Valentino, Salvatore Ferragamo, Christian Dior, Yves Saint-Laurent, Christian Lacroix e Jean Paul Gaultier. Os grandes armazéns seguem a norma. – Fez uma pausa e concluiu:

– Se vendêssemos os tamanhos 48 ou 50, que são provavelmente os que lhe servem, íamos à falência.

Calou-se por uns segundos e olhou-me com verdadeira curiosidade:

– De que parte do mundo vem? Lamento não poder ajudá-la. Acredite que é verdade. – E dava a impressão de estar a ser sincera. De repente pareceu verdadeiramente interessada e fulminou uma mulher, que estava a tentar atrair a sua atenção, com um cortante: – Estou ocupada, procure outra pessoa para a atender. – Foi nesse momento que notei que ela tinha a minha idade, cinquenta e muitos, talvez. Mas ao contrário de mim tinha o corpo esguio de uma adolescente. Vestia um fato *Chanel* azul-marinho, com a saia pelo joelho e gola de seda branca, que fazia lembrar a elegância reprimida das escolas francesas católicas e aristocráticas da viragem do século. Um cinto de pérolas encastoadas realçava a cintura fina. Com o cabelo curto, meticulosamente cortado, e maquilhagem sofisticada, parecia à primeira vista ter metade da minha idade.

– Venho de um país onde não há tamanhos para a roupa das mulheres – respondi. – Compro o tecido e a costureira ou o alfaiate do bairro fazem a saia de seda ou de pele como eu quiser. Limitam-se a tirar-me as medidas cada vez que lá vou. Nem a costureira nem eu sabemos exatamente a medida da saia nova. Descobrimo-la em conjunto à medida que vai sendo feita. Em Marrocos ninguém se interessa pelas minhas medidas, desde que pague os impostos a tempo. Para lhe dizer a verdade, não sei exatamente qual é o meu tamanho.

A vendedora riu alegremente e disse que eu devia fazer publicidade ao meu país como o paraíso para mulheres trabalhadoras «em stress».

– Quer dizer que não controla o seu peso? – perguntou com voz incrédula. E então, após um breve silêncio, acrescentou em voz baixa, como se falasse consigo mesma: – Muitas mulheres que trabalham em lugares bem pagos relacionados com a moda perderiam o emprego se não seguissem uma dieta rigorosa.

As suas palavras pareciam simples, mas a ameaça que implicavam soava tão dramática, que me apercebi pela primeira vez de que talvez o tamanho 42 seja uma restrição pior do que o véu muçulmano. Despedi-me para não roubar mais tempo à vendedora, e para evitar envolvê-la em mais confidências emotivas e desagradáveis sobre a discriminação de salários relacionada com o aspeto e com a idade. Provavelmente uma câmara estava a vigiar-nos a ambas.

Sim, pensei, encontrei finalmente a resposta para o enigma do harém. Enquanto o homem muçulmano usa o espaço para estabelecer o domínio masculino excluindo a mulher do espaço público, o homem ocidental manipula o tempo e a luz. Declara que, para ser bela, uma mulher deve aparentar catorze anos. Se ousar aparentar cinquenta, ou pior, sessenta, é declarada inaceitável. Apontando o holofote para a mulher-criança e emoldurando-a como ideal de beleza, condena a mulher madura à invisibilidade. De facto, o homem moderno ocidental reforça as teorias de Kant do século XIX: para serem belas, as mulheres devem ter uma aparência infantil e tonta. Se uma mulher tiver um aspeto maduro e se mostrar segura de si, ou permite que as suas ancas alarguem, é condenada como feia. Deste modo, as paredes do harém europeu separam a beleza da juventude da fealdade da maturidade.

Esta atitude ocidental, pensei, é ainda mais astuta do que a muçulmana, porque a arma usada contra as mulheres é o tempo. O tempo é menos visível e mais fluido do que o espaço. O homem ocidental usa imagens e holofotes para congelar a beleza feminina no interior de uma infância idealizada, e constrange as mulheres a conceberem o envelhecimento – o decorrer normal dos anos – como uma desvalorização vergonhosa. «Aqui estou transformada em dinossauro», dei comigo a dizer em voz alta enquanto percorria para cá e para lá filas de saias dentro do armazém, na esperança de provar, sem êxito, que a vendedora não tinha razão. Este véu ocidental definido pelo tempo é ainda mais louco do que o definido pelo espaço, imposto pelos *ayatollahs*.

A violência criada pelo harém ocidental é menos visível do que a do harém oriental porque o envelhecimento não é atacado diretamente, é antes mascarado de escolha estética. A verdade é que naquele armazém me senti de repente não só muito feia, mas também totalmente inútil. Quem tem ancas largas está fora de cena e é empurrada para a fronteira da inexistência. Ao apontar as luzes para a mulher pré-adolescente, o homem ocidental impõe o véu à mulher mais madura, envolvendo-a em mortalhas de fealdade. Esta ideia causa-me arrepios, porque tatua um harém invisível diretamente na pele de uma mulher. O enfaixar dos pés na China funcionava da mesma maneira: os homens declaravam belas apenas as mulheres que tinham pés pequenos, como crianças. Os homens

chineses não forçavam as mulheres a enfaixarem os pés para os impedirem de se desenvolverem normalmente – tudo o que faziam era definir o ideal de beleza. Na China feudal, uma mulher bela era aquela que voluntariamente sacrificava o direito a movimentar-se fisicamente sem entraves, mutilando os próprios pés, provando com isso que o seu principal objetivo na vida era agradar aos homens. Do mesmo modo, no mundo ocidental espera-se que eu encolha as minhas ancas para um tamanho 42, se quiser encontrar uma saia desenhada para uma mulher bela. Nós, as mulheres muçulmanas, temos apenas um mês de jejum, o Ramadão, mas as pobres mulheres ocidentais que fazem dieta, jejuam durante doze meses. «Quelle horreur», continuava a murmurar para mim mesma, enquanto olhava as mulheres americanas que faziam compras. Todas as da minha idade tinham aspeto de jovens *teenagers*.

Segundo a escritora Naomi Wolf, o tamanho ideal das modelos americanas desceu drasticamente nos anos 90. «Há uma geração atrás, a modelo padrão pesava menos 8% do que a mulher americana normal, enquanto hoje pesa 23% menos…O peso da Miss América diminuiu imenso, e o peso médio das 'coelhinhas' da Playboy desceu de 11% abaixo da média nacional nos anos 70, para 17% menos nos últimos oito anos»[260]. A diminuição do tamanho ideal é, para Wolf, uma das causas principais da anorexia e de outros problemas relacionados com a saúde: «Os distúrbios alimentares aumentaram exponencialmente… e foram estimuladas uma quantidade de neuroses que usam a alimentação e o peso para retirarem às mulheres modernas… qualquer sentido de responsabilidade»[261].

De súbito, o mistério do harém europeu fazia sentido. Tornar a juventude emblemática da beleza e condenar a maturidade é a arma usada contra as mulheres nesta parte do mundo, tal como a restrição do espaço público é a arma do Oriente. O objetivo permanece idêntico em ambas as culturas: tornar as mulheres indesejadas, inadequadas e feias.

O poder dos homens ocidentais reside em ditar o que uma mulher deve vestir e o aspeto que deve ter. Os homens controlam toda a indústria da moda, dos cosméticos à roupa interior. Compreendi que o Ocidente era a única parte do mundo onde a moda das mulheres era um assunto de homens. Em lugares como Marrocos, onde desenhamos a nossa própria roupa e a discutimos com os artesãos e as outras mulheres, a moda é um assunto nosso. Mas no Ocidente não é assim. Como explica Naomi Wolf em *The Beauty Myth*, os homens inventaram uma prodigiosa parafernália fetichista relacionada com a moda: «Indústrias poderosas – as da dietética que envolvem 33 biliões, as da cosmética que envolvem 20 biliões, e as da pornografia que envolvem 7 biliões – cresceram de um capital feito de ansiedades inconscientes, e estão em condições de desfrutar, estimular e consolidar a ilusão de acordo com uma crescente espiral económica»[262].

Mas como funciona o sistema?, perguntei-me. Porque será que as mulheres aceitam isto?

De todas as explicações possíveis, prefiro a do sociólogo francês Pierre Bourdieu. No seu último livro, *La Domination Masculine*, propõe aquilo a que chama *la violence symbolique*: «A violência simbólica é uma forma de poder que é diretamente pregada no corpo, como por magia, sem qualquer aparente constrangimento físico. Mas esta magia funciona porque ativa os códigos impostos e absorvidos pelos estratos mais profundos do corpo»[263]. Ao ler Bourdieu pareceu-me compreender melhor a psique do homem ocidental. As indústrias da moda e da cosmética são apenas a ponta do *iceberg*, afirma, e é por isso que as mulheres aderem prontamente à sua ditadura. Mas deve passar-se mais qualquer coisa… De outro modo, como se explicaria que as mulheres se diminuíssem a si próprias, espontaneamente? Por que razão, argumenta Bourdieu, as mulheres

tornam as suas vidas mais difíceis, preferindo homens mais altos e mais velhos do que elas? «A maioria das mulheres francesas prefere ter um marido mais velho, e também, o que parece fazer sentido, mais alto»[264]. Apanhadas na submissão encantatória, característica da violência simbólica inscrita nas camadas misteriosas da carne, as mulheres renunciam ao que ele chama *les signes ordinaires de la hierarchie sexuelle*, os «sinais comuns da hierarquia sexual», tais como a velhice, ou um corpo gordo. Ao fazerem isso, explica Bourdieu, as mulheres aceitam espontaneamente uma posição subserviente. É a esta espontaneidade que Bourdieu chama «encantamento mágico»[265].

Quando compreendi como funcionava esta submissão mágica, fiquei muito feliz pelo facto de os *ayatollahs* conservadores não terem conhecimento disto. Se tivessem, imediatamente adotariam os seus métodos sofisticados, por serem muito mais eficientes. Privar-me de comida é, definitivamente, o melhor método para paralisar as minhas capacidades de raciocínio.

Tanto Naomi Wolf como Pierre Bourdieu chegam à conclusão de que os insidiosos «códigos do corpo» paralisam as capacidades das mulheres ocidentais para competirem com o poder, apesar de o acesso à instrução e às oportunidades profissionais estar aberto. As mulheres entram no jogo do poder com tanta energia já desviada para a aparência física, que hesitamos em dizer que o campo de jogos está nivelado. «Uma fixação cultural na magreza feminina não é uma obsessão sobre a beleza feminina», explica Wolf, «é uma obsessão sobre a obediência feminina. As dietas são o mais poderoso sedativo político da história das mulheres; uma população feita de loucos tranquilos é uma população manipulável»[266]. Wolf defende que a investigação «confirmou aquilo que a maioria das mulheres conhece demasiado bem: que a obsessão com o peso leva a um 'colapso da autoestima e do sentido de eficiência'», e que «uma prolongada e periódica restrição calórica resulta numa personalidade diferente cujas características são a passividade, a ansiedade, e a emocionalidade»[267]. Também Bourdieu, que se concentra mais no modo como este mito entalha as suas inscrições na própria carne, reconhece que recordar constantemente às mulheres a aparência física desestabiliza-as emocionalmente, porque as reduz a objetos para exibir. «Reduzindo as mulheres ao estatuto de objetos para serem vistos e julgados pelo outro, a dominação masculina… coloca as mulheres num estado de permanente insegurança física… Têm de manter uma luta para serem acolhedoras, atraentes e disponíveis»[268]. Congelada na posição passiva de um objeto cuja existência própria depende do olhar do observador, a mulher ocidental moderna e instruída transforma-se numa escrava de harém.

«Agradeço-te, Alá, por me teres poupado à tirania do 'tamanho 42'», repito a mim própria, sentada no voo Paris-Casablanca, de volta a casa. «Estou tão feliz pelo facto de a elite conservadora nada saber acerca disto! Imaginem os fundamentalistas a obrigarem as mulheres não só ao véu como ao tamanho 42…»

Como é que se pode organizar uma manifestação política credível, gritando nas ruas que os direitos humanos estão a ser violados, quando não conseguimos encontrar uma saia que nos sirva?

260 Naomi Wolf, *The Beauty Myth: How Images of Beauty Are Used Against Women*, Anchor Books, Doubleday, Nova Iorque, 1992, p. 185.

261 *Ibidem*, p. 11.

262 *Ibidem*, p. 17.

263 Pierre Bourdieu: «La force symbolique est une forme de pouvoir qui s'exerce sur les corps, directement, et comme par magie, en dehors de toute contrainte physique, mais cette magie n'opère qu'en s'appuyant sur des dispositions déposées, tel des ressorts, au plus profond des corps». *In La Domination Masculine*, Éditions du Seuil, Paris, 1998, *op. cit.*, p. 44.
Gostaria de agradecer à minha editora francesa, Claire Delannoy, que me manteve informada sobre os mais recentes debates em Paris ligados aos temas das mulheres, enviando-me, entre outros, o livro de Bourdieu. Delannoy tem vindo a ler este manuscrito desde a primeira versão de 1996 (publicada em Casablanca, pela Édition Le Fennec, 1998, com o título Êtes-Vous *Vacciné Contre le Harem?*).

264 *La Domination Masculine*, *op. cit.*, p. 42.
265 Bourdieu, *op. cit.*, p. 42.
266 Wolf, *op. cit.*, p. 187.
267 Wolf, citando investigação de S. C. Woolly and O. W. Woolly, *op. cit.*, pp. 187-188.
268 Bourdieu, *op. cit.*, p. 73.